



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Alexandra Lima da Silva

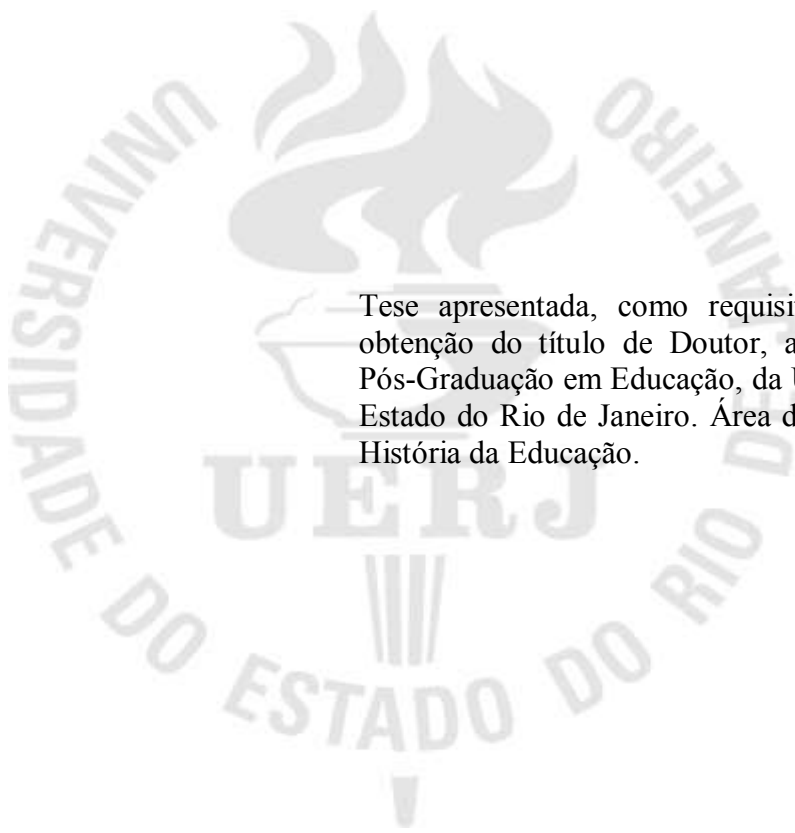
**Escritas de viagem, escritas da história:  
estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual**

Rio de Janeiro

2012

Alexandra Lima da Silva

**Escritas de viagem, escritas da história:  
estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Alexandra Lima da.  
Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de  
legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual /  
Alexandra Lima da Silva. - 2012.  
266 f

Orientadora: Ana Chrystina Venancio Mignot.  
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Pombo, Rocha - Viagens - Teses. 2. História – Brasil,  
Norte - Teses. 3. História – Estudo e ensino – Teses. 4. Brasil  
– Viagens – Teses. I. Mignot, Ana Chrystina Venancio. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de  
Educação. III. Título.

es CDU 981.1

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
tese.

---

Assinatura

---

Data

Alexandra Lima da Silva

**Escritas de viagem, escritas da história:  
estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação.

Aprovada em 06 de novembro de 2012.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Chrystina Venancio Mignot (Orientadora)  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Alves  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Giselle Martins Venancio  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Nelson Schapochnik  
Universidade de São Paulo

Rio de Janeiro

2012

## **DEDICATÓRIA**

Para Ícaro e Felipe, que nasceram enquanto eu escrevia.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo desta jornada, muitos foram os encontros que contribuíram para que eu conseguisse concluir mais uma etapa de minha formação, na qual devo muito a todos aqueles que, de alguma, me fizeram rever meus erros, ou ainda, que me estimularam a seguir no meu caminho.

À Ana Chrystina Venancio Mignot agradeço por ter me acolhido em seu grupo de pesquisa com generosidade e afetuosidade incalculáveis. A ela serei eternamente grata pelos estímulos em diferentes instâncias, para além da escrita de uma tese, com destaque à confiança depositada em meu trabalho e nos incontáveis investimentos que muito contribuíram para minha formação. Espero que os ensinamentos vivenciados no período em que fui orientada por Ana me tornem uma professora melhor e mais justa.

Nos tempos vividos na Espanha em ocasião do estágio de bolsa sanduíche, tive a grande oportunidade de poder aprender com as generosas e sábias orientações do professor Antonio Castillo Gómez. Sempre lhe serei grata pela sólida e marcante contribuição em minha formação.

Sou especialmente grata ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ (PropEd), pelo financiamento de minhas viagens para participar de eventos nacionais e internacionais, onde pude aprimorar meus conhecimentos, expor ideias, discutir, rever e aprofundar as questões da tese. Conhecer algumas cidades brasileiras, em especial São Luís e Aracaju, aproximou-se de forma mais sensível e prazerosa de meu objeto de estudos. A participação de eventos no exterior possibilitada pelo programa rendeu-me uma bagagem cultural e teórica que contribuíram significativamente no processo de escrita da tese.

À Alessandra Martinez Frota Schueler, que além de agradável interlocutora, estimulou e mediou minha aproximação com o PropEd.

Aos professores Nelson Schapochnik e Giselle Martins Venancio, pelas contribuições ao trabalho no exame de qualificação da tese, bem como, pela participação na banca de defesa da tese, no que sou igualmente grata às professoras Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi e Cláudia Maria Costa Alves de Oliveira.

Às professoras Rosana Glatt e Alice Casimiro Lopes, sou grata pela paciência e disposição com as quais me orientaram em momento de difícil escolha. Às professoras Martha Campos Abreu e Laura Antunes Maciel, por respeitarem e apoiarem minha decisão de

mudar. Sou grata pelos ensinamentos nas disciplinas cursadas no Proped aos professores: Ana Maria Bandeira Magaldi, José Gonçalves Gondra, Lia Faria, Nilda Alves e Adrian Ascolani.

A todos os colegas do grupo de pesquisa com os quais pude conviver. À Aline Velasco e Débora Priscila de Oliveira, apesar do pouco tempo, sou grata pelas sensíveis leituras de meus trabalhos iniciais. Aos otimistas e esperançosos Bruna de Mello Tavares, Jacqueline de Albuquerque Varela, Marcela Guimarães Clemente, Rory Santos França, agradeço-lhes por sempre estarem dispostos a me ouvir falar das andanças do Rocha Pombo e por sempre se lembrarem de minhas pesquisas quando encontravam algo em suas buscas. Aos companheiros que fizeram esta viagem mais feliz e tranquila, em especial, Marcelo Gomes da Silva, pessoa íntegra, dedicado e fiel leitor de meus trabalhos; Robson Fonseca Simões e Daiane de Oliveira Tavares, agradáveis companhias, com as quais convivi com prazer desde os momentos iniciais de meu ingresso no Proped; Paulo Rogério Silly, Inês de Almeida Rocha, Heloisa Helena Meirelles dos Santos, generosos nas contribuições. À Fernanda Zanetti Becalli, Shayenne Schneider Silva, Julia Cerquize, Leila Blanco, Larissa Rodrigues dos Santos, que apesar de terem ingressado há menos tempo no grupo, já possibilitaram momentos de muitas trocas e afetos. À Valéria Crespo de Oliveira Lima e Kátia Maria Soares, agradeço em especial por todo carinho dedicado e pela grande ajuda nos momentos finais, me auxiliando na preparação da defesa. Agradeço imensamente a todos pelas críticas e valiosas contribuições ao meu trabalho.

A Roberto Pontes Fonseca e família, muito obrigada pela acolhida tão gentil em Porto Alegre, tornando mais calorosa e mineira essa cidade.

Aos colegas do Proped, em especial aqueles com os quais partilhei os bancos das disciplinas que cursei: Evelyn de Almeida Orlando, Cíntia Borges de Almeida, Amália Dias e Ednardo Monti.

Aos alunos das turmas de Pesquisa e Prática Pedagógica e das turmas de História da Educação com os quais aprendi muito sobre o exercício da docência no ensino superior.

Às funcionárias da secretaria do Proped e da Xerox do 12º, andar agradeço por serem sempre tão gentis e atenciosas.

À amiga Analice Marinho e ao professor Itamar Freitas, lhes sou grata pelo apoio que me foi dado durante semana em que estive em Sergipe. À Fernanda Lucchesi, pela gentileza no envio de seus textos.

Agradeço também, a todo o grupo SIECE dirigido por Antonio Castillo Gómez, com especial menção às professoras Veronica Sierra Blás e Maria del Val com as quais cursei disciplinas.

Agradeço as amigas Regina Coeli Ramalho e Carolina Ramalho de Sá, por sempre me encorajarem a seguir em frente.

Agradeço a minha família, a minha mãe Marise, que tanto ouviu as histórias das andanças de Rocha Pombo e meu sobrinho Thalís e irmão Alex, que ajudaram nas bagagens mais pesadas. Além de minha irmã Alcione, e seu companheiro Marquinho, que sempre estiveram de portas abertas para receber tanto a mim quanto aos meus livros, os quais eu sempre enviava para lá.

À CAPES pelo financiamento de meus estudos no exterior com a bolsa PDEE, e à FAPERJ, a qual financiou meus estudos no Brasil, possibilitando a bolsa de doutorado nota 10.



O Homem; As Viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno  
chateia-se na Terra  
lugar de muita miséria e pouca diversão  
faz um foguete, uma cápsula, um módulo  
toca para a Lua  
desce cauteloso na Lua  
pisa na Lua  
planta bandeirola na Lua  
experimenta a Lua  
coloniza a Lua  
civiliza a Lua  
humaniza a Lua  
(...)

Outros planetas restam para outras colônias.  
o espaço todo vira Terra-a-terra.  
o homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para te ver?  
Não vê que ele inventa  
roupa insiderável de viver no Sol  
põe o pé e:

Mas que chato é o Sol, falso touro espanhol domado.  
Restam outros sistemas fora  
do solar a colonizar.  
ao acabarem todos  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilíssima dangerousíssima viagem  
de si mesmo a si mesmo:  
por o pé no chão  
do seu coração  
experimental  
colonizar  
civilizar  
humanizar  
o homem  
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas  
a perene, insuspeitada alegria  
de con-viver.

(Carlos Drummond de Andrade)

## RESUMO

SILVA, Alexandra Lima da. *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual*. 2012. 266f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Analisar a viagem que Rocha Pombo realizou aos estados do norte do Brasil como uma estratégia de legitimação no campo intelectual é o horizonte do presente trabalho. Defende-se que a travessia realizada aos estados do norte do país representou um momento excepcional na trajetória profissional do viajante, influenciando a revisão de sua escrita historiográfica, no movimento de luta por legitimação como autor de livros de História no campo intelectual. Da viagem, o intelectual paranaense trouxe capital simbólico e cultural fundamental para a escrita de seus livros de cunho histórico, consagrando-se como autoridade para falar de temas relacionados à história. A viagem modificou a maneira como o intelectual paranaense passou a escrever seus livros de história, sobretudo no que tange ao lugar dos estados do dito norte do Brasil, bem como, em livros de história “regional”. A excursão por diferentes estados foi interpretada como uma ação reveladora de redes de sociabilidade, apoio, prestígio, no movimento construído pelo intelectual em busca de projeção, visibilidade e distinção frente aos concorrentes do campo. Se muitos foram os viajantes que percorreram o Brasil, defende-se que uma das singularidades do viajar na experiência de Rocha Pombo foi motivação em relação à ampliação do mercado consumidor e leitor das obras do autor, publicadas por diferentes editores. A excursão de um autor auxilia no entendimento das tensões e competições do mercado editorial no período, com especial atenção ao público escolar. A travessia realizada por Rocha Pombo pelo Brasil afora permite vislumbrar a existência de diferentes experiências de instrução pelo país, evidenciando a circulação de livros didáticos e de práticas e concepções de educação no período, para além da esfera da capital tida como *lócus* intelectual e vitrine do progresso e da modernidade. A análise do registro e da prática da viagem em Rocha Pombo o circunscreve no movimento coletivo de diferentes sujeitos e debates acerca da necessidade de projetos de educação para o “povo”, na constituição de um país que se pretendia grande, encontrando na diversidade a constituição enquanto povo e nação.

Palavras-chave: Viagem. Rocha Pombo. Norte do Brasil. Historiografia. Intelectuais. Redes de Sociabilidade. Ensino de História.

## ABSTRACT

Analyze the trip of Rocha Pombo in the northern states of Brazil as a strategy of legitimation in the intellectual field is the horizon of the present work. It is argued that the crossing held the northern states of the country was an exceptional moment in the career of the traveler, influencing the revision of your writing historiographical, in the struggle for legitimacy as an author of history books in the intellectual field. After the journey, the intellectual of Paraná brought symbolic and cultural role for the writing of his books of historical, establishing itself as the authority to speak on subjects related to history. The trip changed the way the intellectual of Parana went on to write their history books, especially as regards the place of northern states of Brazil, as well as in history books of the region. The tour through different states was interpreted as an action that exposed the networks of sociability, support, prestige, built by the intellectual in search of projection, visibility and distinction against competitors of the field. If many were the travelers who visited Brazil, it is argued that one of the oddities of the experience of traveling Rocha Pombo was motivation in relation to expansion of the consumer market and reader of the author, because their books were published by different publishers. The tour of an author helps to understand the tensions and competition around the publishing market in the period, with special attention to school. The crossing performed by Rocha Pombo over Brazil gives insight into the existence of different experiences of education in the country, showing the movement of circulation textbooks and different practices and conceptions of education in the period, beyond the sphere of capital considered the showcase of progress and modernity. The analysis of trip circumscribes Rocha Pombo in the collective movement of different subjects and debates about the need for education projects for the "folk" in the constitution of a country that was intended to be large, finding that diversity the constitution as a folk and nation.

Keywords: Travel. Rocha Pombo. Northern Brazil. Historiography. Intellectuals. Sociabilities networks. Teaching of History.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Vapor <i>Manaus</i> . Fonte: FALCÃO, Emílio. <i>Álbum do Rio Acre</i> , 1906-1907 .....	18
Figura 2 –	Primeira página das <i>Notas de viagem. Norte do Brasil</i> . .....	36
Figura 3 –	Contracapa do livro <i>Notas de Viagem. Norte do Brasil</i> .....	39
Figura 4 -	Rocha Pombo. Fonte: Jornal <i>A Nação</i> .....	57
Quadro 1 –	Rocha Pombo parecerista do IHGB .....	64
Quadro 2 –	Livros editados por Benjamin de Águila .....	69
Figura 5 –	José Francisco da Rocha Pombo–Gutmann Bicho, óleo sobre tela, século XX. Acervo da Pinacoteca do IHGSE .....	75
Figura 6 –	Manuel Caldas Barreto Neto .....	85
Figura 7 –	Mapa do Brasil .....	87
Quadro 3 –	Tempos e percursos .....	88
Quadro 4 –	Nomes citados no estado da Bahia .....	103
Quadro 5 –	Nomes citados no estado de Sergipe .....	105
Quadro 6 –	Nomes citados no estado do Pará .....	108
Quadro 7 –	O surgimento dos Institutos Históricos nos estados do “norte” .....	116
Figura 8 -	Telegrama assinado por Rocha Pombo e Guttmann Bicho ao Dr. Costa Filho .....	128
Figura 9 -	Prefácio do livro <i>Nossa Pátria</i> . São Paulo: Melhoramentos, 1917 .....	130
Figura 10 -	Capa da 14ª edição de <i>Nossa Pátria</i> .....	152
Figura 11 -	Representação de indígena guerreando .....	162
Figura 12 -	Aldeia africana .....	162
Figura 13 -	Moinho de mandioca. POMBO, Rocha. <i>Nossa Pátria</i> .....	163
Figura 14 -	Representações do Cayapó e do Lundu no livro <i>Nossa Pátria</i> .....	164
Figura 15 -	Contracapa do livro <i>O grande problema</i> .....	168

Figura 16 -	Fonte: <i>Revista Rumo Paranaense</i> , Ano III, Janeiro de 1977 .....	171
Quadro 8 -	A viagem noticiada .....	177
Figura 17 -	Autores e livros. <i>A Manhã</i> .....	181
Figura 18 -	Extrato do catálogo da Companhia Melhoramentos de São Paulo .....	185
Figura 19 -	Capa do livro <i>História do Brasil. Para o ensino secundário</i> .....	187
Figura 20 -	Mapas e plantas .....	187
Figura 21 -	Planta La France Antarctique. Fonte: <i>História do Brasil. Para o ensino secundário</i> .....	188
Figura 22 -	Carta de Braz Cubas ao Rei de Portugal .....	190
Figura 23 -	Extrato do folheto <i>15 de Novembro</i> .....	191
Figura 24 -	Planta de São Vicente, por Frei João José de Santa Thereza .....	191
Figura 25 -	Contracapa da 1ª edição da <i>História do Rio Grande do Norte</i> .....	197
Figura 26 -	Panorama da cidade de Natal .....	199
Quadro 9 -	Autores prefaciados por Rocha Pombo .....	205
Figura 27 -	Recorte da Revista <i>Fon Fon</i> , Rio de Janeiro, 29 de abril de 1933 .....	215
Figura 28 -	Recortes de jornal Arquivo Rocha Pombo–ABL .....	216

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
ANPUH	Associação Nacional de História
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Ensino Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FCE	Fondo de Cultura Económica
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGSE	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
MEC	Ministério da Educação
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PDEE	Programa de Doutorado com Estágio no Exterior
RIHGB	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
SIECE	Seminário Interdisciplinar de Estudios de la Cultura Escrita
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense

UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UFP	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
1	<b>VIVER, VIAJAR, NARRAR</b> .....	36
1.1	<b>O registro do vivido: a viagem e a escrita</b> .....	37
1.2	<b>Múltiplos olhares: a construção de uma escrita de si para o outro</b> .....	41
1.3	<b>Outras viagens, relatos e viajantes</b> .....	46
1.4	<b>A bagagem de ida: as vivências anteriores à travessia</b> .....	56
1.4.1	<u>Cartas sem pudor: entre pedidos e redes de apoio</u> .....	59
1.4.2	<u>Múltiplos pertencimentos e usos da escrita</u> .....	63
1.4.3	<u>Um autor, muitos editores</u> .....	67
2	<b>ARTES DE VISITAR: TRAJETOS, ENCONTROS E REDES DE SOCIABILIDADE</b> .....	75
2.1	<b>Construções do norte nas óticas de um homem do sul</b> .....	76
2.2	<b>Companheiro de viagem</b> .....	80
2.3	<b>Trajetos, olhares e percalços</b> .....	86
2.4	<b>Instituições, visitas e contatos</b> .....	100
2.4.1	<u>Os Instituto Históricas como espaços de sociabilidades e projeção</u> .....	111
2.5	<b>A reciprocidade na arte de obsequiar: sobre os significados dos presentes</b> .	117
2.6	<b>Andanças, pesquisas e aprendizagens</b> .....	120
2.7	<b>Em trânsito: diferentes maneiras de se comunicar e se corresponder</b> .....	125



3	<b>ENTRE RASTROS E PEGADAS: TRILHAS DA EDUCAÇÃO NA ÓTICA DO VIAJANTE</b> .....	130
3.1	<b>Outros olhares: viajantes na História da Educação</b> .....	131
3.2	<b>A instrução como causa da nação</b> .....	139
3.2.1	<u>Escolas normais e instrução para as crianças</u> .....	140
3.2.2	<u>Asilos de mendicidade, orfanatos e casas de correção: abrigar e corrigir os desvalidos</u> .....	143
3.2.3	<u>Diferentes espaços, a educação como intenção</u> .....	146
3.3	<b>Livros “para a inteligência das crianças e homens simples do povo”: indícios da circulação de livros para diferentes públicos</b> .....	151
3.4	<b>Presença negra nos bancos escolares e questão racial</b> .....	160
3.5	<b>Grupos escolares, instrução popular e projetos de intervenção social</b> .....	164
3.6	<b>Projetos de instrução e educação em outros escritos</b> .....	166
4	<b>A BAGAGEM DE VOLTA: DA VIAGEM À ESCRITA DA HISTÓRIA</b> .	171
4.1	<b>Notícias da viagem: a repercussão nos jornais</b> .....	172
4.2	<b>Os produtos e desdobramentos da viagem</b> .....	181
4.3	<b>Outras viagens: livros didáticos em parceria com Wezsflog Melhoramentos</b> .....	184
4.4	<b>Os sentidos das edições comemorativas do centenário da Independência: a <i>História do Brasil</i></b> .....	192
4.5	<b>De volta ao norte do Brasil: a <i>História do Estado do Rio Grande do Norte</i>, edição comemorativa do centenário da independência</b> .....	196
4.6	<b>A arte de apresentar o outro: Rocha Pombo prefaciador</b> .....	204

4.7	<b>As múltiplas faces da crítica: clivagens internas do campo intelectual .....</b>	209
4.8	<b>Do sul ao norte : uma vida para as letras e para o magistério .....</b>	215
5	<b>SOBRE A DESPEDIDA: ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES .....</b>	220
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	229
	<b>ANEXO A – As escritas de Rocha Pombo .....</b>	256
	<b>ANEXO B – Levantamento de algumas teses e dissertações base de dados CAPES sobre viagens e viajantes até o ano de 2009 .....</b>	259
	<b>ANEXO C – Trabalhos em História da Ciência e da Saúde .....</b>	261
	<b>ANEXO D – A estrutura geral em duas Histórias do Brasil .....</b>	263
	<b>ANEXO E – A repercussão da morte de Rocha Pombo nos jornais. Arquivo Rocha Pombo/ABL .....</b>	265

## INTRODUÇÃO

### Iniciando a jornada: encontros, diálogos e caminhos de pesquisa

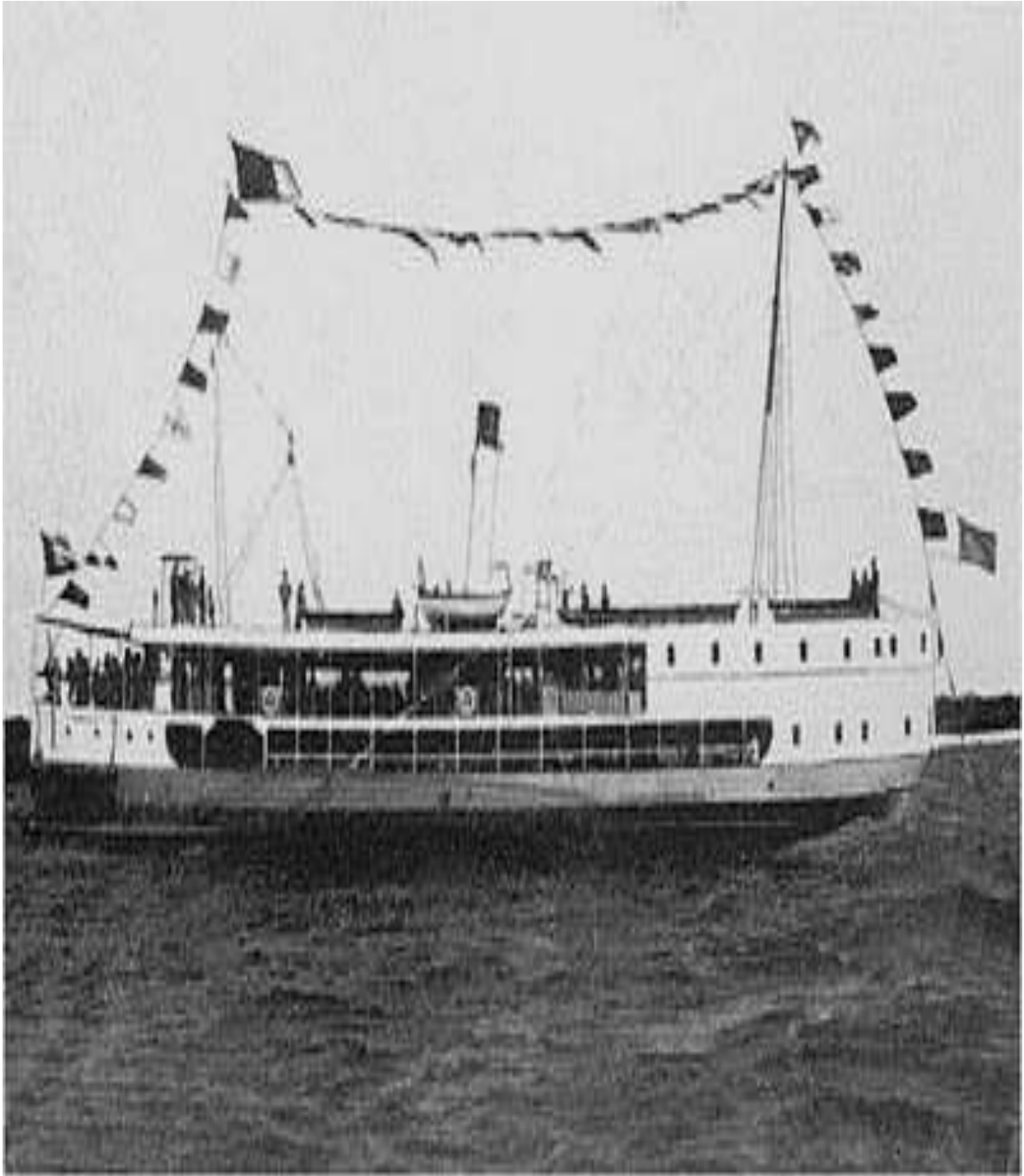


Figura 1. Vapor *Manaus*. Fonte: FALCÃO, Emílio. *Álbum do Rio Acre*, 1906-1907.

Tempos de viagem, momentos de vida. Pelo Brasil afora, um “amável e simpático velhinho”<sup>1</sup> se aventurava a bordo de navios e barcos por mares e rios caudalosos, numa travessia iniciada em 21 de julho de 1917, no Rio de Janeiro, tendo como último porto, a cidade de Manaus, onde escrevia: “eu não sabia que o Brasil era tudo isso! Desde o dia em que saltei no primeiro porto, fui sentindo surpresas, que se faziam crescentes, até cair em maravilha lá pelo extremo norte até Manaus”<sup>2</sup>.

Tal viajante que afirmava ter descoberto um novo Brasil, tornou-se conhecido com o nome de Rocha Pombo. Mergulhar na viagem que empreendeu ao norte do Brasil, no sentido de compreender os significados desta vivência na trajetória deste sujeito, é o horizonte do presente estudo. Defendo que a travessia realizada aos estados do norte do país foi uma estratégia de legitimação como autor de livros de História no campo intelectual, influenciando a revisão de sua escrita historiográfica.

Meu olhar se direcionou para este objeto quando me deparei com um pequeno livrinho, em capa dura, dedicado às anotações advindas de uma viagem que o autor realizou no ano de 1917, intitulado *Notas de viagem. Norte do Brasil*, consistindo num relato, uma descrição por vez carregada de emoção e de personalidade, destoando um pouco, do tom das outras obras por mim mapeadas até então, com o objetivo de compreender a emergência e os usos dos livros escolares de história, frente às discussões sobre projetos de nação e de educação “para o povo”. A localização deste impresso dedicado a uma viagem representou um norte em minhas pesquisas, uma vez que a partir dele, pude localizar outras fontes e indícios que permitiram uma ampliação de meu olhar em relação a esse sujeito, problematizando os significados do viajar pelo interior do próprio país. Por que, afinal, Rocha Pombo viajou para o norte do Brasil? O que buscava? Por que escreveu esse livro? Haveria relação entre a escrita de viagem com a escrita de seus livros de história do Brasil?

Tive o primeiro encontro com esse sujeito ainda na monografia<sup>3</sup> do curso de graduação em história, quando analisei livros didáticos de história adotados no Colégio Pedro II. Neste momento, apenas enxergava o Rocha Pombo autor de livros didáticos. Já o segundo encontro se deu em minha dissertação de mestrado, quando investiguei livros didáticos de

---

<sup>1</sup> Assim Rocha Pombo descreve a visão que se tinha sobre ele nos tempos em que visitou os estados do norte do Brasil. POMBO, José Francisco da Rocha. *Notas de viagem. Norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Benjamin de Águila editor, 1918, p. 124.

<sup>2</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918, p.8.

<sup>3</sup> SILVA, Alexandra Lima da. *Entre vínculos e círculos: livros didáticos de História do Brasil, autores e público leitor entre 1838-1924*. Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em História, UFF, 2005.

história do Brasil publicados entre 1870-1924<sup>4</sup>, atentando para a expansão do mercado editorial tendo como foco, a cidade do Rio de Janeiro, a partir da publicação de obras de cunho didático. Na ocasião, não concentrei meu olhar em um único autor, sendo Rocha Pombo mais um no universo de tantos outros e outras, a saber: Sílvio Romero, Felisbello Firmo de Oliveira Freire, Afrânio Peixoto, Joaquim Maria de Lacerda, João Ribeiro, Luís de Queirós Mattoso Maia, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Raul Vila-Lobos, Alfredo Moreira Pinto, Guilhermina de Azambuja Neves, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, Mario da Veiga Cabral, José Maria Velho da Silva, Antônio Álvares Pereira Coruja<sup>5</sup>. Neste fazer de constantes perguntas e dúvidas, as motivações de Rocha Pombo, sintetizadas na emblemática dedicatória na qual dizia que seu livro fora elaborado “para a inteligência das crianças e homens simples do povo,”<sup>6</sup> me fizeram atentar ainda mais para a singularidade da experiência autoral e seu possível comprometimento com as causas da educação popular.

Nascido em 1857, na cidade de Morretes, interior do atual estado do Paraná, sul do Brasil, José Francisco da Rocha Pombo, ainda muito jovem, ingressou no magistério das primeiras letras e na escrita de periódicos, publicando artigos relacionados à instrução. Mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital da República em 1897, onde passou a frequentar os círculos intelectuais da cidade, em esforços diversos para sobreviver e se estabelecer no campo intelectual. Foi poeta, contista, dicionarista, historiador, professor de História do *Pedagogium*, da Escola Normal, do Colégio Batista, membro do Instituto Histórico e Geográfico e jornalista. Faleceu aos 75 anos, quando acabara de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, sem tomar posse<sup>7</sup>.

Desse encontro, passei a enxergar a experiência de Rocha Pombo num diferente ângulo, que além de professor, historiador, escritor, poeta, jornalista, político, poderia também ser concebido em sua dimensão de viajante, desdobrando-se, por sua vez, em um dos objetivos do presente estudo, que é problematizar a possibilidade de compreender a prática da viagem como um momento excepcional na trajetória deste sujeito. No sentido de tentar compreender as lógicas e motivações deste homem nascido em meados do século XIX, fiz muitas incursões e peregrinações. Passei a saborear a viagem em suas diferentes

---

<sup>4</sup> SILVA, Alexandra Lima da. *Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil - Rio de Janeiro (1870-1924)*. Niterói, Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2008.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Nossa Pátria: narração dos fatos da História do Brasil através da sua evolução*. São Paulo: Weiszflog, 1917.

<sup>7</sup> *Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros*. Rio de Janeiro, IHGB, 1991, Vol. III, p. 135.

possibilidades. Frequentei arquivos, bibliotecas e instituições de pesquisa situadas no estado do Rio de Janeiro e em outros estados, a fim de localizar mais subsídios para compreender melhor esse sujeito. Nessas muitas andanças, fui compreendendo melhor os sentidos do movimento e do trânsito por diferentes lugares em meu investigado. As viagens que vivenciei permitiram uma maior aproximação das questões trazidas pela experiência de Rocha Pombo<sup>8</sup>. O exercício de colocar-me no lugar do objeto, e tentar ver o que foi visto por ele, auxiliou a escrita do presente trabalho, bem como, a compreensão das angústias e alegrias sentidas por um viajante.

Outro movimento fundamental para a delimitação do objeto foi o diálogo com os diferentes trabalhos acadêmicos produzidos sobre Rocha Pombo, nos quais verifiquei diferentes discursos e perspectivas de análises, conforme salienta Maria Bega:

Rocha Pombo é uma personagem da história paranaense e brasileira que pode ser abordada em diversas facetas: jornalista, político, historiador oficial da República Velha, deputado provincial pelo Partido Conservador e mais tarde deputado federal pelo Paraná, filólogo e professor. Foi um romancista com extensa produção e com uma das poucas obras de prosa de ficção simbolista – *No Hospício* – publicada em 1905, bem como com incursões no ideário socialista e reformador social<sup>9</sup>.

Tal produção acadêmica tem se dado em diferentes áreas do conhecimento (Literatura, Ciências Sociais, História, Letras, Educação) e abordagens. A justificativa para isto pode ser o caráter complexo, multifacetado e pantanoso da experiência histórica deste sujeito. Existem estudos que enfatizam a participação na criação da Universidade Popular de Ensino Livre, no que teriam participado outros intelectuais, dentre os quais Manuel Bonfim, Pedro Couto, Sílvio Romero.<sup>10</sup> Destacam-se ainda, trabalhos que apontam o envolvimento do intelectual na criação da Universidade do Paraná, em finais do século XIX<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Refiro-me aqui ao período de bolsa sanduíche financiado pela Capes onde pude estudar na Universidad de Alcalá, na Espanha, bem como, à participação em eventos realizados em diferentes estados do Brasil, e também, em Portugal e Espanha. Para compartilhar essas viagens de formação, criei o blog:

<http://paisagensdeviagem.blogspot.com.br/>

<sup>9</sup> BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional*. São Paulo, Tese (Doutorado em Sociologia), USP, 2001, pp. 157-158, apud CAMPOS, Névio de. *Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892 – 1950*. Tese de doutorado (Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

<sup>10</sup> LOPES, Milton. “A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro”. In: DEMINICIS, Rafael Borges & REIS, Daniel Aarão (orgs). *História do Anarquismo no Brasil – Volume I*. Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

<sup>11</sup> As teses de Maria Tarcisa Silva Bega e Névio de Campos exploram as ações de intelectuais paranaenses em diferentes frentes, como destaque à trajetória de Rocha Pombo, dentre outros. Ainda sobre a intelectualidade paranaense, ver: CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. *Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná, 1853 – 1953*. Tese de Doutorado (História), Universidade Federal do Paraná, 2007.

Estudos na área de Literatura têm analisado a presença da estética simbolista na produção literária do paranaense, sobretudo na obra *No hospício*.<sup>12</sup> Já os estudos em História, demonstram preocupação em compreender as dimensões da escrita da História em Rocha Pombo<sup>13</sup>.

Ivan Norberto dos Santos discutiu os embates e tensões da produção historiográfica no Brasil da Primeira República, a partir do trabalho do intelectual paranaense<sup>14</sup>. A análise das diferenças presentes na escrita de Rocha Pombo em dois momentos da sua produção permite identificar alguns dos elementos fundamentais do debate em torno do fazer historiográfico, suas práticas reguladoras, estratégias narrativas e critérios de legitimação ou de cientificidade. Este autor destaca ainda que prevalece certo esquecimento sobre a experiência de Rocha Pombo, pois:

Curiosamente, seu nome não é lembrado pelos pesquisadores da História da disciplina no Brasil sequer para receber uma crítica negativa ao seu trabalho. Ou quando aparece em pouquíssimos comentadores ou estudiosos do Pensamento Brasileiro, é através de formulações lacônicas, não fundamentadas e geralmente depreciativas<sup>15</sup>.

A revisão de literatura e o mapeamento dos trabalhos escritos por Rocha Pombo<sup>16</sup> reforçaram ainda mais a necessidade de atentar para outros aspectos importantes na trajetória deste sujeito. Por sua vez, tais estudos não contemplaram a viagem como importante momento na trajetória do intelectual paranaense. A defesa que faço na presente tese é a de que a viagem possibilitou mudanças nas escritas de história do autor, que revisou seu olhar acerca do Brasil: “porque tive, para compensar-me de tudo, a fortuna de voltar de lá trazendo uma noção nova, e seguramente mais exata e legítima, do que é esta grande pátria. Eu não sabia que o Brasil era tudo isto!”<sup>17</sup> No auge de seus 60 anos, a travessia pode ter representado a

<sup>12</sup> SILVEIRA, Allan Valenza da. *Estética simbolista e a filosofia de Nietzsche presentes no romance No hospício, de Rocha Pombo*. Curitiba: UFP, 2005. Dissertação de mestrado; ZEFERINO, Janier Saulo. *Às avessas e o Decadentismo No hospício de Rocha Pombo*. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal do Paraná, 2006. A respeito do uso da obra *No hospício*, ver também: SANTOS, Nádía Maria Weber dos. *Histórias de Sensibilidades: Espaços e Narrativas da Loucura em Três Tempos (Brasil, 1905/1920/1937)*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2005. Tese de doutorado.

<sup>13</sup> Conforme: SILVA, Augusta Aparecida da. *Entre Deus e a Nação: trajetória de José Francisco da Rocha Pombo*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1997; LUCCHESI, Fernanda. *A história como ideal: reflexões sobre a obra de Jose Francisco da Rocha Pombo*. São Paulo, Dissertação (mestrado em Antropologia), USP, 2004.

<sup>14</sup> SANTOS, Ivan Norberto dos. *Rocha Pombo: produção historiográfica e escrita didática em história na Primeira República*. Rio de Janeiro: UFRJ/CFCH/IFCS/ Departamento de História, 2006. Monografia; SANTOS, Ivan Norberto dos. *A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da Primeira República*, Dissertação de Mestrado (História), UFRJ, 2009.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>16</sup> Ver anexo I: as escritas de Rocha Pombo, onde verifiquei a produção de Rocha Pombo em diferentes tipos de impressos e gêneros.

<sup>17</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 8.

realização pessoal de toda uma vida, tendo em vista que desde muito nutria o desejo de visitar o norte, lamentando não ter sido isso possível antes de escrever a sua *História do Brasil*:

Desde muito nutria eu o desejo de visitar o norte. Lamento que me não fosse isso possível antes de escrever a minha *História do Brasil*. Tendo de resignar-me as circunstâncias que disso me privaram, só depois de concluído esse trabalho é que se proporcionou ensejo de realizar a minha velha aspiração<sup>18</sup>.

Na mesma medida, devem-se indagar as mudanças ou mesmo revisões operadas em sua escrita posteriores à jornada empreendida. O que mudou? Por quê? Que frutos a viagem lhe rendeu? É possível aferir que para além da motivação pessoal, a viagem possa ser pensada como uma estratégia de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual, sobretudo após as críticas e debates travados após a publicação de sua principal obra até então, a *História do Brasil, ilustrada*? Vale ressaltar que esta obra a qual faz referência o autor, foi publicada de 1905 a 1917, sendo os volumes I, II e III editados por Fonseca Saraiva editor e dos volumes IV ao X, por Benjamim de Águila editor, no Rio de Janeiro. De acordo com Ivan Norberto dos Santos:

O silêncio ou a crítica pejorativa foram uma tônica na recepção contemporânea ao trabalho de maior monta de Rocha Pombo. Os poucos comentários favoráveis pertenciam a autores que partilhavam alguma identidade intelectual ou faziam parte da mesma rede de sociabilidade, como é o caso, além de Nestor Vitor, de Farias de Brito (...)<sup>19</sup>.

A análise da viagem, por sua vez, nos permite mapear a comunhão em uma única obra, dos vários interesses deste sujeito ao longo de sua trajetória. Rocha Pombo embarcara para conhecer as gentes, paisagens e histórias de um Brasil “interior” tão familiar e exótico ao mesmo tempo. Tal travessia permite ainda muitas indagações. Uma delas é se ele, a exemplo de outros viajantes, embarcava para explorar e descobrir modos de vida, culturas e paisagens, num sentido expedicionário? Ou viajava por simples e puro deleite? Ou ainda, como muitos educadores, viajava para o aperfeiçoamento de estudos, formação, ou mesmo, observação, comparação e apropriação de modelos de ensino?

Os estudos que se propõem a investigar o viajante andarilho, seja pelo seu próprio país, seja pelo exterior, podem ser valer de registros diversos como cartas, cartões postais, bilhete de embarque, diários, notas, relatórios de viagem, dentre outros. Em termos de pesquisas acadêmicas sobre viagens, viajantes e relatos, abundam perspectivas e abordagens.<sup>20</sup>O contato com esta bibliografia se intensificou ainda mais com o período de

<sup>18</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 8.

<sup>19</sup> SANTOS, Ivan. *Op. Cit.*, 2009, p. 153.

<sup>20</sup> A este respeito, ver quadro anexo II com um levantamento parcial e sempre inconclusivo de algumas teses e dissertações produzidas a respeito da temática viagens, viajantes e registros de viagens.



aprofundamento teórico oriundo de bolsa sanduíche financiada pela CAPES, na Universidade de Alcalá, sob a orientação do professor Antonio Castillo Gómez. Tal imersão possibilitou a ampliação do meu olhar para os múltiplos sentidos em torno do objeto de pesquisa no qual a presente tese se debruça.<sup>21</sup> Afinal, como a viagem tem sido concebida e estudada?<sup>22</sup>

O trabalho de Mary Louise Pratt, originalmente intitulado *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*<sup>23</sup>, propõe analisar a literatura europeia de viagem e exploração, tendo por objetivo mostrar como os livros de viagem escritos por europeus sobre diferentes partes do mundo criaram, uma ordem imperial para os ditos “europeus locais”, que passaram a se sentir parte do projeto planetário do império. Para a autora, os livros de viagem tiveram grande êxito, sobretudo porque forneceram aos leitores europeus um sentido de propriedade e familiaridade com diferentes regiões exploradas e colonizadas. Tais livros de viagem são vistos pela autora canadense como os geradores de sensações de curiosidade, emoção e aventura e até pelo ânimo moral com relação ao expansionismo europeu, numa dinâmica de poder e de apropriação<sup>24</sup>.

Juan Pimentel confere especial ênfase ao relato de viagem como forma de decifrar e compreender novos mundos e culturas, sobretudo no contexto da Idade Moderna, uma vez que “leer el mundo no es otra cosa que escribirlo; descifrarlo siempre ha significado verbalizarlo”.<sup>25</sup> Para o autor, se o telescópio e o microscópio possibilitaram novas faculdades para observar o distante e o diminuto, a viagem pode ser pensada como o outro grande

---

<sup>21</sup> É importante ressaltar que além de livros, teses e dissertações, há dossiês temáticos sobre viagens e viajantes em periódicos especializados, dentre os quais, cito alguns: *Revista Brasileira de História*. “Viagens e viajantes”. Vol. 22, n 44, 2002; *Revista Brasileira de História*. Vol. 29, n 57, 2009; *Revista Brasileira de História da Educação*. “Dossiê Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos”. Nº 22, 2010. Dossiê Viagens: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=14&id=127>, consulta realizada em 23/09/2010.

<sup>22</sup> Do inventário dos trabalhos apreendidos, destaco: FOX, Robin Lane. *Héroes viajeros. Los griegos y sus mitos*. Barcelona: Crítica, 2009; NOVA PORTELA, Feliciano & RUIZ DE TOLEDO, F Javier Villalba. *Viajes y viajeros en la Europa Medieval*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007; RODRIGUEZ FISCHER, Ana. *Paseantes y curiosos*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, S.A, 2010; MUSSER, Ricarda. (ed.). *El viaje y la percepción del otro: viajeros por la Península Ibérica y sus descripciones (siglos XVIII y XIX)*. Madrid: Iberoamericana, 2011; PIMENTEL, Juan. *Testigos del mundo. Ciencia, literatura y viajes en la ilustración*. Madrid: Marcial Pons, 2003; GONZALEZ SÁNCHEZ, Carlos. *Homo viator, homo scribens. Cultura gráfica, información y gobierno en la expansión atlántica (siglos XV-XVIII)*. Madrid: Marcial Pons Historia, 2007; BRILLI, Attilio. *El viaje a Italia: historia de una gran tradición cultural*. Madrid: Antonio Machado, 2010; BAS MARTÍN, Nicolás. “El viaje como formación: ejemplos de la literatura europea del siglo XVIII”. *Revista Historia de la Educación*, 2011, pp. 129-143.

<sup>23</sup> Publicado originalmente em inglês, no ano 1992, ganhou edição no Brasil em 2005, pela EDUSC, com o título *Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. No presente trabalho, utilizo a nova edição em castelhano, publicada em 2010 pelo Fondo de Cultura Económica, intitulado *Ojos imperiales. Literatura de viajes y transculturación*.

<sup>24</sup> PRATT, Mary Louise. *Ojos imperiales. Literatura de viajes y transculturación*. México: FCE, 2010, pp.21-40.

<sup>25</sup> PIMENTEL, Juan. *Op. Cit.*, p. 17.

instrumento capaz de ampliar o horizonte do saber<sup>26</sup>. Os viajantes, por meio de relatos e descrições dos locais visitados, ajudariam na construção dos novos edifícios do saber, ocupando o papel de testemunhas do mundo (“testigos del mundo”)<sup>27</sup>. Repleto de fruição cosmopolita, o investimento nas publicações sobre viagens, na perspectiva de Pimentel, foi associado à expansão comercial e à popularização do saber<sup>28</sup>.

As viagens se intensificaram durante o século XVIII, onde cada vez mais, pessoas de diferentes grupos e classes sociais começaram a viajar e a escrever sobre experiência, analisa Ricarda Musser. A infraestrutura para a realização das viagens também se desenvolveu em paralelo, com a construção de ruas, melhoramento dos transportes. Ademais, a demanda por informações sobre os países estrangeiros impulsionou a literatura de viagens no mercado de livros europeu. A autora acentua que durante o século XIX, as primeiras formas de turismo transformaram as atividades relacionadas ao viajar em um fenômeno de massas<sup>29</sup>. Na mesma obra, Peter J. Brenner, defende que desde a antiguidade, e em parte dos textos antigos, há uma conexão com as viagens. O viajar, para o autor, modificou-se com o tempo, assim como as escritas sobre esta experiência. Na Europa do século XVIII, a curiosidade, o espírito de aventura foi completado pelos mitos de educação. No caso dos viajantes dos tempos modernos, Brenner é bastante cético. Para ele, é bastante duvidoso que alguém aprenda alguma coisa e se torne uma pessoa diferente a partir de uma viagem dentro deste contexto, sobretudo ao se considerar o que denomina de “turismo de massa”<sup>30</sup>.

Ao estudar os viajantes espanhóis desde a Idade Média, Carlos García-Romeral defende a perspectiva de que a viagem pode ser definida como memória, e esta, como um “no recuerdo”, uma evocação do passado representado em algo, como um objeto, uma situação, ou mesmo, um instante. Por sua vez, o viajante é entendido como um “explorador”, um “descobridor” de mundos, espaços abertos para serem interpretados, com objetivos variados. Para o autor, a partir do século XVIII, além do interesse pelas viagens para o exterior, se intensificou a prática de viajar dentro do próprio país, com o objetivo de conhecer as deficiências econômicas, bem como, o patrimônio histórico, artístico e cultural, com a preocupação de adotar medidas necessárias para a modernização.

Carlos Sánchez Gonzáles mostra o impacto da cultura escrita na expansão atlântica europeia. Para tanto, compreende que mais do que uma decisão pessoal, escrever sobre o

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 249.

<sup>29</sup> MUSSER, Ricarda. *Op. Cit.*, p. 9.

<sup>30</sup> BRENNER, Peter J. “Does Travelling Matter? The Impact of Travel Literature on European Culture”. In: MUSSER, Ricarda (ed.). *Op. Cit.*, p. 18.

vivido no “novo mundo” constituiu-se em obrigação imposta pelos governantes aqueles que participaram das empreitadas de “conquista”. A escrita sobre essas viagens para as autoridades europeias representou uma via de informação essencial para o exercício de poder e controle<sup>31</sup>. Para este autor, o “descobrimento e conquista de novos mundos foi um dos grandes acontecimentos do Renascimento, numa época de mudanças impactantes” em que descobrir, era acima de tudo, viajar<sup>32</sup>.

Para o sociólogo Octávio Ianni, “a história dos povos está atravessada pela viagem, como realidade ou metáfora”, uma vez que nas mais diferentes culturas e organizações humanas, há o elemento viagem, “seja como modo de descobrir o ‘outro’, seja como modo de descobrir o ‘eu’”.<sup>33</sup> O autor tece uma importante reflexão sobre a viagem enquanto prática repleta de significados, complexificando, devidamente, esta categoria de análise:

Em geral, a viagem compreende vários significados e conotações, simultâneas, complementares ou mesmo contraditórias. São muitas as formas das viagens reais ou imaginárias, demarcando momentos ou épocas mais ou menos notáveis da vida de indivíduos, famílias, grupos, coletividades, povos, tribos, clãs, nações, nacionalidades, culturas e civilizações. São muitos os que buscam o desconhecido, a experiência insuspeitada, a surpresa da novidade, a tensão escondida nas outras formas de ser, sentir, agir, realizar, lutar, pensar ou imaginar<sup>34</sup>.

A ideia de deslocamento também povoa os entendimentos que muitos produzem estudos sobre viagem, associada, por sua vez, às categorias tempos e espaços, numa relação íntima e estreita. Para Octávio Ianni, a viagem tem a capacidade de alterar o significado do tempo e do espaço, pois, “leva consigo implicações inesperadas e surpreendentes. O velho mundo somente começou a existir quando os navegantes descobriram e conquistaram o novo mundo”<sup>35</sup>.

Em relação à presença da viagem no âmbito das Ciências Sociais, Ianni acrescenta que esta é uma prática da disciplina, seja quando se estuda, ensina ou pesquisa, uma vez que:

por toda a história de cada uma e todas as ciências sociais, há sempre alguma contribuição do relato sobre outras terras, povos, formas de sociabilidades, culturas e civilizações. Épocas e formações sociais ressurgem significativas em monografias e ensaios, ou artigos e livros tanto em lições e conferências ou congressos e controvérsias<sup>36</sup>.

Nesse aspecto, Lucy Mair, defende que a Antropologia Social se desenvolveu acompanhando os registros e relatos de viajantes, sendo estes uma fonte bastante presente no

<sup>31</sup> GONZALEZ SÁNCHEZ, Carlos. *Homo viator, homo scribens. Cultura gráfica, información y gobierno en la expansión atlántica (siglos XV-XVIII)*. Madrid Marcial Pons Historia, 2007.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>33</sup> IANNI, Octávio. “A metáfora da viagem”. In: *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 13.

<sup>34</sup> *Idem*.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p.22.

<sup>36</sup> *Idem*.

seio da disciplina, na qual destaca que os livros de viagem estão entre as mais antigas formas de literatura, sendo uma importante fonte para pensar a diversidade da espécie humana. Por sua vez, “os relatórios sobre as maneiras e costumes das terras distantes começavam então a ser tratados não só como bocados de informações interessantes, mas também como dados para elaborar alguns esquemas históricos do desenvolvimento da sociedade”, o que para a autora, contribui para o início da etnografia. Destaca que a partir de meados do século XIX, em um movimento de crítica aos ditos antropólogos de gabinete e do uso excessivo dos relatos de viajantes, muitos saíram a campo em viagens longínquas para observar e comparar as culturas e os povos, uma vez que “a ideia de que os antropólogos devem sair e encontrar seus próprios dados, em vez de depender do que os viajantes lhes poderiam dizer, tornou-se comum em fins do século XIX”.<sup>37</sup> Nesse caso, temos a viagem não como um objeto de estudo, mas sim, como um procedimento metodológico disciplinar.

No âmbito da historiografia nacional, as pesquisas de Miriam Moreira Leite se dedicam aos estrangeiros que vieram para o Rio de Janeiro, durante o século XIX, constituindo uma “constelação de autores”, em registros de diferentes formas e finalidades:

Alguns desses livros são as correspondências dirigidas à família ou aos amigos; outros, diários de viagem, escritos sem a intenção de publicação, ou como apoio a um relatório posterior; outros ainda são memórias, guias comerciais e turísticos, relatórios científicos e mesmo, álbuns de desenhos.<sup>38</sup>

Centrada nos registros produzidos pelos viajantes, a autora pontua que estes observaram, descreviam e classificavam o visitado, num movimento de comparação a partir da sua cultura e referências em torno do que era ser civilizado, nos moldes europeus, principalmente. Por seu turno, outros pesquisadores têm explorado os viajantes estrangeiros no Brasil nas mais variadas perspectivas.<sup>39</sup> Outra importante referência na historiografia é o trabalho de Paulo Miceli, onde o autor explora a vida no além-mar, a partir das vivências dos

<sup>37</sup> MAIR, Lucy. *Introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1972, pp. 24-37.

<sup>38</sup> LEITE, Miriam Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1997, p. 11.

<sup>39</sup> Com relação aos viajantes estrangeiros no Brasil, destaco: GASPAR, Lúcia. *Viajantes (relatos sobre o Brasil, século XVI a XIX)*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, s/d. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 01-03-2010; MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico-1800-1850*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2001; SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; BELLUZO, A. M. M. *O Brasil dos Viajantes*. 3ª ed. São Paulo: Metalivros e Objetiva; Salvador: Fundação G. Odebrecht, 2000; AUGEL, M. P. *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista*. São Paulo: Cultrix/MEC, 1980; SOUZA, Anlene Gomes de. *O estrangeiro e a cidade: o Rio de Janeiro e o imaginário da viagem na primeira metade do século XX*. Dissertação de mestrado, PUC-Rio, 1995; DIAS, Olívia Biasin. *Fala-se todas as línguas. Hospedagem, serviços e atrativos para os viajantes estrangeiros na Bahia oitocentista*. dissertação de mestrado em História, UFBA, 2007.

navegantes, nos séculos XV e XVI, não pelos grandes nomes das “descobertas e grandes navegações”, mas a partir dos homens comuns, na perspectiva da história social<sup>40</sup>.

Na área de Letras, a tese de Claudete Daflon dos Santos propõe compreender o papel que a viagem e a escrita desempenham no processo de formação e produção de alguns intelectuais brasileiros, entre finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Para a autora, a viagem era privilégio dos ricos e bem nascidos no período.<sup>41</sup>

Lorelay Kury é tomada aqui como uma representante da intensa produção acadêmica na linha de História da Ciência, Saúde e afins,<sup>42</sup> com pesquisas sobre as ditas viagens científicas em suas mais variadas manifestações. A pesquisadora da Fiocruz analisa as expedições, a fim de compreender os olhares e escolhas dos naturalistas-viajantes pelo Brasil afora ao longo do século XIX.

No século XVIII surgiu um novo tipo de viajante, analisa Valéria Salgueiro, que dispondo de tempo e dinheiro, viajava por puro deleite e “amor à cultura”, o que se convencionou chamar de *Grand Tour*.<sup>43</sup> Tal entendimento norteia os estudos na área de turismo, associando viagem, prazer, lazer férias ao mundo capitalista, onde uma referência fundamental é o estudo de John Urry<sup>44</sup>.

Por sua vez, Nelson Schapochnik discute como “a proliferação das ferrovias e das linhas de vapor transoceânicas ampliou as condições de deslocamento de um fabuloso contingente demográfico,” o que não limitava as viagens apenas aos negócios, estudos ou lazer, sendo para muitos trabalhadores, a esperança de uma nova vida<sup>45</sup>. Ademais, é neste contexto de transformações do nascer do século XX, que segundo o autor, se deu também, a proliferação dos cartões-postais, revelando “o minucioso trabalho que incide na conquista da paisagem pelo olhar do viajante,” sendo o envio de um cartão-postal, em muita medida, uma tentativa de persuadir o destinatário “a compartilhar, ao seu modo, o gosto da viagem”<sup>46</sup>.

<sup>40</sup> MICELI, Paulo. *O Ponto Onde Estamos - Viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, séculos XV e XVI)*. São Paulo: Página Aberta, 1994.

<sup>41</sup> SANTOS, Claudete Daflon dos. *A Viagem e a Escrita: Uma reflexão sobre a importância da viagem na formação e produção intelectual dos escritores-viajantes brasileiros*. Rio de Janeiro, Tese, (Doutorado em Letras), PUC-RJ, 2002.

<sup>42</sup> Parte da produção da Fiocruz a respeito da temática “viagens” pode ser visualizada no anexo III.

<sup>43</sup> SALGUEIRO, Valéria. “*Grand Tour*: uma contribuição à história do viajar por prazer e amor à cultura”. *Revista Brasileira de História. Viagens e viajantes*. São Paulo, ANPUH, N°44, vol.22, 2002.

<sup>44</sup> URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001. Ainda em relação ao tema viagem/turismo, ver: PIRES, Mário Jorge. *Raízes do turismo no Brasil: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX*. São Paulo: Manole, 2001.

<sup>45</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade”. In: *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio* (Volume 3). Coleção dirigida por Fernando A. Novais; volume organizado por Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.429.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p.424.

Não obstante às contribuições dos trabalhos nas diferentes áreas do conhecimento, situamos a presente tese nas perspectivas da História da Educação, acompanhando um movimento de outros trabalhos sobre a temática produzidos na área, onde têm sido utilizadas fontes diversas, tais como cartas, cartões, diários, relatórios, notas de viagem, dentre as quais<sup>47</sup>, “transbordam relatos de espanto, admiração, respeito e esperança. Olhares de familiaridade e estranhamento que tentaram inspirar e legitimar mudanças nas realidades educacionais”<sup>48</sup>. O livro *Viagens Pedagógicas*, organizado pelos professores Ana Chrystina Mignot e José Gonçalves Gondra reúne uma série de experiências de viagens de educadores e educadoras, num mosaico com diferentes nacionalidades, temporalidades e destinos.<sup>49</sup> Por sua vez, outra importante publicação na área sobre a temática é o dossiê *Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos*, que compõe a *Revista Brasileira de História da Educação* (SBHE).<sup>50</sup> Destaco ainda, o livro *Exílios e viagens: ideários de liberdade e discursos educativos. Portugal e Espanha, séc. XVIII-XX*, organizado por Margarida Felgueiras e Antón Costa Rico<sup>51</sup>. Há também, crescente produção acadêmica que explora viagens de educadores no âmbito da História da Educação, com destaque às teses e dissertações<sup>52</sup>.

<sup>47</sup> Sobre literatura de viagens e dos usos dos relatórios como fonte para a história da educação, consultar: VIÑAO FRAGO, Antonio. “Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos.” *Teias* - Revista da Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, UERJ, n°1, jun-2000, pp.82-97.

<sup>48</sup> MIGNOT, Ana Chrystina & GONDRA, José G. (orgs). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 9.

<sup>49</sup> O livro é composto pelos seguintes trabalhos, que ajudam a dimensionar o interesse pela temática no âmbito da história da educação: Antonio Viñao aborda o caráter educativo no texto “Viajes que educan”; Carla Simone Chamon e Luciano Mendes de Faria Filho exploram a viagem da professora Maria Guilhermina aos Estados Unidos; José Gonçalves Gondra analisa a viagem de um professora da Escola normal da corte como um exercício de comparação; Alessandra Schueler examina a viagem que o professor Manuel Frazão realizou à Europa em finais do século XIX; Pedro Moreno focaliza seu texto nas viagens empreendidas pelo professor espanhol Félix Martí Alpera no início do século XX à França, Bélgica, Alemanha, Suíça, Itália, Holanda, Dinamarca e Noruega; Clarice Nunes estuda as duas viagens que Anísio Teixeira empreendeu aos Estados Unidos na década de 1920; A viagem de Cecília Meireles a Portugal é discutida por Jussara Pimenta; Joaquim Pintassilgo investiga os relatórios de bolsistas portugueses a instituições educativas de países europeus; Rogério Fernandes aborda as viagens de duas educadoras portuguesas ao Instituto Jean Jacques Rousseau e Ana Chrystina Mignot, analisa a viagem de Antonia Ribeiro de Castro Lopes ao referido instituto; Marta Chagas de Carvalho pesquisa a viagem de Adolphe Ferrière à América Latina. Por fim, Jean Houssaye analisa a circulação de pedagogos e pedagogias.

<sup>50</sup> Os textos do dossiê foram apresentados no *VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, realizado em 2007. Carla Simone e Luciano M de Faria Filho abordam a viagem de Estevão de Oliveira a Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo; A viagem em busca de legitimação da educadora Armanda Álvaro Alberto, com destino ao Uruguai foi analisada por Ana Chrystina Venancio Mignot; as viagens dos professores do Instituto de Odivelas foram analisadas por Joaquim Pintassilgo; os relatórios de viagem do professor Luiz Augusto dos Reis foram estudados por Alessandra Schueler e José Gondra.

<sup>51</sup> FELGUEIRAS, Margarida Louro & COSTA RICO, Antón. *Exílios e viagens: ideários de liberdade e discursos educativos. Portugal e Espanha, séc. XVIII-XX*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e Sociedad Española de Historia de la Educación, 2011.

<sup>52</sup> Dentre as quais, cito: PIMENTA, Jussara. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles (1934)*. Tese de doutorado (Educação). Rio de Janeiro, UERJ, 2008; CARDOSO, Silmara de Fátima. *Viajar é inventar o futuro: narrativas de formação e o ideário educacional*

Feito este balanço dos estudos acadêmicos sobre viagens, e em que pese o esforço de inventariar as peculiaridades na abordagem nas diferentes áreas do conhecimento, é importante salientar que todos estes trabalhos podem se beneficiar mutuamente, na possibilidade de diálogo recíproco entre as distintas disciplinas.

Todavia, após tantas experiências de viagens e viajantes, em que categoria se enquadra Rocha Pombo? Ora, se pensarmos, por exemplo, suas anotações de viagem, estas não são um relatório encomendado enquanto uma das obrigações da viagem, como os relatórios oficiais dos professores comissionados<sup>53</sup>. Também não se enquadram entre os que viajaram para o exterior, a fim de comparar e fazer circular diferentes modelos pedagógicos, na ótica do intercâmbio com países como Espanha, Portugal, França, dentre outros.<sup>54</sup> Compreender a singularidade e motivações na viagem de Rocha Pombo é um dos objetivos do presente trabalho. Ademais, temos por horizonte inventariar temas, abordagens e escolhas no que concerne aos olhares que lançou em relação às instituições visitadas, às práticas educativas cotidianas e aos sujeitos que observou e encontrou ao longo da viagem, em que a dimensão da aprendizagem pelo encontro com o outro e pelo movimento, são essenciais para compreendermos a condição do viajante em suas buscas e inquietações. Assim, problematizo a viagem, seus registros e desdobramentos em seu caráter peculiar, errante, e suas contribuições para o campo de estudos da história da educação.

Além disso, a viagem e o próprio relato de Rocha Pombo pelo Brasil afora permitem vislumbrar a existência de diferentes experiências de instrução pelo país, evidenciando a circulação de livros didáticos e de diferentes práticas e concepções de educação no período, para além da esfera da capital tida como *lócus* intelectual e vitrine do progresso e da modernidade. Busco, deste modo, problematizar os significados da atenção dada aos materiais escolares, tais como livros e livros didáticos na ótica deste sujeito em trânsito, na condição de viajante. Defendo, em muita medida, a perspectiva de que a análise do registro e da prática da viagem em Rocha Pombo o circunscreve no movimento coletivo de diferentes sujeitos e

---

*brasileiro nos diários e relatório de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925-1927)*. São Paulo, Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011; PINTO, Inára de Almeida Garcia. *Um professor em dois mundos: a viagem do professor Luiz Augusto dos Reis à Europa (1891)*. São Paulo, Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2011.

<sup>53</sup> BORGES, Angélica. “Nem tudo que reluz é ouro: representações docentes em relatório de uma viagem à Europa. (1890-1892)”. Texto disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/.../Angelica%20Borges%20-%20Texto.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/.../Angelica%20Borges%20-%20Texto.pdf); MIGNOT, Ana Chrystina Venancio e SILVA, Alexandra Lima da. “Tão longe, tão perto: escrita de si em relatórios de viagens”. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.27, n.01, pp.435-458, abr. 2011.

<sup>54</sup> SCHUELER, Alessandra & GONDRA, José. “Olhar o outro, ver a si: Um professor primário brasileiro no ‘Velho Mundo’ (1890-1892).” *Revista Brasileira de História da Educação: Dossiê Viagens de Educadores, Circulação e Produção de Modelos Pedagógicos*, Jan. 2010, n 22.

debates acerca da necessidade de projetos de educação para o “povo”, na constituição de um país que se pretendia grande, encontrando na diversidade e na igualdade, a constituição enquanto povo e nação.

Outra preocupação da presente investigação foi o mapeamento e localização de outros registros, a partir dos rastros e pegadas deixados nos trajetos da própria viagem, em suas visitas, correspondências enviadas, atas, notas publicadas em jornal e periódicos da época, homenagens recebidas, dentre outras.

Acredito que a noção de experiência, conforme proposta pelo historiador inglês Edward Palmer Thompson, é uma importante categoria de análise, uma vez que concordo com a preocupação de não homogeneizar as ações dos sujeitos históricos, que agem “não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos (...)”<sup>55</sup>.

Uma vez que a viagem é pensada aqui como uma prática social repleta de significados, e também, enquanto representação, entendida enquanto “esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço a ser decifrado,”<sup>56</sup> concebo como aportes teóricos as contribuições de Roger Chartier, na percepção do social como “estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”<sup>57</sup>.

Por outro lado, algumas categorias pensadas pelo sociólogo alemão Norbert Elias, como configuração, e as noções de *estabelecidos e outsiders*<sup>58</sup>, podem ser proficuas no entendimento da busca por legitimação no campo intelectual empreendida por Rocha Pombo em suas diferentes ações, com destaque aqui, à viagem.

Assim, em relação à categoria intelectual, remetemos ao campo aberto pela chamada História Intelectual, situada no cruzamento das Histórias Política, Social e Cultural, onde intelectuais são definidos como “produtores de bens simbólicos, mediadores culturais e atores do político”, relativamente engajados na vida da cidade e/ou nos locais de produção e

<sup>55</sup> THOMPSON, E. P. “O termo ausente: experiência.” *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.182.

<sup>56</sup> CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

<sup>57</sup> *Idem*.

<sup>58</sup> ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 2 v. & SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.



divulgação de conhecimento e promoção de debates. Dentre os estudos sobre “intelectuais”<sup>59</sup>, busco um diálogo mais estreito com as perspectivas teóricas de Jean-François Sirinelli, entendendo intelectuais em uma dupla acepção: uma mais ampla, como “criadores e mediadores culturais” e outra mais estreita, baseada na noção de “engajamento”<sup>60</sup>.

Para Pierre Bourdieu, “a invenção do intelectual” teria se consumado com Zola, não supondo apenas a autonomização prévia do campo intelectual, sendo o resultado prévio de outro processo de diferenciação, “aquele que leva à constituição de um corpo de profissionais da política e exerce efeitos indiretos sobre a constituição do campo intelectual”<sup>61</sup>. Enquanto um mundo à parte, disse Bourdieu, o campo intelectual seria um campo como os outros, onde as noções de poder e luta são cruciais. O campo intelectual (ou literário) é também um lugar de “relações de força (e de lutas que visam transformá-las ou conservá-las)”, em torno de uma “espécie muito particular de capital”, o qual é alvo das “lutas de concorrência” dentro do próprio campo, em que “o capital simbólico como capital de reconhecimento ou consagração institucionalizada ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores ao preço de um trabalho e estratégias específicas”<sup>62</sup>.

A viagem empreendida por um intelectual pode ser uma ação reveladora de suas redes de sociabilidade, apoio e prestígio, ou ainda, uma estratégia na luta pela legitimação em meio a elas, em seus microclimas, tensões e clivagens no interior dos grupos. Com respeito ao entendimento da noção de legitimação, penso que se devem considerar os processos e modos de obtenção de uma legitimidade ou aprovação entre os membros de uma coletividade. No caso de Rocha Pombo, o autor buscava ser reconhecido como autoridade intelectual no campo da escrita de história<sup>63</sup>. Nesse sentido, conforme salienta o sociólogo francês Pierre Bourdieu, “o reconhecimento, marcado e garantido socialmente por todo um conjunto de sinais

---

<sup>59</sup> Dentre as referências sobre a questão, destaco as contribuições dos estudos de Antonio Gramsci, para o qual “todos os homens são intelectuais (...), mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (p. 6), propondo também, uma distinção entre os diferentes tipos de intelectuais, sobretudo no que se refere às categoria orgânica e tradicional. Cf. GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. Outra referência importante é Norberto Bobbio, para o qual, “um conjunto de sujeitos específicos, considerados como criadores, portadores, transmissores de ideias, que desde há um século são normalmente chamados intelectuais,” (BOBBIO, 1997, p. 109) onde a questão a ser pensada sobre essa categoria seria o “problema da relação entre intelectuais— com tudo o que representam de ideias, opiniões, visões de mundo, programas de vida...” (*Op. Cit.*, p. 112). Cf. BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

<sup>60</sup> SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

<sup>61</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p.151.

<sup>62</sup> *Idem*. *Coisas ditas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p. 170.

<sup>63</sup> A respeito da noção de legitimação em sociologia, ver: HABERMAS, Jürgen. *Legitimation Crisis*. Boston: Beacon Press, 1975, pp. 68-75; BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. 12 ed. Brasília: UnB, 2002. v. 2, pp. 674-679.

específicos de consagração que os pares/concorrentes concedem a cada um de seus membros, é função do valor distintivo de seus produtos (...)”<sup>64</sup>. Assim, na luta pela legitimação, a estrutura do campo é fundamental, onde se deve considerar especialmente, “a distribuição do capital específico de reconhecimento científico entre os participantes na luta”<sup>65</sup>.

Ao tomar a escrita de um intelectual como foco, busco situar a presente investigação no entrecruzamento dos campos da História da Educação e da História da Cultura Escrita, tomando a escrita e a leitura como objetos e práticas sociais produzidos em diferentes espaços e temporalidades. Busco uma aproximação com as perspectivas de Antonio Castillo Gómez sobre escrita e leitura, em que:

Su estudio debe atender a las consecuencias sociales y culturales derivadas de su implantación y extensión: así como a la incidencia de aquellas en las formas, funciones y usos de lo escrito, en los mecanismos y lugares de adquisición, en las redes de sociabilidad de escritores y analfabetos, en las políticas de la escritura y del escribir, en los modos de circulación y a apropiación, o en las maneras, tipologías y espacios de la lectura.<sup>66</sup>

Além das notas de viagem, outros registros foram importantes por ajudar a compreender os desdobramentos da referida viagem na trajetória de Rocha Pombo e nos movimentos, debates e embates postos em relação à educação no referido período. Percorrendo as diferentes instituições pelas quais Rocha Pombo transitou, foi possível localizar um *corpus* documental rico e diverso, abrangendo manuscritos, tais como cartas, cartões, atas de seleções, dentre outros. No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e suas outras filiais, sobretudo nos estados em que visitou, foram localizadas atas das sessões e solenidades ocorridas durante o período da viagem. Apesar de não ter chegado a assumir a cadeira para qual foi eleito na Academia Brasileira de Letras, esta instituição dispõe de um arquivo intitulado *Rocha Pombo*, que dispõe de documentos manuscritos e impressos, sobretudo recortes de jornal a respeito de sua morte, onde, se enaltecem os feitos dos 75 anos vividos. A Fundação Casa de Rui Barbosa dispõe de um conjunto de cartas que ajudam a entender, dentre outras questões, os apoios e a tentativa de inserção nos círculos de prestígio do Rio de Janeiro desde a sua, em 1897, até 1916, às vésperas da viagem. A Biblioteca Nacional possui de cartas e livros de Rocha Pombo. Outro *corpus* documental presente na Biblioteca Nacional são os periódicos, onde foram mapeados alguns, dos estados visitados na travessia de 1917.

---

<sup>64</sup> BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. (org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983, p. 127.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 136

<sup>66</sup> CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “La Corte de Cadmo: apuntes para una historia social de la cultura escrita”. *Revista de Historiografía*, Madrid, n. 1, pp. 89-98, 2004.

Estruturei a presente tese em quatro capítulos. No primeiro capítulo, procuro explorar as especificidades e inquietações dos que narraram e registram os tempos vividos em travessias, onde traço uma relação entre narrativa e escrita de viagem. Busco explorar as motivações que levaram Rocha Pombo a percorrer os estados do Norte do Brasil. A partir da análise dos registros produzidos pelo intelectual paranaense, procuro pensar os modos pelos quais o viajante revela-se e deixa-se ver no encontro com o outro, construindo, ao mesmo tempo, uma escrita de si. Ademais, busco situar a experiência de Rocha Pombo em relação à outras viagens, viajantes e diferentes temporalidades, a fim de compreender os múltiplos significados que esta prática pode adquirir. Que outros viajantes produziram registros de viagem, a exemplo de Rocha Pombo? Quais as especificidades das viagens ao interior em relação às viagens ao exterior? Como o tema vem sendo trabalhado pela historiografia, e em especial, pela historiografia da educação? A importância das vivências anteriores para a realização da travessia, levando-se em consideração as redes de apoio e pertencimento do sujeito, suas ações, projetos e decepções. Afinal, que marcas da sua existência Rocha Pombo carregou ao norte?

No segundo capítulo, busco analisar as visitas, encontros e diálogos estabelecidos nos tempos de viagem como possibilidade de ampliação das redes de sociabilidade intelectual. Procuro interpretar os significados da positividade construída nas representações traçadas pelo viajante em relação aos estados do dito Norte do Brasil, em contraposição a outros viajantes que percorreram os mesmos estados. Outro aspecto que procuro compreender é o papel desempenhado pelo companheiro de viagem, o pintor Guttmann Bicho, além dos muitos outros sujeitos citados ao longo da descrição empreendida por Rocha Pombo. Quem era considerado digno de citação? Por quê? Os ditos lugares de sociabilidade também são explorados ao se analisar algumas das instituições contempladas no trânsito de quase cinco meses pelo Brasil afora. Ao percorrer bibliotecas, arquivos, institutos históricos, a travessia realizada por Rocha Pombo ao norte do Brasil mostra a dimensão da pesquisa e dos aprendizados na viagem realizada pelo historiador.

Trilhar os caminhos da educação na ótica do viajante é um dos objetivos do capítulo terceiro, no qual mapeio os outros sujeitos que realizaram viagens que podem ser pensadas como pedagógicas e educativas. Neste capítulo, me debruço sobre a preocupação de Rocha Pombo com a instrução pública, que deveria ser a causa maior de todos os estados brasileiros em princípios do século XX. Ademais, exploro as notas de viagem como fonte com o intuito de compreender as preocupações e defesas do intelectual em relação à existência de diferentes instituições educativas para crianças, mulheres e o “povo”, sujeitos que precisavam educar-se

e instruir-se para elevar o país como grande nação, nos trilhos do progresso anunciados com a República. Os contatos estabelecidos nos tempos da viagem também foram cruciais para a adoção e circulação dos livros didáticos do intelectual paranaense em âmbito nacional. Afinal, todas as viagens são educativas?

Defendo no quarto capítulo que a viagem teve desdobramentos na trajetória intelectual de Rocha Pombo. Exploro, para tanto, as repercussões que a jornada obteve nos periódicos dos estados percorridos, bem como, os principais desdobramentos no retorno do intelectual ao Rio de Janeiro. Da viagem, o intelectual paranaense trouxe capital simbólico e cultural fundamental para a escrita de seus livros de cunho histórico, consagrando-se como autoridade para falar de temas relacionados à história. A viagem modificou a maneira como o intelectual paranaense passou a escrever seus livros de história, sobretudo no que tange ao lugar dos estados do dito norte do Brasil, bem como, em livros de história “regional”. Enquanto um outro texto, a escrita de prefácios para jovens escritores, evidencia o prestígio e distinção conquistados por Rocha Pombo no minado e tenso campo intelectual.

Por fim, o presente trabalho busca contribuir no âmbito dos estudos em história da educação por acreditar que a viagem realizada por Rocha Pombo permite que se compreendam os interesses em desbravar e conhecer melhor o próprio país. Nesse sentido, os intelectuais preocupados com educação no período analisado, não apenas olhavam para o exterior à procura de modelos a serem adotados em território nacional. A travessia de Rocha Pombo não integrou uma comissão oficial do governo para inspecionar, observar e implementar experiências educativas de um lugar para outro, apesar dos apoios recebidos e da constante aproximação com os poderes locais. Sujeitos como Rocha Pombo buscavam adentrar pelos ditos “confins” do país com o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre as gentes e as histórias, no sentido atravessar fronteiras, fortalecer laços, redes e alianças, demarcando espaços. Tal experiência permitiu que se visualizassem diferentes experiências educativas pelo Brasil afora, além de fazer circular as ideias e ideais do autor, por meio de seus livros didáticos, de norte a sul do Brasil, num projeto que visava transformar cada vez mais, o Brasil em um país letrado e conhecedor de sua história.

## 1 VIVER, VIAJAR, NARRAR

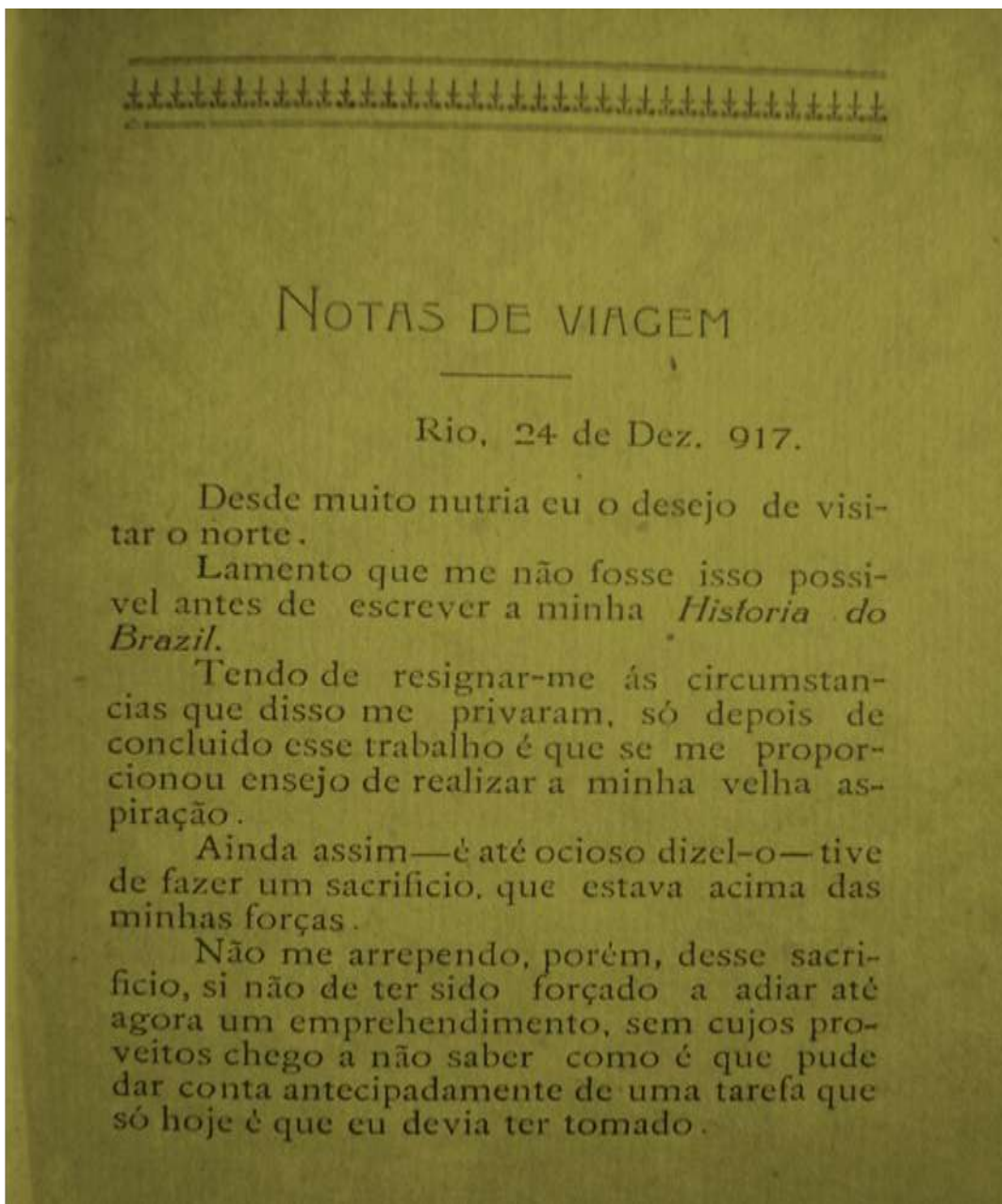


Figura 2. Primeira página das *Notas de viagem. Norte do Brasil*, de Rocha Pombo, 1918.

## 1.1 O registro do vivido: a viagem e a escrita

Saio pela primeira vez a barra do Rio sem ser para o sul. Vou, por isso, pungido de uma curiosidade quase infantil. O *Itaquera* foi logo deixando os aspectos que me são familiares. Quando perdi de vista o Pão de Açúcar, senti alguma coisa como um vago terror, que me viesse de uma temeridade de que só agora me apercebo<sup>67</sup>.

O medo de deixar para trás o familiar e aventurar-se no desconhecido, mesmo em uma viagem ao próprio país, povoaram as primeiras impressões tidas por Rocha Pombo, ao embarcar pela primeira vez fora da rota Rio–Paraná. Neste sentido, tomamos o fascínio pelo vivido e a vontade de narrar como peças essenciais na compreensão dos significados desta empreitada para um sujeito já no auge dos seus 60 anos, mas que ainda buscava demarcar o seu espaço e marcar sua existência com as aventuras e agruras do viver. Escolho iniciar o percurso pelas notas de viagem, por estas serem a porta de entrada para entender os sentidos e significados desta experiência na vida do intelectual.

Embarcara também para conhecer as gentes, paisagens e histórias de um Brasil “interior” tão próximo e exótico ao mesmo tempo, nos remetendo à dimensão proposta por Antonio Viñao, em relação à viagem, em que “todos los viajes educan, aunque solo sea por abrir al viajero a una realidad diferente a la suya. Sólo que unos educan más que otros, o de forma diferente a otros”.<sup>68</sup> A dimensão da aprendizagem e da experiência merecem ser apontadas como um dos sentidos da viagem, mesmo quando esta não aparece como a motivação principal. Além disso, ao se percorrer o próprio país, o estranhamento do que seria familiar transforma o viajante, produzindo um olhar em certo ponto, paradoxal, pois, “ao mesmo tempo em que é estrangeiro em sua própria terra, é também um olhar nativo que busca reconhecer seus valores e sua história nos pequenos detalhes de sua viagem, construindo, assim, sua memória”.<sup>69</sup> Por sua vez, na associação entre estrangeiro/viajante, remeto às discussões travadas pelo sociólogo alemão Georg Simmel. Este pontua que, “se viajar é a liberação de qualquer ponto definido no espaço, e é assim a oposição conceitual à fixação nesse ponto, a forma sociológica do ‘estrangeiro’ apresenta, por assim dizer, a unificação dessas duas características.”<sup>70</sup> Assim, o estranhamento do familiar em Rocha Pombo, o

<sup>67</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p.19.

<sup>68</sup> VIÑAO FRAGO, Antonio. “Viajes que educan”. In: MIGNOT, Ana Chrystina e GONDRA, José G. (orgs) *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007, p.15.

<sup>69</sup> CABRAL, Shirley Aparecida Gomide. “Que viajar é este? Descoberta e reflexão em *Viagem a Portugal*, de José Saramago”. *Revista Crioula* – nº 6 – novembro de 2009, p. 5.

<sup>70</sup> SIMMEL, Georg. “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal”. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1997, p. 182.

aproxima das vivências de um estrangeiro, que direciona-se ao grupo com específica “objetividade”, num movimento de “proximidade e distância”<sup>71</sup>.

O encontro com o norte pelo homem do sul, ao mesmo tempo em que evidencia as diferenças, pode também, aproximar mundos aparentemente tão distantes, mas tão próximos nas tentativas de projetos de construção de um povo, na ótica de Rocha Pombo:

Pois bem: o que eu faria agora, si tanto já não excedesse as proporções de um livrinho de notas ligeiras, era mostrar como o Brasil, o nosso grande e admirável Brasil já não é só a terra, mas também a gente; e que a raça aqui não tem mais de corar num confronto com os esplendores do meio. Em toda a vastidão deste imenso país, há sinais de que o homem se levante para medir-se com a imensidade do território e com as munificências da natureza<sup>72</sup>.

Encantamento. Surpresas. Aprendizagens. Descobertas. O que levou Rocha Pombo a tornar pública a experiência da viagem? O fascínio a partir dos tempos vividos ao longo dos quase cinco meses de jornada teria levado à publicação das anotações de viagem? Ou a vontade e sentido de missão por compartilhar os olhares sobre os problemas e maravilhas deste imenso Brasil? Ou ainda, a preocupação em tornar públicos, feitos e certa notoriedade adquirida pelo sujeito ao longo da travessia? É possível pensar a publicação das anotações pessoais como parte também da tentativa de legitimação e projeção social do sujeito junto aos seus pares e ao público em geral?

Através da análise de reportagens produzidas nos tempos de viagem, verifiquei um dos elementos constituintes da motivação de publicar o livro *Notas de Viagem. Norte do Brasil*. Surgiu do pedido feito pelo governo do estado do Pará, nos tempos em que Rocha Pombo por lá esteve:

O Dr. Rocha Pombo, a convite do ilustre governador do estado, pretende ainda se demorar nesta capital, mais alguns dias, e publicar um interessantíssimo opúsculo “Notas de uma excursão ao norte do Brasil”, o qual o mandará imprimir logo que chegue à capital federal<sup>73</sup>.

Todavia, por que o intelectual paranaense omite essa informação ao longo do livro de viagens? O autor não menciona os outros sujeitos que interferiram na construção da obra: aquele que encomendou a escrita, o governo do Pará, e aquele que imprimiu o livro, Benjamin de Águila, amigo pessoal do autor. Interpreto, a partir dos indícios, que trata-se de uma escrita encomendada, mas não um relatório obrigatório. A escrita aqui, parte de premissas e do ponto de vista pessoal das vivências e olhares do paranaense, que inclusive, parece ter modificado o título inicial: *Notas de uma excursão ao norte do Brasil*.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 185.

<sup>72</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918, p. 8

<sup>73</sup> *O estado do Pará*, ano VII, 19/11/1917, p. 1.

Nas palavras do próprio Rocha Pombo, “este livrinho, não dissimulo, pretende lançar a causa”, uma vez que “é, pois, este opúsculo mais um apelo ao sul do que ao próprio norte”,<sup>74</sup> sendo uma “publicação modesta”, mas repleta de importância, pois, “por mim, estou profundamente convencido de que a melhor obra moral que hoje se pode fazer a nossa grande pátria é tornar mais íntimo o convívio de todas as nossas populações”<sup>75</sup>.

Ao longo de 271 páginas, contendo data e lugar, as anotações ganharam forma de livro impresso, sendo a primeira parte, um prefácio, escrito na fase pós-viagem, nos idos de 24 de dezembro de 1917, ocupando 19 páginas do opúsculo. Não houve outras edições para esta obra, na qual não aparecem informações nas contracapas do livro, como usual em livros didáticos, e outros livros no período, onde muitas vezes, constam extratos dos catálogos das editoras.<sup>76</sup> No exemplar analisado na presente pesquisa, consta a assinatura de Enoch de Cerqueira Lima, Santos, aos 2 de fevereiro de 1920, sendo adquirido por mim, em compra junto a um sebo.

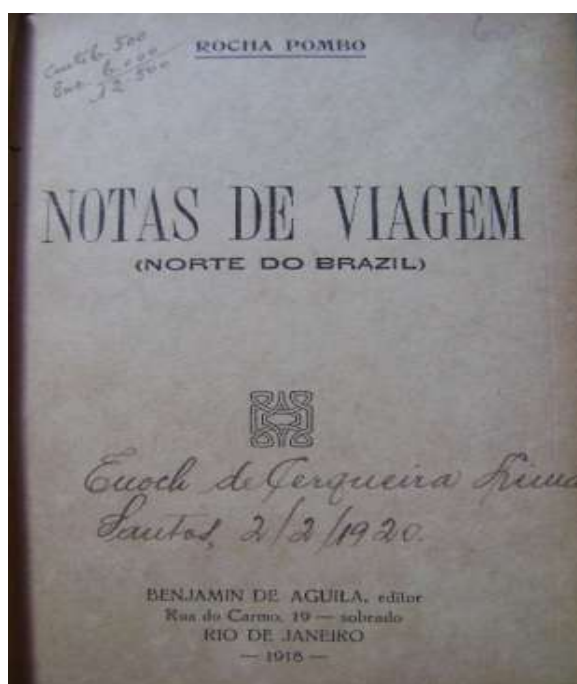


Figura 3. Contracapa do livro *Notas de Viagem. Norte do Brasil*

O sumário, ao término da obra, apresenta os portos e escolhas da escrita do viajante, a saber:

Prefácio; Victoria; Bahia; Aracaju; Santo Amaro; São Cristovão; Laranjeiras; Rio São Francisco; Vila Nova; Maceió; Serra da Barriga; Olinda; Cabedêlo; Paraíba; Guarabira; Natal; Fortaleza; Tutuya; São Luiz do

<sup>74</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918, p. 17.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>76</sup> Cf. SILVA, Alexandra Lima da. *Op. Cit.*



Maranhão; Belém do Pará; o Rio Amazonas; Santarém e Óbidos; Itacoatiara; Manaus; Acre; Ainda Belém; Volta ao Rio; Epílogo.

No caso Rocha Pombo, verifica-se a preocupação e mesmo, certa intencionalidade em dar luz às “suas impressões” pessoais. A primeira e única edição do livro, lançado em 1918, ocorreu no ano seguinte à viagem, estando vivo o seu autor, que pôde acompanhar a recepção de sua obra junto ao público, uma dimensão importante para se compreender o movimento da publicação de livros de viagem, uma vez que se verificam alguns casos de edições póstumas, em períodos remotos da viagem empreendida. O tempo de publicação ilumina o nosso entendimento no sentido de que havia uma preocupação de que a travessia se tornasse pública e notória, possibilitando alguns retornos imediatos para muitos, desde o intelectual paranaense, passando aos editores das obras recém-publicadas<sup>77</sup>, às pessoas e instituições citadas na referida obra.

Tal preocupação em publicar o visto e o vivido nos tempos de viagem remete a uma compreensão da dimensão política deste tipo de escrita, evidenciando também, o comprometimento com projetos, grupos e interesses, possibilitando, em muita medida, intervenções no presente, no sentido de mantê-lo, mudá-lo ou reformá-lo.

Temos aqui, um impresso peculiar, construído a partir da experiência da viagem, evidenciando diferentes temporalidades e momentos na escrita. O livro começa pelo fim, às vésperas do natal do ano de 1917, com as exposições do autor acerca do desejo antigo que nutria de realizar a excursão pelos estados do Brasil. Estrutura-se em dias seguidos, desde o embarque, no dia 21 de julho de 1917. Porém, o produto final entregue ao público sob a título de *Notas de viagem. Norte do Brasil* advém de anotações dispersas e registros da viagem, como também, do uso feito pelo autor, de recortes de jornal, e mesmo, da memória, demonstrando que a dispersão das anotações ganhou outra forma e lógica no retorno do viajante, com diferentes temporalidades, demonstrando que “o processo da escrita é o mesmo em todos os relatos: o viajante escreve ao mesmo tempo em que viaja, relata ao mesmo tempo em que descobre, ainda que a obra final seja reelaborada após o retorno à terra natal”.<sup>78</sup>

Esta escritura não linear, com idas e vindas, repleta de escolhas, recortes, é também, similar aos próprios movimentos de escrita da história, uma vez que como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidades: “selecionamos acontecimentos, conjunturas e

---

<sup>77</sup> Refiro-me aqui, não somente à *História do Brasil, ilustrada*, concluída em 1917, editada por Benjamin de Águila, como também, ao recém-lançado *Nossa Pátria: narração dos fatos da História do Brasil através da sua evolução*, editado pela Weiszflog Irmãos.

<sup>78</sup> CABRAL, Shirley Aparecida Gomide. *Op. Cit.*, p.5

modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou”.<sup>79</sup> Todavia, o autor tenta enfatizar no prefácio que não houve esse trabalho de polidura que vislumbro na análise de sua escrita de viagem:

As páginas que se seguem refletem apenas as impressões mais flagrantes da minha viagem, e que eu registrei dia a dia, a largos traços e absolutamente sem preocupações de nenhuma ordem. Dou-as quase na mesma forma em que foram apontadas; e portanto, sem ao mesmo algum trabalho de revisão ou polidura<sup>80</sup>.

A colocação acima me permite indagar esta ausência de preocupação em refinar a escrita para publicação, uma vez que nitidamente, nota-se uma escrita retocada e editada. Mais uma vez, temos a preocupação com o olhar do outro sobre si, posto que a seleção e o uso de recortes de jornais e outros documentos pelo autor, para além do auxílio à memória na escrita, pode também, fazer parte da intenção do autor de sua imagem construída mostrar ao público, sua aceitação e notoriedade na viagem empreendida. De todo modo, tais impressões de viagem foram entregues ao editor e parceiro de Rocha Pombo em outras obras, Benjamin de Águila, vindo a ser editada em 1918.

Para além de mero relato descritivo sobre paisagens e lugares, as notas de viagem podem ser entendidas como expressão de si e do outro, a partir da alteridade, do encontro com o diferente?<sup>81</sup> No entendimento do tempo de viagem como um tempo de vida, as escritas advindas desta experiência, desejam reter o tempo, constituindo-se em um “lugar de memória”<sup>82</sup>.

## 1.2 Múltiplos olhares: a construção de uma escrita de si para o outro

É possível pensar as notas de viagem como um “ego-documento”? Em notas e demais relatos de viagem, a narrativa e a memória são elementos constituintes da prática de registrar, em que o fio condutor é a própria travessia. Agrega-se a isto, o “viajante”, ora o próprio autor, ora o leitor do relato, que ao adentrar na leitura, se converte em um descobridor de paisagens, culturas, e da própria figura do narrador, desnudado em sua escrita sobre o outro, que também, revela sobre si. Por sua vez, ao se escrever e publicar notas de viagem tem-se em mente a interlocução com um diferente “outro”, o leitor, muitas vezes, diferente do observado nos caminhos percorridos, mas que também, produz olhares a partir da mediação do texto

<sup>79</sup> ALBERTI, Verena. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.

<sup>80</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*; p. 18

<sup>81</sup> MIGNOT, Ana Chrystina Venancio e SILVA, Alexandra Lima da. *Op. Cit.*

<sup>82</sup> NORA, Pierre. “Entre história e memória: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, pp. 7-28, 1993.

escrito. Por sua vez, o “outro”, o observado durante a viagem, também produz uma imagem daquele que o observa. Para Peter Burke, é possível pensar a utilização dos chamados ego-documentos, como diários, relatos de viagens, cartas confessionais, pensados como instrumentos para a reconstrução do “eu”, desde que sejam feitas perguntas acerca da auto-representação e autoaparência<sup>83</sup>.

Nesta constante interrogação do objeto e da fonte, seria a obra intitulada *Notas de viagem*, um diário de viagem? Em relação aos diários de viagem, afirma-se que:

A característica mais expressiva diz respeito à presença do cotidiano, pois só há escrita em forma de diário quando o texto acompanha o compasso do calendário. Ao registrar a sua vivência do cotidiano, anotando fatos, pensamentos e procurando conter a passagem do tempo, o diarista quer organizar o que, *a priori*, não é subordinável. A tentativa de racionalização da experiência do cotidiano é a base do gênero. As datas que costumam aparecer nas anotações de um diário, além de tentativa de organização de uma possível existência, é uma ordenação dos acontecimentos dentro da narrativa, criando um elo que une, muitas vezes, acontecimentos sem nenhuma ligação entre si<sup>84</sup>.

Ainda com respeito à escrita diarística, Manuel Alberca considera que são muitas as motivações que levariam uma pessoa a escrever um diário. Aponta aspectos como o preenchimento do vazio da solidão, sendo a escrita um refúgio, num exercício de luta e combate ao isolamento. Pode ser também, o suporte para os que desejam ficar sós, onde o diário exerce a função de companheiro, interlocutor de angústias, sentimentos, confissões<sup>85</sup>.

Em *O pacto autobiográfico*, Philip Lejeune revela que a escrita no diário, como forma de escrita autobiográfica, codificada pela fusão entre autor-narrador, diferencia-se de outras formas de narrativas, como a autobiografia, a biografia e a memória. Acentua ainda, o leitor como fundamental na consideração de um texto como autobiográfico, atentando para a noção de um pacto que se firma entre quem escreve e quem lê o texto proposto.<sup>86</sup> Por sua vez, as narrativas de viagem, seja sob a forma de diário, seja sob a forma de cartas a um único interlocutor, ou ainda, de relatórios informais ou científicos, muitas vezes não se afastam do imediato da experiência, tornando difícil a análise. O cotidiano relatado parece não conter um encadeamento; completa-se no acontecimento narrado, é breve, exterior e desconexo, dando

<sup>83</sup> BURKE, Peter. “Proyectar la historia de la autobiografía”. *Revista Cultura Escrita E Sociedad*. Nº1, 2005. Dossie: De la autobiografía a los ego-documentos, pp. 49-51.

<sup>84</sup> MACIEL, Sheila Dias. “A literatura e os gêneros confessionais”. Disponível em: <http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf>

<sup>85</sup> ALBERCA, Manuel. *La escritura invisible; Testimonios sobre el diario íntimo*. Madrid: Sendoa, 2000, p. 35.

<sup>86</sup> LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte Autobiographique*. Paris: Editions de Seuil, 1996; Editora Mulheres, 2000, p. 237.

poucas oportunidades de penetração e de estabelecimento de ligações. Além disso, a narrativa é frequentemente composta de monumentos fixados pelo mundo interior do viajante<sup>87</sup>.

Contudo, se por um lado, a escrita de um sujeito como Rocha Pombo – homem, intelectual e letrado – se diferencia da escrita das pessoas comuns<sup>88</sup>, esta não deixa de ser importante para pensar o autobiográfico, pois, conforme salienta Maria Teresa Santos Cunha, os diários podem ser analisados como escrita auto-referencial (ou escritas de si), “publicizados pelo historiador que os qualifica e os ressignifica como fonte/documento ainda.”<sup>89</sup> Além disso, conforme salienta Ângela de Castro Gomes, o significado do ato de escrever sobre a própria vida e a vida dos “outros ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno”<sup>90</sup>, ressaltando a relação do indivíduo moderno com seus documentos.

Carregada de sentimentos, a escrita de Rocha Pombo, evidenciando um ponto de vista, deixa transbordar seus temores e receios, uma vez que era a primeira vez que se aventurava a percorrer todo o Brasil, contribuindo no entendimento de que a viagem representou um marco em sua história de vida, dotando a experiência de uma excepcionalidade que a tornou digna de ser lembrada e contada. Defendo o entendimento, neste caso, de que se trata de uma escrita “auto-referencial”, numa construção de imagem de si, para si mesmo, e principalmente, para o outro<sup>91</sup>.

Em várias passagens do relato, a presença do medo de naufrágios e desastres similares, remete, também, à inexperiência do autor em relação ao mar, este estranho desconhecido:

Quando perdi de vista o Pão de Açúcar, senti alguma coisa como um vago terror, que me viesse de uma temeridade de que só agora me apercebo. Até agora, tudo fizera eu como quase maquinalmente, sem consciência do que fazia: desde o plano

<sup>87</sup> LEITE, Miriam Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1997, p. 30.

<sup>88</sup> HÉBRARD, Jean. “Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: A escrita pessoal e seus suportes”. In: MIGNOT, Ana Crystina Venancio, BASTOS, Maria Helena Câmara e CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgio do eu. Educação História, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 29-61. As pesquisas de Antonio Castillo Gómez também oferecem elementos para pensar as especificidades da escrita das pessoas comuns, o que utilizo como contraponto, pelo contraste, para pensar as nuances e particularidades da escrita de um intelectual. Ver: CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “Un archipiélago desconocido. Archivos y escrituras de la gente común”, *Archivamos*, 38, 2000, pp. 6-11; “De la suscripción a la necesidad de escribir”, In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (coord.). *La conquista del alfabeto*. Escritura y clases populares. Gijón: Trea, 2002; CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “Das mãos ao arquivo. A propósito das escritas de pessoas comuns”. *Percursos*, Florianópolis, v. 4, Nº 1, julho de 2003.

<sup>89</sup> CUNHA, Maria Teresa S. “Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro”.

Patrimônio e Memória (*UNESP. Online*), v. 3, 2007, p.2.

<sup>90</sup> GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 11.

<sup>91</sup> Conforme desenvolvido em: SILVA, Alexandra Lima da. “Paisagens interiores: escritas de si em notas de viagem”. In: Anais do IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica, 2010, São Paulo. 2010. v. 1. p. 1-15.

de viagem até o momento do embarque, andei como impelido de uma força que eu não sabia de onde me vinha. Dir-se-ia que não era eu quem deliberava<sup>92</sup>.

A escrita em Rocha Pombo, longe de ser um relato frio e impessoal, evidencia, em muitos momentos, um encontro com o “eu interior,” a partir do contato e descrição minuciosa do “outro”. Este modo de revelar sobre si, a partir do ato de ver e descrever o “outro”, na busca pela diferença, parece ajudar na construção da própria identidade do sujeito. A constituição de si, por sua vez, é atravessada pela imagem que os outros criam sobre o sujeito. Temos, neste caso, a preocupação em selecionar e reforçar as lentes e visões construídas pelo outro, como se pode notar no trecho abaixo:

Mas, por capricho do meu coração, destacarei para aqui ao menos alguns períodos do artigo publicado, na véspera da minha partida de São Luiz, no Ateniense. ‘O Rocha Pombo que encontramos (os membros da comissão que me fora visitar) foi completamente outro do que imaginávamos: amável e simpático velhinho, de uma simpleza encantadora que nos cativou de começo, ele sem nos conhecer ainda, pois era a primeira vez que lhe dirigíamos a palavra, convidou-nos com a lhanza de um perfeito cavalheiro a entrar para os seus aposentos (...)’<sup>93</sup>.

Ressalta ainda, que a viagem foi fruto de seu sacrifício pessoal, realizada graças à persistência e à existência de uma motivação e um desejo muito particular neste empreendimento uma vez “desde muito nutria eu o desejo de visitar o norte”, lamentando não ter sido isso possível antes de escrever a sua História do Brasil:

Tendo de resignar-me às circunstâncias que disso me privaram, só depois de concluído esse trabalho é que se me proporcionou o ensejo de realizar a minha velha aspiração. Não me arrependo, porém, desse sacrifício, si não de ter sido forçado a adiar até agora um empreendimento, sem cujos proveitos chego a não saber como é que pude dar conta antecipadamente de uma tarefa que só hoje é que eu devia ter tomado<sup>94</sup>.

Além de revelar-se como historiador preocupado com “as gentes e suas histórias”, tenta ao mesmo tempo, dar visibilidade à construção de si como homem simples, nascido pobre em uma pequena cidade, “mas a mim, um homem humilde, sem posição social. Sem tradições de família, sem títulos, nem coisa alguma— por que então, se me fizeram festas e honrarias?”<sup>95</sup>.

Ao “mostrar” o seu lugar de onde fala, reconstrói sua memória sobre si, remetendo-nos, em muita medida, à noção de “teatro da memória”, em que a escrita é interpretada enquanto palco onde ocorre encenação dos múltiplos papéis sociais e das temporalidades, mesmo que esta, não seja a intenção do sujeito em sua narrativa linear e coerente sobre si. A ideia de ilusão biográfica, conforme pontuada por Pierre Bourdieu, auxilia na compreensão da

<sup>92</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918, p. 20.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>95</sup> *Ibidem*, p. 270.

imagem que o intelectual paranaense projeta sobre si para o outro, evidenciando a viagem enquanto “um grande feito” em sua vida, repleta de sacrifícios. Em afirmações como essa: “desde muito nutria eu o desejo de visitar o norte”, Rocha Pombo tenta imprimir uma lógica de coerência ao lugar da viagem em sua trajetória de vida, uma vez que:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário<sup>96</sup>.

O relato das impressões e sensações da viagem, enquanto momentos de vida, passa também, pela seleção de certos acontecimentos significativos, “estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência”<sup>97</sup>.

O encontro do “norte” pelo homem do “sul”, ao mesmo tempo em que evidencia as diferenças, pode também, aproximar mundos aparentemente tão distantes, mas tão próximos em sua construção enquanto povo, na ótica do visitante. Povo este, constituído por gente simples e humilde, num esforço de aproximação que Rocha Pombo promove, trazendo à tona, o reencontro consigo mesmo, e com sua própria história, numa escrita de si, remetendo à produção de uma memória de si enquanto um homem que veio do povo, e que portanto, procura também, o reconhecimento e a legitimação junto a estes “homens simples do povo”.

Com relação ao lugar da viagem na vida de Rocha Pombo, temos a compreensão de que se tratou de um momento singular, “um período percebido como excepcional”<sup>98</sup> em sua existência, deixando marcas em sua trajetória profissional, sua produção intelectual e vida pessoal, pois, representou a realização de uma antiga aspiração. A produção acadêmica sobre Rocha Pombo tem recortado a experiência deste sujeito a alguns aspectos em separado, sem atentar, para os vários “eus” em simultâneo, e a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar, numa constante transformação da escrita e do próprio sujeito.

Nas palavras de Rocha Pombo, “os que fizeram o que eu fiz hão de trazer as mesmas impressões, os mesmos entusiasmos que eu trouxe, pois eu voltei do norte-si assim me posso exprimir muito mais brasileiro.”<sup>99</sup> Todavia, quais os significados da viagem na experiência

---

<sup>96</sup> BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV. 1996, p. 184.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 185

<sup>98</sup> De acordo com Ângela de Castro Gomes, fases específicas da vida “como viagens, estadas de estudo e trabalho, experiências de confrontos militares, prisão” podem ser percebidas como períodos excepcionais em uma vida, e que levam, muitas vezes as escritas de si. GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.* p. 18.

<sup>99</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.* 1918, p. 8.

dos sujeitos? Seriam os mesmos? Todos aqueles que viajaram para o norte, por exemplo, tiveram as mesmas impressões, os mesmos entusiasmos?

### 1.3 Outras viagens, relatos e viajantes

Filosóficas, literárias, míticas, científicas, compulsórias, filosóficas, religiosas, missionárias, migratórias, turísticas, amorosas. Homero, Camões, Caminha, Colombo, Vasco. Cartas, relatórios, fotografias, pinturas, diários. Uma prática, diferentes contextos e significados. Tenho por horizonte, analisar as peculiaridades da viagem de Rocha Pombo ao norte do Brasil, buscando-se contraponto com outras viagens e registros de outros viajantes.

Um dos entendimentos para a ideia de viagem remete a uma prática social repleta de sentidos e significados, que varia de acordo com o período, o lugar social de quem a pratica e suas motivações. Com intenções, motivações e periodicidades tão distintas, recorro, para efeito de análise, três grupos específicos de viajantes: os estrangeiros que visitaram o Brasil; os nascidos no Brasil e que viajaram para o exterior<sup>100</sup>; e os nascidos no Brasil que percorreram o país, sobretudo, o interior. Interessa-me, particularmente, o último grupo, sobretudo aqueles que percorreram as mesmas regiões que Rocha Pombo, especialmente nas primeiras décadas do século XX.

Para este panorama dos viajantes, são importantes as contribuições de estudos anteriores, além do mapeamento nas coleções e acervos nas instituições de guarda, com destaque para as análises produzidas a partir das coleções organizadas por Rubem Borba de Moraes, José Mindlin, dentre outros. Atualmente, a biblioteca pessoal de Mindlin pertence à Universidade de São Paulo (USP), consistindo em cerca de quinze mil títulos, dentre os quais, obras de literatura brasileira (e portuguesa), relatos de viajantes, manuscritos históricos e literários (originais e provas tipográficas), periódicos, livros científicos e didáticos, iconografia (estampas e álbuns ilustrados) e livros de artistas (gravuras). Por sua vez, boa parte do acervo doado por Mindlin pertence a outro bibliófilo, Rubens Borba de Moraes, cuja biblioteca foi guardada por Guita e José Mindlin desde a sua morte.<sup>101</sup> Além do que, há outras instituições que abrigam os ditos livros de viagens, dentre as quais cito o acervo da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, que abriga as edições originais de alguns

---

<sup>100</sup> É importante atentar, que não estamos falando aqui em “brasileiros”, uma invenção que não se aplica a todos os períodos abordados, superficialmente, no presente estudo.

<sup>101</sup> Apurado em <http://www.usp.br/prc/bbm/> [Consulta realizada em 10/10/2010].

viajantes estrangeiros, como Thevel Léry, Barleus, Debret, Rugendas, Spix e Martius<sup>102</sup>; o Museu Imperial de Petrópolis, que possui a coleção de livros de viajantes estrangeiros, durante os séculos XVIII e XIX;<sup>103</sup> além da Biblioteca Nacional, que possui mais de 600 títulos de obras de viajantes espalhadas pelos seus diversos setores.<sup>104</sup>

Acompanhando os caminhos de outros pesquisadores da temática, é possível compreender a importância das coleções e acervos pessoais no estudo dos relatos dos viajantes que percorreram o Brasil:

Na década de 70, tive muito auxílio de coleções organizadas por Rubem Borba de Moraes, Sergio Milliet, José Mindlin, Affonso d'E Taunay e da bibliotecária do Instituto de Estudos Brasileiros Rosemarie Érika Horch. Tentei utilizar as traduções existentes e consegui traduções de minha mãe e do colecionador Paulo Berger<sup>105</sup>.

José Mindlin explorou suas coleções a respeito dos livros de viajantes, e construiu uma importante referência para se compreender a temática numa longa duração, abarcando as viagens, registros e viajantes dos séculos XVI ao XIX. Para o bibliófilo, a própria noção de viajante é de difícil definição, pois não é muito precisa, destacando a diversidade em relação aos estrangeiros, uma vez que “alguns vieram para o Brasil por curiosidade, ou a negócios, descrevendo depois, em seus países de origem, o que encontraram de notável ou de exótico.”<sup>106</sup>

Nesse amplo mosaico de experiências, Mindlin considera que o primeiro viajante a escrever sobre o Brasil foi Pero Vaz de Caminha, mesmo que a carta somente tenha sido publicada em 1817, na *Corografia Brasílica* de Ayres do Casal, editada pela Imprensa Régia. Em relação aos viajantes do século XVI destaca, dentre outros, Hans Staden, viajante alemão, que publicou seu relato sobre a viagem ao Brasil em 1557; André Thevet e Jean de Lery, padres franceses que acompanharam a invasão francesa de 1555. De certa forma, a partir do século XVI, “o missionarismo ideológico que ajuda a entender os objetivos mais intangíveis das viagens acompanhará as incursões de vários outros cronistas pelas terras e pelas letras brasileiras, então nascentes para o mundo ocidental”.<sup>107</sup> De acordo com as análises de José

<sup>102</sup> Apurado em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/acervos/index.php?p=7957> [consulta realizada em 10/12/2010]

<sup>103</sup> Cf. [www.museuimperial.gov.br/portal/biblioteca.html](http://www.museuimperial.gov.br/portal/biblioteca.html) [consulta em 10/12/2010]

<sup>104</sup> MARIUZZO, Patrícia & MELLO, Sueli. “Acervos permitem conhecer viajantes”. In: *Revista Com Ciência*, Dossiê Viagens. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=14&id=127>, [consulta realizada em 23/09/2010].

<sup>105</sup> Entrevista de Miriam Moreira Leite concedida à Revista Com Ciência, disponível para consulta em: <http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=entrevista&edicao=14> [consulta em 10/12/2010]

<sup>106</sup> MINDLIN, José. “Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, nº7, 1991, pp. 35-54.

<sup>107</sup> VOGT, Carlos. “Viagem pelas crônicas”. In: *Revista Com Ciência*. <http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=entrevista&edicao=14> [ consulta em 10/12/2010]



Mindlin, o volume de viajantes no século XVII foi maior que no século XVI, onde destaca em seu texto, panoramicamente, alguns. O padre irlandês católico Richard Fleckno, por exemplo, viajou pela Europa, Ásia, África e América, publicando seu relato por volta de 1656; a viagem de circunavegação de Olivier van Nort, contendo importantes gravuras do Rio de Janeiro. José Mindlin pondera que uma importante fonte para aprofundamento do assunto é “a *Bibliographia Brasiliana*, de Rubens Borba de Moraes, publicada em 1983 pela Universidade da Califórnia e Livraria Kosmos, do Rio de Janeiro”.<sup>108</sup>

Uma importante análise que ajuda a compreender e situar a diversidade dos olhares dos viajantes estrangeiros no período colonial é a obra *Andanças pelo Brasil Colonial: catálogo comentado (1503-1808)* de Ronald Raminelli e Jean Marcel de Carvalho França, pois traça um painel das narrativas de franceses, britânicos, alemães, holandeses e espanhóis, em que “as descrições do Brasil contidas em tais escritos sustentaram-se sobre a oposição entre uma terra rica, pródiga e bela e um povo, desde muito cedo, corrompido, indolente, inculto, enfim, indigno de ser o senhor de uma terra tão auspiciosa.”<sup>109</sup>

Durante o século XIX, a ciência passa a ser vista como um dos principais sinais distintivos dos povos e do estado de civilização, o que vai se manifestar também, nas viagens, pois os viajantes se especializam nos diferentes ramos, como botânica, farmacêutica, astronomia, história natural, diferente do que acontecia nas primeiras viagens. Além do que, o colecionismo de plantas, insetos e animais já era, desde o século XVII, uma atividade comum na Europa, que se consolidou também, graças às viagens às terras da América, por exemplo.

Os visitantes do Brasil durante o século XIX eram comerciantes, mineradores e outros homens de negócio, como os ingleses John Mawe (1764-1829) e John Luccock; nobres, diplomatas, militares e funcionários de governo, que moraram ou passaram pelo país em missão oficial; cientistas, integrantes das inúmeras expedições que percorreram o país nesse período; pintores e paisagistas. Além destes, um grupo pequeno, porém importante, foi o de educadores<sup>110</sup>, “como as governantas, que viveram em casas de famílias abastardas,” e produziram relatos. Maria Graham publicou suas experiências em um diário, e Ina Von

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>109</sup> RAMINELLI, Ronald e FRANÇA, Jean Marcel de Carvalho. *Andanças pelo Brasil Colonial: catálogo comentado (1503-1808)*. São Paulo: Unesp, 2009. Com relação aos “conquistadores” da América Hispânica e América Portuguesa, ver: GONZALEZ SÁNCHEZ, Carlos. *Op. Cit.*

<sup>110</sup> A respeito da presença das preceptoras, ver: VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. “Vozes femininas do Oitocentos: o papel das preceptoras nas casas brasileiras”. In: LOBO, Yolanda; FARIA, Lia(orgs). *Vozes femininas do império e da república. Brasil e Portugal*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008. v. 1. 312 p. Especificamente sobre mulheres viajantes, ver: GUARDIA, Sara Beatriz. *Viajeras entre dos mundos*. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

Binzer<sup>111</sup>, que publicou sua correspondência pessoal. Há ainda, casos de educadores que empreenderam viagens de estudo. “Houve alguns que o fizeram isoladamente, com o propósito de auto-aperfeiçoamento, enquanto outros chegaram a formar uma Sociedade de Estudos, num navio equipado adequadamente para tal fim”<sup>112</sup>.

Desse modo, os princípios da ciência, do colecionismo, da história natural, influenciaram aqueles que saíam do Brasil para estudar na Europa, sobretudo em Coimbra, como também, os estrangeiros que vieram estudar e trabalhar em instituições do Brasil. Miriam Moreira Leite considera que muitos naturalistas-viajantes foram forneceram importantes contribuições ao desenvolvimento da ciência no Brasil, destacando os nomes de Karl Frederick Von Martius (1782-1867) e o príncipe Maximiliano Von Neuwied (1794-1868)<sup>113</sup>.

Ademais, com respeito às viagens do período em questão, muitos estudiosos da temática consideram a estreita relação entre as políticas de colonização e imperialismo como parte deste processo:

Todos os estudos são unânimes em apontar que as viagens dos séculos XVIII e XIX estão intimamente relacionadas com o imperialismo do mesmo período, mesmo as que possuem todo um discurso de isenção científica. As viagens participam do que Pratt (1999) chamou de uma nova consciência global que a Europa adquire nesse período<sup>114</sup>.

Já em princípios do século XX, a conotação do viajar era distinta das vivenciadas no XIX. O exemplo do inspetor espanhol Don Leopoldo D’Ozouville de Bardou y Cuz Alvarez, com seu livro *Un viaje al Brasil*, publicado em 1916 pelo Conselho Superior de Emigração da Espanha, é uma experiência que possibilita pensar sobre as diferentes motivações deste contexto de décadas iniciais do século XX e do caráter negativo que muitos estrangeiros produziram sobre o Brasil nesse momento, período bastante próximo ao da viagem realizada por Rocha Pombo<sup>115</sup>.

A travessia empreendida por Leopoldo D’Ozouville fora realizada em 1912 e tinha por missão, inspecionar a situação dos trabalhadores espanhóis nos estados do Pará e

<sup>111</sup> A este respeito, ver: XAVIER, Libânia; CANEN, Ana. “Multiculturalismo, memória e História da Educação: reflexões a partir do olhar de uma educadora alemã no Brasil Imperial”. In: MIGNOT, Ana C., BASTOS, Maria Helena C., CUNHA, Maria Teresa Santos. (Org.). *Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica*. 1ªed. Florianópolis: Mulheres, 2000, v., pp. 63-80.

<sup>112</sup> LEITE, Miriam L Moreira. *Op. Cit.*, p. 20.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 210.

<sup>114</sup> PIRES, João Ricardo Ferreira. *Notas de um Diário de Viagem a Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II (1881)*. Dissertação de mestrado em História UFMG, 2007, p. 44.

<sup>115</sup> A este respeito, apresentei o trabalho: “Viajar para inspecionar: Leopoldo D’Ozouville e o norte do Brasil”. In: *VIII Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos*. História, Mito e Literatura: viajantes europeus na América do Sul, 2011, Porto Alegre. *Livro de resumos: história, literatura e mito: viajantes europeus na América do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

Amazonas, nas zonas da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Tal relatório teria por missão verificar se tais estados da região norte do Brasil estariam ou não, preparados para receber o trabalhador europeu.

Apresentados como memória na Terceira Seção do Conselho Superior de Emigração da Espanha de 1915, os escritos de Leopoldo mereceram publicação em 1916, uma recompensa aos bons serviços prestados e em função da importância do trabalho produzido pelo mesmo, que estruturado em 25 capítulos, inicia-se com as “Instruções recebidas”, consistindo na transcrição das recomendações anteriores à viagem, feitas pelo presidente da Seção, Manuel Gonzáles Hontoria, do Conselho Superior de Emigração da Espanha.

Das recomendações anteriores à visita, deveria, dentre outros aspectos: visitar os centros que recebiam espanhóis; conversar com os trabalhadores, colhendo informações a respeito das condições de trabalho, tratamento recebido; tomar nota das reclamações feitas pelos trabalhadores, deixando cópia escrita das queixas junto ao Consulado de Belém.

Escrito em primeira pessoa, ao mesmo tempo em que buscava colher informações a respeito das condições de vida dos trabalhadores espanhóis, o relato do inspetor traçava olhares e construía sentidos em relação aos estados visitados, onde afirmava que *de sobre* “sabía yo que mi excursión por los estados de Pará, Amazonas y Mato Grosso distaba mucho de ser un viaje de placer”. O inspetor indicava ainda, a força para enfrentar as dificuldades da jornada, uma vez que “me sentía con suficientes alientos para vencer cuanta dificultad material pudiera interceptarme el paso”<sup>116</sup>.

Conferindo especial atenção aos aspectos naturais e geográficos dos estados do norte, o Pará é retratado em função da densidade populacional, seus principais rios, serviços de comunicação e transporte. Dedicava todo o capítulo IV aos aspectos referentes à saúde na capital Belém, com ênfase às doenças como paludismo, febre amarela, beribéri, tuberculose. Para o visitante, a temperatura e a umidade das regiões equatoriais “reconocen todas las eminencias médicas que son las más aptas para la reproducción de los microbios del paludismo y de los elementos transmisores”<sup>117</sup>. De acordo com o relato do viajante, “en mis excursiones fluviales he tropezado con muchas personas amarillentas, lívidas, de debilidad y delgadez realmente inconcebibles, que veían en Belém la Meca de sus supremas aspiraciones de moribundos”<sup>118</sup>.

---

<sup>116</sup> CRUZ ALVAREZ, Leopoldo D’Ozouville de Bardou. *Un viaje al Brasil. Información acerca de la situación de los emigrados españoles en los estados de Pará, Amazonas y zona de trabajos del ferrocarril de Madeira-Mamoré*. Publicaciones del Consejo Superior de Emigración. Madrid, 1916, p. 16.

<sup>117</sup> CRUZ ALVAREZ, Leopoldo D’Ozouville de Bardou. *Op. Cit.*, p. 69.

<sup>118</sup> *Idem*.

Na ótica do inspetor, o problema do paludismo residiria em muitas razões, porém, a principal seriam as precárias condições de vida da população do interior, que por viver às margens do rio, seria mais vulnerável as muitas doenças. Ressalta ainda que, “existen ríos, como por ejemplo el Madeira, que basta penetrar en ellos para que la mayoría de las personas, así extranjeras como indigenas, se vean súbitamente atacadas de paludismo”<sup>119</sup>.

O inspetor tenta argumentar que a maioria dos óbitos, contudo, ocorreria na própria capital paraense, contrariando os que, no intuito de atrair os estrangeiros, afirmariam ser este um problema apenas dos locais mais afastados. Deste modo, o visitante inspetor procura fazer um alerta aos compatriotas espanhóis no sentido de que estes não se expusessem aos perigos da região norte do Brasil, sobretudo, em função de tais doenças. Para Leopoldo D’ Ozouville, também aos governantes da Espanha caberia a missão de evitar a saída tendo como destino o norte do Brasil:

Y aun suponiendo que los inmigrantes españoles fueran los europeos predilectos en el estado de Pará(...) no serían suficientes los peligros apuntados para que nuestros gobernantes evitaran, por cuantos medios dispusieran, que nuestros crédulos y alucinados emigrantes se dirigieran a tan inhospitalarios parajes?<sup>120</sup>

Com relação ao estado do Amazonas, o viajante espanhol tece considerações sobre o clima, rios, cidades e população, sendo este estado contudo, “más insalubre, si cabe, que el de Pará; por lo menos en la capital de este último ya se há dicho qe se observan los preceptos higiênicos más modernos, mientras que en Manaus la higiene es desconocida”<sup>121</sup>.

Haveria na capital amazonense grande abandono no tratamento da febre amarela, onde não se utilizariam as mais elementares precauções para evitar a propagação da enfermidade. Em tom de denuncia, comenta ser habitual a falta de cuidados nas casas e quartos dos doentes, onde também, “los cadáveres no se aíslan ni se practican desinfecciones en las casas mortuarias, y los sepelios tienen lugar cuando los disponen las familias o amigos de los falecidos”<sup>122</sup>.

Se por um lado, muitos foram os estrangeiros que visitaram as terras do Brasil desde o século XVI, o movimento de “olhar para fora”, para o outro, também foi praticado pelos nascidos no Brasil. De acordo com as premissas de José Murilo de Carvalho, por exemplo, aqueles que “quisessem e pudessem” seguir curso superior tinham que viajar a Portugal, para estudar na consagrada Universidade de Coimbra, pólo difusor dos muitos viajantes

---

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 70.

<sup>120</sup> *Ibidem*, p. 73.

<sup>121</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>122</sup> CRUZ ALVAREZ, Leopoldo D’Ozouville de Bardou. *Op. Cit*, 147.

naturalistas que por aqui desembarcaram<sup>123</sup>. A viagem, deste modo, é concebida como privilégio de poucos e prática de distinção social:

De fato, a produção escrita relacionada à viagem entre brasileiros é esparsa até o final do século XIX quando aumenta grandemente. Certamente, até os oitocentos, a viagem não era uma prática rotineira e se restringia, muitas vezes, à conclusão dos estudos em Coimbra. No entanto, no século XIX, vai-se tornando cada vez mais frequente, devido à difusão do hábito de viajar e à existência de condições mais favoráveis ao viajante no mundo, com a melhora das estradas, o progresso dos meios de transporte e o aperfeiçoamento da hotelaria. Viajar torna-se, então, moda<sup>124</sup>.

Muitos destes viajantes representavam o Brasil em missões nos países europeus, desempenhando uma “função pedagógica, pois, vivendo fora de seu país, por um motivo ou por outro, escreviam sobre o Brasil dirigindo-se a seus compatriotas. Foi, por exemplo, o caso de Gonçalves de Magalhães e o grupo da Nicheroy, ou ainda, de Varnhagen”<sup>125</sup>.

Algumas instituições, por sua vez, promoviam por meio de concursos e premiação, a viagem de estudantes ao exterior. Este era o caso, por exemplo, da Imperial Academia de Belas Artes, pois, durante o século XIX, “a viagem à Europa desempenhou, desde o início, um papel estratégico: permitia que os aspirantes à carreira artística se defrontassem com as obras e os ensinamentos dos ‘grandes mestres’”.<sup>126</sup> Se até meados do século XIX, Roma era a capital preferida dos estudantes, a partir de então, o interesse desloca-se progressivamente para Paris, pois esta concentrava escolas de renome, como a École dès Beaux-Arts (EBA), a Académie Julian, instituição privada que recebeu grande parte dos artistas do Brasil entre fianais do século XIX e inícios do século XX, o Museu do Louvre, além do Salon anual. Dentre os artistas vindos do Brasil que estudaram na École dès Beaux-Arts, merecem destaque Almeida Júnior (em 1878); Pedro Américo (em 1863); Rodolfo Amoedo (em 1899); Lucílio de Albuquerque (em 1910) e sua esposa, Georgina de Albuquerque (em 1910), “a única mulher compatriota a vencer as exigentes provas de ingresso no período estudado”<sup>127</sup>.

Além das questões acima explicitadas, outros aspectos devem ser levados em conta na compreensão do viajante que saía do Brasil, para os países do exterior. Os estudos na área de História da educação, por exemplo, vêm contribuindo significativamente para pensar a importância das viagens, para a formação docente, a circulação de modelos pedagógicos, a

<sup>123</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 23.

<sup>124</sup> SANTOS, Claudete Daflon dos. “Viajantes e intelectuais: em se falando de brasileiros”. In: *Revista Semear*, 10, PUC-Rio. Disponível em: [http://www.letras.puc-rio.br/cateDr.a/revista/10Sem\\_15.html](http://www.letras.puc-rio.br/cateDr.a/revista/10Sem_15.html)

<sup>125</sup> DIAS, Tania. “Cenas femininas na América: nota sobre o Diário de Hipólito José da Costa.” In: SUSSEKIND, F, DIAS, T. AZEVEDO *Vozes femininas. Gênero, mediações e práticas de escrita*. C. Rio de Janeiro: 7Letras/Casa Rui Barbosa, 2003, p. 87.

<sup>126</sup> SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. “A viagem a Paris de artistas brasileiros no final do século XIX”. In: *Tempo Soc.* vol.17 nº.1 São Paulo, Jun- 2005.

<sup>127</sup> SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Op. Cit.*, p. 2.

difusão de livros e teorias educacionais, enfim, o intercâmbio, a troca, de saberes práticas pedagógicas. Neste sentido, tais estudos cada vez mais, trazem à tona experiências enquanto viajantes de sujeitos plurais: “professores, diretores de escola, inspetores de ensino, médicos, bacharéis, jornalistas, religiosos e políticos envolvidos com projetos educacionais.”<sup>128</sup>

Além do olhar para fora, o interior também era alvo e interesse de muitos viajantes. Nesse sentido, uma figura emblemática do período imperial experimentou os dois lados da moeda: ser visitante em diferentes países e também, em seu próprio país. Trata-se de D Pedro II, considerado por muitos, “um grande estudioso de culturas”, realizou muitas viagens ao longo de sua vida. Foram três viagens para o exterior ( a partir da década de 1870) e outras tantas para o interior do país durante o império. Existiriam, por sua vez, dois tipos de viajantes em D. Pedro II, o maravilhado, quando olhava para fora; e o funcional, quando olhava para dentro, o interior do próprio país.<sup>129</sup> Além do que, as viagens ao interior “eram um ato político, uma estratégia de poder espacial que busca a manutenção de uma determinada imagem do Império e do Imperador, que procura servir de anteparo à montante de críticas ao governo imperial.”<sup>130</sup> Contudo, se por um lado, as diferenças nas motivações e funções entre as viagens para o exterior e interior devem ser consideradas, por outro lado, há também, pontos comuns nesta prática, na experiência de D Pedro II, como ressalta José Murilo de Carvalho:

[...] a marca registrada de todas as suas viagens, no Brasil e no exterior, com o devido registro no diário: visitas a igrejas, conventos, hospitais, fábricas, cemitérios, escolas, prisões, quartéis. Em cada local, anotava as condições dos prédios, a situação do pessoal, a qualidade da administração, a eficiência do administrador. Em instituições de caridade fazia doações, também do próprio bolso<sup>131</sup>.

Esta marca é importante de ser ressaltada porque pode ter influenciado ou inspirado outros viajantes posteriores a D. Pedro II. No caso de Rocha Pombo, além de ter visitado as mesmas regiões do imperador, também tinha por prática registrar suas visitas às instituições similares, tais como escolas, casas de correção, dentre outras. Preocupo-me, no presente estudo, em esmiuçar e explicar as diferenças e aproximações ou não entre as duas realidades históricas.

<sup>128</sup> GONDRA, José & UEKANE, Mariana. “Lição que vem de fora”. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 01/04/2009.

<sup>129</sup> PIRES, João Ricardo Ferreira. *Op. Cit.*, p. 21.

<sup>130</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>131</sup> CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 139. (Apud: PIRES, João Ricardo Ferreira). *Op. Cit.*, p. 35.

Por um lado, o olhar estrangeiro teve importância no processo de formação do brasileiro, “ensinando-lhe a ver-se a si mesmo como povo e a sua terra como pátria.”<sup>132</sup> Contudo, como o visitante estrangeiro era visto? Que viajantes estrangeiros percorreram o Brasil? Qual o papel do viajante nascido no Brasil, e que viajou pelo seu próprio país nesta (re) construção?

De acordo com Flora Sussekind, o visitante estrangeiro era visto como figura modelar para Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Joaquim Nabuco e Pereira da Silva, na comédia de costumes brasileira do século XIX, o viajante do exterior era retratado como trapaceiro, espoliador, figura pouco confiável.<sup>133</sup> A autora ainda destaca que visitar o país, observar sua flora, fauna e povo não eram tarefas apenas do viajante estrangeiro, que muitas vezes, definia o Brasil. Este era um papel também atribuído aos escritores e pesquisadores do período: “e se, ao contrário do que se poderia prever, não chega a haver uma proliferação de relatos de viagem escritos por brasileiros então, esta exigência de descrições e classificação passa a direcionar o ponto de vista dos poetas.”<sup>134</sup>

Este movimento de olhar para si, para o interior, parte também das reflexões da intelectualidade no sentido de abarcar a especificidade deste povo e nação que se forjavam, através de diferentes ações, sendo uma delas, as viagens interiores, para redescobrir os povos, gentes e cores do Brasil, para a produção de narrativas próprias acerca da constituição do povo e da nação, no firmamento do sentimento nacional e de brasilidade. Euclides da Cunha. Rondon. Oswaldo Cruz. Roquete Pinto.<sup>135</sup> Estes são alguns dos que realizaram viagens ao interior do país. Se para muitos que viajaram para exterior nos idos do século XIX, dentre outros aspectos, a viagem poderia representar status, distinção social, formação, estudos, as viagens ao interior do país empreendidas nas duas primeiras décadas do século XX tinham conotações diferenciadas.

Euclides da Cunha, por exemplo, foi designado chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus. Entre 1905 e 1906, percorreu a Amazônia para tratar os problemas de fronteira no norte do país, sendo o autor obrigado a estudar exaustivamente a temática antes da viagem. Além do que, Euclides objetivava, ao término da jornada, publicar

<sup>132</sup> DIAS, Tania. “Cenas femininas na América: nota sobre o Diário de Hipólito José da Costa.” In: SUSSEKIND, F, DIAS, T. AZEVEDO, C. *Op. Cit.*, 2003, p. 87.

<sup>133</sup> SUSSEKIND, Flora. *Op. Cit.*, p. 50.

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>135</sup> Neste sentido, ver: LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado. Brasil: intelectuais, sertanejos e imaginação social*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997; LIMA, Nísia Trindade. “A cidade descobre o sertão: notas sobre a viagem de Roquette-Pinto a Rondônia e a dos médicos Arthur Neiva e Belisário Penna ao Brasil Central.” In: ALMEIDA, Marta de; VERGARA, Moema de Rezende. *Ciência, história e historiografia*. São Paulo, Via Lettera, 2008, pp.139-160.

um livro, *Um paraíso perdido*, além de ter produzido muitos relatórios técnicos, anotações de leituras, dentre outros<sup>136</sup>.

Tendo viajado a Paris em 1896 para estudar no Instituto Pasteur, o sanitarista Oswaldo Cruz<sup>137</sup> promoveu junto a sua equipe inúmeras expedições científicas ao interior do Brasil. Dentre as missões sanitárias, destaco a investigação de Carlos Chagas, em 1907, a Minas Gerais; e as demoradas viagens médico-sanitárias, ocorridas a partir de 1911, dentre as quais destacam-se três. As realizadas pelo médico Astrogildo Machado, que junto a uma equipe composta por fotógrafos, engenheiros, etc, percorreu os vales do São Francisco e do Tocantins; as viagens patrocinadas pela Inspetoria de Obras contra as Secas, em 1912, nas quais “Arthur Neiva e Belisário Penna percorreram o norte da Bahia, o sudeste de Pernambuco, o sul do Piauí e Goiás de norte a sul”, e ainda em 1912, em que Astrogildo Machado, em companhia de Adolpho Lutz percorreu o rio São Francisco até Juazeiro.<sup>138</sup>

Outra viagem expedicionária de início do século XX foi a liderada por Cândido Rondon, que em 1907 lidera a Comissão Estratégica de Instalação de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas, sendo concluída em 1915, imbuídos da missão de “ocupar os espaços vazios, torná-los produtivos, ordenar sua ocupação, povoar com a população adequada, levar a presença do poder e tornar palpável a idéia de nação e de República até os confins do território ‘nacional’.”<sup>139</sup>

Na perspectiva de Arthur Torres Caser, as dificuldades da viagem eram muitas, predominava o medo do desconhecido nestas viagens de ocupação do sertão, uma vez que:

até aquele momento, não havia caminhos ou ligações terrestres entre as zonas litorâneas e os pontos mais afastados das regiões norte e noroeste do país. Para atingi-las, era preciso realizar uma longa viagem por vias fluviais, seguindo um itinerário que passava pela foz do Rio Prata, contornava o sul do Brasil, passava pela Argentina, pelo Uruguai e pelo Paraguai. Além disso, nesse período a própria noção de ‘território brasileiro’ era bastante problemática. Não se dispunha de mapas detalhados sobre boa parte do território nacional e os limites das fronteiras do país ainda não estavam totalmente definidos<sup>140</sup>.

Em parceria com a Comissão Estratégica de Instalação de Linhas Telegráficas, o Museu Nacional envia ao norte do Mato Grosso, em 1912, o antropólogo Edgard Roquete

<sup>136</sup> SANTANA, J. C. B de. *Euclides da Cunha e a Amazônia: visão mediada pela ciência*. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol VI, 901-917, set. 2000.

<sup>137</sup> Conforme visto em [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_b\\_oswaldo\\_cruz.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_oswaldo_cruz.htm) [Consulta realizada em 10/01/2011]

<sup>138</sup> MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de; PIRES-ALVES, Fernando. “Expedições científicas, fotografia e intenção documentária: as viagens do Instituto Oswaldo Cruz (1911-1913)”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009, pp.139-179.

<sup>139</sup> MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um Fio. Caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*. São Paulo: Educ/FAPESP, 1998, pp. 176-177.

<sup>140</sup> CASER, Arthur Torres. *O medo do Sertão: doenças e ocupação do território na comissão de linhas telegráficas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915)*. Rio de Janeiro: s.n. 2009, p. 74.



Pinto, por sua vez, recém-chegado de viagem de cinco meses ao continente europeu. O exercício da viagem ao sertão possibilitava ao antropólogo, o contato direto com o campo, a população indígena, dentre outras questões<sup>141</sup>.

Por fim, dentre alguns dos viajantes das duas primeiras décadas do século XX, que a exemplo de Rocha Pombo, se interessavam pelo “Brasil interior”, cito o caso Mário de Andrade. Em 1919, Mário realizou sua primeira grande viagem, visitando as cidades históricas, “ao barroco mineiro, passando pela casa de Alphonsus de Guimaraens, em Mariana, a quem justifica o peregrinar. Preparava-se para futuras conferências, estudava”,<sup>142</sup> no que então, começa a descobrir o Brasil. A partir de então, Mario de Andrade empreendeu outras viagens ao Brasil. Em 1924, realizou a *Viagem da Descoberta do Brasil*, na companhia de seus amigos modernistas, e a “viagem etnográfica”, ao Nordeste do Brasil, entre 1928-29<sup>143</sup>.

#### 1.4 A bagagem de ida: as vivências anteriores à travessia

No auge de seus 60 anos, em uma vida junto às letras, ao magistério e à luta na tentativa de legitimação e afirmação no campo intelectual. De que maneira, as escolhas e os caminhos vividos anteriormente, contribuíram para a compreensão dos significados da viagem em sua trajetória? Que memórias foram construídas sobre o intelectual?

---

<sup>141</sup> Para maiores aprofundamentos, ver: LIMA, Nisia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República”. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, pp. 23-40.

<sup>142</sup> Cf. LOPEZ, T. A. “As Viagens e o fotógrafo”. In: ANDRADE, Mario de. *Mario de Andrade: Fotógrafo e Turista Aprendiz*. São Paulo: IEB, 1993.

<sup>143</sup> Cf. [http://www.releituras.com/marioandrade\\_bio.asp](http://www.releituras.com/marioandrade_bio.asp) [Consulta em 10/12/2010]

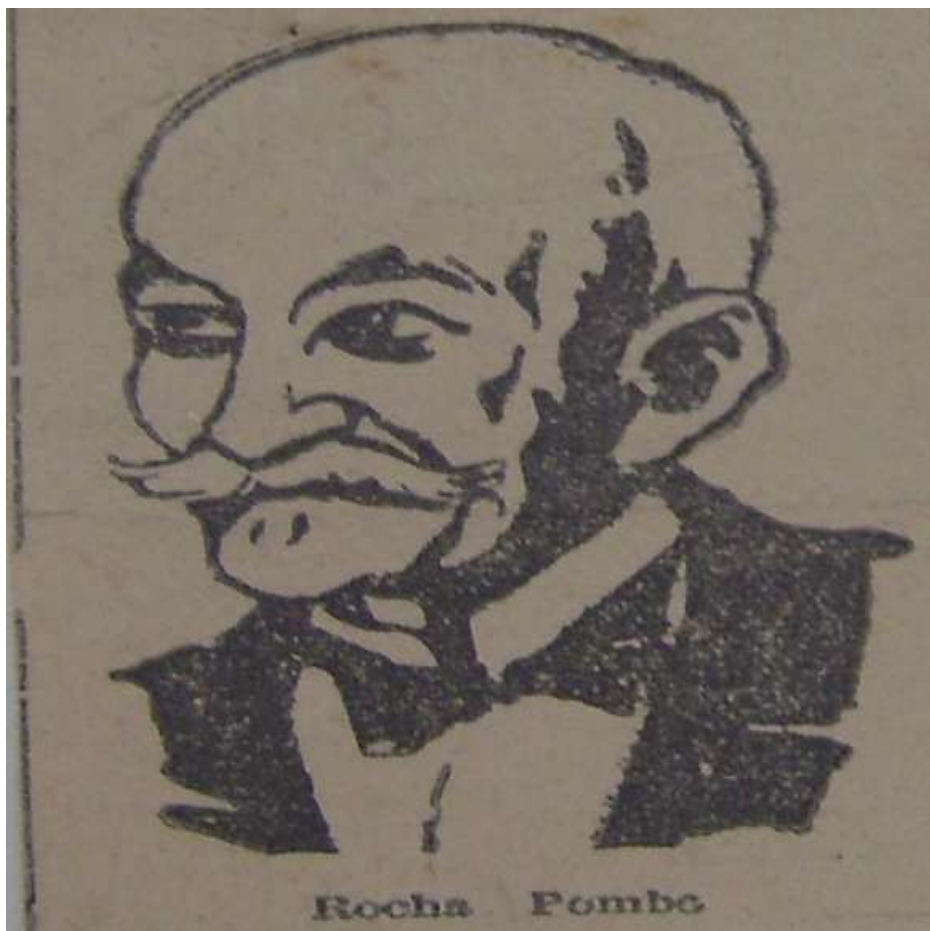


Figura 4. Rocha Pombo. Fonte: Jornal *A Nação*, Rio de Janeiro, 27/06/1933.

Para adentrarmos nos caminhos vividos por Rocha Pombo até a realização da viagem, nos idos de 1917, faremos uso dos registros e pegadas deixadas por ele,<sup>144</sup> bem como, alguns estudos biográficos,<sup>145</sup> cartas,<sup>146</sup> obituários,<sup>147</sup> periódicos,<sup>148</sup> elaborados por outros e que

<sup>144</sup> Refiro-me aqui, aos prefácios dos livros escritos por Rocha Pombo, que possibilitam vislumbrar os sentidos que o próprio sujeito atribuiu ao seu processo de inserção no mundo das letras, no magistério e no jornalismo, principalmente, nos tempos vividos no Paraná, na juventude.

<sup>145</sup> A este respeito, cito: AMARAL, Julio. *Rocha Pombo e a História do Brasil*. Ceará: Typ. Minerva –Assis Bezerra, 1925; GARCIA, Rodolfo. “Rocha Pombo”. In: “Autores e Livros”, suplemento literário de *A Manhã*. Rio de Janeiro, vol. 5 de março de 1944 VI, nº 8; PILOTO, Valfrido. *Rocha Pombo*. Biografia. Curitiba, 1953; MACHADO, Brasil Pinheiro. “Rocha Pombo”. In: *Paraná no centenário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987; CARDIM, Elmano. *Rocha Pombo: o escritor e o historiador*. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 1958; QUELUZ, Gilson. L. *Rocha Pombo - Romantismo e Utopias*. (1880/1905). Curitiba: Ed. Aos Quatro Ventos, 1998.

<sup>146</sup> Foram analisadas no presente trabalho, cartas em que Rocha Pombo era o remetente ou, a pessoa citada, o assunto principal da carta escrita por uma terceira pessoa, localizadas em duas instituições de pesquisa do Rio de Janeiro, a saber: Fundação Biblioteca Nacional e Fundação Casa de Rui Barbosa. A periodicidade das cartas varia de 1898 até 1924.

<sup>147</sup> Publicados em periódicos diversos em junho de 1933, por ocasião da morte do autor, onde podemos analisar aspectos relacionados à vida pessoal e profissional de Rocha Pombo, defesas, projetos.

<sup>148</sup> Um exemplo de periódico dedicado à memória da Rocha Pombo foi o número 36 da *Revista Rumo Paranaense*, criada por Ali Bark, que ano de 1977 contava com os seguintes colaboradores e artigos sobre Rocha Pombo: “Rocha Pombo, um mestre inato”, por Ali Bark; “O espírito vanguardista de Rocha Pombo”, de Valfrido Piloto; “Rocha Pombo, vero historiador”, por M Paulo Filho; “O maior historiador do Brasil”, por Carlos Maul;

ajudam a mapear diferentes memórias e olhares traçados sobre o intelectual paranaense, que iniciou sua atividade profissional aos 18 anos, “quando começou a lecionar para as crianças humildes do Anaia”<sup>149</sup>.

Ainda no Paraná se dedicou ao magistério e ao jornalismo, tendo sido proprietário do Jornal *O povo* de Morretes, Província do Paraná (1880), no qual não obteve muitos êxitos; editor do *Echo dos Campos*: semanário consagrado aos interesses gerais da província (1883); redator do *Diário Paranaense* (1887) e colaborador de *O Cenáculo* (1890). Publicou alguns livros de contos, poesias e ensaios, dentre os quais destaco *A honra do barão*; *Petrucello*; *A supremacia do ideal* (Estudo sobre educação); *Dadá*; *A religião do belo*; *Visões*; *A Guairá*; *Marieta*. Até 1896, suas obras transitavam no romance, poesia, contos. Além dos usos da palavra escrita e do impresso, ocupou o cargo político de Deputado pelo Paraná, e em 1892, idealizou o projeto de criação de uma universidade para o seu estado natal, onde:

Conseguiu ele o terreno no antigo largo e hoje Praça do Ouvidor Pardinho. Lançou a pedra fundamental do edifício. Fez ali construir depósito e reuniu material. Organizou estatutos, regulamentos, programas. Tomou para as primeiras despesas, empréstimo de oito contos de réis. (...) Sua ideia, no entanto, era demais para o ambiente, e incômoda para a má política. Essa fatalidade condenaria o idealista e sonhador a tombar sobre os seus materiais, os seus estatutos e programas, e as suas dívidas<sup>150</sup>.

Para muitos de seus estudiosos, Rocha Pombo teria sucumbido em sua experiência de proprietário de prelos e jornais, sem êxito na vida política, contraindo inclusive, muitas dívidas no projeto derrotado da criação da Universidade do Paraná. De acordo com Névio de Campos, Rocha Pombo utilizava a militância política em prol das causas republicana e abolicionista, sendo que os desafetos advindos desta atuação:

tiveram impacto para a não efetivação de seu projeto universitário, ou seja, o fato desse intelectual estabelecer sua trajetória política no Partido Conservador foi determinante para a inexpressiva contribuição do estado ao projeto universitário, em 1892, momento em que os seus adversários políticos controlavam a esfera estatal paranaense<sup>151</sup>.

Até finais do século XIX, era pouco conhecido nos meios intelectuais consagrados, estando fora do circuito da capital federal. Tal marginalidade era tamanha, que o dicionarista de perfis biográficos, Sacramento Blake, escreveu a seu respeito: “José Francisco da Rocha Pombo nasceu em Morretes, atual estado do Paraná, a 4 de dezembro de 1857. Nada mais sei

---

“A morte de Rocha Pombo”, notícia publicada no Jornal do Brasil; “O louvor de Romário Martins a Rocha Pombo”; “Morretes, a glória e a intuição de Rocha Pombo”; “O confronto Rocha Pombo–Emílio de Menezes, Artigo de Leôncio Correia para o correio da Manhã”; “Meu adeus de gratidão e saudade”, por Julia Rocha Pombo.

<sup>149</sup> BARK, Ali. “Rocha Pombo, um mestre inato”. In: *Rumo Paranaense*, ano III, Janeiro de 1977, p. 1.

<sup>150</sup> PILOTO, Valfrido. “O espírito vanguardista de Rocha Pombo”. In: *Rumo Paranaense*, ano III, 1977.

<sup>151</sup> CAMPOS, Névio de. *Op. Cit.*, p. 24.

a seu respeito, senão que escreveu...”<sup>152</sup> destacando, neste ponto, as obras : *Ao povo*; *A religião do Belo*; *A supremacia do Ideal*; e o requerimento e memorial para a criação da universidade do Paraná. Na tentativa ampliar seu círculo de contatos e prestígio social, mudou-se no ano de 1897 para o Rio de Janeiro, a capital federal, junto da esposa, Dona Carmelita Azambuja da Rocha Pombo e dos três filhos (Victor da Rocha Pombo, Julia da Rocha Pombo Bond e Regina da Rocha Pombo) . A partir de então, seu campo de produção passa a centrar-se na escrita de obras de cunho historiográfico e na imprensa, e também, no magistério, uma vez que não poderia sustentar-se somente da pena, aspiração de muitos dos intelectuais do período<sup>153</sup>.

#### 1.4.1 Cartas sem pudor: entre pedidos e redes de apoio

Recém-chegado na cidade do Rio de Janeiro, os amigos foram fundamentais na luta do intelectual paranaense para estabelecer-se e garantir o sustento da família. Conforme indica Anne Vincent-Buffault, a amizade “estabelece redes de influência, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e interações”<sup>154</sup>. Por sua vez, além da ajuda dos amigos que intercediam a seu favor, o próprio Rocha Pombo fazia uso da palavra para solicitar apoios e empregos, conforme verifiquei nas cartas enviadas a Rui Barbosa no ano de 1898<sup>155</sup>.

Na primeira, oferecia seus serviços para trabalhar no jornal *A imprensa*:

Exmo. Dr. Rui Barbosa,

Vi há dias num dos diários desta capital que V. Ex. publicou uma nova (ilegível) e como tenho algum domínio de imprensa, tomo a liberdade de oferecer a V. Ex. os meus serviços.

Criado e admirador,

<sup>152</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. 7 v.

<sup>153</sup> Com relação à vida intelectual e literária no Brasil do contexto do final do século XIX e décadas iniciais do século XX, os estudos têm evidenciado o caráter “polimórfico e polifônico” da categoria, sobretudo no que tange ao ecletismo e à diversidade nas frentes de atuação. Neste sentido, são importantes referências: PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo, Ática, 1990; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões e criação cultural Primeira República*. 1ª edição, 1983. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil- Império*. São Paulo, Paz e. Terra, 2002.

<sup>154</sup> VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p.9.

<sup>155</sup> Rui Barbosa (1849-1923) atuou na imprensa como redator em periódicos e também, foi político, ocupando vários cargos. “Foi eleito Deputado Provincial em 1878 e no período de 1879-1884 exerceu mandato na Câmara dos Deputados do Império. Com o advento da República nomeado Ministro da Fazenda. Demitindo-se do cargo, foi para o Senado onde teve oportunidade de justificar e explicar os seus atos na pasta da Fazenda; foi Senador pelo estado da Bahia em 1895 e Vice-Presidente do Senado (1906-1909). Ministro interino da Justiça (1889).” Cf. <http://www.fazenda.gov.br/portugues/institucional/ministros/rep001.asp> [Consulta realizada em 10/12/2010].

Rio, 1898. Rua do Chichorro, nº 8.

Rocha Pombo<sup>156</sup>

E na segunda, informava ter tomado conhecimento da sua intenção de acertar seus serviços através do amigo e conterrâneo do estado do Paraná, Leôncio Correa,<sup>157</sup> assegurando esforçar-se para se tornar auxiliar de confiança<sup>158</sup>:

Exm. Sr. Rui Barbosa,

O meu amigo Leôncio Correa disse-me há dias que, por intermédio do Coronel Brito, havia conseguido que V Ex se dispusesse a aceitar os meus serviços na redação da folha que vai dirigir. Esta notícia muito me satisfaz, pois mais do que vantagens de ordem secundária, desejo imensamente aproximar-me de um espírito como V Ex. Li é exato, portanto, que posso esperar essa fortuna, devo, por minha vez, assegurar a V Ex que me esforçarei bastante por tornar-me um auxiliar de confiança.

É para isto que tomo a liberdade de escrever a presente, e para dizer a V Ex, que se quiser dar-me suas ordens, poderá endereçá-las para o Colégio Abílio, ou para a Rua Chichorro, nº 5, Catumbi.

Sincero Admirador,

Rio, 05-09-1898

Rocha Pombo

Convém acrescentar que o próprio amigo Leôncio Correa reforça os pedidos de Rocha Pombo, enviando também uma carta a Rui Barbosa nos idos de 1898:

Meu glorioso mestre,

(...)

Assim, sem pudor, com os membros quase tolhidos mesmo para escrever, não me é dado a vossa presença como o meu ilustre amigo, Sr Rocha Pombo, de quem já por duas vezes vos falei. É ele um cidadão digno, que reúne a nobre qualidade moral dos mais peregrinos dotes do espírito. Como já tive ocasião de dizer, empregando-o em vosso jornal, só terei que vos regozijar, pois auxiliar dos mais preciosos é ele.

Daí-lhe um lugar, meu venerado mestre, entre os quais vão ter a honra de colaborar convosco e dentro de muito pouco tempo só tereis que me agradecer a ótima e brilhante aquisição que vos proporciono (...)<sup>159</sup>.

A partir das poucas, porém significativas missivas analisadas, corroboramos com o entendimento das cartas enquanto “documentos relacionais”<sup>160</sup>. Conforme salienta Antonio

<sup>156</sup> Carta de Rocha Pombo a Rui Barbosa, 07-01-1898. Arquivo pessoal, Correspondências usuais; Cartas e cartões a Rui Barbosa, Fundação Casa de Rui Barbosa.

<sup>157</sup> “Nascido em Paranaguá, em 1º de setembro de 1865, Corrêa fez o curso primário em Paranaguá e foi, depois, cursar humanidades no Instituto Paranaense em Curitiba. Foi Deputado Estadual e Federal, diretor da Instrução Pública do Paraná, Diretor do Ginásio Fluminense, Delegado Fiscal dos Estabelecimentos de Ensino, professor de História da Escola Normal e Diretor Geral da Imprensa Nacional”. Apud: COLLARES, Solange Aparecida de O. “A formação de professores na Escola Normal e os primeiros professores do estado do Paraná”. Disponível em: [www.catedra.ucb.br/sites/100/122/00000801.pdf](http://www.catedra.ucb.br/sites/100/122/00000801.pdf) [consulta realizada em 12/10/2010].

<sup>158</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. Cartas a Rui Barbosa. 07-01-1898; 05-9-1898. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

<sup>159</sup> Carta de Leôncio Correa a Rui Barbosa. Rio, 26-09-1898. Arquivo pessoal, Correspondências usuais; Cartas e cartões a Rui Barbosa, Fundação Casa de Rui Barbosa.

Castillo Gómez, as epístolas estabelecem um elo de união entre quem a escreve e o destinatário, seja este individual ou coletivo, preservando os vínculos na distância e se configurando como um espaço através do qual, se expressam e se desenvolvem as identidades pessoas, familiares ou sociais<sup>161</sup>. O autor espanhol acentua ainda que a distância é fundamental ao se falar do epistolário como uma produção discursiva, complementar a presença e a aparência da realidade, numa conversação entre ausentes. Desse modo, “as cartas, explicitam um duplo ato de representação: por um lado, o da pessoa ausente que se mostra através do signo escrito e do suplemento que carrega, e por outro, por sua função como espaço de conhecimento pessoal”<sup>162</sup>.

Recorrendo às noções básicas dos manuais de escrita de cartas, deve-se atentar para, ao menos, seis aspectos que perpassam a comunicação através de uma missiva: quem escreve, a quem, por que, o que se escreve, quando e de que maneira se fala<sup>163</sup>. No caso da tríade Rocha Pombo - Rui Barbosa - Leôncio Correa, é possível verificar a presença de dois intelectuais se dirigindo, formalmente, a uma autoridade, Rui Barbosa, seguindo-se os protocolos e exigências da cortesia no tratamento a uma autoridade em posição de prestígio. Assim, “certas exigências da cortesia faziam parte da cerimônia das cartas, mais rígidas quando eram remetidas aos superiores e mais desenvoltas quando teriam como destinatário, um familiar, um amigo ou outra pessoa da mesma posição”<sup>164</sup>.

A resposta esperada e desejada pelos remetentes seria a obtenção de um emprego, sendo as cartas a via para a apresentação, o pedido e a intermediação a uma autoridade importante, da qual, seria de grande projeção social o apadrinhamento ou mesmo, o apoio deste. A correspondência, neste caso, pode ser interpretada como “um ato de presença”, promovendo “uma espécie de encontro entre remetente e destinatário, num movimento

---

<sup>160</sup> A respeito dos estudos sobre correspondências, destaco como importantes referências os seguintes estudos: CHARTIER, Roger. *La correspondance. Les usages de la lettre au XIXe siècle*. Paris: Fayard, 1991; CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “Hablén cartas e callen barbas: escritura y sociedad en siglo de oro”. *Historiar: Revista Cuadrimestral de Historia*. Alcalá de Henares, n. 4, 2000; SIERRA BLÁS, Verónica. *Aprender a escribir cartas: los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945)*. Gijón: Trea, 2003; GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella. (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; ROCHA, Inês de Almeida. *Canções de amigo: Redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012.

<sup>161</sup> CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “Del tratado a la práctica. La escritura epistolar en los siglos XVI y XVII”. In: SÁEZ y CASTILLO GÓMEZ, Antonio. (eds.): *La correspondencia en la Historia. Modelos y prácticas de la escritura epistolar*. Madrid: Calambur, 2002, p. 101.

<sup>162</sup> CASTILLO GÓMEZ, Antonio. *Op. Cit.*, 2002, p. 104.

<sup>163</sup> *Ibidem*, p.88.

<sup>164</sup> *Ibidem*, p. 91.

valioso para a construção de vínculos que ajudam os missivistas a conquistar e manter posições sociais, profissionais e afetivas.”<sup>165</sup>

Neste sentido, concordamos com Rebeca Gontijo no entendimento de que a correspondência pode ser vista, “como um lugar de subjetividade e de sociabilidade, por meio da qual, podem ser estabelecidas relações sociais, revelando a multiplicidade de interesses e de negociações postas em prática em momentos e situações específicas”.<sup>166</sup> Por seu turno, Ana Chrystina Venancio Mignot tece importantes considerações a respeito da escrita epistolar com o objetivo de obtenção de emprego para terceiros, sendo esta uma prática em que os mediadores também evidenciavam e exercitavam seu prestígio. A autora pontua ainda que em relação aos pedidos de favores para professores, estas não eram ações exclusivas de políticos, sendo feitos muitas vezes por mediadores diversos:

Amigos e conterrâneos escreveram, também, em defesa de seus próprios interesses, mas, na maior parte das vezes, o fizeram para interceder por outros postulantes invocando a amizade que os unia, o trabalho desenvolvido junto, a crença em ideais comuns<sup>167</sup>.

A situação evidenciada nas cartas remete à possibilidade de pensar Rocha Pombo como um “outsider”, um recém-chegado, que busca, seja por iniciativa pessoal, seja pelo intermédio de um amigo melhor posicionado, aproximar-se da figura de um “estabelecido”, reconhecido e legitimado, explicitando, conforme na carta enviada a Rui Barbosa, que “mais do que vantagens de ordem secundária, desejo imensamente aproximar-me de um espírito como V. Ex”. Assim, as categorias estabelecidos (*established*) e *outsiders*,<sup>168</sup> são importantes “para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder”<sup>169</sup>, ajudando na compreensão do lugar social ocupado por Rocha Pombo assim que este muda-se do Paraná para o Rio de Janeiro. Os esforços por meio das cartas, por exemplo, pode ser interpretado como uma estratégia de aproximação do grupo tido como estabelecido, a fim de que, por meio deste contato, conseguisse garantir não somente o sustento da família por meio do emprego, como também, o reconhecimento moral e social<sup>170</sup>.

---

<sup>165</sup> GONTIJO, Rebeca. “História, cultura, política e sociabilidade intelectual”. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Fernanda; GOUVEIA, Maria de Fátima. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 266.

<sup>166</sup> *Idem*.

<sup>167</sup> MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “O carteiro e o educador. Práticas políticas na escrita epistolar.” *Revista Brasileira de História da Educação*. Julho-Dezembro, nº10, 2005, p. 61.

<sup>168</sup> ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Op. Cit.*, 2000.

<sup>169</sup> NEIBURRG, Federico. “Apresentação à edição brasileira. A sociologia das relações de poder de Norbert Elias”. In: *Op. Cit.*, 2000, p. 7.

<sup>170</sup> Enquanto Elias e Scotson trabalham com as noções de estabelecidos e outsiders, Nicolau Sevcenko concebe dois grupos atuantes no Brasil entre 1870-1920, identificados como “vencedores e marginalizados”, os primeiros, seriam os intelectuais que dispunham de prestígio e projeção, já os marginalizados, seriam os excluídos e de fora dos circuitos consagrados. SEVCENKO, Nicolau. *Op. Cit.*,

Além de Rui Barbosa, Rocha Pombo mantinha outros contatos, ampliando, ou tentando ampliar suas relações de apoio assim que chegou ao Rio de Janeiro, como também, os movimentos em busca de afirmação enquanto autor de livros de história, conforme algumas cartas localizadas na Biblioteca Nacional demonstram. Este é o caso, por exemplo, da missiva enviada a José Carlos Rodrigues<sup>171</sup>, na qual remete à introdução do livro *História da América*, pedindo que este livro fosse publicado.<sup>172</sup> Ou ainda, da carta enviada ao conterrâneo David Carneiro<sup>173</sup>, tratando de um manuscrito e queixando-se de sua precária saúde.

#### 1.4.2 Múltiplos pertencimentos e usos da escrita

Aos 40 anos, Rocha Pombo mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Nas palavras do paranaense e amigo pessoal, Nestor Vítor, essa era uma idade em que muitos já estariam pensando em arranjar a aposentadoria:

Era ele agora um publicista feito, um homem de verdadeiro saber, um caráter forjado sobre o sofrimento como poucos no Brasil se conhecem. Em certo sentido, porém, estava quase ainda tão cândido como um adolescente pode ser: vinha cheio de simplicidade, de bondade e de fé. Pior do que tudo isso, talvez de relação quase que só contava comigo e com as que eu lhe pudesse dar. Basta dizer que justamente por esse tempo andava eu na minha amizade ardente com Cruz e Sousa, para ver-se desde logo onde viera o grande lutador Cairo<sup>174</sup>.

Nestor Vítor ressalta ainda, que, ao começar nova vida no Rio, partindo do zero, Rocha Pombo ganharia o pão, “com a penosa faina diária das lições particulares ou no caráter de mero professor suplementar em que daí por diante ele tem andado frequentemente, pelos nossos institutos públicos de ensino”. Assim, Rocha Pombo buscou conciliar a escrita com o

---

<sup>171</sup> “José Carlos Rodrigues foi jornalista e bibliófilo. Nasceu em Cantagalo, em 1844 e morreu em 1923, no Rio de Janeiro. Considerado inovador da imprensa, viveu nos Estados Unidos e lá, em New York, fundou jornais em língua portuguesa: “o Novo Mundo” (1870-9), coadjuvado por Sousa Andrade, e a “Revista Industrial” (1878-9). Colaborou nos periódicos The Times e The Financial News, em Londres. No Rio de Janeiro comprou o “Jornal do Comércio”, que dirigiu até 1915. Além de ter tido grande poder político, influenciou decisões fundamentais da República Brasileira, como comprovado pelas suas correspondências entre diversos políticos (Barão do Rio Branco, Cândido Mendes, Varnhagem, dentre outros)”. Cf: FARIA, Maria Dulce de. “O acervo cartográfico da Coleção Benedito Ottoni na Biblioteca Nacional”. In: 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia, São Paulo, abril de 2010. Disponível em: [3siahc.files.wordpress.com/2010/.../colecacao-benedito-otoni-texto-oficial2.Pdf](http://3siahc.files.wordpress.com/2010/.../colecacao-benedito-otoni-texto-oficial2.Pdf) [consulta em 12/12/2010]

<sup>172</sup> Carta de Rocha Pombo a José Carlos Rodrigues. Rio de Janeiro, 08/11/1899. Manuscritos, Fundação Biblioteca Nacional.

<sup>173</sup> David Carneiro “nasceu em 25 de julho de 1879 em Antonina, Paraná e faleceu em 15 de maio de 1928 em Curitiba aos 49 anos”. Obtido em: [http://www.redeceape.org/index.php?pag=conteudo&id\\_conteudo=180&idmenu=38&ruas-personagens-e-personalidades--d](http://www.redeceape.org/index.php?pag=conteudo&id_conteudo=180&idmenu=38&ruas-personagens-e-personalidades--d) [Consulta realizada em 24/12/2010].

<sup>174</sup> VÍTOR, Nestor. “Rocha Pombo no Rio”. *Correio da Manhã*, 07/12/57.



ofício de professor da Escola Normal, onde ingressou em 1898<sup>175</sup> e do *Pedagogium*, onde atuava desde o ano de 1902:<sup>176</sup>

A Diretoria Geral de Instrução Pública—O Diretor Geral de Instrução Pública—Resolve designar nos termos do Art. 17 do Decreto de nº 281 de 27 de Fevereiro de 1902 o cidadão José Francisco da Rocha Pombo para exercer o lugar de professor do curso de História da Civilização brasileira, do *Pedagogium*<sup>177</sup>.

Na condição de professor de História, passou a escrever também, livros didáticos para o ensino da disciplina escolar:

Chegando ao Rio aos quarenta anos, continuou, aqui, a mesma vida trabalhosa, na imprensa e no magistério, escrevendo numerosos livros, quase todos didáticos. Poeta, contista, romancista, Rocha Pombo foi um ficcionista de mérito, mas aos poucos abandonou essas atividades, para dedicar-se a sua tarefa de historiador, onde se revelou verdadeiro mestre<sup>178</sup>.

Nesta nova investida na trajetória de Rocha Pombo, as alianças e o pertencimento à instituições respeitadas, como o Instituto Histórico e Geográfico, no ano de 1900, foram de grande peso. O intelectual paranaense atuou como parecerista e avaliador de obras diversas no IHGB:

#### Quadro 1: Rocha Pombo parecerista do IHGB

Parecer e outras ações	Publicação
Parecer da comissão de Geografia acerca de obras de Carlos Vidal de Oliveira Freitas	<i>RIHGB</i> , T 63, V 102, p. 498, 1900
Parecer da comissão de Geografia acerca de obras de Orville Derby	<i>RIHGB</i> , T 63, V 102, p. 498-499, 1900
Posse de Alberto Santos Dumont, Olegário de Aquino Castro, Antonio de Sousa Pitanga, Manuel Francisco Correia, Rocha Pombo, Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo	<i>RIHGB</i> , T 66 V 108, p. 248-254, 1903.
Parecer da comissão de História acerca da obra de Arthur Guimarães (Rocha Pombo, Max Fleiuss, Afonso Celso)	<i>RIHGB</i> , T 67, V 110, p. 464
Parecer da comissão de História acerca da admissão de Manuel Cicero Peregrino (Rocha Pombo, Max Fleiuss, Afonso Celso)	<i>RIHGB</i> , T 68, V 112, P 578-579, Ano de 1907
Parecer da comissão de História acerca da obra de Joaquim Xavier da Silveira Jr. (Rocha Pombo, Max Fleiuss, Afonso Celso)	<i>RIHGB</i> , T 68, V 112, p. 623-624
Parecer da comissão de História acerca da obra de Barão de Paranapicaba	<i>RIHGB</i> , T 68, V 112, pp. 579-581, ano de 1905

<sup>175</sup> *O Correio da Manhã*, junho de 1933.

<sup>176</sup> De acordo com Mignot, “o *Pedagogium* funcionou de 1890 a 1919, no Rio de Janeiro, com a pretensão de ser um centro impulsionador das reformas, capaz de atualizar o magistério com o que houvesse de mais moderno em termos de ensino. Integrado por um museu pedagógico e sendo responsável por promover conferências, cursos e exposições, editou uma revista e manteve uma biblioteca circulante para empréstimo de livros. Sua criação se deu por iniciativa de Benjamin Constant, que à frente do Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, propôs uma reforma de todos os níveis da educação nacional, reorganizou instituições, alterou e aprovou regulamentos”. In: MIGNOT, Ana C. *O Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana (1980-1919)*. Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq e FAPERJ, 2008-2011.

<sup>177</sup> Livro das designações, *Pedagogium*, Distrito Federal, 1909, Arquivo Geral da Cidade.

<sup>178</sup> *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 26/06/1960.

Parecer da comissão de História acerca da obra de Alcebiades Furtado e Alfredo Ferreira de Carvalho	RIHGB, T 68, V 112, p. 575, ano de 1905
Parecer da comissão de História acerca da obra de Gonzalo Quesada. (Afonso Celso, Visconde de Ouro Preto, Sílvio Romero, Candido Luis Maria de Oliveira, Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, Rocha Pombo)	RIHGB, T 69, V 114, p. 421-423
Parecer da comissão de História acerca da admissão de Sílvio Bocanera Jr. (Afonso Celso, Visconde de Ouro Preto, Sílvio Romero, Candido Luis Maria de Oliveira, Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, Rocha Pombo)	RIHGB, T 69, V 114, p. 420-421, ano de 1906
Parecer da comissão de História acerca da obra de Arthur Orlando	RIHGB, T 69, V 114, p. 419-420
Parecer da comissão acerca da obra de Daniel Garcia Azevedo	RIHGB, T 69, V 114, p. 384-385, ano de 1906
Parecer das obras de Bernardinho Luis Machado Guimarães	RIHGB, T 69, V 114, p. 380-381, ano de 1906
Parecer acerca da obra de Jose Pereira Rego Filho	RIHGB, T 69, V 114, p. 368-369, ano de 1906
Parecer acerca da obra de João Luis Alves	RIHGB, T 70, V 116, p. 766-767, 1907
Parecer acerca da obra de Gastão Ruch	RIHGB, T 70 V 116, p. 698, 1907
Parecer acerca da obra de Augusto Olimpio Viveiros de Castro	RIHGB, T 70, V 116, p. 691, ano de 1907
Parecer acerca da obra de Adolfo Augusto Pinto	RIHGB, T 70, V 116, p.670, ano de 1907

Na atividade de parecerista, contou com a companhia de nomes como Max Fleiuss, Afonso Celso, Sílvio Romero, o que pode ter contribuído não somente para alargar a rede de sociabilidade do intelectual paranaense, como também, o qualificou como autoridade para avaliar outros autores em obras de caráter histórico e geográfico, principalmente.

Foi também no ano de 1900 que publicou três importantes obras.<sup>179</sup> O *Compêndio de História da América*<sup>180</sup> teve a primeira edição publicada pela Livraria Laemmert, fruto do prêmio obtido em concurso promovido pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro. Além de emitir parecer favorável, Manuel Bonfim prefaciou a referida obra, evidenciando, assim, certa relação e apreço com o autor contemplado com o prêmio. No parecer, Manuel Bonfim deixa transparecer simpatia pelo estilo e virtudes de Rocha Pombo, descrito como um autor “franco e sincero,” com uma exposição repleta de sentimentos, “um espírito apaixonado (...) devorado pelo amor da justiça, abrasado pelos grandes ideais de solidariedade e de progresso, e é sobre isto que se assenta a orientação filosófica do seu trabalho.”<sup>181</sup> Na perspectiva de Ivan Norberto dos Santos, mais do que admiração, Manuel

<sup>179</sup> Refiro-me às obras: *O Paraná no centenário. 1500-1900*. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1900 a; *Compêndio de história da América*. Rio de Janeiro, Laemmert & c, 1900b; *O grande problema* (Plano de um novo Instituto de Educação). Rio de Janeiro, Cia. Typ. do Brasil, 1900c.

<sup>180</sup> MEDRANO, Lilian Inês Zanotti de; VALETON, Luciana de Oliveira; GOMES, Lidiane M de Silva. “O Compêndio de História da América, de Rocha Pombo: uma apreciação crítica.” In: *Notícia bibliográfica e histórica*. PUC de Campinas, setembro de 2003.

<sup>181</sup> BONFIM, Manuel. “Parecer”. In: POMBO, Rocha. *Compêndio de História da América*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900, pp.VII-XXVII.

Bonfim se identificava com as causas de Rocha Pombo em relação à América Latina, uma vez que:

Manoel Bonfim constituiria uma exceção nessa defesa do apaixonado Rocha Pombo, talvez por uma afinidade intelectual específica, de concordância com algumas das concepções defendidas pelo paranaense, ou também, talvez, para advogar indiretamente em causa de suas próprias idéias (...)<sup>182</sup>.

Além do que, Rocha Pombo e Manuel Bonfim participaram, em 1904, da criação da Universidade Popular do Ensino Livre, “ligada ao Partido Operário Independente, ao lado de intelectuais como Evaristo de Moraes, Fabio Luz, Felisbello Freire, José Veríssimo, Pedro do Couto (...)”<sup>183</sup>.

Valendo-se da bagagem cultural que dispunha sobre sua terra natal, publicou junto a Tipografia *Leuzinger* a obra *O Paraná no centenário (1500-1900)*, onde de acordo com Ivan Norberto dos Santos:

Os testemunhos das regiões periféricas nada teriam a contribuir, para a intelectualidade da Capital, para a constituição da imagem geral da cultura e do valor, ou seja, da identidade histórica da nação brasileira. Rocha Pombo esboça um esforço no sentido oposto, tendo como foco o estado do Paraná, em *O Paraná no Centenário*, mas abandona tal possibilidade na História do Brasil, ilustrada. E lamenta-se depois por havê-lo feito, escrevendo as suas *Notas de viagem* para ao menos oferecer o seu próprio testemunho acerca da riqueza da diversidade que veio a reencontrar<sup>184</sup>.

No presente trabalho busco outras leituras e significados para a dita viagem na trajetória de Rocha Pombo, para além da ideia do testemunho evidenciada acima. De qualquer forma, concordamos com a preocupação em Rocha Pombo, de dar visibilidade às periferias nas escritas de história operadas por ele.

Por fim, ainda em 1900, publica em parceria com a Cia. Tipográfica do Brasil, *O grande problema*, obra toda dedicada à educação, propondo um plano de um novo Instituto de Educação e evidenciando a preocupação de que:

INSTRUIR quer dizer- consolidar a existência moral: eis ai a grande obra. Felizmente, a respeito disto, estão hoje de pleno acordo todos os homens. Não são apenas as classes cultas que o reconhecem: nos lares mais humildes, onde o apoucamento das inteligências parece reduzir as aspirações, vamos encontrar a mesma ansiedade que põe em movimento as classes abastardas. Prova isso que a questão está completamente vitoriosa na consciência do tempo e que discuti-la já seria supérfluo<sup>185</sup>.

<sup>182</sup> SANTOS, Ivan Norberto. *Op. Cit.* p. 77.

<sup>183</sup> BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil. A nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas: Ed Unicamp, 2002, p. 67.

<sup>184</sup> SANTOS, Ivan Norberto dos. *Op. Cit.*, 2009, p. 128.

<sup>185</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit* 1900c, p 3.

Logo após a publicação das três obras citadas, Rocha Pombo se dedica à escrita de uma versão da *História da América*, para as escolas primárias, em parceria com a editora Garnier, no Rio de Janeiro, nos idos de 1903.

#### 1.4.3 Um autor, muitos editores

Em 1905, Rocha Pombo começou a escrever e publicar sua primeira *História do Brasil*, sendo os 3 primeiros volumes, editados pela Livraria Saraiva. A partir do IV número, coube a Benjamin Águila, amigo do paranaense, dar continuidade à publicação da obra, que seria concluída apenas no ano de 1917, totalizando 10 grossos volumes. Nesse período de elaboração da *História do Brasil*:

Rocha Pombo vive a experiência de escritor assalariado, contratado pelo Editor Benjamin de Águila (sic), que o remunera por fascículo produzido. Alguns críticos insistem que este trabalho foi estendido por mais de dez anos, pois era uma forma de garantir sua sobrevivência<sup>186</sup>.

Mas quem foi Benjamin de Águila? Há certo silenciamento e ausência nos estudos sobre livros e mercado editorial no que tange à experiência de Benjamin de Águila. A respeito deste editor, não localizei estudos específicos. Numa referência importante, como a publicação de Laurence Hallewell, intitulada *O Livro no Brasil*,<sup>187</sup> por exemplo, sequer é citado. Com relação aos livros de Rocha Pombo que publicou, cito os últimos números da *História do Brasil*, bem como, a segunda edição do *Compêndio de História da América*, em 1925. Sabe-se que foi um importante articulador e editor de algumas das obras de Rocha Pombo, e nas palavras de Carlos Maul, foi:

Um amigo, de algum dinheiro e nenhuma ambição, investiu a sua pequena fortuna na impressão dessa obra em dez volumes alentados: Benjamin de Águila, improvisado editor que se limitou a lançar a maior e mais completa de quantas “Histórias” já se organizaram no Brasil. O que hoje é raridade bibliográfica só acessível aos abastados, vendia-se em fascículos a preços módicos<sup>188</sup>.

Analisando diários oficiais, consegui mapear alguns dados importantes sobre Benjamin de Águila. Em finais do século XIX, Benjamin realizou uma transferência de firma de sua charutaria, situada à Rua do Catete, nº125, que passou a pertencer a Manuel Caetano Lomba<sup>189</sup>. Com o término da charutaria, passou a dedicar-se ao ramo da “exploração de obras

<sup>186</sup> BEGA, Maria Tarcisa Silva. “No centro e na periferia: a obra histórica de Rocha Pombo”. In: LOPES, Marcos Antônio. (org). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, p. 489.

<sup>187</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil. Sua história*. São Paulo: EdUSP, 2005. (2ª edição revista e ampliada).

<sup>188</sup> MAUL, Carlos. “O maior historiador do Brasil”. In: *Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro, nº 225, de fev de 1950, p. 4.

<sup>189</sup> *Diário Oficial*, 06/03/1896, p. 1134.

literárias”. Associou-se com Joaquim Ignacio da Fonseca Saraiva<sup>190</sup>, em 1906, na Rua da Assembleia, “com o capital de 20:000\$, sob a firma J. Fonseca Saraiva & Comp”<sup>191</sup>.

A composição de sociedades era uma característica presente no mercado editorial do período, o que “poderia ser uma alternativa neste ramo de negócio, pois injetava algum capital, podendo-se ampliar as casas e promover mudanças para endereços mais ‘nobres’”, além de serem uma estratégia de sobrevivência em épocas de crise<sup>192</sup>. Já em 1908, Benjamin de Águila registrou firma própria, com seu nome<sup>193</sup>. Em 1910, já se encontrava “estabelecido à Rua do Carmo, nº 19, sobrado, com negócio de livros e edições de obras literárias, oferecendo à venda exemplares do livro denominado *Chorografia do Distrito Federal*”<sup>194</sup>.

Muitas foram as ações de Benjamin de Águila no negócio dos livros, da edição à divulgação e circulação dos livros por ele publicados e vendidos. Em requerimento ao Serviço de Informações e Biblioteca, por exemplo, pedia permissão para entregar à biblioteca do ministério vinte exemplares do 5º volume da *História do Brasil*, de Rocha Pombo, “sob a alegação de haver o mesmo ministério tomando 20 assinaturas, já tendo entregues e pagos os quatro primeiros volumes”<sup>195</sup>. Os requerimentos pedindo a compra de material e aquisição de livros foram constantes junto ao Serviço de Informação e divulgação<sup>196</sup>:

Sr. Diretor do Serviço de Informações e Divulgação:

Comunico-vos, para os devidos fins, que o Sr. Ministro, em despacho de 9 do corrente mês, resolveu autorizar-vos a adquirir da firma Benjamin de Águila, vinte exemplares do 6º volume da *História do Brasil*, de Rocha Pombo, pela importância total de 400\$ (ofício n. 3.662).<sup>197</sup>

Além de alguns livros de Rocha Pombo, o editor também publicou outras obras, de diferentes autores, conforme se verifica:<sup>198</sup>

<sup>190</sup> Joaquim Ignácio da Fonseca Saraiva era imigrante português, nascido na província de Trás-os-Montes. “Em 13 de dezembro de 1914, após duas décadas morando no Brasil, fundou a empresa Saraiva & Cia., um pequeno estabelecimento de comércio de livros usados”. É interessante frisar que antes da fundação da Saraiva & Cia, Joaquim Ignácio já possuía experiência no negócio de livros, conforme apreendido na análise da parceria que estabeleceu com Benjamin de Águila. As informações biográficas a respeito de Joaquim foram consultadas em: <http://www.saraivari.com.br/port/perfil/historico.asp> [12/08/2012].

<sup>191</sup> *Diário Oficial*, 10/01/1906, p.180.

<sup>192</sup> SILVA, Alexandra Lima da. *Op. Cit.* p. 42.

<sup>193</sup> *Diário Oficial*, 13/03/1908, p. 1828.

<sup>194</sup> *Diário Oficial*, 26/06/1910, p. 4923.

<sup>195</sup> *Diário Oficial*, 23/05/1911, p. 6224.

<sup>196</sup> *Diário Oficial*, 27/05/1912, p. 6987; *Diário Oficial*, 21/01/1913, p. 1054;

<sup>197</sup> *Diário Oficial*, 21/01/1913, p. (ilegível).

<sup>198</sup> Quadro inconcluso, elaborado a partir da busca e mapeamento em instituições de pesquisa, como Arquivo Nacional, Fundação Casa de Rui Barbosa, Biblioteca da Academia Brasileira de Letras e site Estante Virtual. ([www.estantevirtual.com.br](http://www.estantevirtual.com.br)).

## Quadro 2: Livros editados por Benjamin de Águila

AUTOR	TÍTULO	ANO
BATISTA, Benjamin	<i>Anatomia Descritiva da Cabeça</i>	1910
MARQUES, Silva	<i>Elementos de Direito Publico e Constitucional</i>	1911
GRIECO, Agripino	<i>Estatuas Mutiladas</i>	1913
DUQUE, Gonzaga	<i>Horto de Mágoas</i>	1914
MARQUES, Silva	<i>Princípios de Sucessões</i>	1915
OLIVEIRA, Arthur Vasco Jatabaiana de	<i>Princípios de Sucessões e Testamentos</i>	1910
BARROSO, Gustavo	<i>Terra de Sol</i>	s/d
BARROSO, Gustavo	<i>Terra de Sol Natureza e Costumes do Norte</i>	1912
NABUCO, Joaquim	<i>Discursos e conferencias nos Estados Unidos</i>	1911
SANTOS, Antônio Noronha	<i>Chorographia do Districto Federal: cidade do Rio de Janeiro</i>	1907
MARQUES, SILVA	<i>Discursos políticos, com uma introdução sobre o governo Nilo Peçanha.</i>	1913
POMBO, Rocha	<i>Compêndio de História da América</i>	1925 (2ª Ed.)

De acordo com Carlos Maul, “foi com a apresentação de Rocha Pombo que Agripino Grieco obteve de Águila a publicação de sua bela e fascinante coleção de *Contos Estátuas Mutiladas*.”<sup>199</sup> A relação de confiança e amizade estabelecida entre Rocha Pombo e o editor parece ter sido essencial para o aumento do catálogo de autores que publicaram junto a Benjamin de Águila.

Várias foram as ações do referido editor no sentido de obter recursos e apoios em relação à *História do Brasil*. Enviava bilhetes de natal e ano novo para personalidades influentes, ou ainda, cartas mais explícitas, solicitando apoio<sup>200</sup>:

Rio de Janeiro, 18 de julho de 1914.

Exm. Sr. Conselheiro Senador Rui Barbosa,

peço a V. Ex. que me perdoe a ousadia que tomo em dirigir esta a V. Ex., mas as circunstâncias e dificuldades em que me vejo para levar ao fim a pesada empresa que tomei sobre os meus ombros, obrigam-me a isso. Tenho ouvido dizer que o nosso velho imperador, uma ocasião salvou de apuros um negociante, metendo-o num carro aberto e dando com ele um passeio pela cidade. Pois amparo semelhante a este tenho eu esperança que V. Ex. (...) fará, escrevendo o artigo que me prometeu sobre a nossa *História do Brasil*, chamando assim sobre ela a atenção do público. Convite que um movimento desta natureza está muito no coração de V. Ex., espero que V. Ex., embora com sacrifício, preste mais este serviço a pátria e as nossas letras, salvando-me também das angústias de não poder dar conta até o final do pesado encargo que me propus. Desde já comovido de gratidão pelo serviço que nos vai prestar, beija-lhe as mãos o mais humilde dos admiradores de V. Ex.

<sup>199</sup> MAUL, Carlos. *Op. Cit.*, p. 4.

<sup>200</sup> Em 1913, Adherbal de Carvalho (1872-1915) enviou carta a Rui Barbosa “apresentando Benjamin de Águila, editor da *História do Brasil* de Rocha Pombo”. Carta de Adherbal de Carvalho a Rui Barbosa, 1913. Arquivo pessoal, Correspondências usuais; Cartas e cartões a Rui Barbosa, Fundação Casa de Rui Barbosa. Depois dessa apresentação, o próprio Benjamin enviou ao senador, bilhetes desejando feliz natal, feliz ano novo, como faziam muitos outros.

Benjamin de Águila<sup>201</sup>

Pelo tom de abertura da carta, pode-se aferir que não se tratava de uma correspondência entre amigos, uma vez que o editor de imediato, se desculpa pela “ousadia” ao dirigir-se a um senador para pedir favores. Todavia, é possível afirmar que já havia relação prévia entre as partes, uma vez que o remetente escreve para recordar ao destinatário, da promessa anteriormente feita, no sentido de que este faria um artigo que chamaria a atenção do público para a *História do Brasil*<sup>202</sup>.

Por sua vez, em carta escrita no ano de 1916, o editor não solicita apenas a recomendação da obra, mas principalmente, ajuda financeira para concluir a coleção:

Ex. Sr. Conselheiro Dr. Rui Barbosa,

Tenho a honra de apresentar a V. Ex. as minhas respeitadas saudações. Peço vania a V Ex. para vir a sua presença solicitar o amparo moral de que carece a minha empresa.

Senhor! Há cerca de 12 anos tomei sobre os meus fracos ombros o compromisso de dotar o país de uma obra digna de sua grandeza, tal como é a nossa “História do Brasil” de Rocha Pombo, que V. Ex. conhece. Acontece que, agora, devido às causas da maldita guerra que ensanguenta o mundo, vejo-me em dificuldades para concluir a minha missão. Na atualidade não vejo ninguém que melhor possa avaliar dos sacrifícios feitos nesse longo período de 12 anos, para levar a efeito um empreendimento de tal magnitude, do que V. Ex., que a grande alma que anima hoje a vitalidade deste país em todas as esferas. Por isso, venho implorar de V. Ex. esse amparo de que careço para poder concluir aquela publicação. Não me parece justo, que depois de tantos sacrifícios, sucumba quase ao fim da jornada, pois faltando apenas dois volumes para a conclusão da obra, dói a de levar ao fim por falta de recursos momentâneos e isto depois de ter despendido cerca de 300 contos de reis. Senhor! Recorro à generosidade de V. Ex. pedindo que: como intelectual, como brasileiro, como patriota e como senador da república, não me negue o amparo de V. Ex. e as nossas letras. Tenha, pois, piedade de quem tão humildemente procura se acolher na grandeza de sua sombra, na magnanimidade do seu coração e do seu elevado e culto espírito. Certo de que V. Ex. me perdoará a ousadia deste grito de angústia, aguardo a honra de sua resposta e peço licença para subscrever-me.

Benjamin de Águila,

Rio, 12 de agosto de 1916<sup>203</sup>.

Nesta carta, mais do que pedir, Benjamin de Águila suplica ajuda financeira do senador Rui Barbosa. Nas palavras do editor, a empreitada de publicar uma obra em dez

<sup>201</sup> Carta de Benjamin de Águila a Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 18/07/1914. Arquivo pessoal, Correspondências usuais; Cartas e cartões a Rui Barbosa, Fundação Casa de Rui Barbosa.

<sup>202</sup> A escrita de resenhas, artigos e críticas, feitas muitas vezes, a pedidos de editores, pode ser verificada em trabalho anteriormente escrito por mim: SILVA, Alexandra Lima da. *Op. Cit.* 2008.

<sup>203</sup> Carta de Benjamin de Águila a Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 12/08/1916. Arquivo pessoal, Correspondências usuais; Cartas e cartões a Rui Barbosa, Fundação Casa de Rui Barbosa.

volumes estaria pesando demais em seus ombros, que já estariam cansados, após doze anos de labuta em torno da publicação da *História do Brasil*.

Ao total foram enviadas quatro cartas a Rui Barbosa nos anos de 1912, 1913, 1914 e 1916, através das quais se torna possível compreender a importância da atuação do editor em relação à publicação dos livros de Rocha Pombo. As correspondências de Benjamin de Águila são importantes também, porque ajudam a trazer elementos sobre este sujeito, uma vez que não foram localizados estudos específicos, biográficos ou verbetes de dicionário a seu respeito, do qual, pouco se fala. De acordo com o citado artigo de Leôncio Correa para o *Correio da Manhã* do Rio, a viagem empreendida por Rocha Pombo em 1917, objeto do presente estudo, ocorreu exatamente para ajudar o “editor amigo”, pois:

Ora, aconteceu que, por motivo da grande guerra 1914-1918, tendo o papel escasseado e encarecido fabulosamente, ficou seriamente ameaçada a continuação da tarefa. Menos para salvar seu trabalho do que para poupar prejuízos inestimáveis ao editor, que tão dele amigo se mostrara, ei-lo de partida para o norte do país, a solicitar dos governos estaduais a aquisição do seu trabalho. Aparentemente, Rocha Pombo fazia propaganda de si mesmo; realmente e nobremente, zelava pelos interesses do amigo, seu editor<sup>204</sup>.

Mas de qual editor Leôncio Correa estava falando? Os indícios apontam para Benjamim de Águila, mas é importante salientar que Rocha Pombo não foi um autor de apenas um editor, tendo publicado seus livros nas mais diferentes editoras: Laemmert<sup>205</sup>; Francisco Alves<sup>206</sup>; Garnier<sup>207</sup>; Magalhães & Moniz<sup>208</sup>; J. F. Saraiva editor<sup>209</sup>; Weiszflog<sup>210</sup>. Todavia, qual o significado desse ecletismo e variedade de editores no caso Rocha Pombo?

A meu ver, a incursão do intelectual paranaense em diferentes casas editoriais relaciona-se a vários aspectos, dentre os quais, a luta para sobreviver economicamente, através da palavra escrita, uma vez que, “a construção do lugar social do escritor profissional, do autor que pode viver de seus direitos autorais ou, ao menos, que tenha remuneração digna

<sup>204</sup> CORREA, Leôncio. “O confronto Rocha Pombo–Emílio de Menezes”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1944. Disponível em: *Rumo Paranaense*, ano III, 1977, p. 9.

<sup>205</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1900b.

<sup>206</sup> *Idem*. *Dicionário de sinônimos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

<sup>207</sup> *Idem*. *História da América, para escolas primárias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903; *No Hospício*. Paris; Rio de Janeiro: H. Garnier, 1905.

<sup>208</sup> *Idem*. *Contos e pontos*. Porto: Magalhães & Moniz, 1911.

<sup>209</sup> *Idem*. *História do Brasil, ilustrada*. Volumes I, II, III. Rio de Janeiro: J. F. Saraiva editor, 1905.

<sup>210</sup> *Idem*. *Nossa Pátria: narração dos fatos da História do Brasil através da sua evolução*. São Paulo: Weiszflog, 1917.



pelo seu trabalho, como acesso a contratos justos, é um longo processo de lutas, de várias gerações”<sup>211</sup>.

Ademais, o paranaense teve obras publicadas tanto por editoras “jovens” no mercado, como nas mais renomadas, como Garnier, Laemmert e Francisco Alves. De acordo com Alessandra El Far, “dizia-se na época que B. L. Garnier não publicava o primeiro livro de ninguém. Para conseguir o selo editorial de sua livraria, era preciso antes conquistar o apreço dos críticos literários, assinar colunas na grande imprensa ou ter algum destaque na vida política do país”<sup>212</sup>. Ainda com respeito ao mercado editorial, entre finais do século XIX para e princípios do século XX, é importante salientar que:

a existência de editores “menos conhecidos” hoje, e talvez, de capital “mais modesto” na época, demonstre não somente a expansão de um mercado, como também, a possibilidade de publicação de autores sem muita expressão no mercado, uma vez que editoras como Laemmert e Garnier não publicavam obras de autores sem “nome” e “status”(…)<sup>213</sup>

Convém acrescentar que no mesmo ano de 1917 vieram a público, além do último volume da *História do Brasil ilustrada*, editada por Benjamin Àguila, o livro *Nossa pátria*, narração dos fatos da história do Brasil, através da sua evolução, destinado “às crianças e homens simples do povo”. Ora, todo este conjunto de elementos, a meu ver, corroborou com a viagem empreendida ao norte do Brasil, sobretudo, pela possibilidade de divulgar as obras recém-lançadas pelo Brasil afora, além da possibilidade de acordos para a adoção das mesmas nas instituições de ensino diversas. Com respeito a isso, o autor da *História do Brasil* estabeleceu contatos prévios com as pessoas das cidades que pretendia visitar, por meio, mais uma vez, da troca de correspondências, como podemos verificar nas páginas de suas notas de viagem:

O cônego Pennafort<sup>214</sup> é um dos mais notáveis vultos da intelectualidade do norte. Tem-se dedicado largamente ao estudo das línguas indígenas, e do problema de nossa pré-história, havendo publicado várias obras muito estimadas. Tinha eu já com ele relações diretas de correspondência; e alguns dias de minha chegada a Belém, tive a fortuna de abraçá-lo<sup>215</sup>.

<sup>211</sup> BRAGANÇA, Aníbal. “A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia (org). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 458.

<sup>212</sup> EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006, p.21.

<sup>213</sup> SILVA, Alexandra Lima da. *Op. Cit.*, p. 47

<sup>214</sup> Cônego Raymundo Ulysses de Albuquerque Pennafort, nascido no Ceará em 1855, é autor de diversos livros, dentre os quais: *A filosofia positiva* (1881); *Quadro sinóptico dos nomes indo-brasileiros para sua reivindicação e pororocas* (1899); *Brasil Pré-Histórico* (1900) Cf. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. 7 v.

<sup>215</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918, pp.247-248.

Além estreitar laços, a necessidade de aprofundar a pesquisa em arquivos também motivou a excursão de Rocha Pombo, no sentido de incrementar a escrita da próxima *História do Brasil*, uma edição comemorativa do centenário da independência, sendo de certa forma, um movimento de combate às críticas e visões sobre o seu trabalho, como estas:

(...) Rocha Pombo, por impossibilidade de recorrer aos arquivos da Europa, e por escassez de tempo confessada para frequentar os arquivos nacionais, ficou reduzido na elaboração de sua *História do Brasil* à contingência de aproveitar o que outros prepararam (...)<sup>216</sup>

Ou ainda:

Rocha Pombo escreveu uma grande história prolixa em dez ou doze grossos volumes, nunca lidos e provavelmente ilegíveis; é o mais pesado, volumoso e todavia o mais estéril. Duvido muito que o presente ou o futuro lhe deem um lugar conspícuo entre os nossos historiadores. Falta-lhe o senso crítico fora dos caminhos batidos pelos historiógrafos. O melhor adjetivo que lhe concedem é chamá-lo de operoso<sup>217</sup>.

Em suma, conforme salientado por Ivan Norberto dos Santos, “a *História do Brasil, ilustrada*, teve, na sua primeira edição, tanto um mau desempenho junto ao público quanto uma péssima recepção por parte da crítica”.<sup>218</sup> Desse modo, tenho o entendimento de que na bagagem de ida, Rocha Pombo levava sonhos, projetos, mas carregava também, algumas desilusões, associadas ao amargo silêncio em torno de sua produção, além das pesadas críticas à sua obra de maior fôlego, a *História do Brasil, ilustrada*.

Pelo exposto até aqui, tentei demonstrar como a experiência anterior à travessia empreendida em 1917 é fundamental para a compreensão de suas motivações diversas. Para além de um projeto ou uma iniciativa individual, a viagem foi fruto de conflitos, associações, acordos, interesses, em que, Rocha Pombo tentava imprimir em sua narrativa de viagem somente a lógica do sacrifício e da motivação pessoal para conhecer e escrever um Brasil maior, real, verdadeiro. Seguindo os ensinamentos de Michel de Certeau<sup>219</sup>, e interrogando os silêncios e não-ditos no operar com as fontes, temos a hipótese de que almejava reverter a situação de dificuldade que a edição da *História do Brasil, ilustrada* causara a ele e ao editor em termos de crítica e público, buscando ampliar as fronteiras e os contatos em relação às suas recém lançadas obras junto a Weiszflog Irmãos, e em busca, principalmente, de

<sup>216</sup> GARCIA, Rodolfo. *A posse de Rodolfo Garcia na Cadeira de Varnhagen*. São Paulo: Melhoramentos, 1935.

<sup>217</sup> RIBEIRO, João. “Crítica: Historiadores”. *Obras de João Ribeiro*. vol. VI. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 1961, p. 32.

<sup>218</sup> SANTOS, Ivan Norberto dos. *Op. Cit.* 2009, p. 111.

<sup>219</sup> CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 58.

aceitação entre o público “popular” e também, entre os pares, nos círculos de “homens de letras” de norte a sul do país, na luta pela consagração e legitimação no sentido amplo.

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas quando chegou ao Rio de Janeiro, tendo inclusive, sido reprovado no concurso de 1906 para o Colégio Pedro II, Rocha Pombo, conseguiu se estabelecer como professor em algumas instituições como *Pedagogium*, Escola Normal, Escola Superior de Comércio, Colégio Batista. Todavia, a legitimação e aceitação enquanto autor de livros de caráter histórico foi mais difícil. No capítulo seguinte, buscarei adentrar nos trajetos da viagem, tendo como preocupação, compreender as visitas e encontros diversos como parte do alargamento das redes de sociabilidade do viajante, em busca de legitimação e visibilidade de suas obras.

## 2 ARTES DE VISITAR: TRAJETOS, ENCONTROS E REDES DE SOCIABILIDADE



Figura 5. José Francisco da Rocha Gutmann Bicho, óleo sobre tela, século XX. Acervo da Pinacoteca do IHGSE.

## 2.1 Construções do norte nas óticas de um homem do sul

Em regra, quando nos referimos, ou quando alguém se refere ao nosso país, é só da extensão territorial, das opulências do meio físico, das riquezas nativas que se faz apologia<sup>220</sup>.

Negando a sentença que condenou “o homem a ser aqui vencido e esmagado pela natureza”,<sup>221</sup> Rocha Pombo propunha um combate a ideia de que no Brasil, “fora do Rio e São Paulo, tudo o mais é paisagem”<sup>222</sup>, num imenso país de proporções continentais, porém repleto somente de flora e fauna, sem povo. Esta seria uma das causas que o intelectual paranaense alegava lançar por meio da viagem aos estados do norte, pretendendo com isso, ver as gentes, culturais e histórias dos locais visitados, a fim de construir uma diferente interpretação para o Brasil, uma vez que “os próprios brasileiros se desconhecem, e vivem tão separados uns dos outros em seu próprio país”.<sup>223</sup> Nesse sentido, afirmava que a viagem rendeu-lhe uma distinta visão sobre o Brasil, que ele próprio desconhecia, mesmo já tendo escrito tantas obras sobre a História do Brasil:

E não me arrependo de haver feito esta excursão aos estados do norte, porque tive, para compensar-me de tudo, a fortuna de voltar de lá trazendo uma noção nova, e seguramente, mais exata e mais legítima, do que é esta grande pátria<sup>224</sup>.

Ademais, a necessidade de divulgação e conhecimento das coisas do “Norte” residiria na luta contra a visão que muitos brasileiros e viajantes estrangeiros compartilhavam, de que “o Rio de Janeiro é que é o Brasil; de que, quando muito, nos Estados do sul, devido ao afluxo de elementos europeus, começamos a dar manifestações da nossa capacidade de cultura e de trabalho”.<sup>225</sup> Uma vez que, “fora da capital da República— este é que é o sentimento geral— ninguém acredita que se encontre testemunho de nenhuma ordem— em parte alguma do país— do nosso valor de povo”<sup>226</sup>.

Contudo, Rocha Pombo não estava deslocado de seu contexto social, endossando os debates travados entre finais do século XIX a princípios do século XX, onde era urgente a busca por uma unidade nacional, “para a superação do atraso”, na “marcha rumo ao progresso”, anunciado com o novo regime, a República.

<sup>220</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.* 1918, p. 8.

<sup>221</sup> *Idem*, p. 8.

<sup>222</sup> Essa frase foi dita pelo cronista português Matheus de Albuquerque, na obra *Sensações e reflexões*, em edição de 1916. Apud: MURARI, Luciana. *Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira*. Tese (Doutorado em História), USP, 2002, p. 8.

<sup>223</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, p. 16.

<sup>224</sup> *Idem*, p. 16.

<sup>225</sup> *Idem*, p. 10.

<sup>226</sup> *Idem*, p. 10.

Alguns escritores, muitos dos quais, anteriores ao intelectual paranaense, produziram crônicas e relatos que ajudaram a construir e de certa forma, a polarizar o debate em dicotomias: Sertão/Litoral, Norte/Sul, Campo/ Cidade, sendo os centros europeus idealizados como vitrines da prosperidade e em muita medida, os parâmetros da “ordem e da civilização”. Nesta tensão, as noções de futuro e passado vem à tona, conforme salienta Raymond Williams:

É significativo que a imagem comum do campo seja agora, uma imagem do passado, e a imagem comum da cidade, uma imagem do futuro. Se as isolarmos deste modo, fica faltando o presente. (...) Assim, num presente vivenciado enquanto tensão, usamos o contraste entre campo e cidade para ratificar uma divisão e um conflito de impulsos ainda não resolvidos, que talvez fosse melhor encarar em seus próprios termos<sup>227</sup>.

De acordo com Maria Alzira Lemos, as oposições norte/sul ou sertão/litoral produziram “uma paradoxal interpretação da nacionalidade”, onde o homem do norte, ou do sertão, passou a representar o brasileiro na produção intelectual<sup>228</sup>. Para muitos que construíram interpretações sobre o Brasil, o interior, o campo, o norte, seriam lugares do passado, do retrocesso, do analfabetismo, do atraso econômico e cultural, em oposição ao litoral, desenvolvido, próspero, conforme salientado por Regina Abreu, onde a cidade seria idealizada enquanto “*locus* da civilização e do progresso”, como também, a existência de um movimento no sentido inverso, um movimento de valorização dos sertões, do interior, como lugar da pureza e da autenticidade.<sup>229</sup> De acordo com Luciana Murari, houve grande interesse por parte da intelectualidade do Brasil em desvendar a natureza do próprio país, no período entre as últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX, o que pode ser evidenciado pela efervescente produção editorial do período, produzindo uma “literatura sobre a seca no nordeste e sobre a Amazônia, ambientes em que o meio impunha limitações as mais rigorosas ao estabelecimento e à continuidade da ocupação do território, cuja visibilidade chegava a ser conquistada”<sup>230</sup>.

Convém ressaltar que as construções que se tem hoje para as regiões norte e nordeste diferem das concepções do período mencionado. De acordo com o compêndio *Corografia do Brasil*, de Mario da Veiga Cabral, editado inicialmente em 1916, pela Livraria Francisco Alves, “são considerados estados do norte, os seguintes: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí,

<sup>227</sup> WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 397.

<sup>228</sup> LEMOS, Maria Alzira Brum. *O doutor e o jagunço. Ciência, mestiçagem e cultura em os Sertões*. São Paulo: Ed Unimar, 2000, p. 13.

<sup>229</sup> ABREU, Regina. *O enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998, p. 175.

<sup>230</sup> MURARI, Luciana. *Op. Cit.* p. 234.

Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Espírito Santo.”<sup>231</sup> Assim, até o Espírito Santo, primeiro porto na viagem de Rocha Pombo, era considerado no período, “norte” do Brasil, daí o título das notas de viagem. Na perspectiva de Manuel Correia de Andrade, “durante o Império e a Primeira República, os estados hoje nordestinos eram chamados de ‘do Norte’, admitindo-se que o país poderia ser dividido em duas porções: o Norte e o Sul, a primeira se contrapondo à segunda”<sup>232</sup>. Deste modo:

no início da década de vinte, os termos Norte e Nordeste ainda são usados como sinônimos. Como a própria ideia de Nordeste não havia ainda se institucionalizado, esse se constitui no seu raciocínio, um momento de transição. O termo Nordeste é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919 (...) <sup>233</sup>.

Entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, podem-se constatar um predomínio no uso do termo Sertão<sup>234</sup> e não, Norte, como pude aferir em levantamento feito sobre os escritos da época em autores considerados emblemáticos como Affonso Arinos<sup>235</sup>, Coelho Neto,<sup>236</sup> Viriato Correa,<sup>237</sup> Euclides da Cunha,<sup>238</sup> Alberto Rangel,<sup>239</sup> apenas para citar alguns, que utilizavam os conceitos de “sertão” ou ainda, “sertões.” Muitos são os estudos acadêmicos que têm explorado a categoria de análise sertão/sertões, evidenciando a força que esta construção adquiriu<sup>240</sup>.

<sup>231</sup> CABRAL, Mario da Veiga. *Corografia do Brasil*. 31ª Edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1957, p. 180.

<sup>232</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. *O Nordeste e a Questão Regional*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993, p. 5. Apud: LOPES, Lucineide Fábila Rodrigues. *A Região Nordeste nos livros didáticos de geografia: uma análise histórica*. João Pessoa, Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, 2009, p. 53.

<sup>233</sup> LOPES, Lucineide. *Op. Cit.*, p. 53.

<sup>234</sup> De acordo com Nísia Trindade Lima, a palavra “sertões,” em princípios do século XX, tinha conotação de “espaços vazios,” “incorporação,” “progresso,” “civilização” e “conquista”. LIMA, Nísia Trindade. *Op. Cit.*, Apud: CASER, Arthur Torres. *O medo do sertão, doenças e ocupação do território na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009, p. 16, nota 12.

<sup>235</sup> ARINOS, Affonso. *Pelo sertão*. Rio de Janeiro, 1898.

<sup>236</sup> COELHO NETO. *Sertão*. Porto: Lello & Irmão, 1933(1ª Ed 1896).

<sup>237</sup> CORREA, Viriato. *Contos do sertão*. Rio de Janeiro, 1912.

<sup>238</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Laemmert & C editores, 1902.

<sup>239</sup> RANGEL, Alberto. “Os sertões brasileiros: conferência realizada a 17 de junho de 1913 na Biblioteca Nacional”. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v 35, p. 108-118, 1916.

<sup>240</sup> Dentre as teses e dissertações que exploram a construção do sertão e/ou sertões, cito:

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil. Intelectuais, sertanejos e imaginação social*. Tese (Sociologia), IUPERJ, 1997; LEMOS, Maria Alzira Brum. *O doutor e o jagunço. Ciência, mestiçagem e cultura em os Sertões*. São Paulo: Ed Unimar, 2000; MURARI, Luciana. *Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira*; GABURO, Vanderson Roberto Pedruzzi. *O sertão vai virar gente: sertão e identidade nacional em Afonso Arinos*. Dissertação de Mestrado (História), Universidade Federal do Espírito Santo, 2009; ABREU, Regina Maria do Rego Monteiro. *O Historiador dos Bárbaros - A Trajetória de Euclides da Cunha e a Consagração de Os Sertões*, Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional – UFRJ, 1996; LEVINE, Robert M. *O Sertão Prometido — O massacre de Canudos*, São Paulo, Edusp, 1995; OLIVEIRA, Ricardo de. *Sertão e nação: Euclides da Cunha e a construção da brasilidade sertaneja*. Dissertação de mestrado, 1998; PETRILLO, Regina Pentagna. *Euclides da Cunha: do litoral para “Os Sertões” – o trajeto de uma visão crítica*. Dissertação de mestrado. 1996; PRADO,

Na perspectiva de Rocha Pombo, contudo, os usos da noção norte<sup>241</sup> do Brasil parecem ter um sentido distinto da ideia de sertão enquanto “terra ignota”. Defendia, por exemplo, que mesmo em Manaus, “lá metida no coração do continente, numa zona que se considera ainda inóspita e tremenda”, é possível se surpreender com “todas as excelências do nosso esforço e da nossa cultura”<sup>242</sup>, afirmando que muitos no Brasil vivem ainda, na ignorância que ele também vivenciara antes da viagem, por desconhecerem as grandezas desta “admirável metrópole do norte”<sup>243</sup>. Assim, o intelectual paranaense procura buscar no norte, a cultura que unificaria todos numa mesma unidade de pertencimento, uma vez que “no norte, guarda-se mais imune a alma da raça, modificada, é certo, no meio dos esplendores desta natureza, mas integrada na sua força e nas suas virtudes”.<sup>244</sup> E adverte para a necessidade de se estreitar os laços entre os estados dispersos, que não se conheceriam profundamente:

Vivemos a bradar, diariamente por alianças internacionais, pelo estreitamento de relações entre o Brasil e as demais nações americanas. E, entretanto, não vemos como os próprios brasileiros se desconhecem, e vivem tão separados uns dos outros em seu próprio país!<sup>245</sup>

Contudo, se por um lado enfatizava a importância de se desmistificar o que considerava “falsas noções” sobre os estados do norte, uma vez que muitos deles seriam “grandes centros de riqueza econômica, de inteligência e de vida”,<sup>246</sup> por outro lado, procura evidenciar que o norte também teria problemas e mazelas, sendo que “das mazelas que afligem todo o norte, a mais horrível foi a política. A sorte de todos os Estados jogava-se no Rio. E também, a fortuna dos governos e de todas as posições”.<sup>247</sup>

Na ótica do intelectual paranaense, as queixas do abandono e domínio dos estados do sul na política federal não se justificavam, pois, estes seriam unidos, e por isso, seriam fortes,

Adelmo Ferreira do. *Cidade e Sertão na obra de Oliveira Paiva. Ceará, final do século XIX*. Dissertação (História), PUC-SP, 1998; SANTANA, Ady Sá Teles. *Rotas do sertão: Patativa do Assaré e Euclides da Cunha entre identidade e representação*. Dissertação (Literatura), Universidade Estadual de Santana, 2008; MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Os limites da civilização na escrita do Sertão: um estudo das categorias civilização e barbárie em alguns romances brasileiros*. Dissertação (Literatura), Universidade Estadual de Campinas, 2002.

<sup>241</sup> Assim como em Rocha Pombo, a noção de “norte do Brasil” também foi utilizada por outros contemporâneos, como: BARROSO, Gustavo. *Heróis e bandidos: os cangaceiros do Norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917; BARROSOS, Gustavo. *Terra de Sol: natureza e costumes do Norte*. Rio de Janeiro, 1912.

<sup>242</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918, p. 10.

<sup>243</sup> *Idem*.

<sup>244</sup> Depoimento de Rocha Pombo ao jornal *A Tarde*, Bahia, 30/06/1917.

<sup>245</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918, p. 16.

<sup>246</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918, p. 19.

<sup>247</sup> *Ibidem*, p. 12.



pois “se o norte se fizesse coeso, far-se-ia forte. E nem mais se falaria em hegemonia do sul. E se o norte não faz isso, a culpa não dos homens de cá”<sup>248</sup>.

Aponta a má distribuição de renda como um dos responsáveis para os problemas das economias de alguns estados, cujas receitas muitas vezes, seriam inferiores ao produto de um só imposto federal. Todavia, “esses problemas que o norte anda sentindo, bem se vê que por si mesmos já dizem que há por ali alma de povo. E é nisto que convém insistir, porque é isto que o Brasil do sul precisa saber”<sup>249</sup>.

Deste modo, o encontro com o norte pelo homem do sul, ao mesmo tempo em que evidencia as diferenças, pode também, aproximar mundos aparentemente tão distantes, mas tão próximos na construção enquanto povo, na ótica do viajante.

## 2.2 Guttman Bicho: companheiro de viagem

O relato em primeira pessoa do plural acentua a intenção de Rocha Pombo de demonstrar que não viajou sozinho. Desde o embarque no Rio de Janeiro até Belém, contou com a companhia do pintor Galdino Guttman Bicho:

É meu companheiro de viagem o meu amigo Guttman Bicho. Como pintor, vai ele encarregado da parte gráfica da documentação que me é indispensável para o novo trabalho histórico de que me ocupo, destinado a figurar na comemoração do nosso centenário, em 1922. Vai, para isso, munido também de aparelhos de fotografia. O Guttman já conhece alguma coisa do norte até Sergipe<sup>250</sup>.

O pintor viajava acompanhado da família e carregava na bagagem de ida, abundante material de pintura e aparelhos de fotografia para os registros visuais da viagem.<sup>251</sup> Das vistas de Vitória, por exemplo, “apanhou o Bicho algumas vistas a pincel”<sup>252</sup>.

Não há muitos estudos a respeito de Guttman Bicho, tendo sido mapeados para estudos sobre o mesmo, memórias de contemporâneos, dicionários biográficos de pintores,<sup>253</sup> sites especializados<sup>254</sup> em artes e artistas brasileiros, e alguns poucos estudos acadêmicos, como os trabalhos de Arthur Gomes Valle, que desenvolveu dissertação sobre as questões semânticas na obra de Guttman Bicho<sup>255</sup> e vêm produzindo artigos e pesquisas sobre o

<sup>248</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>249</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>250</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918<sup>a</sup>, p. 19.

<sup>251</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918<sup>a</sup>, p. 19.

<sup>252</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>253</sup> CAVALCANTI, Carlos (org.) *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos*. Brasília: Instituto Nacional do Livro MEC, 1973, p.242.

<sup>254</sup> Dentre os quais, destaco: <http://www.dezenovevinte.net/bios>; <http://www.rodriquesgaleria.com.br>

<sup>255</sup> VALLE, Arthur. *A Semântica da Imagem Estética: Estrutura e Relações de Sentido na Obra de Guttman Bicho*. Mestrado (Artes Visuais), UFRJ, 2002.

pintor. É importante ressaltar que as obras e acervo sobre o pintor encontram-se espalhadas em diferentes instituições do país, como Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, do Museu Antônio Parreiras, em Niterói/RJ, no Museu de Arte de Santa Catarina/PR, e Museu Guttman Bicho, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, que detém alguns retratos feitos por Bicho nos tempos em que lá esteve em companhia de Rocha Pombo além de quadros e obras de discípulos do artista.

Mais jovem que o historiador paranaense, foi retratado pelo mesmo em várias passagens das *Notas de viagem*, como sendo medroso e impressionável, como neste momento de perigo da travessia, em que a ponte para chegar em terra era muito trêmula, sendo preciso características de herói para atravessá-la, na qual “o Bicho empalideceu. O saltar em terra ainda foi pior. A única ponte, que existe na baía, está ruindo depressa”<sup>256</sup>.

Galdino Guttman Bicho nasceu na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, no ano de 1888, tendo à época do embarque ao norte do Brasil, 29 anos. Filho de pai português e mãe descendente de alemães,<sup>257</sup> viveu parte da infância no estado de Sergipe:

Passou a infância em Sergipe, passando a residir posteriormente no Rio de Janeiro, onde frequentou o Liceu de Artes e Ofícios e a Escola Nacional de Belas Artes. Foi aluno de Zeferino da Costa e Rodolfo Amoedo. Fundou em 1947 o curso de Cerâmica da Escola Técnica do Rio de Janeiro<sup>258</sup>.

Para José Roberto Teixeira, o pintor petropolitano dominou a técnica do impressionismo e sua pintura teria sido uma das que serviram de ponte para a luta modernista, “pela ruptura sutil com o espírito acadêmico”<sup>259</sup>. Para os contemporâneos, Guttman Bicho era descrito como “um espírito inquieto e polêmico”. Apesar de trazer elementos biográficos importantes, o dicionarista comete o equívoco de afirmar que foi no ano de 1922 que Guttman Bicho viajou para o Norte do país, “em companhia do historiador Rocha Pombo, colhendo dados para a ilustração que faria de sua história do Brasil, edição comemorativa da independência”<sup>260</sup>.

Por sua vez, escreveu João Medeiros a respeito de Galdino Guttman Bicho:

Frequentou a ENBA, estudando com Belmiro de Almeida. No SNBA obteve o prêmio de viagem ao estrangeiro em 1912. Foi pintor de paisagens, retratos nus,

<sup>256</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* p. 106.

<sup>257</sup> VALLE, Arthur. “O ciclo de pinturas de Guttman Bicho no CAPS Ernesto Nazareth- Ilha do Governador”. IN: I Encontro de História da Arte, IFCH, Unicamp, 2005.

<sup>258</sup> LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário Crítico de Pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. ArtLivre, 1988, p.241.

<sup>259</sup> *Idem.*

<sup>260</sup> *Idem.*

ostentando nítida influência impressionista. O MNBA possui uma bela paisagem de sua autoria<sup>261</sup>.

Com caráter polimorfo de atuação, Guttmann Bicho, além de pintor, foi ceramista, artista gráfico e arquiteto<sup>262</sup> em uma trajetória marcada por diferentes contatos com a intelectualidade do período. Se por um lado, há poucos estudos específicos sobre Guttmann Bicho, as memórias de amigos pessoais do pintor possibilitaram adentrar um pouco mais em sua trajetória. Desse modo, os escritos memorialísticos de Agripino Grieco<sup>263</sup>, fazem muitas menções ao pintor:

Fico muitas vezes pensando no período em que conheci na Paraíba o pintor petropolitano Guttmann Bicho, de quem eu viria a ser cunhado. Ali fora ele executar alguns retratos de encomenda. Andara pelas ruas carregando ostensivamente a caixa de tintas e, logo que me falou, entrou a atacar os velhos mestres, mostrando especial indignação contra o retratista Auguste Petit, que o explorava, e lamentando não poder deixar de trabalhar com ele<sup>264</sup>.

Nas memórias do amigo, Guttmann Bicho era lembrado como um amante dos barcos e das pescarias, tendo sido criado “as soltas nas praias do Nordeste e nunca perdera a nostalgia daqueles coqueiros, daquelas jangadas de vela abertas ao vento”<sup>265</sup>. Tal amizade viria desde os tempos de adolescência, sendo o encontro com o amigo lembrado por Grieco como melhor que teve na vida:

Mas eu tive na juventude alguém que se me tornou o irmão escolhido por mim mesmo, e não me é possível lembrar qualquer episódio das minhas caminhadas pelo Rio diurno e noturno, entre 1906 e 1913, sem que recorde Guttmann Bicho, filho de um português do Porto com uma descendente de alemães<sup>266</sup>.

Ambos nasceram no mesmo ano, no estado do Rio de Janeiro. Para Grieco, o pintor petropolitano era um “literato em projeto”, que o levava para as livrarias e frequentavam exposições de pintura, liam livros e revistas de arte. Da amizade com Bicho, “colecionei telas, muitas pintadas por ele e que ele me deu quase de graça”<sup>267</sup>. Frequentador do Belas-Artes, “acompanhava-o constantemente o poeta Carlos Maul, seu conterrâneo e então cultor

<sup>261</sup> MEDEIROS, João. *Dicionário de Pintores do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Irradiação do Brasil, 1988, p.79.

<sup>262</sup> VALLE, Arthur. *Op. Cit.*, p. 1.

<sup>263</sup> “Agripino Grieco nasceu em Paraíba do Sul, RJ, em 15 de outubro de 1888. Filho de italianos transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1906, onde trabalhou como funcionário público. Em 1910 estreou com o livro de poesia *Ânforas*. Colaborou no *Boletim de Ariel* e em *O Jornal*, onde por algum tempo substituiu Tristão de Ataíde na crítica literária. Dedicava a maior parte do tempo à leitura e formou uma biblioteca com mais de cinquenta mil volumes. Em 1921 reuniu no livro *Fetiches e Fantoques* artigos publicados nas revistas *ABC* e *Hoje*. Poeta, crítico e ensaísta, tornou-se um dos mais respeitados escritores brasileiros. (...) Agripino Grieco morreu no Rio de Janeiro, em 25 de agosto de 1973”. (*NOVA Enciclopédia Barsa*. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1997. V.7)

<sup>264</sup> GRIECO, Agripino. *Memórias*, vol. I. Província. Rio de Janeiro: Conquista, 1972, p. 144.

<sup>265</sup> *Idem*.

<sup>266</sup> GRIECO, Agripino. *Memórias*, vol. II. Rio de Janeiro: Conquista, 1972, p. 68.

<sup>267</sup> GRIECO, Agripino. *Memórias*, vol. I.

dos literatos portugueses, recebendo cartas de José Agostinho, do Veiga Simões, do Orlando Marçal”<sup>268</sup>. As lembranças de Grieco permitem que sejam vislumbrados os círculos e lugares de sociabilidade<sup>269</sup> frequentados pelo pintor, bem como, as viagens por ele realizadas, que “viajou depois para a França e, à volta, quantas parolagens ainda na livraria Quaresma, no Círculo Católico, além das correrias pela Ilha do Governador a apanhar cajus e pitangas!”<sup>270</sup>.

Destaca que no estado de Alagoas, Guttmann Bicho foi amigo do poeta Sabino Romariz, estudou pintura com Eliseu Visconti e teve como condiscípulos, Henrique Cavaleiro e Marques Júnior, tendo ainda, trabalhado com o pintor Augusto Petit, “numa sala cheia de trompas e despojos de caça e velhos móveis de cinco ou seis estilos diferentes”<sup>271</sup>.

Grieco recorda ainda que, apesar de germanófilo, o pintor petropolitano, ao ganhar o prêmio de viagem, “em lugar de ir a Berlim ou a Hamburgo, dirigiu-se a Paris, de onde voltaria como se o escorraçassem do paraíso”. E, ao retornar da viagem ao exterior, não esqueceu dos amigos, pois:

Voltando de Paris, trouxe-me ele muitos livros raros, adquiridos à beira do cais do Sena, sem me cobrar nada por eles. Tenho também dezenas de telas suas, de que paguei apenas a parte dos moldureiros, conservando eu igualmente a pintura em grupo onde figuro ao lado de Ronald de Carvalho, do Rodrigo Otávio Filho, do Andrade Murici, do Tasso da Silveira e do próprio Guttmann, pintura que um jornalista malicioso denominou “a hora do Bicho”<sup>272</sup>.

Outro aspecto rememorado nos escritos de Agripino Grieco foram as andanças com Guttmann Bicho, que “baixo, de pernas curtas, mal proporcionado em relação ao tórax amplo, preferia o reboque dos bondes, por se acomodar melhor em bancos menos altos”. Recorda que muitas foram também, as mudanças de residência, pois os despejos não tardavam quando o dinheiro lhes faltava para pagar o aluguel, em que:

Muitas noites vagamos pelos arrabaldes, à procura de uma casa bem iluminada onde comemorassem data festiva, para mediante discurso meu, saborearmos doces e vinhos. Em nossa petulância meio besta, ou integralmente besta, era como se fossemos dois pajés a fazer Brasis tudo quanto desejassemos<sup>273</sup>.

---

<sup>268</sup> *Ibidem*, p. 145.

<sup>269</sup> Com respeito aos círculos de sociabilidades, Maurice Aymard indica, no pensando o contexto europeu, que há um recrutamento “exclusivamente masculino e decidido pelos próprios membros segundo critérios de homogeneidade social e cultural”, onde “a sede é sempre exterior à residência familiar, em oposição aos ‘salões’.” O autor acrescenta ainda, que, o objetivo de tais círculos e ambientes é criar “uma sociabilidade muito genérica que tenderá a restringir-se para especializar-se na reflexão política ou nas discussões literárias.” Enfim, as ditas “novas formas sociabilidades”, aponta o autor, trazem uma marca específica, que é a quase exclusividade masculina. Cf: AYMARD, Maurice. “Amizade e convivialidade”. In: CHARTIER, Roger. *História da vida privada*, 3 : da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 466.

<sup>270</sup> *Idem*.

<sup>271</sup> *Ibidem*, p. 146.

<sup>272</sup> GRIECO, Agripino. *Memórias*, Vol II. Rio de Janeiro: Conquista, 1972, p. 71

<sup>273</sup> *Ibidem*, p. 70.

Com ar de orgulho e satisfação, Grieco menciona a viagem que o amigo pintor realizou em 1917, que “andando pelo Norte com Rocha Pombo, Guttmann falava sempre em mim aos literatos de lá: ‘Vocês precisam conhecer o Grieco!’<sup>274</sup>

Outro aspecto a ser destacado na trajetória de Guttmann Bicho era a dimensão de retratista, uma vez que esta atividade era uma forma de garantir o próprio sustento. Assim, foi o pintor retratista de Agripino Grieco<sup>275</sup>, Farias Brito, Belisário Pena, Catulo da Paixão Cearense, João Ribeiro, Fábio Luz<sup>276</sup>.

Em 1917, nos tempos em que passou 22 dias em Sergipe, na companhia de Rocha Pombo, pintou um quadro do intelectual paranaense.

Ganhador de muitos prêmios, dentre os quais se destacam a menção honrosa nas Exposições Gerais de 1906 e a pequena medalha de prata em 1912<sup>277</sup>, é possível que a excursão ao norte tenha lhe propiciado a divulgação de suas obras, bem como, o estabelecimento de muitos contatos, tendo contribuído para isso, as próprias ações e iniciativas do pintor, como podemos aferir a partir das atas da sessão do dia 15 de agosto do Instituto Histórico de Sergipe, onde há menção à inauguração dos retratos ofertados pelo pintor:

Depois, começaram a ser inaugurados os retratos ultimamente ofertados ao Instituto. Acendeu à tribuna o segundo secretário desta associação que fez respeitadamente a biografia do grande poeta sergipano Dr. Pedro de Calazans e terminou pedindo que fosse inaugurado retrato a óleo do primoroso trabalho do habilíssimo pintor Guttmann Bicho. O Sr. presidente declarou solenemente inaugurado o referido retrato<sup>278</sup>.

---

<sup>274</sup> *Idem.*

<sup>275</sup> Para o qual fez um quadro em óleo no ano de 1913, e em 1925, em companhia de viagem ao Rio Grande do Sul, tomou algumas paisagens.

<sup>276</sup> GRIECO, Agripino. *Op. Cit.*, p. 144.

<sup>277</sup> A esse respeito, ver: ALVES, Gonçalo. “Notas do ‘Salon’ – Guttmann Bicho”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 set. 1912, p. 1.

<sup>278</sup> *Ata da sessão magna de posse da nova diretoria que tem de gerir os destinos do Instituto Histórico no período social de 1917 a 1919*. Sergipe, 15 de agosto de 1917, p. 9.



Figura 6. Manuel Caldas Barreto Neto

(Galdino Guttman Bicho, óleo sobre papel. Acervo da Pinacoteca do IHGSE)

Porém, a viagem também foi um período de dor e luto para o retratista, uma vez que recebeu a notícia da morte da mãe durante a travessia: “no momento em que tomamos os bondes especiais para o hotel, o Bicho se debulhava em lágrimas, soluçando como uma criança: tinha-lhe dado, ao saltar, a notícia do falecimento da mãezinha, que deixara enferma”<sup>279</sup>.

Ademais, após a excursão ao norte do Brasil, o pintor conquistou o prêmio Viagem ao Estrangeiro, em 1921, como o quadro Panneau decorativo, tendo a oportunidade de viver em Paris e em Lisboa, realizando exposições particulares.<sup>280</sup> De volta ao Brasil no ano de 1924:

conheceu um período de relativa consagração, conquistando na Exposição Geral de 1925 a medalha de ouro. Continuaria participando do certame - então com o nome de Salão Nacional de Belas Artes - ainda em 1954, quando recebeu o Prêmio de Viagem pelo Brasil, embarcando para o Maranhão, estado que lhe forneceria o tema para suas derradeiras paisagens<sup>281</sup>.

<sup>279</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p.10.

<sup>280</sup> [www.dezenovevinte.net](http://www.dezenovevinte.net)

<sup>281</sup> *Idem.*

E, recorrendo novamente às memórias de Agripino Grieco, apesar do horror do pintor pela vida burocrática, “acabou também em repartição pública, pintando rins e estômagos cancerados para o Ministério da Educação e Saúde, sem esquecer a caraça de alguns chefes”<sup>282</sup>.

Além de Guttman Bicho, outros, eventualmente, acompanharam Rocha Pombo na travessia de um estado para o outro. Saindo da Bahia o viajante contou com a presença de Costa Filho.<sup>283</sup> Com Samuel Auday,<sup>284</sup> pôde ir até Manaus, ou ainda, o Bispo José<sup>285</sup>, companheiro de viagem para Maceió e Rocha dos Santos, “belo espírito e cavalheiro distintíssimo”<sup>286</sup> que acompanhou na excursão a partir de Manaus<sup>287</sup>.

### 2.3 Trajetos, olhares e percalços

Durante quase cinco meses pelo Brasil afora, atravessando rios e matas, descobrindo gentes, histórias, paisagens, Rocha Pombo percorreu um total de onze estados: Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pará, e Amazonas. As vivências explicitadas por Rocha Pombo remetem, em muita medida, ao que Michel de Certeau acentuou a respeito dos ditos “relatos de espaço”, em que:

Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. A este título, tem a ver com as táticas cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial (“dobre à direita”, “siga à esquerda”), esboço de um relato cuja consequência é a escrita pelos passos, até ao “noticiário” de cada dia (...).Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um “suplemento” (...) De fato organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam<sup>288</sup>.

O relato desta jornada mostra-se impregnada por surpresas e percalços, valorizando ainda mais os feitos de seu “heroísmo,” uma vez que alegara ter que enfrentar muitos medos e dificuldades, e mesmo, sacrifícios, esboçando em várias passagens do seu relato, a presença do temor em relação a naufrágios e desastres similares:

<sup>282</sup> GRIECO, Agripino. *Memórias*, Vol. I, p. 150.

<sup>283</sup> O sergipano Luiz José da Costa Filho nasceu no ano de 1886. Jornalista do “Jornal de Sergipe”, foi professor adjunto de história e geografia do “Ateneu Sergipense” e sócio honorário do IHGSE. (GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Bibliográfico Sergipano*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925, pp. 377-380).

<sup>284</sup> *Ibidem*, p. 224.

<sup>285</sup> *Ibidem*, p. 73.

<sup>286</sup> *Ibidem*, p. 250.

<sup>287</sup> Pelo fato de Rocha Pombo não ter citado tais nomes de forma completa, não foi possível localizar mais elementos biográficos para explorar a trajetória e pertencimentos dos outros sujeitos.

<sup>288</sup> CERTEAU, Michel de. “Relatos de espaço”. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 200.

Se o vapor tivesse naufragado, ou se eu tivesse morrido de febres no Amazonas, como chegaram a prognosticar-me sinistramente-não faltaria quem me explicasse o intento obcecado como um arrastamento do destino. A tal fatalidade é mesmo essa coisa...que só é quando é...<sup>289</sup>

Em um plano de viagem que contemplava as cidades de Vitória, Bahia, Aracaju, Santo Amaro, São Cristovão, Laranjeiras, Rio São Francisco, Vila Nova, Maceió, Serra da Barriga, Pernambuco, Olinda; Cabedêlo, Paraíba, Guarabira, Natal, Fortaleza, Tutuya, São Luiz do Maranhão, Belém do Pará, Rio Amazonas, Santarém, Óbidos, Itacoatiara, Manaus, descrevia em suas notas de viagem, as impressões gerais destes locais visitados, comparando-os, muitas vezes e apontando seus problemas e virtudes.



Figura 7. Mapa do Brasil. Diretoria Geral de Estatística, Divisão Administrativa do Brasil 1911<sup>290</sup>.

Com base no quadro 3, é possível visualizar o tempo gasto em cada estado, bem como, os meios de transporte utilizados e os locais onde os viajantes se hospedaram. O período de permanência variava em função de muitos aspectos, sobretudo em relação ao atraso da embarcação que os levaria ao estado seguinte, como ocorreu durante a permanência na Bahia, que se prolongou dois dias além do previsto. Em Sergipe ficaram 22 dias por falta de vapor<sup>291</sup>. No Pará, além dos primeiros oito dias na ida, outros 10 dias na volta. Tais transtornos

<sup>289</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 20.

<sup>290</sup> Os estados na cor rosa foram os contemplados na excursão de Rocha Pombo.

<sup>291</sup> A respeito da permanência de Rocha Pombo no estado de Sergipe, ver: TORRES, Acrísio. “Rocha Pombo em Sergipe”. In: *Pó dos Arquivos*. Brasília: Thesaurus, 1999, pp. 222-225.



deixavam o humor do viajante mais ácido, o que se evidencia no tom mais irônico e crítico nos momentos em que tais problemas ocorreram. Outro atraso também ocorreu na saída de Manaus, quando “o vapor, que devia sair às 9 horas da noite, só saiu às 6 da manhã. O dia 23 foi só quase de mar e céu”.<sup>292</sup>

### Quadro 3: Tempos e percursos

Estado	Período de permanência	Meio de transporte	Hospedagem
Espírito Santo	22/07 a 30/07 Total de 8 dias	Vapor <i>Itaquera</i>	Hotel muito próximo ao cais
Bahia	31/07 a 9/08 Total de 9 dias	Vapor <i>Itaberá</i>	Hotel Meridional
Sergipe	10/08 a 05/09 Total de 25 dias	Vapor <i>Itapacy</i>	Hotel Estados
Alagoas	06/09 a 09/09 3 dias	Vapor <i>Itapacy</i>	Hotel Nova Cintra
Pernambuco	09/09 a 17/09 7 dias	Trem	Hotel O Comercial
Paraíba	18/09 a 28/09 10 dias	Paquete <i>Ceará</i>	
Rio Grande do Norte	28/09 a 04/10 6 dias	Trem	Hotel Internacional
Ceará	05/10 a 13/10 8 dias		Hotel Avenida
Maranhão	15/10 a 22/10 7 dias	Vapor <i>Bahia</i>	Hotel Central
Pará	24/10 a 04/11 11 dias	Vapor <i>Manaus</i>	Hotel da Paz
Amazonas	06/11 a 15/11 8 dias	Vapor <i>Brasil</i>	Grande Hotel
Pará	16/11 A 26/11 10 dias	Paquete <i>Maranhão</i>	Hotel de Paz
Retorno para o Rio de Janeiro	27/11 a 8/12	Vapor <i>Pará</i>	

É importante ressaltar que a travessia para os estados não se deu apenas pelo litoral, em vapores e paquetes. Alguns trechos foram feitos por terra, como o seguinte: “De Maceió a Recife fomos por terra. Tomamos o trem às 5:30 da manhã. Margeamos quase a lagoa do Norte, que é, com efeito, belíssima”.<sup>293</sup> Nesse caso, da estação de trem seguiram de carro para o hotel, tendo o carro que enfrentar e “vencer uma zona de topografia complicadíssima: ruas

<sup>292</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p.131.

<sup>293</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 78.

tortas e curtas, becos, vielas...um labirinto”.<sup>294</sup> Da Paraíba para o Rio Grande do Norte também foram por chão. Chegando em Natal, impressionou os olhos do visitante a falta de viaturas públicas, a não serem os bondes, “não vimos ali nem um automóvel, nem um carro de praça. O próprio chefe do Estado anda nos bondes comuns”.<sup>295</sup>

Com respeito às instalações, é possível notar que as opiniões do viajante sobre estas variavam. Sobre o Hotel Meridional, onde se hospedou na Bahia, relata que “pelo asseio e pela excelência de todo o serviço é dos melhores da terra, se não o melhor”.<sup>296</sup> A mesma visão não se teve sobre o Hotel Estados, em Sergipe, uma vez que “não é propriamente o mais confortável hotel do mundo; mas ali passamos muito bem”,<sup>297</sup> porém, o proprietário de tudo fez para agradar e suprir as carências físicas do referido hotel.

Todavia, o tom de crítica se acentua nos hotéis seguintes. Em Alagoas, disparou: “levaram-nos para um hotel chamado Nova Cintra...mas que parece mais uma Cintra bem velha. Dizem-nos que não é propriamente o melhor da cidade. Felizmente para Maceió”<sup>298</sup>. Mais explícito na crítica ao falar do hotel Internacional, em Natal, pois “ali encontramos disponível um exíguo aposento, no segundo andar, muito escuro e sofrivelmente horrível. Alojamo-nos naquela catacumba, onde estivemos perfeitamente emparedados durante sete dias”.<sup>299</sup> Contrastando com as péssimas experiências relatadas, o viajante emite visão positiva e maravilhada do Grande Hotel, onde se hospedou na capital amazonense, uma vez que “tem-se todos os confortos dos melhores do Rio: amplos aposentos, vasto e luxuoso salão de visitas, refeitório em grande ar e bem iluminado, serviço perfeito de copa, e mesa de primeira ordem”<sup>300</sup>.

Após situar as condições pelas quais se deu a excursão, acompanhemos um pouco os olhares sobre as cidades visitadas.

A primeira cidade visitada foi Vitória, no estado do Espírito Santo, sendo mais um caminho da travessia, uma vez que este estado não se situa no norte do Brasil. Na comparação com as outras capitais visitadas, considerou “a que se acha em situação mais aprazível, porém, é aquela onde se encontram menos alterados os vestígios do regime colonial”.<sup>301</sup> De acordo com Rocha Pombo, a ação do tempo na cidade deixou tudo em desordem e ruindo, “no

---

<sup>294</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>295</sup> *Ibidem*, p. 98.

<sup>296</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 38.

<sup>297</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>298</sup> *Ibidem*, p. 75.

<sup>299</sup> *Ibidem*, p. 98.

<sup>300</sup> *Ibidem*, p. 170.

<sup>301</sup> *Ibidem*, p. 22.

primitivo assento da povoação”, contrastando com alguns pontos de renovação da cidade com ruas calçadas e edificações modernas<sup>302</sup>.

Do Espírito Santo seguiram para a Bahia, tomando no dia 29 de julho o *Itabaré* para o norte, onde logo de princípios, esboça ares de surpresas e encantos com a bonita vista da cidade pelo litoral:

Quando me disseram que estávamos entrando a barra funda, fiquei numa verdadeira aflição: não via nenhum indício de porto: continuava tudo a ser oceano. Só quando começamos a avistar a cidade é que me convenci de que estávamos dentro já da Bahia...O panorama da cidade, no entanto, arrebatava mais que tudo<sup>303</sup>.

O viajante paranaense escreveu suas impressões de deslumbramento com a cidade baiana ao jornal *A Tarde*, admitindo que “por mais que pelas cartas e pelas descrições eu procurasse ter uma vaga sugestão desta deslumbrante paragem, tudo aqui excedeu ao que os documentos me sugeriam”,<sup>304</sup> uma vez que a experiência do vivido produziu, para ele, a possibilidade de alargar as vistas “por este mar do Recôncavo”, onde pode ver e sentir, desde o desembarque, a “alma da gente” na antiga metrópole colonial na qual:

A topografia desordenada da parte alta, a variedade de construções, a importância de certos edifícios, a grandeza austera de outros, o movimento das ruas, o amplo do tráfego geral, tudo nos dá impressão de um grande centro de vida, de uma larga aspiração de futuro, associada a uma tendência quase supersticiosa para amar o passado em tudo que ele teve de excelência e Augusto<sup>305</sup>.

Da Bahia dirigiu-se ao estado de Sergipe, o qual seria um estado “muito pequeno em território, e modesto em fortuna, e que, portanto, só pode ser grande pela alma da gente”, onde destacou também, a presença de pequenas salinas, na margem oposta da Bahia.<sup>306</sup> Na ótica de Rocha Pombo, há em Sergipe locais que são um verdadeiro fogo morto, como por exemplo, Santo Amaro, onde haveria raros sinais do passado, existindo muitas “igrejas em ruínas, casas que desabam afogadas em matagal, ruas e praças cobertas de capim”.<sup>307</sup> Porém, considero o local lindíssimo, repleto de belezas naturais como ilhas, lagunas, sugerindo, na perspectiva do viajante, “alguma coisa de paisagem egípcia”.<sup>308</sup> Porém, não apenas a paisagem chamava-lhe a atenção em Sergipe. As fábricas de tecido, de ladrilhos e de óleo de coco, além das belas salinas atraíam as vistas do andarilho viajante.

<sup>302</sup> *Idem.*

<sup>303</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 34.

<sup>304</sup> Impressões enviadas ao Jornal *A Tarde*, transcritas nas *Notas de viagem* de Rocha Pombo, p. 36.

<sup>305</sup> *Ibidem*, p. 36-37

<sup>306</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>307</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>308</sup> *Idem.*

Na capital Aracaju, por exemplo, observa a presença de traços comuns com outras cidades do norte, sobretudo na presença das feiras semanais, nas vizinhanças do mercado, onde “se encontra uma variedade infinita de coisas, produtos de lavoura, de criação, de pesca, artigos de indústria indígena, etc”<sup>309</sup>.

Seguindo para Maceió, relatou os perigos e dificuldades da passagem, muito angustiante segundo o viajante. Uma cidade que vista de fora teria aspecto medíocre, o que se transforma ao se adentrar na mesma, possuindo bondes elétricos regulares, iluminação de qualidade, e alguma vida noturna.<sup>310</sup> De Maceió a Recife a travessia foi por terra, em um solo muito acidentado, com uma natureza sem muitas belezas, sendo grande a curiosidade do historiador por ver a Serra da Barriga, “onde os Palmares tiveram, há mais de dois séculos, os seus famosos quilombos”<sup>311</sup>.

O relato sobre Recife é banhado pelo deslumbramento diante da “imensa planura, cortada de águas, como linhas de prata em que se engasta a pedraria brilhante das ruas e praças”,<sup>312</sup> numa cidade que seria muito limpa, possuindo um dos melhores portos do país, sendo a capital de Pernambuco, dentre todas as demais do norte, “a de mais belos e extensos arrabaldes”, ponderando, todavia, que mesmo com tanta formosura, há também, alguns lugares menos aprazíveis, como o arrabalde de Afogados, onde não haveria luz e água, em que “a população anda por ali, numa grande ânsia de sede, a disputar as gotas, nas fontes e cacimbas”<sup>313</sup>.

Por seu turno, Cabedêlo, estado da Paraíba, é descrita como sendo uma paragem pitoresca, muito aprazível, em meio a coqueiros num forte em ruínas, notando-se a presença, pelas margens da estrada, “de casinhas de palha intermediárias entre a choça do índio e a edificação urbana. O mesmo que em toda parte. É o rebotalho das três raças, que por ali foi ficando, longe do mundo, quase sempre numa grande miséria”.<sup>314</sup> Ao adentrar para a capital da Paraíba, contudo, nota que, apesar de pequena, a cidade possui certo movimento, existindo boas construções e iluminação por energia elétrica, “sendo esta, porém, defeituosa, pois é sujeita a intermitências, ficando às vezes às escuras algumas zonas da cidade”.<sup>315</sup> Assim como a precária iluminação, o serviço de bondes da cidade também não seria dos melhores, sendo interrompido algumas vezes por falta de energia. Por outro lado, considera a cidade uma terra

---

<sup>309</sup> *Ibidem*, p. 72.

<sup>310</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 75.

<sup>311</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>312</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>313</sup> *Ibidem*, p. 85.

<sup>314</sup> *Ibidem*, p. 87.

<sup>315</sup> *Ibidem*, p. 89.

abençoada, por não se ver mendigos pedindo esmolas. Depois de alguns passeios pelos arredores da cidade, concluiu: “são medíocres os arrabaldes da cidade”<sup>316</sup>.

Durante o percurso por terra para Natal, o viajante paraense pôde observar o plantio local, sobretudo de cana de açúcar, algodão, café e mandioca. Descreve que na parte central da cidade, há duas bem iluminadas grandes praças paralelas, onde ao alto, há uma igreja matriz.<sup>317</sup> Destaca ainda a peculiaridade das construções locais:

Ao avizinhar-nos dos subúrbios de Natal, vemos de umas alturas grande número de pequenas casas, mas regulares, todas muito vermelhas, como tintas de sangue. É isso devido à cor do barro que serviu para as paredes. Sentimos que o dia parece por ali mais claro. Dir-se-ia que naquelas paragens o sol anda mais perto e brilha mais<sup>318</sup>.

Já em Fortaleza, a dificuldade do embarque foi descrita como uma das piores até então, sendo necessárias doses de heroísmo para a travessia, uma vez que a fragilidade e precariedade da ponte seriam medonhas, “batida de vagalhões, gemia estremecendo; e eu atiritar, vendo o instante em que bagagem, ponte, gente e tudo, e eu e o Bicho desabávamos naquele furor de ressaca lá em baixo”.<sup>319</sup> Na comparação com Natal, a cidade foi considerada muito maior, pois:

Quase que se pode já dizer uma grande cidade. As ruas são muito extensas, largas e retas, verdadeiras avenidas. Tem muita vida em algumas delas, principalmente a noite. Há grande número de cafês, confeitarias e até *bars* de luxo. A iluminação é excelente. Os bondes elétricos, muito bons<sup>320</sup>.

Rocha Pombo pondera ainda que, de acordo com o presidente do Estado, um dos grandes problemas do Ceará seria a seca, alternando-se com um outro flagelo, as inundações, porém, pondera que “não fosse a calamidade da seca, o Ceará seria talvez o mais rico estado do norte”<sup>321</sup>.

Após terminada a visita do Ceará, o viajante lamentou por não ter podido conhecer o Piauí, em função das dificuldades de acesso ao estado<sup>322</sup>, apontado como “o mais isolado de todos os estados do norte”:

---

<sup>316</sup> *Ibidem*, p. 94.

<sup>317</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 96.

<sup>318</sup> *Ibidem*, p. 97.

<sup>319</sup> *Ibidem*, p. 106.

<sup>320</sup> *Ibidem*, p. 108, grifos do autor.

<sup>321</sup> *Ibidem*, p. 109

<sup>322</sup> Observa-se nessa passagem, a afirmação do “mito do isolamento do Piauí”, o que, segundo a historiografia piauiense, deve ser refutado, sobretudo “pela confrontação e análise da documentação que aponta uma imensa rede de caminhos, rotas, trilhas e estradas, linhas de correios regulares, bem como o comércio de gado e articulações político-administrativas com as diversas regiões (...)”. Cf. DIAS, Claudete Maria Miranda. “O Piauí

O acesso a Teresina, a cerca de uns 400 quilômetros de Amarração, é penoso. É preciso, do porto, ir em lancha a Parnaíba, e dali, em barca, rio acima, durante uns sete ou oito dias, à capital. Devido a isso, sentimos não ter podido visitar o Piauí. Por São Luiz, via Itapicuru, a viagem não é mais fácil<sup>323</sup>.

Pulou-se o Piauí. De Fortaleza rumou a São Luiz. O olhar traçado em relação à capital maranhense enfatizava que, de fora, a cidade teria um “aspecto meio colonial”, com uma entrada muito auspiciosa, sendo que fora da parte central, seria muito desordenada a topografia da cidade, com muitas ruas tortas e estreitas, becos e ruelas, “onde, além de uns bondezinhos de tração animal, (...) há viaturas de praça e particulares, principalmente caleches”.<sup>324</sup> Todavia, considera a cidade muito simpática e deleitável, uma vez que, segundo a ótica do viajante paranaense, “aquelas velharias da colônia, contrastam com muitas ruas bem boas, com bons prédios modernos, e principalmente com muitas praças. Pequenas quase todas, mas ajardinadas”.<sup>325</sup> E se por um lado, demonstra felicidade com a falta de mosquitos na cidade, por outro, lamenta a completa ausência de iluminação pública na cidade, que viveria na total escuridão<sup>326</sup>.

Os dois próximos destinos do viajante—Belém e Manaus— foram sem sombra de dúvida, as instâncias onde mais se alargou nos relatos, o que declara ter sido proposital, no intuito de colocar em destaque as mesmas, uma vez que as duas capitais seriam as mais sujeitas “à irredutível incredulidade do sul”.<sup>327</sup>

Com relação a Belém, o viajante declara que a capital do Pará excedeu em muito suas expectativas, despertando-lhe profundos sentimentos de orgulho e alegria, sendo uma cidade moderna, “gigantesca, monumental, com as suas grandes construções, os seus palácios, as suas torres, o seu porto vasto e movimentado, o seu extenso cais e enormes armazéns”.<sup>328</sup> Destacou que se conservam ainda, “vestígios de outros tempos”, como pequenas praças, ruas estreitas e curtas, travessas, prédios antigos, remetendo ao período colonial.<sup>329</sup> Com agradável temperatura, o que atribui não somente à vizinhança com o mar, como também, pela abundante vegetação, que contribuiria para o clima fresco, ali se beberia, na perspectiva de Rocha Pombo, o melhor guaraná de todo o país. A visão maravilhada sobre Belém se estende a outros aspectos: “Para todos os lados a cidade cresce a olhos vistos. O

---

que o Brasil não vê: História, Arte e Cultura”. In: SANTANA, Raimundo N. M. de. (org.). *Apontamentos para a História Cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003, p. 222.

<sup>323</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 115

<sup>324</sup> *Ibidem*, p. 118.

<sup>325</sup> *Ibidem*, p. 117.

<sup>326</sup> *Ibidem*, 120.

<sup>327</sup> *Ibidem*, p. 267.

<sup>328</sup> *Ibidem*, 132.

<sup>329</sup> *Ibidem*, 136.

serviço de bondes é excelente. Há infinidade de linhas para o centro e para os arredores”.<sup>330</sup>

Outro destaque digno de nota pelo viajante foi a tradicional festa de Nazareth, em que:

Pudemos ainda aproveitar alguns dos últimos dias daquela festa tradicional, tão cara à devoção do povo paraense. A praça, fronteira à ermida, não é muito ampla, mas é de aspecto muito agradável. (...) O largo de Nazareth estava feérico. Em toda parte, em desordem- barracas, tendas, chalés, pavilhões, onde se joga, se come, onde se bebe e onde se vende tudo quanto há no mundo. A festa passa-se ali, e dura quase sempre a noite inteira<sup>331</sup>.

De Belém a Manaus, um grande êxtase. Essa foi a sensação descrita por Rocha Pombo no encontro com a capital do Amazonas, superando em muito, as expectativas que possuía sobre o local, “ante aquela majestade de águas e terras que parecem sair de um cataclismo, ou que são restos de um dilúvio, não sei como se permanecer sem espanto”<sup>332</sup>.

Despertaram especial interesse no relato do viajante as palhoças sobre estacas às margens do rio, que seriam as barracas dos seringueiros que por ali trabalhavam, uma vez que os melhores barracões destinavam-se às habitações dos patrões. Sobre o trabalho nos seringais, escreve em tom de denúncia:

Contaram-me sempre as coisas mais horríveis a propósito dos seringueiros e das condições em que vivem e trabalham, principalmente no Acre. Um homem desses contrata o serviço do dono de um seringal, e por esse contrato deixa-se escravizar até a morte. Não tem mais meios de libertar-se do patrão. Este é por ali um perfeito soberano, enquanto não assanha contra si, no ânimo dos escravos, uma soberania mais poderosa e mais cruel. Dizem que o patrão chega a recrutar à força, como se capturam animais alçados, os míseros que tentam fugir do cativeiro<sup>333</sup>.

A última cidade que o historiador paranaense visitou foi Óbidos, considerada bonita, porém, sem grande movimento, com “casinhas muito regulares e bem cuidadas, com o terreirozinho muito limpo, circuladas de arvoredo, algumas até pitorescas, cobertas de zinco ou de telha”.<sup>334</sup>

Observou com especial atenção a indústria local, destacando dentre outras, a Fábrica de Águas Gasosas, Minerais e Refrigerantes, produzindo um guaraná conhecido pelos locais como champanha paraense, tendo o produto figurado em várias exposições internacionais, com destaque à Exposição de Indústria e de Trabalho de 1911 em Turim, tendo sido premiado com medalha de ouro<sup>335</sup>.

Após acompanharmos os destinos empreendidos pelo intelectual paranaense, é possível aferir que há em suas descrições, certa intencionalidade em construir um relato que

<sup>330</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 138.

<sup>331</sup> *Ibidem*, p. 139.

<sup>332</sup> *Ibidem*, p. 156.

<sup>333</sup> *Ibidem*, p. 162.

<sup>334</sup> *Idem*.

<sup>335</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 235.

se propõe uma visão diferente das pré-noções e preconceitos acerca dos locais visitados. A marca da surpresa aparece em vários momentos, pois para ele, “todo o norte me surpreendeu. Não me seria possível fazer uma ideia, sequer aproximada, das capitais que pude ver, e das populações que tive a felicidade de sentir de perto.”<sup>336</sup> Ademais, não seria o único, pois “dizem que muita gente não tem sentido, ao entrar no Amazonas, a impressão que esperava”.<sup>337</sup> Nota-se certa preocupação em mostrar-se mais corajoso e aberto às desconstruções acerca dos estereótipos sobre os locais visitados, ao contrário de muitos, como seu próprio companheiro de viagem Guttman Bicho, que teria desistido de prosseguir para Manaus por medo, uma vez que:

Para ele, a visão do Amazonas era um pesadelo: jiboias, surucucus, crocodilos, até hipopótamos...e depois, o calor de fornalha que assa e torra um homem antes do nascer do sol, as febres que matam em dois minutos– e uma infinidade de coisas horríveis que lhe meteram na cabeça– tal pavor fizeram à imaginação do meu amigo que o mais simples foi concordar com ele.(...) Afinal, vi que o Guttman Bicho é como quase toda gente quando se trata do Amazonas. Não há quem tire da cabeça de um homem do sul que nunca viu o norte, a certeza de que ir a Manaus, ou mesmo a Belém, mas principalmente a Manaus, é só para doidos que não têm amor à vida...O que é certo é que o Bicho embarcou para o Maranhão...<sup>338</sup>

Tece muitas comparações, tendo o Rio de Janeiro como parâmetro em vários aspectos: clima, cultura, vida urbana, etc, acentuando que em muitos aspectos, as cidades visitadas não ficariam atrás da então capital da república. O clima em Manaus, por exemplo, seria mais ameno, com noites sempre mais frescas que as do Rio de Janeiro, afirmando que “nunca senti tanto calor em Manaus como no Rio entre dezembro e março”. Ademais, vida noturna da capital do Amazonas seria tão animada e intensa como em todos os grandes centros, onde todas as noites funcionariam teatros e cinemas, sendo que a iluminação não seria inferior a do Rio. Em Manaus, por exemplo, haveria edifícios de primeira grandeza, sem perder para os mais notáveis do Rio de Janeiro, Pernambuco e São Paulo, destacando “o teatro Amazonas, o palácio da Justiça, o palácio Rio Negro, a Beneficente Portuguesa, o Ginásio Amazonense, a alfândega, o Instituto Benjamin Constant, o Mercado Público, etc”.<sup>339</sup>

Sobre a questão da pobreza, é taxativo, citando Óbidos, onde “se vê que não é mais uma população em completa penúria a que habita aqueles sítios de onde nos vem uma impressão de serenidade e de abundância. E eu me lembro tanto do Rio, onde a dois passos da cidade, em certos subúrbios mais afastados, já se encontra a miséria”.<sup>340</sup>

---

<sup>336</sup> *Ibidem*, p.135.

<sup>337</sup> *Ibidem*, p. 156.

<sup>338</sup> *Ibidem*, p. 145.

<sup>339</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 168.

<sup>340</sup> *Ibidem*, p.162.



O Rio de Janeiro também é considerado pelo autor das notas de viagem como sendo a morada de um tipo muito peculiar de brasileiro, o Zé Povo,<sup>341</sup> descrito como um agitador, encenqueiro, que ao contrário do povo do norte, não pagaria as passagens dos bondes, tendo em vista que, tenderia a reclamar dos valores entre os bondes que “custam 100 réis por seção, nos de 1ª custam 120. (...) No Rio, por exemplo, é aquela certeza! Zé Povo encresparia de pronto, e não pagaria o vintém”<sup>342</sup>.

No que tange ao movimento de criação de personagens que representariam os diferentes tipos brasileiros, temos o Zé Povo circulando nos periódicos do Rio na primeira república, sendo visto como “um prolongamento de “Zé Povinho”, criado pelo cartunista português Rafael Bordalo Pinheiro e que teria parentesco com outras personagens-síntese da nacionalidade como Jonh Bull para o caso da Grã-Bretanha”<sup>343</sup>.

Por sua vez, o Jeca-Tatu, fora criado em 1914 por Monteiro Lobato no artigo “Velha Praga”, sendo descrito inicialmente como uma figura com grande carga negativa, um caipira, sendo o caboclo representado enquanto um parasita da terra, “espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira da penumbra das zonas fronteiraça”.<sup>344</sup> Todavia, muitos se insurgiram contra a visão negativa elaborada por Lobato, propondo outros tipos e personagens, como o Mané-Chique-Chique, nordestino, tipo rural criado pelo cearense Ildefonso Albano que “doma o gado churro e semeia no pedaço de terra que o latifundiário ocioso lhe deixa cultivar”.<sup>345</sup> Ou ainda, o Jeca Leão, homem do sul esperto e virtuoso, criação de Rocha Pombo e o Jeca Bravo, recuperado pelas medidas higienistas defendidas por Renato Khel<sup>346</sup>.

Ainda com respeito às visões negativas construídas e divulgadas sobre o norte, o viajante se posiciona contrário as mesmas, assumindo uma posição de testemunha da verdade, sobretudo no que tange à ideia do norte enquanto lugar de flagelos, doenças, oriundas da promiscuidade com insetos e falta de higiene:

---

<sup>341</sup> A respeito das discussões em torno da construção do Zé Povo, ver: SILVA, Marcos A. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990; TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Zé Povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho*. Dissertação (História), UERJ, 2009; RIBEIRO, Pedro Krause. “Memórias de Zé Povo ou memórias individuais? - O povo na retórica da charge e a legitimação dos discursos políticos dos caricaturistas na imprensa carioca do início do século XX”. *Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH Rio*, 2010.

<sup>342</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, p. 138.

<sup>343</sup> TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Op. Cit.*, p. 12.

<sup>344</sup> LOBATO, José Bento Monteiro. “Velha Praga”. In: Urupês. São Paulo, 1955, p. 271, apud: NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998, pp.19-20.

<sup>345</sup> NEPOMUCENO, Rosa. *Música caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 95.

<sup>346</sup> LIMA, Nísia Trindade. “Jeca Tatu e a representação do caipira brasileiro.” In: *Anais do XXII Encontro Anual da ANPOCS*, 1997, p. 17.

Cá no sul todo o mundo nos fala, não só do calor sufocante, como do flagelo dos insetos – mosquitos, pulgas, moscas, percevejos, baratas–todas as imundícias do mundo, como fazendo, em todo o norte, o suplício de um pobre vivente. Pois, pela minha parte, dou um desmentido formal a tudo isso; e afirmo que durante a minha excursão só tive de defender-me dos mosquitos. Baratas... vi uma única a bordo de um dos vapores em que viajei. Moscas... em parte alguma me importunaram; e até, na maioria das capitais, se alguém precisasse de uma asa de mosca para remédio, o melhor era ir logo morrendo. Nunca, em parte alguma, tive de alarmar a vizinhança contra um percevejo, nem mesmo contra uma pulga<sup>347</sup>.

Apesar dos muitos problemas também relatados por Rocha Pombo, ao final parecia negar a concepção do norte como lugar de doenças e flagelo, diferente de muitos outros relatos produzidos no mesmo período pelos ditos homens da ciência que acentuavam a visão negativa da parte norte do país, sobretudo a partir das viagens ao interior do país. Nas palavras do próprio autor, “eu não fui ao norte para colher impressões daquelas coisas. Para ver pedintes, de certo que eu não precisaria sair do Rio de Janeiro, e impaludados há-os em toda parte do Brasil e do mundo”<sup>348</sup>, negando que tenha ido ao norte, ao contrário do que foi noticiado em São Paulo, para pedir mercúrio para os doentes do norte, assolados pela pobreza e pela doença.

Contudo, desde finais do século XIX a princípios do século XX, muitos foram os que viajaram para os ditos “sertões”, o representando enquanto lugar de doença, seca e flagelo. As expedições ao norte e ditos confins tiveram múltiplos sentidos, como a ocupação do território, a fim de torná-lo mais produtivo, ordenando sua ocupação com a população considerada mais adequada, fortalecendo o poder e a própria ideia de nação.<sup>349</sup> Contudo, conforme salienta Arthur Caser, “o medo das doenças se transformava em medo dos sertões”, o que acabou se constituindo em obstáculo para o povoamento das referidas áreas.<sup>350</sup> O combate às doenças que seriam provenientes destes lugares passou a ser o foco dos médicos que acompanharam tais expedições “civilizatórias”, muitos dos quais produziram relatos, como, por exemplo, Murillo Campos, que publicou no ano de 1913 suas notas a respeito das vivências no interior do Brasil<sup>351</sup>, ou ainda, os relatórios das expedições científicas realizadas pelos cientistas liderados por Oswaldo Cruz<sup>352</sup>.

<sup>347</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918<sup>a</sup>, p. 171

<sup>348</sup> *Ibidem*, p. 80

<sup>349</sup> MACIEL, Laura Antunes. *Op. Cit.*, pp. 176-177.

<sup>350</sup> CASER, Arthur Torres. *Op. Cit.*, p. 25

<sup>351</sup> CAMPOS, Murillo. *Notas do interior do Brasil*. Archivos Brasileiros de Medicina, 1913.

<sup>352</sup> Dentre os recentes estudos que sugerem tais interpretações, temos: CASER, Arthur Torres. *Op Cit.*; SCHWEICKARDT, Júlio César. *Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no estado do Amazonas (1890-1930)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) -Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009; SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. *Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913)*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 14, p. 15-50, 2007; CASER, Arthur Torres; SÁ, Dominichi Miranda de.

O relatório de Arthur Neiva e Belisário Penna datado de 1912, fruto da viagem para pesquisas de medicina, higiene e história natural nos estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás, que seriam as “zonas do Brasil flageladas pela seca”, indica que em quase todos os domicílios visitados durante o trajeto, haveria condições para a reprodução de doenças, sendo “as casas destas zonas, frequentadas por pequenos ratos autóctones, conhecidos sob a denominação de catita, punaré, tucunaré”, uma vez que:

a maioria é constituída por casas de adobe, não rebocadas ou então apenas em alguns compartimentos; em lugar denominado Tomabador, divisa do Piauí com o município de Santa Rita, encontramos uma habitação toda revestida de palha, mas tão densamente que permitia a existência de triatomas; em geral, nas casas mal cobertas de palha e de paredes por elas revestidas de modo incompleto (...) <sup>353</sup>

Ao contrário dos relatos dos médicos e missões científicas financiadas pelo poder público, Rocha Pombo buscou construir uma representação distinta, mais positiva e suave dos lugares visitados, explicitando que muito da visão que carregava a respeito dos lugares que visitou, era fruto de preconceitos e mesmo, ignorância, por não conhecer as outras realidades do país. Nesse aspecto, a ideia de lutas de representação, a fim de “compreender os mecanismos pelas quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” <sup>354</sup>, auxilia no entendimento das diferentes construções feitas pelas muitos viajantes que percorreram a região.

Contudo, tal acento na positividade deve ser também interrogado, sobretudo se atentarmos para os movimentos de construção de memórias enquanto um tenso campo de litígio, considerando, neste processo, o sentido proposto por Alessandro Portelli, sobretudo no que tange aos confrontos entre a “multiplicidade de memórias” <sup>355</sup>. Memórias estas, esquecidas e/ou silenciadas <sup>356</sup> muitas vezes pelos “grandes temas” da própria historiografia, conforme apontam as perspectivas do historiador inglês E P Thompson. <sup>357</sup> Desta maneira, a memória torna-se importante categoria nas análises, enquanto campo de lutas e tensões sociais e formas de dominação e legitimação de poder, “uma vez que tem sido o poder estabelecido quem definiu, ao longo do tempo histórico, quais memórias e quais histórias deveriam ser

---

*Médicos, doenças e ocupação do território na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915)*. Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi, Belém, v. 5, n. 2, p. 363-377, maio-ago. 2010.

<sup>353</sup> NEIVA Arthur & PENNA, Belisário. “Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás”. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 8, n. 3, 1916, p.28.

<sup>354</sup> CHARTIER, Roger. *Op. Cit.* 1990, p. 17.

<sup>355</sup> PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Vila di Chiana”. In: FERREIRA, Marieta de M e AMADO, Janaina. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed da FGV, 1996, pp. 103-130.

<sup>356</sup> POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio.” *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol2, nº 3, 1989. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf> [Consulta realizada em 09/10/2009].

<sup>357</sup> THOMPSON, E P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

consideradas certas”.<sup>358</sup> Com isto, propõe-se uma reflexão sobre as lutas em torno da produção e silenciamentos de certas memórias e da cristalização de outras, analisando os sentidos dos ditos “lugares de memória”,<sup>359</sup> nos quais podem ser incluídos relatos e outras escritas de viagem.

No que tange à visão geral tida após a viagem, o intelectual paranaense buscou acentuar certa uniformidade nos usos, costumes, trajes, num “fenômeno que mais desapercibido passa aos visitantes, e por isso mesmo que em cada cidade onde se chega se tem a impressão de se estar no mesmo meio”.<sup>360</sup> O historiador nega as diferenças para afirmar a igualdade em relação à capital federal:

Nada de característico próprio, de particularidade original, que nos dê a sensação de não estarmos mais na capital da República.

Os homens têm o mesmo jeito, o mesmo ar de família; vestem-se com a mesma elegância, andam com o mesmo desembaraço, falam com a mesma voz. Nas ruas, nos bondes, nos cafés, nos *clubs*- tudo o mesmo. As senhoras trajam como no Rio, com o mesmo capricho e o mesmo gosto. As meninas têm a mesma graça, os rapazes têm a mesma *tournure*, o mesmo enlace de alma. E até os velhos...têm a mesma compostura das vidas veneráveis. Mas, não é então curioso tudo isto num país tão vasto, onde se muda todos os dias de meio físico sem encontrar mudanças perceptíveis no meio social? Em qualquer das capitais que visitei é o mesmo que se estar no Rio<sup>361</sup>.

Tal elogio à uniformidade ergue-se em nome da causa da nação, que deveria ser única e coesa, fundada nos sentimentos de povo e raça. Buscava afirmar a positividade de um Brasil que “não é grande só pelo território: que a nossa raça é digna deste imenso patrimônio, e capaz de concorrer com as opulências da natureza”<sup>362</sup>.

Negando o que lhe disseram no momento anterior ao embarque, que iria “encontrar o norte muito triste, muito atrasado e muito pobre”, afirmava ter sido exatamente o oposto disso o que viu, uma vez que:

O norte a que o meu amigo se referia era talvez o norte de trinta ou quarenta anos atrás. Não sei como se deu o milagre; mas o que é verdade é que o norte hoje fez honra à nossa cultura, e está próspero e rico; e que particularmente a incomparável Amazônia (compreendendo os dois grandes estados da imensa bacia) pode dizer-se

<sup>358</sup> FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004. Em relação às discussões sobre memória, são também importantes as diferentes perspectivas defendidas por: BURKE, Peter. “A história como memória social”. *O mundo como teatro*. Lisboa: DIFEL, 1992; HALBWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990; MENEZES, Upiano. “A História, cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”. *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 1992; MATTOS, Hebe. “Memórias do cativo: narrativa e identidade negra no antigo sudeste cafeeiro”. In: RIOS, Ana L. e MATTOS, H. *Memórias do cativo. Família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005; REIS, Daniel A. “Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória”. In: REIS, D; RIDENTI, M E MOTTA, R. (orgs). *O golpe e a ditadura militar, 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.

<sup>359</sup> NORA, Pierre. *Op. Cit.*, p. 9.

<sup>360</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 261.

<sup>361</sup> *Idem*.

<sup>362</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 267.

já que é o nosso orgulho. Ali está uma outra porção do Brasil tão grande e tão culta como esta cá do sul; Manaus e Belém são as duas admiráveis metrópoles que lá se erguem para regular os destinos daquele mundo<sup>363</sup>.

Todavia, o intelectual ponderava que receberia muitas críticas, e muitos já o estariam fazendo, dizendo que seu testemunho sobre o norte é carregado de ponto de vista, “ou que se ressentido das condições em que andei vendo e sentindo, recebido em toda parte com tantas atenções e carinhos”.<sup>364</sup> Com respeito a este ponto, frisa que não dissimulou em suas notas que seu intuito era mostrar como em quase todas as capitais foi recebido e acolhido com uma simpatia fora do comum, o que não seria nenhum espanto se tal afeto fosse demonstrado a um político, “mas a mim, um homem humilde, sem posição social, sem tradições de família, sem títulos, nem coisa alguma—por que então se me fizeram festas e honrarias”?<sup>365</sup>

A explicação do intelectual paranaense foi dada com forte tom de ironia:

É que lá pelo norte, naquelas terras muito atrasadas e muito tristes, já se sabia (e não sei como entender esse prodígio!) que eu lidei com as coisas da pátria durante longos doze anos: que estudei com grande paixão os fastos de nosso passado e as excelências da nossa raça; e que, conquanto me faltem talentos de historiador, parece que dei provas de amar a nossa história até o sacrifício, até crer na minha humildade uma capacidade de sacrifício que não sei como é que chegou a dar na vista daquelas gentes.

Na passagem, nota-se o movimento de resposta à crítica de que não seria um bom historiador e a afirmação de que seu trabalho de mais de doze anos, seria conhecido e reconhecido nas mais distantes regiões do Brasil.

## 2.4 Instituições, visitas e contatos

A viagem seguia um ritual de visitas a partir do momento da chegada, num duplo movimento, o encontro com autoridades locais, e o recebimento de visitas pelo viajante no próprio hotel. Encontros com os presidentes dos estados e recepções de comissões dos Institutos Históricos locais IHGB foram duas constantes observadas em quase todo o relato, o que fortalece o argumento de que tais atividades foram previamente agendadas e planejadas desde o Rio de Janeiro, por meio da troca de muitas correspondências e acertos entre as partes envolvidas.

Compreendo os esforços da viagem empreendida pelo intelectual como uma ação reveladora de sua motivação em ampliar e fortalecer seus contatos e alianças, o que ajuda a dimensionar suas redes de sociabilidade, apoio e prestígio, num movimento de busca por legitimação em meio aos diferentes grupos, contribuindo para o entendimento das categorias

<sup>363</sup> *Idem*, p. 269

<sup>364</sup> *Ibidem*, p. 270

<sup>365</sup> *Ibidem*, p. 270

de análise “intelectuais” e “sociabilidades” a partir de seus microclimas, tensões e clivagens internas,<sup>366</sup> evidenciadas num jogo de omissões, sanções e exaltações possibilitadas através da escrita.<sup>367</sup>

Nas visitas às instituições, o que considerava digno de nota? É possível pensar os sentidos de tais escolhas no âmbito das defesas e projetos do intelectual paranaense? Assim, notam-se dois tipos de visitas: aquelas denominadas “pessoais,” ocorrendo no âmbito da casa e no seio familiar, e as de caráter público, onde o viajante manifestava interesse por algumas instituições em especial, tais como os palácios do governo; bibliotecas públicas; institutos históricos; arquivos públicos; câmara dos deputados; fábricas de produtos locais; hospitais; museus, escolas; sanatórios; casas de correção; asilos de mendicidade, apenas para citar as mais recorrentes e não necessariamente na ordem exposta aqui.

Traço assim, um panorama destes encontros e visitas a partir de cada estado, a fim de compreender as nuances e tonalidades distintas ou não em cada lugar visitado.

No Espírito Santo, a primeira visita foi ao palácio do governo, em que após a mesma, o visitante ironizou o contraste dos gastos neste recinto com os demais, onde “parece que se gasta ali mais do que em toda a cidade”.<sup>368</sup> Ainda sobre a visita ao palácio do governo, disparou: “Em um daqueles salões mostrou-nos o Dr. Secretário uma mesa artística que nos disse haver custado doze contos”.<sup>369</sup> Contrastando com o tom de crítica sobre as instalações do governo, foi mais suave ao falar do secretário geral, o Sr. Bernardo Sobrinho, quem os recebeu no palácio na ausência do presidente do estado, por questões de saúde. O referido secretário fora descrito como sendo um homem de espírito, que acompanharia com muito interesse o movimento literário do Rio e que seria muito orientado em relação às questões do desenvolvimento do ensino público, “emitindo opiniões próprias acerca do sistema de administração, de processos pedagógicos, de livros didáticos, etc”.<sup>370</sup> Ademais, acentuou que foram feitos alguns passeios e visitas, destacando instituições como o arquivo, que seria ao

---

<sup>366</sup> Neste ponto, a reflexão proposta no presente trabalho procura dialogar com as proposições do estudioso francês Jean-François Sirinelli. Ver: SIRINELLI, Jean-François. *Op. Cit.*

<sup>367</sup> A respeito da noção de sociabilidade, Georg Simmel fornece uma importante contribuição, em que: “Interesses e necessidades específicas fazem com que os homens se unam em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos. Além de seus conteúdos específicos, todas estas *sociedades* também se caracterizam, precisamente, por um sentimento, entre membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso.” SIMMEL, Georg. “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal”. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1997, p. 168.

<sup>368</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918 a, p. 25.

<sup>369</sup> *Idem*

<sup>370</sup> *Ibidem*, p. 26.

mesmo tempo, uma Biblioteca Pública.<sup>371</sup> Destacou ainda, que algumas personalidades locais foram visitar os viajantes em suas hospedarias:

Recebemos as visitas do Dr. Levindo Chacon, chefe de polícia; do Dr. Bernardino, pelo seu ajudante de ordens; do Dr. José Sette, advogado e um dos mais belos espíritos da terra, professor de história no Ginásio, e cavalheiro de perfeita distinção; do Dr. Athayde, patriota e entusiasta, revelando ardente culto pela nossa história, e do Dr. Monjardim<sup>372</sup>.

No estado da Bahia, evidenciou que ainda a bordo, foram recebidas as visitas de alguns amigos, “sendo os primeiros o Dr. José Maurício, médico da saúde do porto e agente da ‘Americana’, e Mario Linhares, o conhecido poeta do Evangelho Pagão”.<sup>373</sup> Logo em seguida, uma recepção feita por uma comissão do Instituto Histórico local, que seria composta pelos sócios, Bernardino de Souza, Reis Magalhães e Affonso Costa, os quais levaram o viajante ao hotel.

Tendo recebido convite para visitar o Arquivo Público, esclareceu que pôde então, “conhecer pessoalmente o Dr. Braz do Amaral, o historiador baiano, homem de cultura, muito viajado, e notável entre os intelectuais da terra”<sup>374</sup>. Apesar do prédio da instituição ter sido remodelado, o considerou muito pequeno, destacando, contudo, a boa qualidade do serviço interno, onde poderiam ser encontradas “coleções de manuscritos de grande valor, tudo muito bem conservado”.<sup>375</sup> Após conhecer o arquivo, visitou o convento e a igreja de São Francisco, onde haveria o mais rico acervo em obras de arte de todo o Brasil.<sup>376</sup> A respeito da Biblioteca Pública, pontuou mais uma vez, o esforço de um indivíduo para o êxito da instituição, que no caso, seria digna graças ao grande esforço e empenho de seu diretor, o Dr. José de Oliveira Campos.<sup>377</sup> Já no âmbito das visitas aos órgãos do poder público, indicou, com forte carga de ironia, que o edifício da Câmara dos Deputados, por exemplo, “além de mal situado, é velho e feio, mas é histórico”<sup>378</sup>.

Ademais, conferiu grande destaque à visita que recebeu do deputado Xavier Marques, por este ser, na ótica do intelectual paranaense, “incontestavelmente a mais brilhante figura das letras em todo o norte, (...) um espírito admirável, e homem de modéstia e meiguice que raiam pela humildade”.<sup>379</sup> Destacou ter recebido outras visitas, como “o conhecido cientista

---

<sup>371</sup> *Idem.*

<sup>372</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>373</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>374</sup> *Idem.*

<sup>375</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918 a, p. 39.

<sup>376</sup> *Idem.*

<sup>377</sup> *Ibidem*, p. 43

<sup>378</sup> *Ibidem*, 42

<sup>379</sup> *Ibidem*, p. 41

Dr. Theodoro Sampaio”, figura que não via há muitos anos, além do convite de frequentar a festa íntima na casa do Dr. José Monteiro<sup>380</sup>. Assim, no estado da Bahia, pude apreender os seguintes nomes citados nas *Notas de Viagem* de Rocha Pombo:

#### Quadro 4: Nomes citados no estado da Bahia

Estado Bahia	
Nome	Profissão e pertencimentos
1-Dr. José Maurício	Médico
2-Mario Linhares	Poeta do Evangelho Pagão
3-Dr. Bernardino de Souza	Secretário perpétuo IHGB
4- Reis Magalhães	Sócio do IHGB
5- Affonso Costa	Sócio do IHGB
6- Borges de Barros	Diretor do Arquivo Público da Bahia
7- Braz do Amaral	Historiador baiano
8- Frei João	Clérigo
9- Alberto Rabello	Historiador
10- Xavier Marques	Homem de letras
11- José de Oliveira Campos	Diretor da Biblioteca Pública
12- Theodoro Sampaio	Cientista
13- João Gonçalves Tourinho	Secretário da fazenda
14- Egas Muniz	“O ilustre Petion de Villar das letras”
15- Costa Filho	Membro do Instituto Histórico
16- Ribeiro Carneiro	“O grande patriarca espiritual de duas ou três gerações de baianos”
17- Jeronymo Thomé	Arcebispo

Nas andanças pelo estado de Sergipe, a primeira visita realizada foi ao gabinete do presidente, o general Oliveira Valladão, considerado “muito afável e bondoso” na recepção, em que, “bastou-nos a ligeira palestra que tivemos com o S. Ex para explicar-nos a estima em que é tido este homem pelos sergipanos”.<sup>381</sup> Confere especial destaque ainda, à visita que fez ao desembargador Armindo Guaraná, “um dos mais aplicados cultores das coisas da terra. Eu o conhecia desde muito como investigador incansável, entusiasta do nosso passado. Há longos anos trabalha na composição de um Dicionário Bibliográfico de Sergipe”.<sup>382</sup> Conheceu também, a Biblioteca Pública, “uma das melhores e mais bem dirigidas que vimos em toda a

<sup>380</sup> *Ibidem*, p. 43

<sup>381</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918a, p. 51.

<sup>382</sup> *Ibidem*, p. 68.



nossa excursão”<sup>383</sup>; e o Instituto Histórico. Ademais, realizou visitas ao Hospital da Santa Casa, em companhia do desembargador Simeão Sobral, que seria o provedor do mesmo, sendo o dito hospital, situado um pouco fora da cidade, em casa modesta, mas de excelentes disposições, sendo que os serviços de clínica e de enfermagem, estariam a cargo de algumas irmãs Santanistas<sup>384</sup>.

Além das visitas feitas, conferiu destaque às visitas recebidas, como as realizadas por “Dr. Helvecio de Andrade, Diretor da Instrução Pública; e a do desembargador Evangelino de Faro, membro do Superior Tribunal de Justiça”.<sup>385</sup>

Em relação aos eventos sociais frequentados, destacou a inauguração do jornal falado o *Meio Dia*, tendo sido, “uma festa magnífica, que nos surpreendeu, pois realmente é extraordinário que se encontre, numa pequena capital, um grupo tão brilhante de moços de espírito capazes de bela figura em qualquer grande centro do país”<sup>386</sup>.

Tais eventos propiciaram a oportunidade de ampliar os contatos do viajante, conforme anunciado nas palavras do mesmo:

Ali conhecemos, por exemplo, o Dr. Prado Sampaio, espírito de vasta cultura, especialmente filosófica; o Dr. Manuel Passos, sábio até pela modéstia, conhecendo além do latim e o grego, notável filólogo, romancista e poeta. É um juiz na capital, mas vive em São Cristóvão. Tivemos ali ensejo de visitar-lhe a biblioteca, e de ver a enorme bagagem, que este homem tem reunido, de obras que vai compondo. Devo ainda declinar alguns nomes: o do professor Magalhães Carneiro; o do desembargador Armindo Guaraná; o do Dr. Avila Lima; o do Dr. Costa Filho, a quem já fiz referências; o do Dr. Garcia Rosa, poeta de indiscutível valor; o do Dr. Elias Montalvão, grande investigador da nossa história; o do professor Carvalho Lima Júnior; e outros talvez que me não ocorrem no momento<sup>387</sup>.

Ao citar as personalidades locais, o viajante paranaense não deixa de enumerar os pertencimentos das pessoas citadas, sendo todos tratados com títulos de “doutor” ou respeitosa, como “senhor”, evidenciando a posição de destaque de tais sujeitos. Dentre tantos nomes, destaco o de Armindo Guaraná<sup>388</sup>, autor do *Dicionário Bibliográfico Sergipano*, obra que reúne mais de 640 biografias consideradas como ilustres homens de Sergipe. Além disso, mesmo sem ser sergipano, há destaques ao nome Rocha Pombo no

<sup>383</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>384</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>385</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>386</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>387</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918 a, p. 53

<sup>388</sup> “Nascido em São Cristóvão (SE), em 4 de agosto de 1848, Manoel Armindo Cordeiro Guaraná bacharelou-se no Recife (PE), em 1871, participando do ambiente cultural que Tobias Barreto enriqueceu com sua presença de gênio. Dedicou-se ao jornalismo, a política, a magistratura e a história (...)”. (BARRETO, Luiz Antonio. “Apresentação”. IN: GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Bibliográfico Sergipano*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925)

referido dicionário, sendo uma delas, feita ao se mencionar que o paranaense escreveu uma crítica ao livro *Apoteose*, do sergipano Hermes Fontes:

A propósito deste livro escreveu Rocha Pombo no *Correio da Manhã*, de 12 de julho de 1908: ‘Este *Apoteoses* é a estreia mais opulenta, mais brilhante e mais afirmativa destes tempos do Brasil. Hermes Fontes começa revelando-se desde as primeiras páginas de prosa como apresenta...Ele não esperou que o entendesse, fez-se logo entendido. De um largo gesto disse-nos tudo. – É senhor da língua: e isto hoje é tão raro. O seu dizer é harmonia e é desenho, sua expressão ilumina, dá relevo, como a luz. Dir-se-ia que as emoções lhe saem da alma como concretizadas em blocos de mármore. É o mais elevado prodígio da arte. O artista que consegue tais maravilhas há de chegar ao mais pasmoso dos milagres do gênio’<sup>389</sup>.

Dentre os sergipanos citados pelo intelectual paranaense em seu registro de viagem, destacavam-se os nomes:

#### Quadro 5: Nomes citados no estado de Sergipe

Sergipe	
Nome	Profissão/Pertencimento
Oliveira Valladão	General,
Caldas Barreto	Desembargador
Deodato Maia	Chefe de polícia
Helvecio de Andrade	Diretor da instrução pública
Evangelino de Faro	Membro do superior tribunal de justiça
Prado Sampaio	Bacharel em Direito
Manoel dos Passos de Oliveira Telles	Bacharel em Direito, lente de Grego do “Ateneu Sergipense” e Diretor da Instrução Pública e da Escola Normal de 1898 a 1903.
Magalhães Carneiro	Cirurgião-Dentista, professor de Geografia do Ateneu Sergipense
Armindo Guaraná	Desembargador
Adolfo Ávila Lima	Bacharel em Direito, lente vitalício da cadeira de pedagogia e metodologia do curso normal do Ateneu Sergipense
Antonio Garcia Rosa	Médico e Poeta
Elias Montalvão	Historiador, tipógrafo, sócio do IHGSE
Carvalho Lima Junior	Professor, advogado,
Don José Thomaz	Bispo de Aracaju
Amynthas Jorge	Almirante
Leonardo Dantas	Padre
Laurindo Silva	Promotor de Aracajú
José Pohlmann	Frei vigário
Leandro Diniz	Professor de Francês
Figueiredo Martins	Professor de Geografia do Atheneu Sergipense
Possidonio Rocha	Professor de Latim
Anthenor Lyrio Coelho	Aluno
Militão Bragança	Médico
Simeão Sobral	Diretor do Hospital da Santa Casa
Affonso Costa	Homem de letras

Já em Alagoas enfatizou as muitas visitas dos membros do IHGB local, além de intelectuais<sup>390</sup> como o Dr. Moreira e Silva, diretor da Instrução Pública e, enaltecido por

<sup>389</sup> *Ibidem*, p. 222

<sup>390</sup> Dentre os nomes citados pelo viajante em Alagoas, destaco: o Coronel Gama, intendente de Vila Nova; Democrito Gracindo, secretário de interior; Costa Leite, Secretário perpétuo do Instituto História de Alagoas; Moreira e Silva, descrito como “homem de extensa cultura, muito dado especialmente a estudos de lingüística e

Rocha Pombo enquanto “homem de extensa cultura, muito dado especialmente a estudos de lingüística e filologia”.<sup>391</sup> Em Pernambuco, destacavam-se as visitas feitas a Oliveira Lima, “em sua aprazível vivenda, em Paramirim”, com o qual apresentou os viajantes ao Governador e ao secretário geral<sup>392</sup>.

Dentre as visitas recebidas no estado da Paraíba<sup>393</sup>, destacou os nomes de Antonio Massa, vice-presidente do estado e do deputado federal Octacilio de Albuquerque. Ademais, o intelectual paranaense conferiu duas páginas à figura de Carlos Fernandes, que recebeu os visitantes na “sua poética e serena mansão” e que seria um dos mais fortes e brilhantes espíritos que teria conhecido, sendo o seu nome “ilustre em todo o norte, e não menos que no Rio”. O tom elogioso segue:

Não cessa de publicar livros, de verso e de prosa. A sua bagagem é enorme. Agora mesmo acaba de dar *Palma de Acantos*. O que distingue particularmente o espírito de Carlos Fernandes é o carinho com que trata a língua. É, como diz esse outro formidável espírito, o Dr. Carlos Pinto, ‘um vernaculista exímio, antes de tudo dedicado à forma augusta da palavra castiça, a vazar em estro sublime de rigor clássico o que de mais vigente nos sugerem as escolas modernas’. Para Carlos Fernandes, o latim é ainda uma língua sagrada: e por isso rende-lhe uma adoração de culto. Carlos é formado em direito pela faculdade de Recife. Hoje está redigindo *A União*, órgão oficial do estado<sup>394</sup>.

No Rio Grande do Norte, enfatizou a figura do desembargador Ferreira Chaves, o qual viajante já conheceria dos tempos em que o referido desembargador foi senador na capital federal. Em tom irônico, o visitante observa, no amplo gabinete, a presença de muitas pessoas, “naturalmente políticos, habitues do café oficial”<sup>395</sup>.

No Ceará, os visitantes encontraram o presidente do estado, que causou boa impressão no escritor das notas de viagem, sendo descrito como um “homem inteligente e ponderado”, possuidor de muito bom senso, segundo o qual, o grande problema do estado seria a

filologia... É diretor da Instrução Pública no Estado”; Dr. Altavila; Dr. Marroquino; Octavio Brandão, poeta e Olympio Chaves, amigo pessoal de Rocha Pombo.

<sup>391</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918a, p. 77.

<sup>392</sup> *Ibidem*, p. 82.

<sup>393</sup> Com relação a este estado, ressaltou os nomes de: Carlos Fernandes; Camillo de Hollanda, político; Manuel Tavares Cavalcanti, membro do Instituto Histórico, jornalista, professor de história; Alcides Bezerra, membro do Instituto Histórico; Irineu Pinto, membro do Instituto Histórico; Antonio Massa, vice-presidente do estado; Octacilio de Albuquerque, deputado federal; Evaristo Fonseca, jornalista; Carlos Fernandes, homem de letras; Heracito Cavalcanti; Flavio Marója, presidente do Instituto Histórico; Orris Soares, secretário da presidência; Diogenes Penna, diretor do Arquivo Público; Antonio Massa.

Professor Alpheu.

<sup>394</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918 a, pp.91-92.

<sup>395</sup> Os outros nomes mencionados foram: Nestor Lima, Secretário do Instituto Histórico, advogado e professor; Ferreira Chaves, desembargador; Pedro Soares, coronel, vice-presidente do Instituto Histórico; Vicente Lemos, descrito como “desembargador, incansável investigador da história natalense”; Jeronymo Gueiros, Lente da Escola Normal; Isabel Gondim, poeta e educadora; Oscar Brandão, destacado como “Ilustre homem de letras”; Ferreira Chaves, desembargador; Santiago Varela, Diretor do Isolamento da Piedade, hospital para alienados.

seca.<sup>396</sup> Ademais, ressalta que foram recebidas muitas visitas, com destaque à comissão da Faculdade de Direito, da qual fez parte o diretor Eduardo da Rocha Salgado, e à comissão do Instituto Histórico<sup>397</sup>.

Logo na chegada ao Maranhão destacou a recepção feita, ainda a bordo, pelo presidente da Academia Maranhense, além do ajudante de ordens do governador e outras personalidades locais.<sup>398</sup> Posteriormente, a mesma academia celebrou festa para a posse de Rocha Pombo como sócio correspondente:

Tive, às 8 da noite, recepção na Academia Maranhense, da qual já havia sido, alguns dias antes, eleito sócio correspondente. Celebrou-se a sessão com toda pompa. Além do discurso de abertura pelo presidente, Dr. Ribeiro do Amaral, oraram Domingos Barbosa e o Dr. Justo Jansen. Uma festa magnífica, digna das tradições da velha Atenas Brasileira<sup>399</sup>.

A respeito do governador, evidenciou os distintos contatos que estabeleceu com a autoridade, tanto no âmbito do gabinete, onde “tivemos ainda ensejo, alguns dias depois de visitar o Dr. Herculano Parga em sua residência particular, onde s. ex. nos recebeu com todas as mostras de intimidade”<sup>400</sup>. Ou ainda, “no dia seguinte, quando entramos no hotel, o Champoudri, pela primeira vez sorrindo amável, apresentou-me um cartão de visita dizendo-me, na sua língua cheia de rrr: ‘Senhor...sua majestade esteve aqui...’Era um cartão do governador”.<sup>401</sup> O convite e comparecimento à casa da família do presidente da Academia Maranhense, mereceu destaque pelo intelectual paranaense:

Saindo do palácio, fomos visitar a família do Dr. Ribeiro do Amaral. O professor Amaral é mestre de duas ou três gerações na terra maranhense, e é muito querido e venerado pelos moços e pelas moças e pelas crianças. É presidente da Academia Maranhense. A sua biblioteca é, entre as particulares que tenho conhecido, a mais opulenta em bibliografia especial do Brasil, e particularmente do Maranhão. Possui coleções completas de toda a imprensa maranhense<sup>402</sup>.

Destacou ainda as visitas de outras duas comissões de estudantes: a Sociedade Literária ‘Barão do Rio Branco’ e a União Estudantil ‘Silvio Romero,’ trazendo-lhe esta última o título de sócio honorário. Em cerimônia solene para o recebimento deste título,

<sup>396</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918 a, p. 109.

<sup>397</sup> Rocha Pombo conferiu destaque ainda a: Theodorico da Costa; Barão de Studart, escritor e político; João Thomé de Saboya e Silva, presidente do estado; Adolpho Salles; João Brigido, coronel, “figura da imprensa do norte”; Ildefonso Albano, político.

<sup>398</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918a, p. 116.

<sup>399</sup> *Ibidem*, p. 129.

<sup>400</sup> *Ibidem*, p. 119.

<sup>401</sup> *Ibidem*, p. 119.

<sup>402</sup> *Ibidem*, p. 120.

ênfatiou que estiveram presentes o Governador, e outras tantas autoridades, professores e crianças das escolas<sup>403</sup>.

Sobre a estância no Pará, acentuou que a primeira pessoa que o recebeu a bordo foi um jornalista já conhecido num dos portos do sul, o Sr. Candido Elesbão, do *Estado do Pará*, além do major Alberto Mesquita, assistente militar do Governador, e os sócios do Instituto Histórico, “entre os quais seu ilustre presidente, Dr. Ignacio Moura”.<sup>404</sup> Acentua que foram muito bem acolhidos por Lauro Sodré, presidente do Instituto Histórico, “mostrando-se o mesmo homem simples e afável a quem no Rio já eu havia sido uma vez apresentado”.<sup>405</sup> Além da habitual ida ao palácio do governo, foram contemplados ainda, o Teatro da Paz, onde se celebram as festas públicas, concertos, exposições, conferências, sessões comemorativas, etc; o Museu Goeldi, onde o viajante é informado de que o recinto estaria muito desfalcado, o que se deveria ao dato de muita coisa ter sido vendida, na surdina, para a América do Norte, o que teria ocorrido num ‘tempo passado’.<sup>406</sup> Já com respeito à recepção promovida pelo Instituto Histórico, acentua que fora uma “festa memorável, estaria presente toda a intelectualidade de Belém”<sup>407</sup>. O retorno ao Pará também foi marcado por idas a outros pontos da cidade, dentre os quais destaca fábricas, oficinas, repartições, etc. Além dos muitos jantares na casa dos novos amigos feitos.

Em função do grande espaço destinado às pessoas citadas neste estado, tracei um quadro para dimensionar o lugar social e pertencimentos destes sujeitos:

#### **Quadro 6: Nomes citados no estado do Pará**

<b>Nome</b>	<b>Profissão/Pertencimentos</b>
Candido Elesbão	Jornalista do <i>Estado do Pará</i>
Alberto Mesquita	Assistente militar do governador
Ignacio Moura	Sócio do Instituto Histórico
Lauro Sodré	Governador
Palma Muniz	Secretario do Instituto
Eladio Lima	Secretario Geral do Estado
Emanuel Sodré	Oficial do gabinete do governador,
Alberto mesquita	Major
Palma Muniz	Instituto Lauro Sodré
Antonio Marçal	Diretor do Instituto Lauro Sodré
Augusto Octaviano Pinto	Engenheiro fiscal
Dr Santa Rosa	Engenheiro chefe
Luiz Estevão	Juiz Federal da seção do Pará e orador do Instituto

<sup>403</sup> Foram citados os seguintes nomes referentes à visita ao Maranhão: Herculano Parga, Presidente do estado; Ribeiro do Amaral, professor; Lamagnière, Diretor do Lyceu e da Escola Normal; Clodomiro Cardoso, intendente de São Luiz; Justo Jansen, professor de Geografia; Maria da Gloria Parga Nina, Diretora do Instituto Rosa Nina.

<sup>404</sup> *Ibidem*, p. 133

<sup>405</sup> *Ibidem*, p. 134

<sup>406</sup> *Ibidem*, p. 147

<sup>407</sup> *Ibidem*, p. 149

	Histórico
Severino Silva	Homem de letras
Paulo Maranhão	Homem de letras
Eladio Lima	Homem de letras
Palma Muniz	Homem de letras
Ignacio Moura	Homem de letras
Luiz Barreiros	Homem de letras
Augusto Meira	Homem de letras
Eustachio Azevedo	Homem de letras
Manuel Lobão	Homem de letras
Carlos Nascimento	Homem de letras
Fernando dos Santos	Homem de letras
Candido Costa	Homem de letras
Luiz Cordeiro	Homem de letras
Alcantara Bacellar	Homem de letras
Faria e Souza	Homem de letras

Assim como nos estados anteriores, também no Amazonas foram feitas recepções ainda a bordo, as quais mereceram grande relevo nas notas do viajante, destacando os “representantes do Governador e do Bispo diocesano; o Dr. Alfredo da Matta, presidente da Assembleia Legislativa; o Dr. Ayres de Almeida, superintendente municipal”; além das “comissões do Conselho Superior da Instrução Pública, do Ginásio Amazonense, da Escola Normal (corpo docente e alunas), da Universidade, da Intendência Municipal, do Instituto Histórico, representantes da imprensa, etc”<sup>408</sup>. Desse modo, o viajante continuou os encontros e visitas, destacando os nomes das pessoas consideradas por ele, representativas<sup>409</sup>.

Em companhia de Alfredo da Matta e do professor Mariano de Lima, relatou que foi ao Seringal Miry, onde encontrou os comendadores José Claudio de Mesquita e Joaquim Gonçalves de Araújo. Defende a importância e a ação de alguns sujeitos no ramo da indústria seringueira:

Este *Club* da Seringueira, que também visitei, é de iniciativa do operoso e incansável comendador José Claudio de Mesquita, uma existência benemerita, votada ao trabalho e ao progresso do estado do Amazonas. O *Club* de Seringueira foi há pouco, reconhecido pelo Governo Federal como de utilidade pública. Estou convencido de que aquela agremiação de homens devotados, tendo a sua frente figuras das mais representativas do comércio de Manaus, há de prestar serviços de incalculável relevância e extensão a toda a indústria da borracha no Amazonas<sup>410</sup>.

<sup>408</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918 a, p. 165.

<sup>409</sup> No Amazonas destacou os nomes: Alcides Bahia (representante do governador do estado); Mariano Lima (professor); Alfredo da Matta (Presidente da Assembleia Legislativa); Ayres de Almeida (Superintendente Municipal); Benjamin de Souza (diretor da Imprensa Pública); José Chevalier (Diretor do Instituto Universitário); Araújo Lima (Diretor da Instrução Pública); Astrolábio Passos (Diretor do Instituto Benjamin Constant); Miranda Leão (Diretor do Serviço Sanitário); Rocha Santos (Juiz de Direito da Capital); Hamilton Mourão (Secretário Geral do Estado); Bernardo Ramos (Presidente do Instituto Histórico); Conrado Erichsen Filho, Antonio Crespo de Castro, Virgílio Barbosa, Raymundo Monteiro, Raymundo Pinheiro, Orfilio Tavares e Antonio Carmina (homens de letras); Pompeu Brasil (representante da imprensa); Esmeraldo Coelho (Diretor da Escola de Aprendizes e Artífices); Luiz Marinho de Araújo (Coronel reformado do Exército); Bernardo Ramos (Coronel); Vivaldo de Palma Lima (médico, dentista, advogado e político); Alfredo Augusto da Matta (médico e escritor); Bernardo de Azevedo da Silva Ramos (coronel, cientista e escritor); menino Arnaldo (filho do Dr. Matta); Virgílio Barbosa (Advogado); Álvaro Maia (poeta).

<sup>410</sup> *Ibidem*, p. 193.

O visitante argumenta que para os dois grandes estados do extremo norte - Pará e Amazonas – a indústria da borracha seria fundamental para toda a economia interna equiparando– a em importância, ao o café no sul<sup>411</sup>.

Assim, feito o panorama nos diferentes portos, a partir dos muitos encontros e instituições, é possível verificar o destaque dado às citações de personalidades que conheceu ou reencontrou a partir da viagem, sendo que de um total de 272 páginas das notas de viagem, foram contabilizados cerca de 178 nomes próprios, evocando a identidade e o pertencimento social dos sujeitos, que eram governadores, inspetores, deputados, jornalistas, advogados, professores, “homens de letras” e atuavam em diferentes esferas da vida social. A valorização e reverência através da citação dos nomes no relato do viajante devem ser interrogadas. “Decifrando o recado do nome”<sup>412</sup>, é possível aferir que este “determina, alude, evidencia. Nome traduz origem, filiações, pertencimentos, segregações. Nome de batismo sugere tempo e espaço.”<sup>413</sup> Desse modo, conforme salientado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, “o nome próprio é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar essas manifestações em registros oficiais”<sup>414</sup>. Interpreto o destaque atribuído ao nome no relato de Rocha Pombo à associação estreita entre nome e identidade, uma vez que o nome, “é o verdadeiro objeto de todos os sucessivos ritos de instituição ou de nomeação através dos quais é construída a identidade social”<sup>415</sup>.

Por outro lado, é conveniente pensar quem eram estes sujeitos, e como podem ser reveladores dos próprios conflitos e comprometimentos do autor, evidenciando, que há todo um movimento de sanções e edições na própria escrita, sobretudo quando o autor afirma, num dado momento do relato, que com a necessária astúcia, ouviu todo mundo, não se limitando a frequentar apenas as rodas do poder, pois os mais chegados ao palácio poderiam “ter mais interesse em fazer-me ver e ouvir umas coisas sem ouvir e ver mais outras. Confesso mesmo que pus mais cuidado em ouvir de preferência toda classe de gente que nada tem com política, nem com as coisas do governo”<sup>416</sup>. Ora, na medida em que o “nome indica a função que

---

<sup>411</sup> *Ibidem*, p. 195.

<sup>412</sup> MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “Decifrando o recado do nome”. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos., Brasília, v.74, n.178, pp.619-638, set./dez. 1993.

<sup>413</sup> *Ibidem*, p. 630.

<sup>414</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* 1996, p. 187.

<sup>415</sup> *Ibidem*, p. 188.

<sup>416</sup> *Ibidem*, p. 198.

desempenha na trama”<sup>417</sup>, interrogo se, as pessoas ouvidas pelo viajante são ou não, as mesmas citadas e exaltadas em seu relato. Ou são dois movimentos, com intencionalidades distintas? Através do recado dos nomes enumerados por Rocha Pombo, observo a ausência dos “homens simples do povo” os quais o próprio intelectual paranaense julgava ter aprendido tanto.

Ainda com respeito ao que ouviu das pessoas “comuns”, enfatiza que, em quase todas as capitais percorridas:

senti que as populações se acham num estado como de quem respira à larga ao cabo, em quase todas, de longas impaciências, opressões, e às vezes, terrores. Em alguns estados ainda se refletem na respectiva imprensa, umas tantas complicações de partido, mais rugas pessoais do que propriamente políticas<sup>418</sup>.

Se nesta passagem, o autor evidencia as mazelas e os horrores vivenciados pelas populações locais, este não foi o tom utilizado nos longos relatos sobre visitas e encontros com as autoridades e intelectualidade, nas muitas festas e homenagens frequentadas e recebidas. Ademais, outro aspecto importante a ser ressaltado diz respeito à possibilidade de o estabelecimento dos contados, ao longo das visitas enquanto fator importante para a abertura de muitas portas nas diferentes instituições, por meio dos convites e algumas regalias, como o acesso a documentação para a pesquisa, por exemplo. O tom elogioso a alguns, mais do que a outros, também pode ser sintomático desta prática de favorecimentos diversos.

#### 2.4.1 Os Institutos Históricos como espaços de sociabilidades e projeção

Em todos os estados, a presença e recepções dos Institutos Históricos foram marcantes e recorrentes. Analisando as próprias notas de viagem de Rocha Pombo, como também os periódicos de alguns dos estados visitados, foi possível aferir a organização e mobilização causada nos institutos com a presença do intelectual paranaense.

Uma das primeiras visitas feitas enquanto estive no estado da Bahia, por exemplo, foi ao Instituto Histórico, o qual considerava um dos melhores do país, por possuir biblioteca com sala de leitura vasta, mobiliada e aberta ao público, além do arquivo e museu, sendo a instituição cuidada “com muito zelo e dedicação”<sup>419</sup> pelo secretário perpétuo, o Dr. Bernardino de Souza, que seria a alma da instituição”<sup>420</sup>.

---

<sup>417</sup> MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.167 (Apud: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Op. Cit.* 1993, p. 631).

<sup>418</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918a, p. 198.

<sup>419</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>420</sup> *Idem*.



Em Sergipe, destacou a recepção feita pelo representante do presidente do estado e por uma grande comissão do Instituto Histórico, dentre outras pessoas. Em sessão solene do Instituto, celebrou-se a posse de Rocha Pombo enquanto sócio honorário no IHGSE ( Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe), que ocorreu no dia 15 de agosto de 1917,<sup>421</sup> na qual “fez discurso de recepção o Dr. Prado Sampaio. Fizeram-se ouvir outros oradores. Conquanto sem notável aparato, foi uma festa que despertou atenção pública”.<sup>422</sup> O referido discurso também foi noticiado no jornal *Estado de Sergipe* do dia 18 de agosto de 1917.

Além da solenidade do IHGSE, Rocha Pombo conferiu grande destaque a outras festas promovidas por intelectuais, como a realizada por Afonso Costa, “literato e jornalista baiano, de passagem por Aracajú, considerado pelo viajante um estrênuo propagandista do estreitamento de convívio entre os intelectuais da Bahia e de Sergipe”, promovendo para tanto, além da festa, a publicação de uma revista com esse objetivo<sup>423</sup>.

No estado da Paraíba, após a já habitual visita às autoridades locais, conferiu grande relevo às visitadas recebidas, sobretudo a comissão do Instituto Histórico, composta por Manuel Tavares Cavalcanti, Alcides Bezerra e Irineu Pinto. A respeito das três figuras, são tecidas pequenas notas de suas atuações, demonstrando conhecimento na cultura do estado da Paraíba, destacando:

o Dr. Manuel Tavares é um grande cultor da nossa história. É lente desta matéria na escola normal. Irineu Pinto tem trabalhado muito pela história da Paraíba, havendo já feito algumas publicações bem interessantes. O Dr. Alcides Bezerra, ainda muito moço, é um dos intelectuais da terra. Era inspetor do ensino: hoje é Promotor Público da capital<sup>424</sup>.

Ainda na Paraíba foram feitas visitas ao Hospital de Santa Isabel, ao Arquivo Público, além da sessão solene celebrada no Instituto Histórico local em homenagem ao visitante, que destaca existir no recinto “um vivo sentimento de tradição e uma grande ânsia de futuro”<sup>425</sup>. Por seu turno, a estância no Rio Grande do Norte, foi marcada pela recepção por parte Nestor Lima, secretário do Instituto Histórico, “advogado, professor e também cultor dedicado da nossa história”. Por sua vez, a homenagem recebida pouco antes da despedida do estado mereceu nota do autor, relatando que das mãos de Nestor Lima recebeu o título de sócio honorário da instituição<sup>426</sup>.

<sup>421</sup> *Ata da sessão magna de posse da nova diretoria que tem de gerir os destinos do Instituto Histórico no período social de 1917 a 1919*. Sergipe, 15 de agosto de 1917, p. 9.

<sup>422</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918a, p. 55

<sup>423</sup> *Ibidem*, pp.69-70

<sup>424</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>425</sup> *Ibidem*, p. 95.

<sup>426</sup> *Ibidem*, p. 104.

Em Manaus, as homenagens conferidas pelo Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas a Rocha Pombo ganharam as páginas dos periódicos locais, como esta, publicada no jornal *A imprensa* do dia 13 de novembro de 1917: “Foi ontem recebido festivamente nessa conceituada associação, o ilustre historiador Rocha Pombo.(...)Depois de uma alocução de 45 minutos, o conspícuo patricio agradeceu à gentileza de que era alvo, havendo ruidosamente aplausos a sua pessoa.”

Ao retornar ao estado do Pará, a convite do governador, Lauro Sodré, o viajante demarcou como muito importante, a nova recepção feita pelo Instituto Histórico, realizada na grande sala do edifício da Associação de Imprensa, por motivo de sua posse na qualidade de sócio honorário, “tendo essa honra em companhia do coronel Rondon e do Dr. Oliveira Lima. Somos os três brasileiros a quem primeiro conferiu o Instituto o título de sócios daquela categoria”. Acentuou que estiveram presentes na referida sessão, “além de grande número de membros do Instituto, muitos jornalistas”<sup>427</sup>.

Assim, nos diferentes estados visitados, Rocha Pombo foi bastante agraciado com recepções e solenidades promovidas pelos Institutos Históricos, onde o viajante pôde frequentar os círculos de sociabilidade intelectual. Ademais, o relato do intelectual paranaense evidencia, o papel dos Institutos Históricos como “abre-ales” de caminhos para a intelectualidade, conferindo maior projeção e visibilidade aos que tentavam se legitimar e estabelecer no campo em configuração<sup>428</sup>. Neste sentido, “tratando-se de intelectuais, os historiadores devem ser analisados como participantes de múltiplas redes de sociabilidade, através das quais se colocam em contato com o mundo”<sup>429</sup>. A partir da viagem de Rocha Pombo, vislumbro uma analogia com o que foi pontuado por Ângela de Castro Gomes, para a qual, “as redes familiares e de amizade, a imprensa (jornais e revistas), as instituições de ensino são indiscutivelmente sempre cruciais, ao lado dos dois grandes lugares de consagração nacional: a Academia Brasileira de Letras (ABL) e o Instituto Histórico e Geográfico”<sup>430</sup>. Ainda de acordo com Ângela de Castro Gomes, ao se falar dos espaços de sociabilidade, deve-se considerá-los em suas dimensões “geográficas”, por um lado, e também, “afetiva”, por outro lado, “demarcando vínculos de amizade e de hostilidade e

<sup>427</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918a, p. 232.

<sup>428</sup> Para Norbert Elias, “o conceito de configuração foi introduzido exatamente porque expressa mais clara e inequivocadamente o que chamamos de ‘sociedade’ que os atuais instrumentos conceituais da sociologia, não sendo nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um ‘sistema’ ou ‘totalidade’ para além dos indivíduos, mas a rede de interdependência por eles formada”, onde acrescenta ainda, o jogo de distinção, que também fazem parte da constituição de dada configuração. (ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. Rio de Janeiro: Zahar editor, 1994, p. 249).

<sup>429</sup> GOMES, Ângela de Castro. *A República, a história e o IHGB*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 11.

<sup>430</sup> *Idem*

principalmente, criando uma certa sensibilidade e visão de mundo”, em redes de relações entendidas como “microclimas”<sup>431</sup>.

A criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838 foi parte do processo de consolidação do Estado Nacional que se viabilizava num projeto para pensar a história do Brasil de forma sistematizada. Uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a nação brasileira, capaz de garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das nações, de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX. Entretanto, a gestação de um projeto nacional para uma sociedade marcada pelo trabalho escravo e pela existência de populações indígenas envolva dificuldades específicas<sup>432</sup>.

A leitura da história empreendida pelo IHGB foi marcada por um duplo projeto: dar conta de uma gênese da Nação brasileira, inserindo-a numa tradição de civilização e progresso, ideias tão caras ao iluminismo. A nação, cujo retrato o instituto propõe traçar, deve surgir como o desdobramento nos trópicos, de uma civilização branca e europeia. Dentre as diretrizes centrais do recém-criado instituto, estavam a coleta e publicação de documentos relevantes para a história do Brasil e o incentivo ao ensino público, de estudos de natureza histórica. Os primeiros estatutos estabelecem também as pretensões do IHGB em manter relações com outras instituições similares, nacionais e internacionais, e em constituir-se numa central, na capital do Império, que incentivando a criação de institutos históricos provinciais, canalizasse de volta para o Rio de Janeiro as informações sobre as diferentes regiões do Brasil.

A história seria o meio para forjar a nacionalidade, projeto no qual o IHGB se dedicou desde os anos iniciais, numa preocupação de trabalhar com o instrumentário da história e da geografia. Com este propósito, a Revista do IHGB, penetrada na concepção exemplar da história, abre uma rubrica em seu interior dedicado as biografias, capazes de fornecerem exemplos as gerações vindouras, contribuindo desta forma também para a construção da galeria dos heróis nacionais. A concepção de história partilhada pela instituição guarda um nítido sentido teleológico, conferindo ao historiador, através de seu ofício, um papel central na condução dos rumos deste fim último da história.

De acordo com Lília Moritz Schwarcz, os Institutos Históricos e Geográficos tinham como missão, construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de

---

<sup>431</sup> GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores. A política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 42.

<sup>432</sup> GUIMARÃES, Manoel Salgado. “Nação e civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional.” *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 1, 1988.

fundação, ordenar fatos, buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos. No Brasil, os institutos tinham por meta, “coligir, metodizar e guardar” documentos, fatos e nomes para finalmente compor uma história nacional para este vasto país, carente de delimitações não somente territoriais. Ao IHGB coube demarcar espaços e ganhar respeitabilidade nacional<sup>433</sup>.

Argumentando que o instituto fundado em 1838 cumpriu papel de primeira grandeza na construção da memória nacional, tendo se colocado a serviço de um projeto político bem definido, a consolidação do Estado Imperial, Lucia Guimarães traz importantes contribuições em sua tese de doutorado. Sua análise concentra-se nos primeiros 50 anos da instituição, que quase coincide com o final do Império. Estudou o IHGB no período em que esteve “debaixo da imediata proteção de sua majestade Imperial”, assinalando a aliança entre o poder público e uma academia que reunia intelectuais cuja preocupação, em grande parte, era contribuir para a consolidação da identidade nacional. Lucia Guimarães defende a ideia de que o IHGB seria uma “Casa da Memória Nacional”, sendo visto pelos estudiosos por diferentes prismas, dentre os quais, o de “Reduto intelectual”, “herdeiro muito próximo da tradição iluminista”, “guardião da história oficial”, “tipo de associação sábia”<sup>434</sup>. Já no livro *Da escola Palatina ao silogeu*, Lucia Guimarães analisa o período de 1889-1938, cobrindo a história da instituição entre a queda do Império—que representou o fim do patronato oficial— e a inserção do IHGB na política cultural do governo Vargas, coincidente com o centenário da casa. No referido trabalho, a autora mostra como a história da instituição entre 1889 e 1938 foi diferente da de seus primeiros cinquenta anos. Nestes, gozou do favor imperial e era a principal instituição acadêmica do país<sup>435</sup>.

Assim, os estudos sobre o IHGB permitem que sejam pontuadas diferenças entre as ações no período imperial e republicano. Ademais, a criação de outros Institutos Históricos, para além da capital federal, o Rio de Janeiro, não foi um processo homogêneo e simultâneo. Quais as particularidades e condições para o surgimento de institutos históricos e congêneres, nos diferentes estados visitados por Rocha Pombo, por exemplo?

<sup>433</sup> SCHWARTZ, Lília Moriz. “Os institutos históricos e geográficos- guardiões da História Oficial”. In: \_\_\_\_\_, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)* São Paulo: Cia das Letras, 1993.

<sup>434</sup> GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção de sua majestade imperial. O IHGB (1838-1889)*. 1995. 339f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

<sup>435</sup> GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Prefácio Arno Wehling. Rio de Janeiro: Museu de República, 2006.

**Quadro 7: O surgimento dos Institutos Históricos nos estados do “norte”**

<b>Instituição</b>	<b>Estado</b>	<b>Ano de criação</b>	<b>Observação</b>
O Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano	Pernambuco	1862	“É o Instituto Histórico estadual mais antigo do Brasil”.
Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas	Alagoas	1869	Denominava-se inicialmente, Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano
Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)	Ceará	1887	
Instituto Geográfico e Histórico da Bahia	Bahia	1894	
Instituto Histórico e Geográfico do Pará	Pará	1900	
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte	Rio Grande do Norte	1902	
Instituto Histórico e Geográfico Paraibano	Paraíba	1905	
O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	Sergipe	1912	É também chamado pelos sócios de “A Casa de Sergipe”
Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo	Espírito Santo	1916	
Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas	Amazonas	1917	
Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão	Maranhão	1925	Inicialmente chamado “Instituto de História e Geografia”

Considerando os onze estados visitados, apenas em três houve a criação de Institutos Históricos no período imperial. Em oito estados, a criação se deu no período republicano, sendo que o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas fora criado no mesmo ano da viagem do intelectual paraense ao norte do Brasil. O apoio para receber e celebrar um intelectual da capital é visto por mim, deste modo, como parte dos investimentos para a consolidação e legitimação também destes espaços, recém-criados em alguns dos estados visitados. O intercâmbio com outras entidades nacionais e internacionais, bem como, o contato com sócios correspondentes, era prática usual e poderia fortalecer os institutos. Mais uma vez, a noção de lugares de sociabilidades (jornais, revistas, editoras, associações, etc.) é importante ferramenta de análise, pois estes “articulavam uma diversidade de atores (escritores, editores, livreiros) em torno de um projeto coletivo”<sup>436</sup>.

<sup>436</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.*, 2009, p. 27.

## 2.5 A reciprocidade na arte de obsequiar: sobre os significados dos presentes

A oportunidade de viajar e (re) encontrar gente, pode ser também, grande momento para ofertar e receber presentes. Nesta prática tão repleta de sentidos, devem ser pensados, tanto o lugar de quem dá os presentes, como o lugar de quem os recebe, o que se dá e para que. No caso Rocha Pombo, este parecia ostentar e se orgulhar dos mimos e presentes recebidos, sendo estes os mais variados e às vezes, inusitados, trazendo para o seu relato, alguns destes momentos. Alguns dos “novos amigos” feitos durante a travessia apenas ofertavam jantares, banquetes ou festas, seja no seio familiar, seja nos salões ou ambientes mais grandiosos da cidade.

É possível vislumbrar múltiplas possibilidades por parte daquele que oferta, desde a necessidade de agradar e impressionar o homenageado como também, através da grande festa, banquete ou afim, pode-se demonstrar, publicamente, seu poder e potencial para os demais. Em se tratando de um viajante que faz uso da palavra escrita, o estreitamento de vínculos com o mesmo pode resultar em uma mais visão positiva nos relatos produzidos pelo mesmo. Em contrapartida, para o homenageado ou convidado, o pertencimento a este evento social, pode permitir-lhe certa notoriedade e distinção perante os demais, não convidados. Ademais, frequentar as festas da dita “boa sociedade” pode ser a oportunidade de estreitar relações, estabelecer novos contatos, dentre outros aspectos. Tem-se, na arte de obsequiar e receber, o estabelecimento de um pacto, onde se geram obrigações sociais, fundamentadas na troca e na reciprocidade entre as partes envolvidas, a partir de três ações, “dar, receber e retribuir”<sup>437</sup>, pois, “se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” - “cortêsias”.

Um caso bastante interessante ajuda a dimensionar alguns destes aspectos, foi o jantar oferecido pelo então governador Lauro Sodré a Rocha Pombo:

Às 8 da noite fui jantar com o Dr. Lauro Sodré, na suave intimidade daquela digna família e de alguns amigos que s. ex. tinha reunido. Ali recebi, das mãos do próprio Dr. Lauro, um brinde, que me fazia o Dr. Antonio Marçal, em nome do Instituto Lauro Sodré. É um grande volume que se publicou em 1900, comemorativo do centenário da descoberta, luxuosamente encadernado na oficina do estabelecimento, e metido num rico estojo também ali preparado<sup>438</sup>.

Além do jantar, o viajante foi obsequiado com um livro, uma luxuosa encadernação do centenário da independência, que além de compor a biblioteca pessoal do autor, poderia servir como fonte de estudo para a composição da história do Brasil a qual se dedicara a escrever

<sup>437</sup> MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 263. Ver também: MAUSS, Marcel. “A expressão obrigatória dos sentimentos”, IN: Oliveira, Roberto Cardoso (org.). *Mauss*, São Paulo, Ática, 1979.

<sup>438</sup> POMBO, Rocha José Francisco da. *Op. Cit.*, p. 233.

para o centenário da independência em 1922. A prática de presentear com livros foi constante após os encontros diversos estabelecidos pelo viajante, sendo este “presente de papel”,<sup>439</sup> uma forma de selar uma amizade, ou uma despedida ou mesmo, a simples divulgação de livros e autores trazidos na bagagem.

Em Alagoas, a visita de Octavio Brandão causou boa impressão no viajante, o qual descreve como um “jovem de 21 anos e já espírito forte e de rara erudição, sobretudo em ciências naturais e história. É um caso singular. Tem ele planeado uma obra, (...) de que me ofereceu uma cópia”. Além de ofertar ao viajante com o esboço de sua própria composição, “ofereceu-me também o Sr Octavio Brandão um livro sobre assunto histórico, e da lavra do Dr. Alfredo Brandão”. Pondera que mesmo não tendo tido tempo de ler as obras durante a viagem, o contato com o jovem bastou “para convencer-me de que não se sabe como não tem grande nome no nosso mundo intelectual”.<sup>440</sup> Neste sentido, ato de presentear alguém com um livro de sua própria autoria, “significa uma forma de autopropaganda ao mesmo tempo que indica o reconhecimento do receptor como pessoa autorizada a estabelecer uma leitura legítima”<sup>441</sup>.

Além de livros, outros tipos de impressos foram obsequiados ao viajante com relativa frequência. Moreira e Silva, diretor da Instrução Pública em Alagoas, por exemplo, ofereceu ao viajante um exemplar de seu trabalho, um estudo comparativo das línguas indígenas do Brasil, agrupado e publicado numa coleção de jornais, uma vez que ainda não está impresso em avulso<sup>442</sup>.

O presente pode ser também, a única forma de contato e comunicação entre aqueles que não se conhecem pessoalmente. Este foi o caso da relação entre Rocha Pombo e Álvaro Maia, considerado “um dos mais belos talentos da atual geração em Manaus, o qual nem tive ensejo de aproximar-me, como tanto ensejava. Lutei, fiz mesmo uma tenaz campanha por alcançar que me arranjassem alguma produção deste moço”. Ao fim de sua jornada, o viajante finalmente tem seu desejo atendido, recebendo, antes de seu embarque, um grande envelope:

À Rocha Pombo – envia Álvaro Maia. Havia dentro uns retalhos de jornais. Nestes retalhos, vejo uma conferência na qual esplende o espírito do prosador. Em três outras tiras vinham versos. Abriu-se-me a alma ao ler os poemas que Álvaro Maia me enviara<sup>443</sup>.

<sup>439</sup>De acordo com Giselle Venancio, os presentes de papel, sobretudo livros, também podem ser o pretexto para a conquista de amigos, ampliando-se os círculos de convivência social de um intelectual. VENANCIO, Giselle Martins Venancio. “Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna.” *Estudos Históricos*, n.28, 2001, p. 35.

<sup>440</sup>POMBO, Rocha José Francisco da. *Op. Cit.* 1918a, p. 78.

<sup>441</sup>VENANCIO, Giselle. *Op. Cit.*, p. 39.

<sup>442</sup>POMBO, Rocha José Francisco da. *Op. Cit.*, 1918a, p. 77.

<sup>443</sup>POMBO, Rocha José Francisco da. *Op. Cit.*, 1918a, p. 208.

Os poemas intitulam-se “Hino à seringueira” e “Na correnteza”, e foram transcritos por Rocha Pombo em três páginas de suas notas de viagem, como uma forma de divulgação e gratidão pela cortesia do poeta.

Além de retalhos de jornal, poesia, livros, o intelectual paranaense recebeu também, algumas cartas e bilhetes. Como na ocasião antes da partida de Belém, na qual recebeu uma carta acompanhada de alguns exemplares de um impresso, constando no alto do papel, a marca da empresa: “Pará industrial- Fábrica de farinha de mandioca similar do trigo. Instruções especiais para a preparação do pão misto”.<sup>444</sup> Além da receita da farinha especial, o viajante destaca uma nota curiosa, o fato de a farinha, cuja preparação é descoberta do Sr. Lima, ser “já conhecida no Pará pelo nome de farinha três b (boa, barata e brasileira)”.<sup>445</sup> Ainda na esfera dos escritos, recebeu dos paraenses:

um exemplar dos estatutos da associação, tendo numa folha estas palavras escritas pelo Dr. Arthur Barreiras:

Ao patricio Rocha Pombo – homenagem da Associação da Imprensa do Pará, rememorando a sua visita à sede social, Belém do Pará, 24 de novembro de 1917.

E com o Dr. Barreiros, assinaram aquela página Manuel Lobão, C Rocha, Clóvis Barata, J J Monteiro de Paiva, José Santos, Arnaldo Valente Lobo e Alexandre Trindade<sup>446</sup>.

Produtos típicos locais também foram ofertados ao visitante. Samuel Audy, com quem viajou de Belém até Manaus, o presenteou com “uma pequena lata de massa de tamarindo, coberta de umas flores de açúcar de feitura admirável – trabalho tão fino que custa acreditar fosse feito por dedos humanos”.<sup>447</sup> Ou ainda, produtos mais inusitados:

quando no dia do embarque cheguei a bordo, lá estava no meu camarote um grosso pau de fumo, de quase dois metros de comprimento, e bem enrolado em anagem, tendo em papel colado ao rolo: Ao Sr Rocha Pombo- Rio de Janeiro: oferecem Martins da Silva & C do Pará. Disse-me o Dr. José Mauricio que o fumante que prova daquilo, não procura mais havanos<sup>448</sup>.

Na prática de presentear, as autoridades se distinguem, abrindo espaço para outros objetos, dentre os quais destaco os bustos recebidos:

O Dr. Alcântara Bacellar ofereceu-me o seu próprio busto. É exato que se não parece muito com s. ex; mas se não tem grande valor icônico, a perfeição do lavor é digna de ser apreciada. O Dr. Faria e Souza brindou-me com o busto de Pedro II. Este é irrepreensível como figura autêntica do grande príncipe. Também no Pará, depois que voltei de Manaus, obsequiou-me o Dr. Lauro Sodré com o busto do Barão do Rio Branco. Perfeito!<sup>449</sup>

<sup>444</sup> *Ibidem*, p. 241.

<sup>445</sup> *Ibidem*, p. 242.

<sup>446</sup> *Ibidem*, p. 243.

<sup>447</sup> *Ibidem*, p. 224.

<sup>448</sup> *Ibidem*, p. 244.

<sup>449</sup> *Ibidem*, p. 152.



Recebeu também, uma insígnia com a miniatura da bandeira do Brasil:

E aquela grande alma de José Santos não me deixou sair sem condecorar-me: com suas próprias mãos, prendeu-me à noterira (sic) do fraque uma insígnia com a miniatura da nossa bandeira nacional. Tive assim mais um motivo para sentir-me edificado e ufano ao deixar aquelas portas<sup>450</sup>.

Por fim, em relação a esta prática de presentear, gostaria de ter mais elementos para afirmar que as próprias notas de viagem foram utilizadas, posteriormente, como obséquio para as pessoas citadas, tendo sido o referido impresso, como usual por parte de editores e autores no período, enviado para as autoridades dos locais visitados, ou ainda, se o livro foi adquirido por compra após o lançamento, por algumas das tantas pessoas citadas nas mesmas. Seria a publicação das *Notas de viagem*, uma espécie de “obrigação moral” para retribuir os tantos presentes e ajudas recebidos pelo visitante?

## 2.6 Andanças, pesquisas e aprendizagens

Uma das motivações da jornada ao norte do Brasil teria sido a pesquisa para a escrita da História do Brasil, edição comemorativa do centenário da independência. O que pesquisou? O que considerava fontes para a sua pesquisa? Como as obteve? É possível pensar a prática da viagem enquanto uma metodologia de trabalho na escrita da história? No que se diferencia e/ou se aproxima da prática etnográfica dos antropólogos? Quais mudanças a viagem propiciou em seu fazer historiográfico?

Enquanto Guttman Bicho tomava algumas vistas das paisagens, fazendo seus registros visuais, Rocha Pombo se encarregaria da busca e coleta de documentos escritos diversos.

É preciso frisar bem que andei na minha excursão mais vendo e ouvindo que a revolver arquivos.

O que trouxe dos arquivos e bibliotecas, por mais que me surpreendesse a abundância da messe recolhida, não me é mais precioso do que tudo o que diretamente pude apanhar vendo a terra e sentindo a gente<sup>451</sup>.

Nota-se uma valorização, por parte do historiador, da observação dos costumes e culturas locais, e da escuta atenta, sendo este contato considerado insubstituível pelo mesmo. Tal escuta do outro, pode ser também pensada como uma forma de aprendizagem possibilitada pela pesquisa, para além dos arquivos, conforme tenta evidenciar o pesquisador-viajante, no que pode também, possibilitar um diálogo com outra disciplina, a Antropologia.

<sup>450</sup> *Idem*.

<sup>451</sup> POMBO, Rocha José Francisco da. *Op. Cit.* 1918a, p. 197.

Nesse sentido, o de valorização da escuta, da observação do outro e do registro, “a antropologia tem algo a contribuir para a disciplina história. E o inverso é igualmente válido”<sup>452</sup>. Por sua vez, o olhar antropológico também é repleto de especificidades, no que, para Nigel Barley, o conceito de “coleccionar mariposas” é bastante coerente para a disciplina, uma vez que muitos etnólogos não saberiam exatamente, o que fazer com tantos dados “curiosos” sobre o outro. O autor cita o exemplo de Malinowski, “o inventor do trabalho de campo”, que concebia seus diários como um veículo puro e simplesmente humano, e “bastante defeituoso”. Assim, Barley, em seu livro *O antropólogo inocente*, propõe escrever um relato a partir das próprias experiências pessoais que vivenciou na viagem a África em busca dos “Dowayos”<sup>453</sup>.

Contundo, através do relato, é possível aferir o processo de aquisição de conhecimento sobre o funcionamento das instituições de guarda e pesquisa, como arquivos e bibliotecas em busca das fontes escritas, tão valorizadas pelos historiadores do período. Na Bahia, por exemplo, acentua que após ter sido apresentado ao Dr. Alberto Rabello, que seria um “devotado cultor das nossas coisas históricas, recebeu deste um documento muito interessante”. Enfatiza ainda o instituto histórico onde acessou a referida fonte enquanto um lugar da pesquisa histórica, uma vez que “no instituto não se conversa só: estuda-se muito, e cuida-se da nossa história como de coisa sagrada”.<sup>454</sup>

Mais uma vez, os contatos estabelecidos aparecem como fundamentais neste fazer, conforme apreendemos na visita ao Ceará, onde contou com a ajuda de Adolfo Salles, ao qual afirma “muito lhe devo a boa vontade e esforço com que me auxiliou nas minhas pesquisas”<sup>455</sup>. A companhia de Palma Muniz também é apontada como crucial, pois este o levou até a biblioteca pública, apresentando o visitante ao diretor da mesma, que por sua vez, mostrou-se “disposto a tudo facilitar-me ali”, reunindo e acondicionando para o pesquisador viajante “toda a farta messe de papéis, livros, mapas, etc, que foi possível coligir naquela capital, graças à boa vontade do ilustre diretor e aos esforços do Dr. Muniz”.<sup>456</sup>

Além dos muitos encontros agendados e programados, a viagem foi palco de alguns encontros inusitados, como na ocasião em que o viajante paranaense conheceu um negociante sírio no vapor *Acre* em direção a Manaus, estabelecendo longa conversa, através da qual pôde aprender muito sobre a presença da imigração estrangeira no norte do Brasil:

---

<sup>452</sup> SAHLINS, Marshal. *Ilhas de história*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2001, p. 19.

<sup>453</sup> BARLEY, Nigel. *El antropólogo inocente*. Barcelona: Anagrama, 1989, pp.11-24.

<sup>454</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918a, p. 40.

<sup>455</sup> POMBO, Rocha José Francisco da. *Op. Cit.*, p. 110.

<sup>456</sup> *Ibidem*, p. 140.

disse-me que ‘tudo aquilo’(todos aqueles sertões) está já invadido por patrícios seus. É um fenômeno muito interessante, esse da imigração da Ásia Menor para o Brasil, e o da facilidade com que se adaptam e se assimilam aqui os sírios. E o que é certo é que a colônia em toda parte se torna simpática e estimada. O sírio foi logo amando o país, fazendo causa conosco, sentido nossas alegrias e as nossas dores. (...) Em todas as capitais do norte vimos sírios, e no Maranhão sentimos quanto a colônia se impôs às simpatias gerais oferecendo uma bandeira ao Tiro Rondon<sup>457</sup>.

No Amazonas, em visita às salas da Imprensa Oficial, teve contato com a famosa coleção numismática do Estado, destacando que “apesar de um tanto desfalcada (segundo nos informaram) é ainda a mais notável do Brasil, e talvez de toda a América. Já foi a quarta coleção do mundo”.<sup>458</sup> Ainda no referido estado, destaca que graças as companhias dos amigos Alfredo da Matta e João Batista de Faria e Souza, realizou as visitas e trabalhos de pesquisa junto à Biblioteca e ao Arquivo Público, ao Arquivo da Municipalidade, onde:

Tudo se franqueou, começando-se logo a coligir, em todas essas repartições, os documentos que me eram necessários. Nessa faia fui poderosamente secundado pelo Dr. Faria e Souza, jornalista e alto funcionário da Secretaria de Fazenda, e que o Governo do Estado encarregara especialmente de auxiliar-me. O Dr. Benjamin de Souza, diretor da Imprensa pública, e o Dr. José Chevalier, do Arquivo, prestaram-me os melhores serviços<sup>459</sup>.

Nesta passagem, é possível vislumbrar o peso de ter apoio de uma autoridade local, como o governador do estado, que delegou alguém especialmente para receber e auxiliar as pesquisas do visitante.

Em outro momento, o viajante pesquisador evidencia a comoção e ajudas recebidas por um grande número de pessoas, dentre “intelectuais, estudantes, jornalistas, espíritos dados à história”, os quais lhes enviaram, “livros, mapas, papéis, todo gênero de dados que se coligiram, que iam sendo remetidos para a Galeria Artística, estabelecimento de Mariano Lima, à Rua Municipal, onde meu incansável amigo fazia embalar tudo com meticuloso cuidado”<sup>460</sup>.

O contato com outros pesquisadores também pode ser interpretado enquanto possibilidade de trocas, aprendizados e diálogo no que se refere aos aspectos da pesquisa e escrita da história e da história do Brasil, tão perseguidos pelo viajante, sendo bastante profícuos tais encontros. Neste sentido, retomo a visita feita ao coronel Bernardo Ramos, (Bernardo de Azevedo da Silva Ramos), que de acordo com Rocha Pombo, teria nome fora do Amazonas, tendo inclusive, ido à Europa em comissão do Governo, além de ter viajado ao Egito, possuindo muitos trabalhos impressos que o recomendariam como consciencioso

<sup>457</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918 a, p. 163.

<sup>458</sup> *Ibidem*, p. 176.

<sup>459</sup> *Ibidem*, p. 166.

<sup>460</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, p. 167.

cientista. Pontua ainda que entre os trabalhos de Bernardo Ramos, figura uma conferência sobre o Egito, feita no consistório da catedral de Manaus em 1912. Todavia, seus melhores e mais valiosos esforços se debruçariam em seus escritos sobre arqueologia e pré-história do Amazonas, tendo visitado:

todas as paragens da imensa bacia onde lhe conste que há documentos a recolher. Acompanhado de um filho, que é fotógrafo, mete-se dias e dias e até meses pelo sertão, explorando e perquirindo, vendo e registrando tudo quanto lhe parece interessar às soluções que procura. Tive ensejo agora, ao visitá-lo pela segunda vez, de ouvir a leitura de grande parte do primeiro volume da obra em preparo, muito ilustrada de cópias de inscrições e monumentos<sup>461</sup>.

Além de evidenciar a prática da viagem como exercício de pesquisa na escrita historiográfica, Rocha Pombo enfatiza com vigor que o referido trabalho completaria a obra de Thoron, e “instruiria definitivamente, entre os nossos estudiosos, o problema das origens americanas”. Ademais, considera que “pelos subsídios que tem podido coligir, o operoso cientista amazonense virá aumentar a documentação que já possuímos para estudo de tão larga importância”.<sup>462</sup> O contato com tal experiência pode ser visto enquanto mais uma das leituras e interpretações incorporadas na escrita da história pelo andarilho intelectual paranaense.

O contato com intelectuais permitiu em muitos casos, o acesso às bibliotecas pessoais dos mesmos, sendo mais uma fonte de aquisição de livros de autoria dos mesmos (sobretudo na forma de presentes) e consulta para sua escrita futura, conforme podemos apreender de seu encontro com Virgílio Barbosa, “advogado, é um espírito de larga cultura, moço ainda, forte, de maneiras expansivas, todo ele respira simpatia e saúde moral”. Por ser considerado “um devotado cultor da nossa história, possui valiosa biblioteca, não menos pela qualidade que pelo número (...). Sei que tem livros publicados, mas como em regra são os intelectuais do Amazonas, foi irredutível em escusar-se de me obsequiar com algum trabalho”<sup>463</sup>.

À medida que frequentava arquivos, bibliotecas, festas, salões e outros eventos sociais, tornava-se possível a ampliação das referências sobre a produção intelectual local, advertindo que mesmo com tais esforços, estaria muito longe de emitir uma ideia exata do meio, apenas fazendo referência aqueles com os quais teve a oportunidade de conhecer pessoalmente. Aproveita deste modo, para exemplificar os conhecimentos que detinha sobre alguns dos expoentes da intelectualidade do norte na figura de Alfredo da Matta, que além de médico e presidente da Assembleia Legislativa:

---

<sup>461</sup> *Ibidem*, p. 204.

<sup>462</sup> *Ibidem*, p. 205.

<sup>463</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 207.

É membro da Academia Nacional de Medicina. Tem publicado perto de setenta trabalhos, entre livros, monografias, relatórios, etc, quase todos referentes a endemias ou a morbus esporádicos das regiões amazônicas. Tem ainda grande número de obras a publicar. Entre as publicações feitas, destacam-se: *Flora Médica Brasiliense* (Plantas medicinais da Amazônia e especialmente do estado do Amazonas); *Ensaio de Geografia Botânica do Amazonas*; *Geografia e Topografia Médica de Manaus*; *A B C da profilaxia do Paludismo: Notas para a climatologia e geografia médica da cidade de Manaus*; e outros<sup>464</sup>.

Ocasões como jantares ofertados representariam também, a oportunidade de aprofundar ainda mais o conhecimento sobre a produção e os pertencimentos dos anfitriões, conforme apreendido no caso Theodoro Braga, a respeito de quem, após jantar na *Rotisserie Suisse*, escreveu:

O Dr. Theodoro Braga é um dos tipos mais distintos da alta sociedade belemita. É bacharel e é pintor: e não sei dizer se nele o homem de ciência sobreleva o artista. É um grande sabedor das coisas do Pará. Tem pronta obra sobre a história e geografia do estado. Essa obra, que tive ensejo de examinar, é dividida em duas partes, a parte gráfica e literária. O atlas compõe-se de mapas da América, do Brasil e do Pará, e de cartas de cada um dos municípios do estado. (...) O texto dá o histórico de cada município, e uma notícia completa de todos, sob os vários pontos de vista da natureza, dos elementos econômicos, das condições em que se encontram as várias indústrias e o comércio, etc. É pena que não esteja ainda impressa tão importante obra, para que ficasse ao alcance de todos. E com isso é bem possível que nos demais estados da União tivesse imitadores<sup>465</sup>.

É importante ressaltar que o fato de tornar-se “amigo” de Theodoro, possibilitou o contato com uma obra que sequer fora impressa, fornecendo evidências do acesso exclusivo à produção de um autor:

Como artista, Dr. Theodoro Braga pode gabar-se de possuir legítimo talento. Vi no seu atelier uma profusão de telas, retratos, estudos, paisagens, alegorias, etc. Entre as composições, figura uma em que se destaca o padre Vieira amparando a raça americana. É um quadro de grandes proporções e de incontestável valor. Deve ter figurado com os demais na última exposição de Belém<sup>466</sup>.

O status e condição de viajante parecem conferir-lhe algumas situações e oportunidade que talvez, outros não desfrutassem. Tal argumento ganha ainda mais força com a continuidade do relato de Rocha Pombo, em que se tem a confirmação de que para além do jantar, conheceu o local de trabalho do “amigo,” permitindo-lhe compreender o processo de composição de suas obras.

---

<sup>464</sup> *Ibidem*, p. 206.

<sup>465</sup> *Ibidem*, p. 246.

<sup>466</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, p. 246.

## 2.7 Em trânsito: diferentes maneiras de se comunicar e se corresponder

Muitos foram os usos, sentidos e suportes das correspondências e das formas de se comunicar na viagem. Cartas, telegramas, cartões, bilhetes, telegramas, radiograma, compuseram o leque de possibilidades e meios de se corresponder durante a jornada, conjugando o falado e o escrito com objetivos múltiplos. Através das cartas, por exemplo, Rocha Pombo estabeleceu boa parte dos contatos anteriores à realização da travessia, conforme já analisado no capítulo primeiro do presente trabalho. Deste modo, tenho por preocupação neste momento, explorar os indícios possibilitados por esta prática social e histórica, que necessita do outro, numa relação, para existir, uma vez que, estando condicionada por uma retórica muito particular, no caso específico das cartas, “deve ser considerado o gênero específico, o tipo de ocasião e as características da relação existente entre o destinatário e o remetente”.<sup>467</sup> Contudo, quem seria esse outro no contexto aqui analisado e quais as especificidades deste tipo de forma de se corresponder e se comunicar?

Durante o percurso, há indícios da comunicação com os familiares que estavam distantes, tendo aqui a correspondência na viagem uma função afetiva e emocional no sentido de encurtar as distâncias e a saudade. Isto pode ser exemplificado na experiência de luto vivenciada pelo pintor Guttman Bicho, ao receber a notícia do falecimento de sua mãe, por exemplo. Não se menciona como tal notícia chegou, se por telegrama, rádio ou telefone, mas pode ser incluída no rol das comunicações e correspondências da viagem.

Adjuntas aos presentes, as cartas davam vozes aos que não poderiam estar em presença física, num movimento de complementaridade entre a ausência e a presença,<sup>468</sup> ajudando a estreitar os laços e os vínculos entre as partes:

Também recebi, na véspera de embarcar, alguns livros que me ofereceram d Isabel Gondim e o Dr. Oscar Brandão. Este ilustre homem de letras escreveu-me, remetendo a suas obras, uma carta extremamente amável. Também d Isabel Gondim. Hei de ter ensejo de ocupar-me das obras com que me obsequiaram estes autores<sup>469</sup>.

As missivas também foram enviadas para desculpar ausências, sobretudo quando se tratavam de amigos que seriam mais próximos ao viajante, como na ocasião em que relata a

<sup>467</sup> CIAPPELLI, Giovanni. “Existe una línea maestra en el estudio de la autobiografía?” In: *Cultura Escrita & Sociedad*. Dossier De La autobiografía a los ego-documentos: un fórum abierto. Nº 1, 2005, p. 56.

<sup>468</sup> CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “Como o polvo e o se transformam.” Modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002b, p. 10.

<sup>469</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918 a, p. 102

cartinha que recebeu do Dr. Carlos Fernandes, que por encontrar-se enfermo, não pôde ir encontrá-lo no cais.

Nos dois casos acima, pode-se observar “como cada carta busca seu interlocutor, reclama a presença da pessoa ausente. Preserva os vínculos na distancia e configura um espaço através do qual se expressam e desenvolvem as identidades pessoais, familiares ou sociais”.<sup>470</sup> No primeiro caso, na carta enviada pelo casal de autores, nota-se que a forma de tratamento utilizada por Rocha Pombo para se referir aos mesmos, denota respeito, mas também, evidencia que estes não eram amigos tão íntimos e próximos. No segundo caso, apesar de se referir a Carlos Fernandes como amigo,<sup>471</sup> o paranaense utiliza também o “doutor” antes de seu nome, dimensionando uma preocupação com a dimensão pública da escrita.

Em carta que acompanhava os exemplares enviados pela indústria de farinha do Pará, o industrial, Adelziro de Rocha, que seria o autor da missiva, expõe angústias e dificuldades de sua trajetória de vida, a fim de impressionar o viajante e construir uma visão heroica sobre si mesmo, buscando valorizar seus feitos e conseqüentemente, divulgar seus produtos:

Na carta que me escreveu, dizia o industrial, Sr. Adelziro de Rocha Lima, que há cinco anos trabalha pelo resultado que só agora alcançou; que tudo tem feito a custa de esforço, perseverança e sacrifícios (...).

Num memorando, que também veio com a carta, diz-me o inteligente e ativo industrial que tinha mandado preparar algumas bolachas para oferecer-me. Não recebi essas bolachas, mas recebi uma amostra de farinha. É tão fina como a do trigo, e tem aspecto semelhante. Pois não estará aqui, porventura, um novo produto que deve entrar já e já em nossa economia nacional?<sup>472</sup>

Houve ainda, casos em que a carta foi o único elo entre os sujeitos, sem que estes jamais se conhecessem fisicamente, como o destacado pelo relato de Rocha Pombo a respeito de Rocha Maia, a quem tanto desejava encontrar, e que por meio da correspondência enviada pelo poeta, pôde suprir um pouco a frustração por não conhecê-lo pessoalmente, sendo a correspondência, neste caso, uma espécie de presente de papel para aquele que a recebe<sup>473</sup>.

<sup>470</sup> CASTILLO GÓMEZ, Antonio. *Op. Cit.*, 2002 b, p. 10.

<sup>471</sup> A respeito da discussão sobre a ideia de amizade numa perspectiva histórica, ver: VINCENT-BUFFAULT, Anne. *A amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*, Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

<sup>472</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 240.

<sup>473</sup> A respeito das correspondências entre autores e intelectuais, ver: VELLOSO, Mônica Pimenta. “Entre o sonho e vigília: o tema da amizade na escrita modernista”. *Revista Tempo*, Dep. História UFF, 2007; VENANCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883- 1951)*. Tese de Doutorado (História), Rio de Janeiro, UFRJ, 2003.

À bordo, recebia muitos cartões de cumprimentos de boas-vindas ou de despedida, como os emitidos por Theodorico da Costa e pelo Barão de Studart,<sup>474</sup> ou ainda, os muitos cartões de visita deixados no hotel como forma de demonstrar respeito e consideração pelo viajante, em sua ausência no recinto. Até aqui foram explorados os casos em que Rocha Pombo é o destinatário das correspondências, não sendo possível analisar o conteúdo das mesmas, e sim, o relato produzido pelo viajante e a intenção de evidenciar e tornar públicas, as relações que estabeleceu, bem como a importância que sua presença teve nos locais visitados, causando comoção e interesse de muitos.

Outra forma de comunicar o vivido e sentido durante a travessia foi a escrita nos livros de visitas, prática bastante exercitada pelo viajante nas diferentes instituições que percorreu. O viajante registrou suas palavras nos livros de visitas da oficina de bombeamentos de Manaus e da Escola de Aprendizes e Artífices, no qual:

Desejo nestas linhas, consignar a alegria e o orgulho com que tive a felicidade de sentir-me, por alguns instantes que jamais esquecerei, ao lado do Sr comandante geral coronel Marinho de Araujo, e cercado de seus dignos companheiros de arma<sup>475</sup>.

Já no livro de visitas do Instituto Benjamin Constant, escreve que sentiu-se bastante confortado ao visitar a dita sagrada casa, aproveitando a ocasião para reverenciar os esforços do político local, numa escrita que pode ser entendida enquanto forma de admiração e aproximação com o poder local:

É, pois, com a alma em oração que deixo aqui esta expressão do meu culto pela obra que se pratica no Instituto Benjamin Constant; e de toda a minha admiração pelo esforço do Sr. Dr. Astrolábio Passos e seus companheiros de trabalho, principalmente pela ternura com que as Irmãs de que não exagerei afirmando que, no seu gênero, é este o estabelecimento mais perfeito entre os que tenho tido a fortuna de visitar no norte do país<sup>476</sup>.

Os telegramas também tiveram espaço enquanto meio de se comunicar e se corresponder durante a viagem, com destaque àqueles que enviou às autoridades locais, como forma de agradecimento por outro anteriormente recebido:

Redigi então um telegrama, que o coronel se prestou amavelmente a expedir, agradecendo ao general Valadão aquele excesso de carinho e apresentando a S. Ex o nosso último saudoso adeus à inesquecível terra sergipana<sup>477</sup>.

---

<sup>474</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 254.

<sup>475</sup> *Ibidem*, p. 191.

<sup>476</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 174.

<sup>477</sup> *Ibidem*, p. 74.



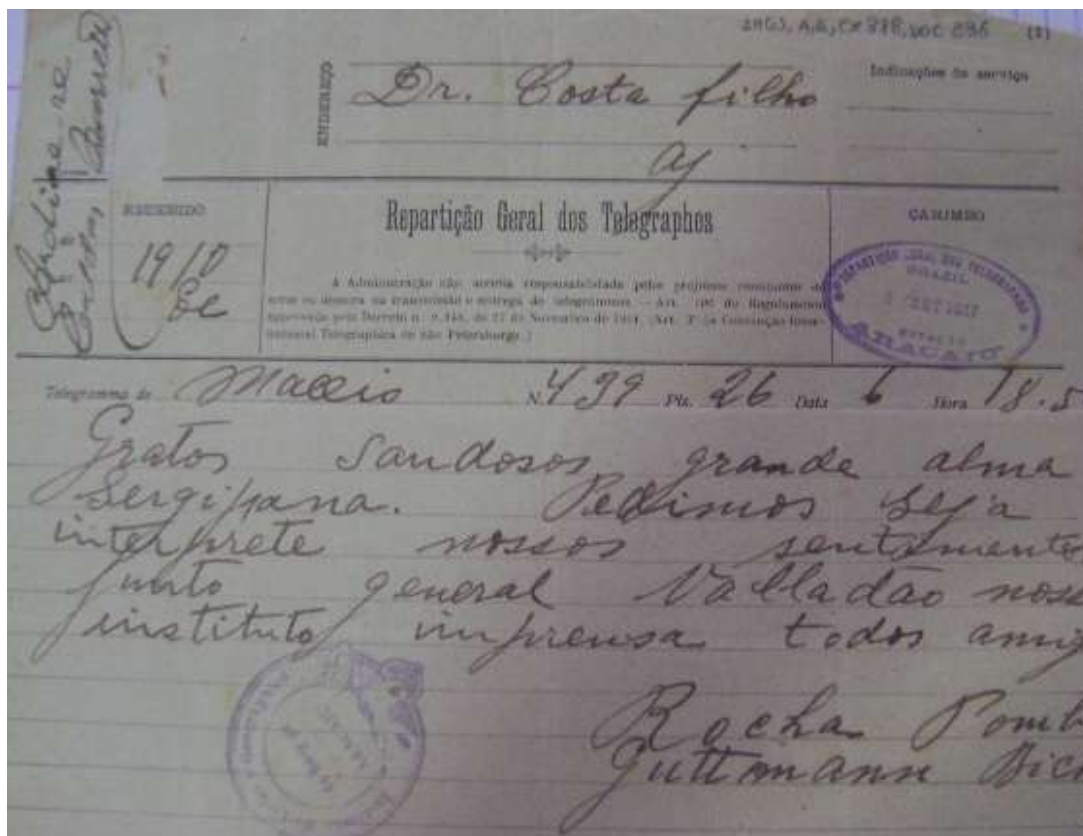


Figura 8. Telegrama assinado por Rocha Pombo e Guttman Bicho ao Dr. Costa Filho.

Ou ainda, como pretexto de mais uma despedida:

Levantamos ferro para o sul às 10 da manhã. Tinha eu passo, valendo-me de delicadeza com que para isso se me ofereceu o Dr. Oscar Guerra Fontes, um telegrama ao general Oliveira Valladão, presidente de Sergipe, nestes termos. ‘Passando hoje na costa, terei todo o meu coração ai querida terra sergipana’<sup>478</sup>.

Por fim, há menção por parte do viajante do uso do radiograma como meio de comunicação enquanto estava a bordo, como este, desejando votos de boa viagem:

Seria meia hora da tarde, quando recebi, do comandante Ranulpho Souza, do Paquete *Brasil*, que vinha do sul e começávamos a ter a vista um radiograma, exprimindo-me votos de boa viagem: ao que retribui penhoradíssimo. Foi no *Brasil* que viajei de Belém a Manaus<sup>479</sup>.

A correspondência na viagem no caso Rocha Pombo se difere dos usos feitos por outros viajantes, como Euclides da Cunha, por exemplo, que se correspondia antes e durante a viagem à Amazônia a fim de registrar as impressões acerca da vegetação, do clima, dos habitantes locais e das cidades por onde passou.<sup>480</sup> Por sua vez, em que pesem as diferentes formas de se comunicar e se corresponder com o outro, é possível conceber todos estes meios

<sup>478</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.*, 1918 a, pp. 260-261.

<sup>479</sup> *Ibidem*, p. 261.

<sup>480</sup> RIBEIRO, F. L. *Cartas da Selva: algumas impressões de Euclides da Cunha acerca da Amazônia*. História: Editora UFPR, Questões & Debates, Curitiba, n. 44, p. 147-162, 2006.

explorados na experiência aqui analisada também enquanto “lugares de sociabilidade”, conforme pontuado por Ângela de Castro Gomes<sup>481</sup>.

Muitos foram os encontros com sujeitos e instituições durante a travessia. Dentre os assuntos eleitos nas conversas e visitas, o tema instrução era recorrentemente comentado e discutido. No capítulo seguinte, busco compreender os significados da preocupação com a educação, em sentido amplo, na experiência de Rocha Pombo, como também, na de outros viajantes. O que se observa ao viajar? Que espaços foram considerados educativos nestas andanças? Quais as especificidades da experiência de Rocha Pombo? O entendimento da ideia de instrução na ótica de Rocha Pombo é complexo, sobretudo ao mapear os diferentes aspectos desta problemática em suas escritas, especialmente a escrita de viagem. Como a localização de sujeitos, instituições e práticas, podem ajudar a compreender os sentidos da instrução para o viajante? Qual a importância e os sentidos da instrução popular em sua perspectiva? Estas são algumas das questões que veremos a seguir.

---

<sup>481</sup> GOMES, Ângela de Castro. “Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre”. In: GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.*, pp. 51-75.

### 3 ENTRE RASTROS E PEGADAS: TRILHAS DA EDUCAÇÃO NA ÓTICA DO VIAJANTE

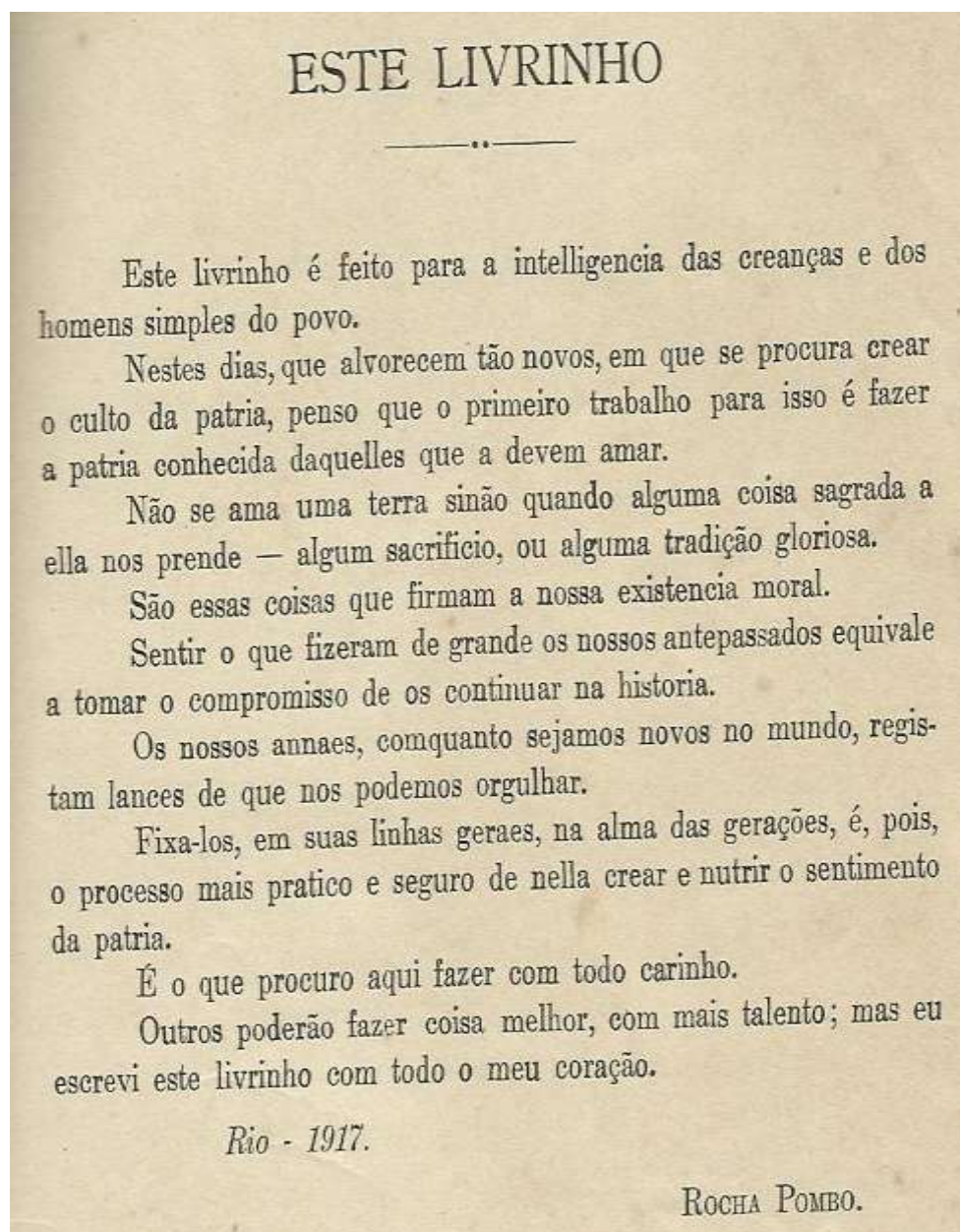


Figura 9. Prefácio do livro *Nossa Pátria*. São Paulo: Melhoramentos, 1917.

### 3.1 Outros olhares: viajantes na história da educação

Em que medida é possível pensar, para além da escrita do historiador, do literato, do jornalista, uma preocupação com a educação na experiência de Rocha Pombo? A partir de seus vestígios e pegadas, por meio de seus textos, busco pensar as contradições, tensões e coerências deste sujeito. Na dimensão de viajante, Rocha Pombo demonstrava especial interesse pelos aspectos referentes à instrução e educação, em suas andanças pelo Brasil afora e, assim como ele, muitos outros sujeitos, realizaram incursões que podem sim, ser concebidas como educativas e pedagógicas, considerando o próprio viajar enquanto um movimento de possível ampliação e conquista de novos conhecimentos sobre o outro e sobre si mesmo.

A dimensão da aprendizagem, que nas palavras de Michel Serres, consiste numa tal mestiçagem, através do encontro com o outro, com a alteridade, é essencial para o entendimento da condição do viajante em suas angústias e inquietações<sup>482</sup>. Por meio dos contatos estabelecidos, novos saberes e novos espaços são desvendados, num constante movimento de busca pelo conhecimento em que, conforme salienta Serres, as várias diferenças conhecidas e assimiladas durante as viagens, trazem para casa, novos gestos e novos usos, além de muitas outras aprendizagens “para fazer brilhar a liberdade de invenção, ou seja, de pensamento”<sup>483</sup>. Nas palavras de Margarida Felgueiras e Antón Costa Rico, “as viagens e os contatos que elas propiciam foram sempre um meio de enriquecimento cultural, pela troca de ideias, pelo confronto de culturas e suas formas de vida”<sup>484</sup>.

Embarcando para a Europa do século XVIII, encontro homens como John Locke, David Hume e Jean Jacques Rousseau, discutindo a respeito das vantagens e desvantagens das viagens no processo educativo<sup>485</sup>. A viagem teria sempre um duplo efeito: modificaria a cultura visitada e a própria cultura do viajante. Na perspectiva de Peter Brenner, viajar definiu-se como um importante instrumento para a educação no século XVIII, ou pelo menos, desde *A Sentimental Journey*, de Laurence Sterne (1768). Por sua vez, o “mito da viagem educativa” estabeleceu-se na Alemanha especialmente desde Goethe. Todavia, pondera Brenner, para muitos estudiosos, nem sempre a viagem terá uma dimensão educativa significativa na vida dos sujeitos, pois o viajante pode ver menos de uma cultura do que ele pensa.

<sup>482</sup> SERRES, Michel. *O terceiro instruído*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 60.

<sup>483</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>484</sup> FELGUEIRAS, Margarida Louro & COSTA RICO, Antón. *Op. Cit.*, p. 7.

<sup>485</sup> BRENNER, Peter J. *Op. Cit.*, p. 14.

Ele só vê o que pode ver, dentro daquilo que sua cultura lhe permite, no que interferem problemas individuais, necessidades, preconceitos e estereótipos, que podem ter até mais influência do que a percepção autêntica do desconhecido<sup>486</sup>. Um exemplo disso, para Peter Brenner, poderia ser visto na literatura, na obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Quixote nada teria aprendido em suas jornadas. Ele não teria se tornado mais inteligente, mais informado ou mais “iluminado” e ao final, teria permanecido o mesmo homem do início da obra: um simpático e inofensivo cavaleiro, cheio de sonhos e ilusões<sup>487</sup>.

As ponderações de Brenner, feitas de análises de viajantes da Idade Moderna, são pertinentes para que não se ignore a dupla dimensão do viajar, que tanto pode ampliar a noção de mundo e de conhecimento, como também, pode servir para reafirmar preconceitos e estereótipos. Com estas ferramentas, busco interpretar os sentidos e construções em torno de algumas experiências que se diziam motivadas por um viés educativo no viajar.

Assim, retornando para Rocha Pombo, busco não isolar tal experiência. Para tanto, a interpretação de outros sujeitos que realizaram viagens, pode ajudar na compreensão dos sentidos, aproximações e especificidades no objeto em questão.

A partir do inventário de algumas destas experiências, procuro compreender as nuances de cada uma. Desse modo, o inspetor técnico de ensino Estevão de Oliveira<sup>488</sup> foi comissionado pelo governo e no ano de 1901, viajou para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro como representante da comissão do governo mineiro, a fim de visitar as escolas dos referidos estados, de modo a delinear um plano de reforma para o ensino público primário e Normal mineiro.<sup>489</sup> O viajante pôde observar os modelos escolares e os métodos adotados nas escolas, comparando com a experiência de Minas Gerais. Ademais, as observações possibilitaram elementos para a escrita de um relatório, intitulado *Reforma do ensino primário e Normal em Minas Gerais*, produzindo uma:

Reflexão transformada em escrita, em que o olho era ordenado pela mão, o relatório era uma prestação de contas ao governo de sua viagem comissionada, ao mesmo tempo em que era momento de compartilhar percepções, opiniões e conhecimentos sobre um outro com seus contemporâneos<sup>490</sup>.

---

<sup>486</sup> BRENNER, Peter J. *Op. Cit.*, p. 16.

<sup>487</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>488</sup> Além de inspetor, Estevão de Oliveira também foi educador e jornalista, além de proprietário de alguns jornais, como *O Povo* (1885-1889); *Popular* (1893); *Minas Livre* (1893) e o *Correio de Minas* (1894). Cf: KAPPEL, Marília Neto. *O pensamento educacional de Estevam de Oliveira expresso através do jornal Correio de Minas* (1897-1908). São João del-Rei, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São João del-Rei, 2010, p. 16.

<sup>489</sup> CHAMON, Carla Simone & FARIA FILHO, Luciano Mendes. “O olhar comparativo: Estevão de Oliveira e os grupos escolares em Minas, no Rio e em São Paulo”. *Revista Brasileira de História da Educação*, n° 22, pp. 17-41, jan/abr.2010.

<sup>490</sup> CHAMON, Carla Simone & FARIA FILHO, Luciano Mendes. *Op. Cit.*, p. 19.

Assim, através da comparação com outras realidades educacionais dentro do próprio país, Estevão de Oliveira mostrava as diferenças na regulamentação e organização escolar nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais<sup>491</sup>.

Em outro momento, no século XIX, o inspetor da Instrução Pública da Província de Pernambuco, João Barbalho Uchoa Cavalcanti<sup>492</sup>, viajou à corte e às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, e a partir desta experiência, escreveu o relatório *Instrução Pública — estudo sobre o sistema de ensino primário e organização pedagógica das escolas da Corte, Rio de Janeiro e Pernambuco*, publicado no ano de 1897, em Recife, pela Typographia de Manoel Figueiroa de Faria & Filhos. Dentre outros aspectos, o inspetor direcionou seus olhares em relação às escolas infantis, primárias, asilos, cursos noturnos, escolas dominicais, bibliotecas, museus, caixa econômica escolar, conferências pedagógicas e planos de ensino. Objetivava, a partir da atenta observação, adotar os aperfeiçoamentos e melhoramentos na educação de Pernambuco<sup>493</sup>.

Assim, nos casos Estevão de Oliveira e Uchoa Cavalcanti, ambos ocupavam posição diferente de Rocha Pombo ao viajar. Enquanto inspetores, a reflexão e os olhares dos mesmos sobre a educação deveriam convergir com a preocupação em relação à organização da educação, traçando, por meio dos relatórios oficiais, um diagnóstico, para muitas vezes, remodelar a realidade educativa vigente.<sup>494</sup> Neste sentido, a figura do inspetor pode ser entendida em uma dimensão mediadora, pois, ao realizar um diagnóstico, o inspetor produz um discurso mediador, que, “mais do que revelar a realidade das coisas como pretendia, indicava determinados lugares sociais de pertencimento e a sua posição política como autoridade gestora da instrução em uma região do país”<sup>495</sup>.

---

<sup>491</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>492</sup> João Barbalho Uchoa Cavalcanti nasceu no estado de Pernambuco, em 13 de julho de 1946. Formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, na Faculdade de Direito de Recife, em 1867. Além de promotor público, dedicou-se ao jornalismo. Em 1873 tornou-se Inspetor Geral da Instrução Pública, cargo exercido por 16 anos, onde “seus trabalhos pedagógicos determinaram modificações importantes na instrução primária e secundária da província. Foram reconhecidos, inclusive em exposições pedagógicas como a que ocorreu em 1883 no Rio de Janeiro, quando recebeu medalhas.”(BESERRA, Rozália. *A higiene escolar em Pernambuco: espaços de construção e os discursos elaborados*. São Paulo, Tese( Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, 2010, pp. 81-82).

<sup>493</sup> SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de & GONDRA, José Gonçalves. “Reformas educativas, viagem e comparação no Brasil oitocentista: o caso de Uchoa Cavalcanti (1879).” *Educação e Pesquisa*, Vol. 34, Núm. 3, 2008, pp. 437-448.

<sup>494</sup> Muitos são os estudos que se debruçam sobre a figura do inspetor de ensino e sobre os relatórios produzidos pelos mesmos. Dentre alguns trabalhos, cito: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na primeira República*. Passo Fundo: UPF, 2000; ISOBE, Rogéria Moreira Resende. *Moldando as práticas escolares: um estudo sobre os Relatórios da Inspeção Técnica do ensino no Triângulo Mineiro (1906-1911)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

<sup>495</sup> SCHUELER & GONDRA, *Op. Cit.*, 2008, p.442.

A prática de olhar para dentro, e peregrinar no próprio território também foi experimentada em outras realidades educacionais, em âmbito internacional. Na Espanha, por exemplo, o jornalista Luis Bello<sup>496</sup> percorreu as escolas das distintas regiões espanholas entre 1925 e 1931, construindo, de acordo com a perspectiva de Agustín Escolano, uma radiografia da realidade educativa do país, em sua diversidade, com especial olhar para a realidade das escolas rurais<sup>497</sup>.

Por sua vez, muitos foram aqueles que saíram de seus países em busca de outras experiências educativas, com intenções e olhares diversos, podendo a viagem ser pensada enquanto “técnica de investigação e conhecimento, como prática de observar, experimentar, comparar e produzir conhecimento sobre o outro”.<sup>498</sup> Ademais, ao conhecer outras realidades, os educadores poderiam “refletir sobre a circulação de ideias, projetos e modelos educacionais em curso”.<sup>499</sup> Dentre os destinos no exterior, destacam-se aqueles se dirigiam aos países da América e Europa.

A primeira comissão oficial de professores brasileiros que percorreu o continente europeu, no ano de 1890, era composta por Luiz Augusto dos Reis, Manoel José Pereira Frazão e Amélia Fernandes da Costa, com a finalidade de estudar o sistema educacional de vários países, a saber, Portugal, Espanha, França, Bélgica, Itália, Suíça, Suécia e Inglaterra. Os relatos de tais educadores foram divulgados nas páginas da *Revista Pedagógica*, publicação do *Pedagogium*<sup>500</sup>.

---

<sup>496</sup> Nascido na Vila de Salmantina de Alba de Tormes, no ano de 1872, Luis Bello foi jornalista e escreveu em muitos periódicos da Espanha, dentre os quais, *El Sol*, onde inicialmente publicou suas impressões sobre as visitas às escolas. Em 1926 publicou *Viajes por las escuelas de España*, edições Magisterio Español. Faleceu em 5 de novembro de 1935.

<sup>497</sup> ESCOLANO, Agustín. “La visita de Luis Bello a las escuelas de Madrid (1925-1930)”. In: BELLO, Luis. *Viaje por las escuelas de Madrid*. Edición y estudio introductorio de Agustín Escolano. Comunidad de Madrid, 1997, p. 17.

<sup>498</sup> GONDRA, José Gonçalves. “Apresentação. Dossiê: Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos”. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº 22, p. 13-16, 2010.

<sup>499</sup> *Ibidem*, p. 14. (Os textos do dossiê foram apresentados no VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado em 2007. O já citado texto de Carla Simone e Luciano M de Faria Filho abordam a viagem de Estevão de Oliveira a Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo; A viagem em busca de legitimação da educadora Armanda Álvaro Alberto, com destino ao Uruguai foi analisada por Ana Chystina Venancio Mignot; as viagens dos professores do Instituto de Odívelas foram analisadas por Joaquim Pintassilgo e os relatórios de viagem do professor Luiz Augusto dos Reis foram estudados por Alessandra Schueler e José Gondra).

<sup>500</sup> MIGNOT, Ana Chystina Venancio & SILVA, Alexandra Lima. *Op. Cit.*; A respeito das viagens destes educadores, individualmente, ver: SCHUELER, Alessandra. “A longa peregrinação de um professor da roça na Europa”. In: MIGNOT, Ana Chystina V.; GONDRA, José (Orgs.) *Viagens pedagógicas*. São Paulo: 2007, pp.90-113; SCHUELER, Alessandra; GONDRA, José. “Olhar o outro, ver a si: Um professor primário brasileiro no “Velho Mundo” (1890-1892)”. *Revista Brasileira de História da Educação*: Dossiê Viagens de Educadores, Circulação e Produção de Modelos Pedagógicos, nº 22, 2010, pp. 88-114.

A professora mineira Maria Guilhermina Loureiro de Andrade<sup>501</sup> embarcou rumo aos Estados Unidos em 1883, onde objetiva, estudar os métodos froebelianos, onde preparou-se para observar os métodos da dita Educação Nova, praticados no New York Seminary for Kindergartners. Para Carla Simone Chamon, a viagem possibilitou à professora, aquisição de conhecimentos, bem como, reconhecimento e distinção no meio educacional, “uma vez que viu o que a maioria das pessoas não pode ver”<sup>502</sup>, e ao retornar ao Brasil, passou a publicar seus livros para a instrução elementar, fazendo circular os aprendizados adquiridos em trânsito.

Nas primeiras décadas do século XX, outro conjunto de educadores e educadoras realizou travessias para fora do Brasil. O intelectual Anísio Teixeira peregrinou aos Estados Unidos e à Europa entre 1925 a 1929, deixando diários e relatórios, registrando por escrito, a busca pelo conhecimento dos modelos referenciais de educação a partir do contato com diferentes culturas.<sup>503</sup> Já a educadora Armanda Álvaro Alberto, na qualidade de integrante da Embaixada de Intercâmbio Intelectual, desembarcou no Uruguai em 1931, a fim de estreitar o contato entre os professores e alunos oriundos do Brasil e Uruguai<sup>504</sup>. Com o objetivo de tornar real o projeto de integração dos povos de Portugal e Brasil, Cecília Meireles, em sua dimensão de educadora, atravessou a imensidão do Atlântico em 1934, produzindo, durante o percurso, cartas e outras escritas, que ajudaram na visibilidade e divulgação desta experiência.<sup>505</sup> Por sua vez, participar de um curso no prestigiado Instituto Jean-Jacques Rousseau e visitar algumas escolas europeias foram as missões da educadora campista Antonio Ribeiro de Castro Lopes, em 1930.<sup>506</sup>

---

<sup>501</sup> Nascida em 1839, na cidade de Ouro Preto, foi professora, tradutora e autora de livros, dentre os quais se destacam: *Resumo de História do Brasil*, em 1888, *Primeiro Livro de Leitura*, *Segundo Livro de Leitura*, *Terceiro Livro de Leitura*. A respeito da educadora, ver: CHAMON, Carla Simone & FARIA FILHO, Luciano Mendes de. “A educação como problema, a América como destino: a experiência de Maria Guilhermina”. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio & GONDRA, José Gonçalves. *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007, pp. 39-64; CHAMON, Carla Simone. “A trajetória profissional de uma educadora: Maria Guilhermina e a pedagogia Norte-Americana.” In: *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, v. 12, n. 24, p. 73-99, Jan/Abr 2008. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>.

<sup>502</sup> CHAMON, Carla Simone. *Escolas em reforma, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 147.

<sup>503</sup> As viagens de Anísio Teixeira foram exploradas nos seguintes trabalhos: NUNES, Clarice. “Anísio Teixeira na América (1927-1929). Democracia, diversidade cultura e políticas públicas de educação.” In: MIGNOT & GONDRA, *Op. Cit.*, 2007, pp. 143-162; CARDOSO, Silmara de Fátima. *Op. Cit.*

<sup>504</sup> MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “Viajar para legitimar: Armanda Álvaro Alberto na comissão de Intercâmbio Brasil-Uruguai (1931).” In: *Revista Brasileira de História da Educação*: Dossiê Viagens de Educadores, Circulação e Produção de Modelos Pedagógicos, nº 22, 2010, pp. 43-64.

<sup>505</sup> PIMENTA, Jussara. *Op. Cit.*, 2008.

<sup>506</sup> MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “Entre cartas e postais: uma inspiradora travessia.” In: MIGNOT & GONDRA, *Op. Cit.*, 2007, pp. 246-276.



Todavia, o movimento de estudar em instituições de referência também compunha o repertório de educadores americanos e europeus. No século XIX, podem ser destacadas as experiências americanas rumo ao exterior. O argentino Domingo Faustino Sarmiento<sup>507</sup> foi enviado no ano de 1845 em missão oficial do governo chileno para estudar a formação de professores e métodos educativos na Europa, tendo visitado Espanha, Itália, França e Prússia, onde analisou detalhadamente as políticas e realidades educacionais dos países. A experiência rendeu a Sarmiento muitos frutos, como a publicação da obra *De la educación popular*<sup>508</sup>, além da aproximação com os estudos de outro viajante, o estadunidense M Horace Mann. Este último, junto a esposa, Mary Peabody, viajou em maio de 1843 rumo ao continente europeu a fim de estudar as distintas instituições educativas na Inglaterra, Irlanda, Escócia, nos territórios alemães, Holanda, Bélgica e França. As observações abarcaram um amplo espectro de estudos, desde os espaços e edifícios de ensino, as estruturas e sistemas educativos e métodos pedagógicos até as diferentes instituições educativas como escolas primárias, secundárias, normais, universidades, as escolas públicas e privadas, reformatórios, dentre outras<sup>509</sup>.

Assim como Sarmiento, outros dois argentinos viajaram para o continente europeu na metade do século XIX. Aos 32 anos, Juan Bautista Alberdi chegou ao velho mundo em junho de 1843 e Florêncio Varela, aos 36 anos, desembarcou em terras europeias em outubro do mesmo ano.<sup>510</sup> Em comum, tanto Sarmiento, como Alberdi e Varela vivam exilados, sendo que os dois últimos encontravam-se no Uruguai. Com cinco meses de duração, os destinos de Alberdi foram Itália, Suíça e França, enquanto Varela percorreu, em seis meses, Inglaterra e França. Juan Bautista Alberdi ambicionava estudar o sistema judicial do reino da Sardenha, considerado por ele o mais adiantado da época, sendo sua viagem uma motivação pessoal e privada. Por sua vez, Varela foi comissionado pelo governo Uruguai, em missão diplomática junto ao governo da Inglaterra. Entretanto, outros interesses foram incorporados, como as

---

<sup>507</sup> Nascido em 1811, em San Juan, Argentina, foi opositor do regime político de Rosas, motivo que o levou ao exílio no Chile em 1841, onde permaneceu até 1853. Fundou a primeira Escola Normal de preceptoras da América do Sul no ano de 1845, e posteriormente, publicou uma de suas obras mais conhecidas, *Facundo. Civilização e Barbárie. Vida de Juan Facundo Quiroga*. Outra importante obra de Sarmiento deriva de suas travessias ao continente europeu. Cf. SARMIENTO, Domingo F. *Viajes*. (Edición crítica de Javier Fernández). Madrid, ALLCA XX, 1997).

<sup>508</sup> SARMIENTO, Domingo Faustino. *De la educación popular*. Santiago: Imprenta de Julio Berlin i Compania, 1849.

<sup>509</sup> SCARZANELLA, Eugenia Scarzanella & SCHPUN, Mônica Raisa Schpun (dir.). *Sin fronteras: dialogos de mujeres y hombres entre America latina y Europa (Siglos XIX y XX)*, Iberoamericana/Vervuert, Madrid, 2007, p. 24.

<sup>510</sup> WEINBERG, Félix. "Sarmiento, Alberdi, Varela: viajeros argentinos por Europa." In: SARMIENTO, Domingo F. *Op. Cit.*, p. 1006.

atividades culturais e situação política dos países visitados.<sup>511</sup> Estes viajantes também produziram testemunhos escritos de suas experiências, como *Veinte dias en Génova* (1846), e *Recuerdos de Europa* (1844) de Alberdi,<sup>512</sup> e *Diario de viaje*, de Varela, que permaneceu inédito até a década de 1970<sup>513</sup>.

Já o chileno José Abelardo Nuñez<sup>514</sup> foi comissionado pelo Ministério de Justiça, Culto e Instrução Pública, no ano de 1878, para que estudasse na Europa e América o estado da instrução primária, com a condição de que informasse ao governo chileno acerca das instituições, regulamentos e demais elementos da organização que pudessem ser aplicados nas escolas da República chilena. Nuñez permaneceu três anos e meio no exterior, onde afirmava, nas correspondências enviadas às autoridades do país, ter cumprido tão importante comissão, tendo visitado os estabelecimentos de educação elementar, industrial e de ensino especial que lhes foram possíveis, destacando os Estados Unidos, Alemanha, Bélgica, Suécia, Noruega, Dinamarca e França. José Abelardo Nuñez sugeriu ainda, que para a aplicação nas escolas chilenas, dos progressos observados nos países estrangeiros, deveria também, realizar visitas nas escolas da República (normais, superiores e primárias), de modo a tomar conhecimento do estado em que se encontravam<sup>515</sup>.

Já nas primeiras décadas do século XX, o médico e criminalista Hugo Lea-Plaza (1891-1963) foi contratado para estudar os regimes carcerários no velho mundo, de modo que produzisse uma compreensão acerca do problema da criminalidade e delinquência no Chile, sobretudo entre crianças e jovens, o que lhe rendeu muitas conferências e trabalhos a respeito da temática investigada. Retornando após 3 anos, expôs no Congresso Panamericano del Niño a respeito da internação de crianças abandonadas em asilos.<sup>516</sup>

Dentre os europeus que realizaram viagens, muitos foram os educadores portugueses que realizaram estudos e estágios em instituições como o Instituto Jean-Jacques Rousseau,<sup>517</sup>

<sup>511</sup> I WEINBERG, Félix. *Op. Cit.*, p. 1009.

<sup>512</sup> De acordo com Félix Weinberg, outros escritos de viagem de Varela ficaram inéditos, sendo publicados postumamente com os títulos: *Impresiones de viajes*. (WEINBERG, F. *Ibidem*, p. 1010)

<sup>513</sup> WEINBERG, F. “El Diario de viaje inédito de Florencio Varela por Inglaterra y Francia (1843-1844)”. *Revista Histórica*, Montevideo, 1975, t XLV, pp. 195-379 y t. XLVI, pp. 245-406.

<sup>514</sup> Educador e advogado, José Abelardo Nuñez nasceu em 1840. Foi incorporado à Sociedade de Instrução Pública como diretor em 1866. Publicou *Organización de escuelas normales*, fruto da experiência da viagem realizada a países estrangeiros. Cf: CEBALLOS, Alvaro. “Las empresas editoriales de José Abelardo Nuñez en Alemania, 1881-1905.” *História*, n° 4, vol I, 2008, pp. 43-52.

<sup>515</sup> Correspondência enviado por José Abelardo Nuñez ao Sr Ministro, José Enjenio Vergara, em 9 de agosto de 1882. (Reproduzida em: NUNEZ, José Abelardo. *Organización de escuelas normales. Informe presentado al señor ministro de instrucción pública de Chile*. Santiago: Imprenta de la Librería Americana. 1883, pp. 13-15)

<sup>516</sup> FLORES ROJAS, Jorge. “La infancia y las amenazas de una sociedad en crisis.” In: FLORES ROJAS, Jorge. *Historia de la infancia en el Chile republicano (1810-2010)*. Santiago, Chile: Ocho Libros, 2010, p. 213.

<sup>517</sup> FERNANDES, Rogério. “Irene Lisboa e Áurea Judite Amaral: dois olhares sobre a escola a partir da Escola Nova.” In: MIGNOT & GONDRA, *Op. Cit.*, 2007, pp. 217-276; Bolsistas portugueses também viajaram para

seguindo o movimento de frequentar e “conhecer instituições consideradas, de alguma maneira, exemplares e localizadas em países que passavam por ser dos mais cultos e desenvolvidos da Europa de então”.<sup>518</sup> Já a educadora portuguesa Emília de Sousa Costa atravessou o Atlântico no ano de 1923, para ministrar conferências no Brasil. A portuguesa visitou diferentes instituições educativas e assistenciais no Rio de Janeiro<sup>519</sup>, o que foi registrado em seu livro *Como eu Vi o Brasil*, publicado no ano de 1925<sup>520</sup>. Em relação à Espanha, “las preocupaciones reformistas fueron la causa primordial que impulsaron a algunos profesores a llevar a cabo un viaje de estudio al extranjero”.<sup>521</sup> Neste contexto, destacam-se as viagens ao exterior do professor espanhol Félix Martí Alpera,<sup>522</sup> entre finais do século XIX e princípios do século XX, percorrendo países como França, para onde viajou por ocasião da Exposição Universal de Paris de 1900. Por sua vez, Angel Llorca Y Garcia,<sup>523</sup> enquanto membro da Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, liderou e dirigiu um grupo de professores que viajou em 1912 para a França, Bélgica, Itália e Suíça a fim de estudar a instrução primária e instituições complementares da educação popular nestes países.<sup>524</sup>

Pelo conjunto de travessias até aqui reunidas, respeitando-se as especificidades de cada uma, nota-se em grande parte dos casos, a preocupação com o registro das experiências, valorizando-se o movimento de buscar conhecer e divulgar as diferentes realidades educativas, dentre do próprio país, ou fora dele. Assim, em muitos dos casos, a observação e anotação do visto e do vivido, unem os distintos viajantes. Ao se preocuparem com as

instituições educativas de diferentes países europeus, com o intuito de que, com o retorno a Portugal, pudessem contribuir com o movimento de renovação do sistema educativo. Cf. PINTASSILGO, Joaquim. “Imagens e leituras da educação nova em Portugal: os relatórios de bolseiros portugueses em visita a instituições educativas europeias (1907-1909).” In: MIGNOT & GONDRA, *Op. Cit.* 2007, pp. 195-216.

<sup>518</sup> PINTASSILGO, Joaquim. “Exemplaridade institucional e renovação pedagógica: reflexões a partir das viagens de professores do Instituto Odivelas.” In: *Revista Brasileira de História da Educação: Dossiê Viagens de Educadores, Circulação e Produção de Modelos Pedagógicos*, nº 22, 2010, pp.65-86.

<sup>519</sup> MOGARRO, Maria J. “Como eu vi o Brasil: a mulher e a educação na perspectiva de Emília de Sousa Costa”, Trabalho apresentado em V Congresso Brasileiro de História da Educação, In V Congresso Brasileiro de História da Educação – O ensino e a pesquisa em História da Educação, Aracaju-Sergipe, 2008.

<sup>520</sup> COSTA, Emília de Sousa. *Como eu Vi o Brasil*. Lisboa: Editora Portugalíia (2.ª edição: Emp. Diário de Notícias, 1926).

<sup>521</sup> MORENO-MARTINEZ, Pedro L. “Por las escuelas de Europa: los viajes de Félix Martí Alpera (1900-1911). In: MIGNOT & GONDRA, *Op. Cit.*, 2007, p.117.

<sup>522</sup> Educador espanhol nascido em Valência, no ano de 1875. Autor de numerosas obras e livros didáticos, participou da criação das primeiras escolas graduadas da Espanha. Viveu 65 anos, falecendo em 1946. ([www.um.es/muvhe/felixmartialpera](http://www.um.es/muvhe/felixmartialpera), consulta em 20/12/2010)

<sup>523</sup> Professor espanhol nascido em 1866, dedicado às questões da escola pública, publicou artigos reivindicando melhores condições para as escolas, crianças e professores, propondo reformas para tanto. Viveu na Residência dos Estudantes, em Madri, de 1910 a 1936. Faleceu em 1942. (Cf. *Revista Participación*, FAPA Giner de los Ríos. Outubro/noviembre de 1999).

<sup>524</sup> LLORCA Y GARCIA, Angel. *La escuela primaria. Instituciones complementarias de la educación popular en Francia, Bélgica, Suíça e Itália. Notas de viaje*. Madrid: Librería de los sucesores de Hernando, 1912.

questões referentes à educação, a prática de percorrer escolas e instituições tidas como modelares, foi outra constante nas experiências. Assim, em que medida, a experiência de Rocha Pombo se diferencia e se aproxima dos outros viajantes aqui analisados?

### 3.2 A instrução como causa da nação

O relato pelo Brasil afora permite vislumbrar a existência de diferentes experiências e espaços de instrução pelo país, para além da esfera da capital, tida como lócus intelectual e vitrine do progresso e da modernidade<sup>525</sup>. O deslocamento do olhar para o norte diferencia-se do fluxo dos viajantes que se direcionavam às instituições tidas como modelares na capital federal, ou mesmo, no exterior, conforme apreendeu-se a partir do inventário das viagens de educadores, que em diferentes contextos, olhavam para fora como caminho para superar os considerados problemas internos. Ademais, na operação escriturária<sup>526</sup> empreendida por Rocha Pombo nota-se que a história é compreendida como matriz explicativa, que confere estatuto de verdade e de racionalidade ao discurso expresso pela escrita. Esta noção de história fundamenta também o universo de análise do autor acerca da função da instrução no desenvolvimento moral dos indivíduos e no desenvolvimento econômico e social do país. Defendia que, o ensino público, em especial, deveria ser a preocupação maior de todos os governos, de norte a sul do país, como uma estratégia no combate à pobreza e à miséria, envolvendo desde o sistema administrativo, passando aos processos pedagógicos, à atenção aos livros didáticos, dentre outros aspectos<sup>527</sup>.

Na companhia de professores e inspetores da instrução, percorreu diferentes espaços, o que fornece indícios para o alargamento da defesa que fazia em torno das causas da instrução. Tais sujeitos, que também podem ser pensados enquanto mediadores e intermediários, foram importantes para que o viajante tivesse visões privilegiadas a respeito das diferentes instituições que pôde conhecer<sup>528</sup>. Em Sergipe, o contato com o médico e educador Helvécio de Andrade,<sup>529</sup> então Diretor da Instrução Pública, foi fundamental para a posterior visita à

<sup>525</sup> A respeito destas questões, apresentei o trabalho: “Caminhos da instrução nas notas de viagem ao norte do Brasil de Rocha Pombo”. In: *Anais do IV Encontro Norte e Nordeste de História da Educação*, 2012, Acajù. História da Educação: Imprensa, impressos e práticas educativas. Aracaju: Unit, 2012. p. 1-15.

<sup>526</sup> CERTEAU, Michel. *Op. Cit.*, 1982.

<sup>527</sup> ROCHA POMBO, José Francisco da. *Op. Cit.*, 1918a, p.27

<sup>528</sup> É importante frisar que as instituições visitadas por Rocha Pombo, eram, de certa maneira, selecionadas e consideradas modelares e exemplares. Não parece que o visitante foi levado a conhecer as escolas isoladas ou outras realidades pelo interior de cada estado.

<sup>529</sup> Formado em medicina na Bahia, Helvécio de Andrade teria contribuído para a difusão da Pedagogia Moderna em Sergipe. Publicou muitos artigos em periódicos, dedicou-se também ao estudo de doenças, tendo escrito o livro *Os Treze grandes flagelos*, em 1906. Ver: VALENÇA, Cristina de Almeida. “A difusão da

Escola Normal. O apoio de alguns professores locais<sup>530</sup> também foi apontado pelo visitante em diferentes momentos. Em Natal, por exemplo, destaca a presença do professor Jeronymo Gueiros, lente da Escola Normal, descrito pelo viajante como “homem de espírito culto e alta competência em história”.<sup>531</sup> Destacou ainda, a presença de D. Isabel Gondim, professora, historiadora e poetisa, uma das defensoras do ensino público para mulheres.<sup>532</sup> Já no Maranhão, elege o professor Ribeiro Amaral, “mestre de duas ou três gerações na terra maranhense, e é muito querido e venerado pelos moços e pelas crianças”, sendo também, presidente Academia Maranhense e dono de uma das mais importantes bibliotecas particulares, “a mais opulenta em bibliografia especial do Brasil, e particularmente do Maranhão, possuindo coleções completas da imprensa maranhense”.<sup>533</sup> A figura do professor Justo também foi lembrada nas anotações de viagem, sendo este descrito como sendo “um homem de muita cultura, dedicado especialmente a geografia, de cuja cadeira é professor no Liceu Maranhense”.<sup>534</sup> Em Manaus, foram apontadas como decisivas as companhias de Alfredo da Matta, Faria e Souza e do professor Mariano de Lima, em visita realizada ao Ginásio Amazonense, onde também teria estado presente o Dr. Araujo Lima, diretor da Instrução Pública.

Assim, nas visitas que realizou aos mais variados espaços e instituições, a presença de sujeitos envolvidos com as questões do ensino foi crucial para a atenta observação do viajante no que tange às análises sobre a instrução pelo Brasil afora, que pelas preocupações do intelectual do sul, deveria atingir variados públicos, com finalidades e abordagens distintas.

### 3.2.1 Escolas normais e instrução para as crianças

Preocupado com a existência de espaços adequados à formação de futuras professoras, Rocha Pombo visitou algumas escolas normais nos estados percorridos. Em Sergipe, pôde assistir a algumas aulas da instituição, considerando a Escola Normal,<sup>535</sup> um bom

---

Pedagogia Moderna em Sergipe: a contribuição de Helvécio de Andrade (1913-1935).” Disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/.../084.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/.../084.pdf), consulta realizada em 24/08/2011.

<sup>530</sup> Verifica-se que tais professores eram os considerados mais prestigiados e renomados dos locais.

<sup>531</sup> ROCHA POMBO, *Op. Cit.*, 1918a p. 102

<sup>532</sup> A respeito de Isabel Gondim, ver: MORAIS, Maria Arisnete. “Escritoras oitocentistas: Isabel Gondim e Anna Ribeiro”. In: *Educação & Linguagem*, ano 11N. 18, pp. 84-106, JUL.-DEZ. 2008.

<sup>533</sup> ROCHA POMBO, *Op. Cit.*, 1918a p. 119.

<sup>534</sup> *Ibidem*, p. 127

<sup>535</sup> De acordo com Anamaria de Freitas e Jorge Carvalho do Nascimento, a Escola Normal Feminina em Sergipe teve inauguração em 1877, sendo que em 1881, o Atheneu foi transformado em Liceu Secundário, criando-se uma escola normal mista. Já em 1893, desaparece a separação entre a Escola Normal de Primeiro Grau, feminina, e a Escola Normal do Segundo Grau, masculina (FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de;

estabelecimento de ensino, sendo o edifício, que se encontrava situado em posição privilegiada na praça onde estava também a catedral, considerado “amplo e bem disposto, em excelentes condições de higiene”.<sup>536</sup> O viajante destaca positivamente a existência de “algumas aulas de ensino primário, onde as alunas da escola fazem prática escolar”.<sup>537</sup> É possível aferir certa preocupação com a “boa” localização de uma escola normal, que deveria apresentar instalações físicas apropriadas para o funcionamento adequado de uma escola que formaria futuras professoras.<sup>538</sup> Neste sentido, aos olhos “do passante, o espaço escolhido para educar deveria transparecer a nobreza das intenções do ato educativo assim como a estabilidade da administração pública”.<sup>539</sup>

Além da Escola Normal, visitou ainda, o Atheneu Sergipense, no qual evidencia que era diretor do estabelecimento o Dr. Aristides Pontes, “onde assistimos a varias aulas do Dr. Leandro Diniz (francês), do Dr. Figueiredo Martins (geografia) e do padre Possidônio Rocha”.<sup>540</sup> Para o intelectual paraense, a capital Aracajú cuidaria muito bem da instrução e da caridade, o que deveria causar orgulho ao sergipense, que “distingue-se particularmente por um profundo sentimento, quase piedoso, de amor à terra”.

A respeito da Escola Normal na Paraíba,<sup>541</sup> reforçou o que seria uma “atmosfera de afetos, num delicioso convívio com as almas: recitativos, cantos, danças, tudo numa espontânea alegria de juventude ruidosa, no meio de canduras e meiguices que muito nos comoveram”.<sup>542</sup> Em São Luís, causou surpresa ao viajante a coexistência, num só

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. “As Escolas Normais da Província: a organização do ensino normal em Sergipe durante o século XIX”. In: ARAÚJO, José Carlos; FREITAS, Anamaria G B de; LOPES, Antonio (Orgs). *As Escolas Normais no Brasil: do império à república*. Campinas: Ed Alínea, 2008, pp. 163-176).

<sup>536</sup> Tais indicações são pertinentes à missão social e educadora da escola, que deveria ser construída respeitando as prescrições de higiene vigentes, em que deveriam ser evitados e combatidos os lugares úmidos, sombrios, e privilegiados aqueles considerados bem arejados, com sol e muita luz. Cf: VIÑAO FRAGO, Antonio. “Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões.” In: VIÑAO FRAGO & ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 83.

<sup>537</sup> ROCHA POMBO. *Op. Cit.*, p.57

<sup>538</sup> A preocupação com o lugar dos prédios escolares acompanha o movimento que indica “a necessidade de que a instituição escolar se localizasse em um edifício próprio, construído com tal fim, acompanhando o crescimento das cidades e as tentativas de regulá-lo mediante o planejamento urbanístico”. VIÑAO FRAGO, Antonio. *Op. Cit.* 1998, p.81

<sup>539</sup> SANTOS, Heloísa Meirelles. *Congregação da Escola Normal: da legitimidade outorgada à legitimidade (re) conquistada (1880-1910)*. Rio de Janeiro, dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011, p. 23.

<sup>540</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>541</sup> Da transformação do Liceu em Escola Normal, em 1884, deu-se a criação da Escola Normal da Paraíba, em dois graus de ensino, sendo o primeiro destinado à formação de professores e professoras (Cf. KULESZA, Wojciech Andrzej. “Formação histórica da Escola Normal da Paraíba”. IN: ARAÚJO, José Carlos; FREITAS, Anamaria G B de; LOPES, Antonio (Orgs). *Op. Cit.* pp. 263-278).

<sup>542</sup> *Ibidem*, p. 91.

estabelecimento, do Liceu e da Escola Normal,<sup>543</sup> onde estudariam, “promiscuamente os dois sexos”.<sup>544</sup> Já em Manaus, além da Escola Normal, relata que conheceu o Curso Anexo, onde alguns alunos realizavam exames<sup>545</sup>.

Ao adentrar pelos espaços das escolas normais, Rocha Pombo procurava valorizar os signos da modernidade educacional, evidenciando tais construções enquanto símbolos dos projetos republicanos e de construção da nação. A intenção do intelectual parece ser a de demarcar os esforços dos governos da Primeira República, em detrimento, das experiências anteriores, no Império. Assim:

A criação e a manutenção de escolas normais a expensas do Governo Federal, advogadas como meios de influir no desenvolvimento do ensino primário em todo o país ganham força com o movimento nacionalista que se desenvolve a partir da Primeira Guerra, chegando-se mesmo a postular a centralização de todo o sistema de formação de professores ou a criação de escolas normais-modelo nos estados<sup>546</sup>.

A preocupação com a instrução das crianças também chamou atenção no relato do viajante, evidenciando a necessidade de formação, ambiente apropriado, métodos e materiais de ensino para este público. Ao descrever a visita feita ao Instituto Rosa Nina, em São Luís, no Maranhão, não passou despercebida a direção de D. Maria da Gloria Parga Nina, onde pôde ver crianças de todas as idades, “e até pequeninas de 5 ou 6 anos, já cantando hinos escolares. Assistimos a várias aulas de exercícios, mostrando as meninas muito desembaraço e vivacidade”.<sup>547</sup> Do Instituto Benjamin Constant, educandário de meninas em Manaus, com “o coração meio nublado de umas saudades”, recordou-se da tarde em que recebeu homenagem do Dr. Astrolabio Passos, “acompanhado de um bando de crianças uniformizadas”, trazendo cada qual um ramalhete de flores. Com ternura, o viajante do sul afirma que, por serem algumas crianças do instituto “tão pequeninas que foi preciso fazê-las sentar cadeiras. Vinham agradecer-me a visita que eu tinha feito aquele educandário”.<sup>548</sup> Como retribuição ao afeto recebido, teria escrito no livro de visitas da instituição:

(...) Vejo, com efeito, aqui o que tem de mais excelente a celeste virtude da piedade encontrando-se com o que há de triste no destino dos humildes. Estas crianças desvalidas, entregues aos carinhos das meigas e desveladas Irmãs de Sant’Anna, projetam no meu coração uma doce claridade como de irradiação divina. Nunca vi tão intimamente associadas a grandeza moral de tais criaturas e a humildade destes

<sup>543</sup> Considerada uma instituição tardia no Maranhão, a criação da Escola Normal neste estado se deu em 1890(MOTA, Diomar das Graças; NUNES, Iran de Maria Leitão. “Escola Normal: uma instituição tardia no Maranhão”. IN: ARAÚJO, José Carlos; FREITAS, Anamaria G B de; LOPES, Antonio (Orgs). *Op. Cit.* 2008, pp.299-306).

<sup>544</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918<sup>a</sup>, p. 123.

<sup>545</sup> *Ibidem*, 172.

<sup>546</sup> TANURI, Leonor Maria. “História da formação de professores”. Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 2000 N° 14, p. 68.

<sup>547</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 128.

<sup>548</sup> *Ibidem*, p. 203.

pequenos entes, para os quais dir-se-ia que se inventaram estas maravilhas da caridade cristã. É, pois, com a alma em oração que deixo aqui esta expressão do meu culto pela obra que se pratica no Instituto Benjamin Constant; e de toda a minha admiração pelo esforço do Sr Dr. Astrolabio Passos e seus companheiros de trabalho, principalmente pela ternura com que as Irmãs Sant'Anna exercem a sua santa missão. Penso que não exagero afirmando que, no seu gênero, é este o estabelecimento mais perfeito entre os que tenho tido a fortuna de visitar o norte do país<sup>549</sup>.

Perpassava a preocupação com a instrução para as crianças, a necessidade de assistência à infância pobre, tida desvalida, para a qual, seriam necessários espaços como a criação de orfanatos, no sentido de abrigar e prevenir<sup>550</sup>. Assim, nos dizeres da pesquisadora Sonia Camara, recaiam especiais olhares sobre a dita criança desamparada, esboçando cautela e temor, pois:

A rua, com seus encantos e perversidades, aparece como lócus privilegiado de ação, uma vez que passava a ser vislumbrada como elemento preponderante na crescente onda de criminalidade e degenerescência que envolvia crianças pobres, sendo preciso realizar uma verdadeira 'campanha santa' em nome da proteção e assistência às crianças desamparadas da sorte e que deveriam ser protegidas, cuidadas e curadas pelo Estado 'benfeitor' através de procedimentos intervencionistas, visando instituir a regeneração dos menores pervertidos ou em risco de sê-los<sup>551</sup>.

### 3.2.2 Asilos de mendicidade, orfanatos e casas de correção: abrigar e corrigir os desvalidos

Os investimentos em obras para a criação de asilos em todo o país foi um dos temas eleitos na escrita do intelectual paraense, sendo que no estado da Paraíba, a questão já estaria bem encaminhada, uma vez que da visita feita ao asilo de mendicidade, num arrabalde não muito distante do centro da capital paraibana, concluiu ser a dita instituição uma “obra digna de louvores, toda devida ao grande devotamento de alguns homens, destacando que os recolhimentos, de um e outro sexo, na maioria velhos, parecem satisfeitiíssimos daquela

<sup>549</sup> *Ibidem*, p.172.

<sup>550</sup> São importantes referências os trabalhos: RIZZINI, Irma. *Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção*. Rio de Janeiro: Editora Universidade Santa Úrsula, 1993; OLIVEIRA, Milton Ramon. “*Formar cidadãos úteis*”. Os patronatos agrícolas e a infância pobre na Primeira República. Bragança Paulista, SP: EDUSEF/CDAPH, 2003; RIZZINI, Irma. *O cidadão polido e o selvagem bruto: a educação dos meninos desvalidos na Amazônia Imperial*. Rio de Janeiro, 2004. (Tese de Doutorado), UFRJ/IFCS/PPGHIS.

<sup>551</sup> CAMARA, Sonia. “Sob a defesa da República: a produção da infância pobre nos debates jurídicos-educacionais no Brasil e em Portugal nas décadas de 1910-1920”. Disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/.../239.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/.../239.pdf), p. 2.



fortuna”.<sup>552</sup> Destacou ainda que quase todos os serviços seriam feitos pelos próprios asilados, tanto os internos como os da lavoura. Na percepção do viajante, a situação observada neste asilo foi considerada encantadora e modelar, ressaltando a existência de um “magnífico” parque de recreio, através do que, torna-se compreensível, na ótica do visitante, “como não há mendigos na Paraíba”.<sup>553</sup> No asilo de mendicidade do Maranhão, observou que o amplo edifício, seria muito bem cuidado pelas irmãs de Sant’Anna. Entretanto, ponderou que os asilados pareciam “meio tristes, mas visivelmente satisfeitos. Apenas notamos na sessão feminina, uma certa incúria e desordem no convívio das detentas. Isso há de ser de certo natural, e portanto, inevitável”<sup>554</sup>. Em visita à Beneficente Portuguesa, no Amazonas, destacou que esta seria uma das mais notáveis do Brasil, “chega a ser opulenta e luxuosa”.<sup>555</sup> Teria sido recebido pela diretoria da instituição, tendo acompanhado toda a visita aos pavimentos, o Dr. Jorge de Moraes, diretor do serviço médico, “explicando-nos tudo com proficiência de mestre e com uma distinção que nos cativou”. Acentua ainda, a respeito do Dr. Jorge de Moraes, que este já teria, como político, “um nome nacional, pois já representou na Câmara o Estado do Amazonas. O que talvez nem todos saibam é que o Dr. Moraes é uma das mais brilhantes notabilidades científicas do norte”.<sup>556</sup> Posteriormente, ao visitar a Santa Casa de Misericórdia de Manaus, da qual seria provedor Dr. Ayres de Almeida, constatou que esta não seria tão rica como a Beneficente Portuguesa, sendo, ainda assim, um estabelecimento que mereceria especial referência, sobretudo, “pela ordem interna e pelo esmero com que são feitos todos os serviços, e que recomenda pela soma de benefícios incalculáveis que faz à pobreza desvalida”.<sup>557</sup>

A política de controle dos pobres, desvalidos e desajustados foi uma das preocupações do período analisado, sendo as instituições para corrigir os ditos degenerados uma das soluções encontradas para o “tratamento” dos tipos perigosos a ordem social. Além de escolas, asilos, casas de misericórdia, o intelectual paranaense visitou também, as chamadas colônias correcionais, como a localizada em Paricatuba, Manaus, onde pontuou a necessidade do trabalho para a correção dos sujeitos apenados, destacando que:

Era aquilo uma colônia correcional, que o Dr. Bacellar agora converteu em detenção e colônia agrícola. As duas sessões do estabelecimento são dirigidas pelo

---

<sup>552</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1917, p. 90

<sup>553</sup> *Idem*, 90.

<sup>554</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 143.

<sup>555</sup> *Ibidem*, p. 180.

<sup>556</sup> *Ibidem*, p. 180.

<sup>557</sup> *Ibidem*, p. 181.

Dr. Raymundo Pinheiro e o Dr. Orfilo Tavares. Todos os serviços são executados pelos próprios detentos. São eles, ou lavradores, ou artesãos<sup>558</sup>.

O viajante diz não ter lembranças de ter “visto por ali um só homem fardado”, em que todos pareciam muito satisfeitos, evidenciando uma ordem que admiraria até o criminalista italiano Cezare Lombroso,<sup>559</sup> uma vez que, o regime instituído ali seria o mais liberal que se pode imaginar em tais condições, em que, “vivem aquelas criaturas em perfeita liberdade, trabalhando com prazer e muitas fazendo o seu pecúlio, pois ali não se trabalha de graça. Cada trabalhador tem a sua diária e ali permanece até cumprir a respectiva pena”. Pena esta, considerada pelo visitante, a “mais suave que um precito poderia desejar neste mundo. Quantas daquelas almas não andarão a sentir por ali como o homem não é tão ruim quanto haviam pensado”.<sup>560</sup> Revela ainda que pôde percorrer os campos lavrados e perceber o trabalho realizado pelos detentos nas plantações bem cuidadas por eles.<sup>561</sup>

O interesse de Rocha Pombo pelas chamadas casas correcionais não está deslocado das tensões sociais do momento em que vivia o intelectual, sendo a discussão em torno do que fazer com os aqueles que delinquiavam, presente no pensamento social brasileiro e internacional, motivando congressos, viagens e publicações em torno do crime e da necessidade de correção ou castigo para os infratores<sup>562</sup>. Na perspectiva de Myriam Sepúlveda dos Santos, no limiar da República, buscava-se, a substituição de práticas que visassem à degradação do detento, para outras, visando à recuperação<sup>563</sup>.

Desse modo, a autora assinala que no Brasil, estabeleceu-se um sistema de punição decrescente, baseado no modelo irlandês, em que aqueles com bom comportamento poderiam “alcançar liberdade condicional após cumprimento de prisão em isolamento e em regimes

<sup>558</sup> *Ibidem*, p. 183.

<sup>559</sup> Médico e criminalista, o italiano Cezare Lombroso (1835-1909) é tido como um dos principais ideólogos da Escola Positiva. Defendia que, diante das ditas “classes perigosas,” deveria-se estabelecer uma estratégia de controle e punição, uma vez que o ser humano não teria vontade própria, sendo fortemente condicionado pelos fatores exteriores e interiores que levariam ao caminho do crime e ao delito. (Ver: TÓRTIMA, Pedro. “Um legado punitivo—Legados da Antropologia Criminal ao longo da Primeira República, em especial no Distrito Federal”. *Anais do X Encontro Regional de História- ANPUH-RJ*, 2002, pp.1-10.).

<sup>560</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, pp. 183-184.

<sup>561</sup> *Idem*.

<sup>562</sup> Uma experiência notória e que pode ter influenciado muitos outros viajantes foi a vivenciada e relatada por Alexis de Tocqueville e Gustave de Beaumont que viajaram da França para os Estados Unidos a fim de “pesquisar e estudar como eram e funcionavam as prisões nos Estados Unidos”. QUIRINO, Célia. Notas sobre “O Sistema Penitenciário dos Estados Unidos” de A. Tocqueville e G. de Beaumont. In: Tocqueville, Alexis de. e Beaumont, Gustave de. *Sobre o Sistema Penitenciário dos Estados Unidos e sua Aplicação na França*. (Serie Ciências Sociais na Administração, Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração, FGV-EAESP). São Paulo: FSJ, 2010, p.9.

<sup>563</sup> SANTOS, Myriam Sepúlveda. “A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana.” *TOPOI*, v. 5, n. 8, jan.- jun. 2004, pp. 138-169.

semi-abertos propiciados por colônias agrícola”, permitindo ao recluso, educação e utilização do trabalho de forma produtiva.<sup>564</sup>

### 3.2.3 Diferentes espaços, a educação como intenção

Outras experiências educativas também mereceram destaque na agenda do visitante paranaense, sendo os relatos produzidos por ele, interpretados como indícios para se compreender o real, não enquanto algo dado e/ou natural, no sentido de reificar ou cristalizar o relato como verdade, mas sim, tomando as contribuições do historiador italiano Carlo Ginzburg, pensar o possível de análise, “unindo, ponderadamente erudição e imaginação, provas e possibilidades”.<sup>565</sup> Por meio de tais indícios, podem ser vislumbradas práticas, projetos, normas e ações em torno dos espaços destinados à instrução.

Assim, no estado da Paraíba, em visita ao Colégio Diocesano Pio X, considerado por Rocha Pombo, um dos melhores que pôde conhecer no norte, uma vez que este seria “frequentado por grande número de meninos e moços. Tem cursos primários e de humanidades. Dizem-nos que é muito procurado por famílias, não só da Paraíba, como dos estados vizinhos”<sup>566</sup>.

No Tiro Rondon, localizado no estado do Maranhão, o visitante destaca que além de muito obsequiado pelo comandante Franco de Sá, pôde assistir a uma festa, onde estaria presente um grupo de enfermeiras da Cruz Vermelha, “formado por meninas das mais distintas famílias da terra. Estavam todas graciosamente uniformizadas e, com os distintivos da sua função”. Menciona também a presença de um batalhão de escoteiros, em que, “muitos tão pequeninos que não se sabe como é que já andam direito e já sabem fazer continência”<sup>567</sup>. Ressaltou ainda, que teria assistido a uma aula do Dr. Achiles Lisboa, feita às enfermeiras, a qual considerou “verdadeiramente magistral!” Destacando a “palavra elegante e muito clara, deserto e fluente sem pompa calculada, dizendo tudo com espontânea naturalidade, explicando tudo e tudo iluminado— aquele mestre devia estar na sua cátedra”<sup>568</sup>.

Considera a visita ao quartel em Manaus, uma das mais gratas que pode realizar, onde ressalta as companhias do Dr. Alfredo da Matta, e do professor Mariano de Lima. A referida instituição estaria situada na Praça da Constituição, “fazendo frente para o esplendido parque e jardim que ali existem”, onde o edificio ocuparia todo o quarteirão, “medindo a fronteira

<sup>564</sup> *Idem.*

<sup>565</sup> GINZBURG, Carlo. “Apêndice-Provas e possibilidades.” In: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 311.

<sup>566</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 95.

<sup>567</sup> *Ibidem*, p. 130.

<sup>568</sup> *Idem.*

uns 60 metros e tendo 30 de fundo”<sup>569</sup>. A grandiosidade das instalações, em “amplos compartimentos, nos dois andares”<sup>570</sup>, preserva o que seriam as perfeitas condições de higiene, podendo alojar 1.200 homens. Ademais, acentua que “mantem-se ali uma escola regimental, criação do atual comandante e modelada pelas congeres das demais corporações militares, ministrando-se ensino teórico e prático a inferiores e praças”.<sup>571</sup> Para rememorar tal visita, recorre às notícias publicadas nos jornais locais, onde destacou o “irrepreensível esmero, pela ordem meticulosa, e pelo cunho de severa disciplina e ao mesmo tempo de respeitoso carinho que ali se sente”.<sup>572</sup>

Além da instrução militar, confere especial importância às aprendizagens de ofícios, considerando a visita feita ao Instituto Lauro Sodré, a mais singular, uma vez que na dita instituição, situada à época na Avenida Tito Franco, na capital do Pará, estudariam cerca de 300 alunos, oferecendo aos mesmos, instrução de grau e profissionalização. Na companhia do major Alberto Mesquita e do Dr. Palma Muniz, ressalta a carinhosa recepção feita pelo diretor, Antonio Marçal, professores e alunos. Descreve que à sombra de uma mangueira, ouviram a banda de alunos tocar, onde preparou-se também, no âmbito da própria sala de aula, a sinfonia do Guarani, em que “o maestro Cincinato Souza, professor de aula de música, juntou aos instrumentos usuais, uns como rufos, de madeira, maracás, etc, que produzem uma sugestão perfeita figura do índio”.<sup>573</sup>

A ênfase conferida a outros espaços, tais como teatro, biblioteca, museu, universidade, permite compreender a preocupação de forma ampla com a noção de espaços para a aquisição de diferentes saberes, conhecimentos e cultura. No Teatro da Paz, em Manaus, vislumbrou a busca do conhecimento por meio das exposições de quadros de pintores famosos, como Paolo Forza, em destaque no momento.<sup>574</sup> Ainda em terras amazonenses, destaca a visita feita à Universidade de Manaus,<sup>575</sup> da qual era diretor o Dr. Astrolábio Passos, sendo o edifício descrito como modesto, “um tanto acanhado, muito exíguas as salas”.<sup>576</sup> A instituição é

<sup>569</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 186.

<sup>570</sup> *Idem.*

<sup>571</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 186.

<sup>572</sup> *Ibidem*, p. 180.

<sup>573</sup> *Ibidem*, p. 141.

<sup>574</sup> *Ibidem*, p. 169.

<sup>575</sup> Considerada a primeira universidade do Brasil, criada em 1909, a partir da Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas, teve como idealizador Joaquim Gomes da Silva Chaves e Diretor Geral, Astrolábio Passos. Cf: TUFFANI, Eduardo. “Centenário da Universidade Brasileira para a História da Universidade de Manaus (1909/1910-1926).” SOLETRAS, Ano IX, Nº 17 – Supl. São Gonçalo: UERJ, 2009, p. 65. Para maiores aprofundamentos, ver: BRITO, Rosa Mendonça de. *100 anos UFAM*. Manaus: EDUA, 2009; BRITO, Rosa. *Da Escola Universitária Livre de Manaus à Universidade Federal do Amazonas: 95 anos construindo conhecimentos*. Manaus: EDUA, 2004.

<sup>576</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 175.

considerada ainda sem grandes recursos, “contando só com a paixão dos obreiros que a levantam”.<sup>577</sup> Ademais, visitou o Instituto Universitário, do qual era diretor Dr. José Chavalier. Descreve que ali pôde ver uma “multidão de meninos falando em pátria, e trêmulos de entusiasmos ao ouvirem o nome do Brasil. E era afinal a mesma exaltação em todas as escolas”<sup>578</sup>.

O interesse de Rocha Pombo pelo ensino superior justifica-se, em muitos aspectos, pelo envolvimento do intelectual em projetos para a criação de duas universidades<sup>579</sup>. Em 1892, o intelectual paranaense Rocha Pombo elabora um projeto de construção de uma universidade em Curitiba, concebendo-a como um dos principais espaços de modernização da cidade, produtora da marcha rumo ao progresso e à civilização<sup>580</sup>. Desse modo, a proposta de Rocha Pombo de criação de uma universidade na capital do estado do Paraná é considerada bastante peculiar no período, uma vez que muitas das discussões em torno da criação de universidade estavam centralizadas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, onde encontravam-se as faculdades de Direito, Engenharia e Medicina.<sup>581</sup>

A proposta do intelectual foi aprovada pela Lei n.º 63, de 10 de dezembro de 1892, na qual determinava que “a universidade compreenderá, pelo menos, os seguintes cursos: Direito, Letras, Comércio, Agronomia, Agrimensura e Farmácia. Além do curso geral, cujos programas ficarão sujeitos à aprovação do Congresso Legislativo”.<sup>582</sup>

Conforme analisa Névio de Campos, a concepção de universidade defendida por Rocha Pombo se caracterizava por um projeto diferenciado de ensino superior, sobretudo ao se constituir pelos cursos de Letras e Formação Profissional, além da proposição de extinção do Ginásio Paranaense e da Escola Normal, que passariam a constituir um das seções da instituição de nível superior, “caracterizando uma ação pioneira, pois a formação de professor ganhava o status de formação superior, o que naquele momento pouco se discutia nas principais cidades do Brasil”.<sup>583</sup> Na perspectiva do intelectual paranaense, o ideal de universidade contemplava a formação integral do conhecimento humano, enquanto “o ponto

---

<sup>577</sup> *Idem.*

<sup>578</sup> *Ibidem*, p. 181.

<sup>579</sup> A este respeito, ver: SILVA, Alexandra Lima da. “Por outra universidade: um projeto de educação popular na perspectiva de Rocha Pombo”. In: José María Hernández Díaz. (Org.). *Formación de élites y educación superior en iberoamerica (siglos XVI-XXI)*. Formación de élites y educación superior en iberoamerica (siglos XVI-XXI). 1ed. Salamanca: Hergar Ediciones Antema, 2012, v. 1, p. 563-573.

<sup>580</sup> CAMPOS, Névio. *Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)*. Universidade Federal do Paraná, Tese de doutorado (Educação), 2006, p. 25.

<sup>581</sup> *Ibidem*, p.41.

<sup>582</sup> LEIS DO PARANÁ, 1892, p. 262. Apud: CAMPOS, Névio de. *Op. Cit.*, p. 42.

<sup>583</sup> CAMPOS, Névio de. *Op. Cit.*

de partida, o fundamento e o elo que unia todos os saberes construídos pelo ser humano”.<sup>584</sup> De acordo com Rocha Pombo, a falta de apoio do estado fez com que o projeto não saísse do papel, uma vez que não atendia aos interesses dos grupos dirigentes no poder, sendo “a expressão da falta de articulação entre o seu ideário e as políticas públicas implementadas pelos dirigentes do Estado do Paraná”<sup>585</sup>.

Se por um lado, o projeto de criação de uma universidade defendido em 1892 não teve êxito, em 1912, se configurou no Paraná um outro modelo, bastante diferente do idealizado por Rocha Pombo. A terceira universidade do país contou com apoio e investimento do governo estadual, na qual se ofereceriam os cursos de Engenharia Civil, Direito, Medicina, Obstetrícia, Odontologia e Comércio. Todavia, também a universidade criada em 1912 não teve vida longa, pois a proibição de equiparação de instituições de ensino superior em cidades com menos de 100 mil habitantes encerrou o projeto da universidade, que foi dissolvida, restando as faculdades livres, como as de Medicina, Direito e Engenharia.<sup>586</sup>

Para muitos de seus estudiosos, Rocha Pombo teria sucumbido em sua experiência de proprietário de prelos e jornais, sem êxito na vida política, contraindo inclusive, muitas dívidas no projeto derrotado da criação da Universidade do Paraná. De acordo com Névio de Campos, Rocha Pombo utilizava a militância política em prol das causas republicana e abolicionista, sendo que os desafetos advindos desta atuação tiveram impacto para a não efetivação de seu projeto universitário, ou seja, “o fato desse intelectual estabelecer sua trajetória política no Partido Conservador foi determinante para a inexpressiva contribuição do estado ao projeto universitário, em 1892, momento em que os seus adversários políticos controlavam a esfera estatal paranaense”.<sup>587</sup>

Após ter se mudado do estado do Paraná para o Rio de Janeiro, Rocha Pombo participou da criação da Universidade Popular de Ensino Livre, em 1904, dentre os que participaram e contribuíram, muitos nomes ligados ao anarquismo, ou ainda, apenas simpatizantes da causa, onde destacam-se os nomes de Araújo Viana, Carvalho e Behring, Curvelo de Mendonça, Deodato Maia, Érico Coelho, Evaristo de Moraes, Fábio Luz, Felisbello Freire, Joaquim Murtinho, José Veríssimo, Martins Fontes, Morales de los Rios, Pedro do Couto, Pereira da Silva, Platão de Albuquerque, Rodolfo Bernadelli, Silva Marques

---

<sup>584</sup> *Ibidem*, p. 43.

<sup>585</sup> CAMPOS, Névio de. *Op. Cit.*, p. 46.

<sup>586</sup> CUNHA, Luiz Antonio. “Ensino Superior e a Universidade no Brasil”. TEIXEIRA, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*, Belo Horizonte: Autêntica, 2007, pp. 151-204.

<sup>587</sup> CAMPOS, Névio de. *Op. Cit.*, 2006, p. 24.

e Sinésio de Faria.<sup>588</sup> Além dos citados, intelectuais como Sílvio Romero e Manuel Bonfim, amigo pessoal de Rocha Pombo, seriam simpatizantes e apoiadores da causa.<sup>589</sup>

De acordo com Milton Lopes, a Universidade Popular apresentava objetivos bastante abrangentes, como a organização de um curso de ensino superior de acordo com a ciência moderna, a criação de uma biblioteca e de um museu social, a realização de conferências públicas sobre os assuntos sociais, excursões científicas, concertos, exposições, a criação de uma revista da universidade, enfim, a fundação de um centro popular visando o prazer e à instrução moral dos trabalhadores e homens do povo<sup>590</sup>. As dificuldades financeiras faziam com que a Universidade Popular<sup>591</sup> frequentemente mudasse o endereço de sua sede, sempre nas adjacências do centro do Rio.

Rocha Pombo se posicionava no chamado grupo dos periféricos, pois “não eram anarquistas, mas pensavam de modo semelhante aos libertários, ou mantinham com eles estreita colaboração, eventualmente amizade”. Para o libertário Fabio Luz, contemporâneo de Rocha Pombo, este defendia uma espécie de “comunismo cristão”. Utilizavam-se aulas-palestras que “se referiam a temas compactos e autônomos e a inscrição, feita sem burocracia, exigia apenas o pagamento de uma taxa para a efetivação da matrícula”.<sup>592</sup> Na Universidade Popular, o intelectual paranaense ministrava palestras e aulas de História das Civilizações. As atividades ocorriam regularmente, sempre à noite, de quinta à domingo, sendo o currículo enriquecido com aulas de Filosofia, Higiene, Geografia, Aritmética, Matemática, Português, Economia Social, Desenho e Modelagem e Francês<sup>593</sup>.

Em outubro de 1904, no mesmo ano em que foi fundada, a Universidade Popular fechou suas portas, com efêmera existência<sup>594</sup>.

<sup>588</sup> LOPES, Milton. “A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro”. In: DEMINICIS, Rafael Borges & REIS, Daniel Aarão(orgs). *História do Anarquismo no Brasil*, Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro, Mauad, 2006, p. 208.

<sup>589</sup> BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil. A nação em busca dos seus portadores sociais*, Campinas, Ed Unicamp, 2002, p. 67.

<sup>590</sup> LOPES, Milton. *Op. Cit.*, p. 208.

<sup>591</sup> Com perspectivas e preocupações em muitos aspectos distintas, em 1904, se define em Portugal uma Universidade Popular, possuindo, ensino diurno, ensino noturno destinado a adultos, além de “dinamizar actividades diversificadas na área da chamada extensão cultural, de que é exemplo a realização de cursos (com carácter lectivo ou livre), conferências e visitas de estudo, dentre outros”. Cf. PINTASSILGO, Joaquim. “Imprensa de educação e ensino, universidades populares e renovação pedagógica. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3998/3/Imprensa%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> [Consulta em 01/06/2012].

<sup>592</sup> OLIVEIRA, Juliana Matosinho de. *Embates pela educação: as iniciativas libertárias de ensino e o estado na primeira república em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul*, Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009, pp. 26-27.

<sup>593</sup> LOPES, Milton. *Op. Cit.*, p. 221.

<sup>594</sup> A respeito dos projetos de Rocha Pombo em relação ao ensino superior, ver também: SILVA, Alexandra Lima da. “Por outra universidade: um projeto de educação popular na perspectiva de Rocha Pombo”. In:

Retornando à experiência no norte do Brasil, outro espaço presente no relato do viajante foram as bibliotecas públicas, evidenciando a preocupação com a criação de espaços não somente para a guarda de livros, como também, enquanto um espaço formador, destacando a existência de artefatos e objetos da cultura material, para além de livros. Em São Luís, observou que guardava-se na Biblioteca Pública local, um pedaço da nau em que naufragou Gonçalves Dias, estando o restante no Museu Nacional, segundo informaram.<sup>595</sup> Já na Biblioteca Pública de Belém, ressalta que na referida repartição, se reuniu e acondicionou todo tipo de papéis, livros, mapas, dentre outros, sobretudo, graças “a boa vontade do ilustre diretor e aos esforços do Dr. Palma Muniz”<sup>596</sup>.

### 3.3 Livros “para a inteligência das crianças e homens simples do povo”: indícios da circulação de livros para diferentes públicos

Além de atentar para a localização das escolas nas cidades, Rocha Pombo confere especial olhar ao cotidiano e funcionamento das instituições de ensino, fornecendo indícios para a análise de aspectos da cultura material escolar. Assim, ao visitar a Escola Normal de São Luiz no Maranhão, permite que se vislumbre o que considera um belo e espaçoso edifício, onde além de amplos salões para as aulas, com excelente mobiliário, existiriam gabinetes de Física e Química, além de aparelhos modernos para o estudo de Cosmografia. Causa estranhamento a coexistência de meninos e meninas num mesmo espaço, que ali estudariam promiscuamente, sob a direção do Dr. Lamagnière<sup>597</sup>. Do Instituto Benjamin Constant, na capital amazonense, destacou as muitas dependências do estabelecimento, dentre os quais, locutório, capela, dispensa, enfermarias, sala de prendas, jardim e horta.

Os relatos de Rocha Pombo também mostram preocupação com a circulação e usos de livros didáticos, o que possibilita esboçar indícios da própria circulação de livros e impressos em falas como esta, em que “não me lembro bem se ali encontramos, como em outras capitais, as cartas de Weiszflog ensino intuitivo”.<sup>598</sup> Outros trechos reforçam o argumento em favor do interesse do viajante pelos livros didáticos, como na ocasião em que visitou o grupo escolar Barão de Maroim, dirigido pelo Dr. Mario Menezes onde “vi as coleções Weiszflog

---

HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. (Coord.). *Formación das élites y Educación Superior en Iberoamérica (SS XVI-XX)*. Salamanca: Hergar Ediciones Antena, 2012, pp. 563-571.

<sup>595</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.* 1917, p. 129

<sup>596</sup> *Ibidem*, p. 140.

<sup>597</sup> *Ibidem*, p. 123.

<sup>598</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1917, p. 128.



para o ensino intuitivo”.<sup>599</sup> Ou ainda: “quando fui despedir-me do Dr. Matta, quem me veio receber no jardim, e muito ancho de alegria, foi o pequeno Arnaldo, dizendo-me logo que tinha lido já o *Nossa Pátria*, e abraçando-me carinhoso”.<sup>600</sup> Ademais, interrogo: por que o viajante buscava e evidenciava apenas os livros da editora Weiszflog? Não teria observado livros de outros autores e editores? A ênfase nos livros da recém-criada Weiszflog pode ser uma estratégia<sup>601</sup> no competitivo mercado editorial, conforme também salientado por Fernanda Lucchesi:

Vale a pena lembrar que a Cia. havia entrado no mercado competitivo dos livros didáticos apenas em 1916. Assim, parece haver uma grande mobilização por parte da Melhoramentos para uma inserção vantajosa nesse mercado<sup>602</sup>.

A escolha de Rocha Pombo parece ancorar-se na tentativa de conferir visibilidade à recém-lançada editora, bem como, aos livros editados pela mesma, sendo a obra *Nossa Pátria*, e o próprio Rocha Pombo, um dos investimentos da referida editora. Assim, a própria viagem pode ser pensada enquanto uma estratégia editorial no sentido de, não somente verificar a recepção e circulação dos impressos, como também, tornar mais conhecidos os seus autores. Ademais, uma estratégia da editora Melhoramentos & Cia foi a realização de viagens pelo país, a fim de promover os livros. Neste sentido, José Alves Dias, considerado “um auxiliar prestimoso,” entrou para a editora em 1912, prestando diferentes serviços para a mesma, dentre os quais, “viajava pelo Brasil fazendo a propaganda dos livros da Cia nos estados e estabelecendo relações com a elite intelectual dos lugares por que passava. É ele, por sinal, quem apresenta Pombo aos Weiszflog”<sup>603</sup>.

O livro *Nossa pátria. Narração dos fatos da História do Brasil através da sua evolução com muitas gravuras explicativas*, escrito por Rocha Pombo e editado pela Weiszflog & Irmãos chama atenção inicialmente pelas inúmeras reedições. Da primeira, em 1917, à última, em 1970, foram 88 edições e cerca de 452.000 exemplares impressos, o que

<sup>599</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1917, p. 66.

<sup>600</sup> *Ibidem*, p. 206.

<sup>601</sup> Nesse ponto, busco auxílio no entendimento da noção de estratégia, conforme proposto por Michel de Certeau, em que o autor francês chama de estratégia “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado”, onde se postula “um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc)”. Cf. CERTEAU, Michel de. *Op. Cit.*, 1994, p. 99

<sup>602</sup> LUCCHESI, Fernanda. *A história como ideal: reflexões sobre a obra de José Francisco da Rocha Pombo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de São Paulo, 2004, p. 102.

<sup>603</sup> *Idem*.

demonstra a extensa duração no uso de um livro didático, que atravessava gerações e gerações, sem perder a aceitação do público e o interesse da editora em reeditá-lo.

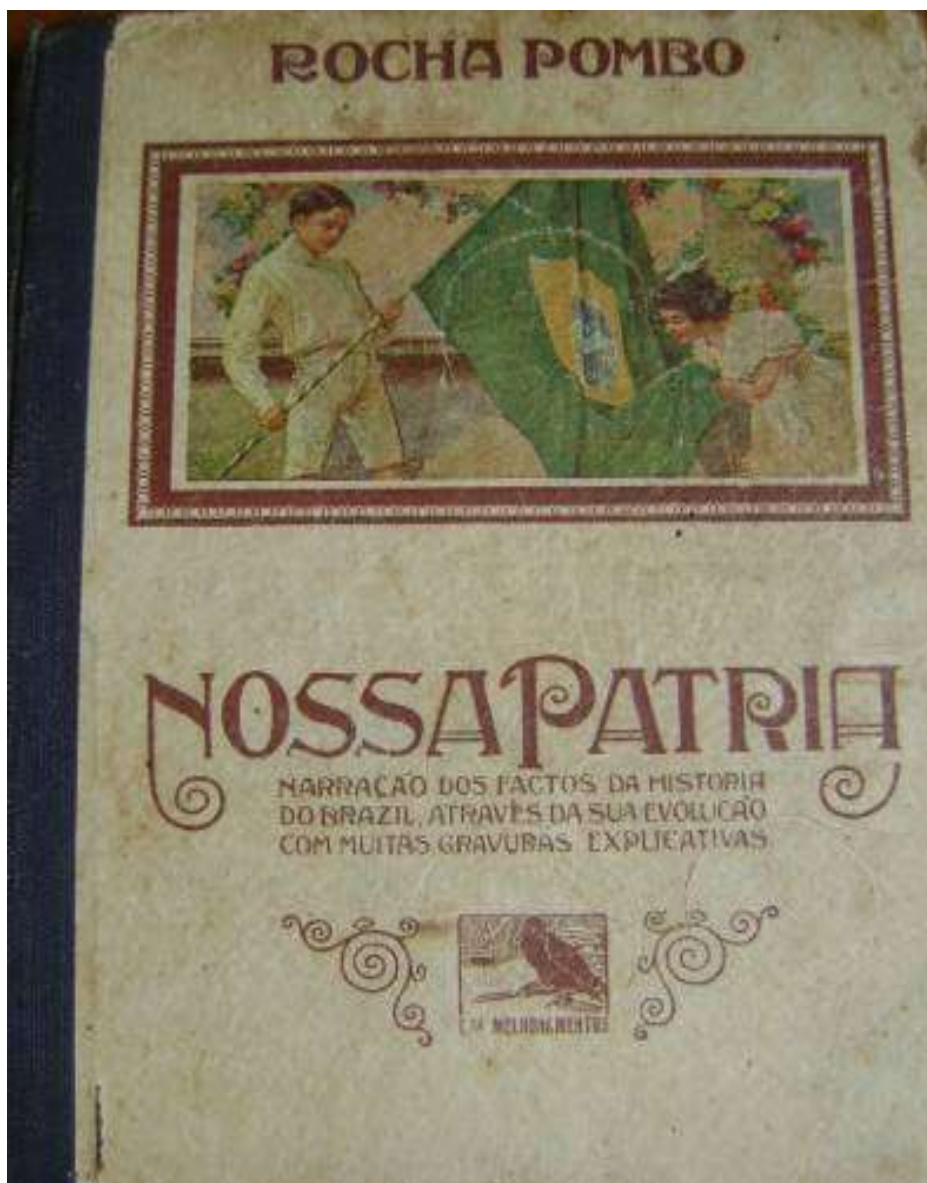


Figura 10. Capa da 14ª edição de *Nossa Pátria*

Este livro apresenta muitas características interessantes. Seu formato é pequeno, in-8°, assim como a maioria dos livros destinados ao ensino primário, tendo ao todo, 160 páginas, com textos leves e permeados por muitas gravuras, que fazem parte do corpo do texto, auxiliando as exposições do autor. A linguagem é simples, através da qual o autor parece tentar estabelecer uma conversa ou diálogo com o leitor, utilizando para tanto, referências e exemplos da atualidade, em contraponto com a vida nos tempos da colônia, vista como mais difícil e trabalhosa. A utilização das gravuras neste livro não apenas serve como mera

ilustração, mas enquanto parte de um método, acompanhando a exposição do autor, sendo “justamente, um dos diferenciais que a editora buscava era a riqueza e qualidade das imagens que ilustravam seus livros, já que tal recurso constituía-se em ‘novidade’ pedagógica”.<sup>604</sup> A partir das gravuras, fotografias e quadros de pintores como Victor Meirelles, Benedito Calixto, Rugendas e Debret, reforça-se o que está sendo dito, num sentido de imprimir maior “veracidade” ou mesmo de convencimento pelo uso de “provas” compreensíveis ao leitor, principalmente aquelas visuais<sup>605</sup>.

Através da fala do próprio autor<sup>606</sup>, notamos que o livro não se destinava apenas para uso das crianças escolares, como também, aos “homens simples do povo”, o que demonstra o direcionamento e expectativa de usos do livro didático pelos populares, frequentadores ou não dos bancos escolares: “Este livrinho é feito para a inteligência das crianças e dos homens simples do povo”.

Neste sentido, estudos têm indicado a importância de se refletir sobre a possibilidade de uma ampliação e diversificação do público leitor de um modo geral, extrapolando as instituições de ensino oficiais da época e também, a esfera da capital federal, indicando com isto o desenvolvimento de diferentes modos e usos da leitura já partir do século XIX, concebendo os livros didáticos para além do universo escolar, incluindo, assim, os possíveis usos realizados pelas camadas populares, como por exemplo, alunos de cursos noturnos, leitores autodidatas<sup>607</sup>, o que se evidencia nas intenções de alguns autores e editores que buscavam produzir livros acessíveis também à “gente comum”.<sup>608</sup>

Tal movimento de ampliação do público leitor foi estudado por Martyn Lyons, para o qual, o público leitor do mundo ocidental se alfabetizou massivamente no século XIX, sendo importantes elementos nesse processo, a ampliação da educação primária, a redução da jornada de trabalho, o que propiciou mais tempo livre para a leitura e a oferta de livros mais acessíveis a todos os bolsos. Assim, os editores tiveram papel fundamental, pois exploravam

---

<sup>604</sup> LUCCHESI, Fernanda. *Op. Cit.*, p. 102

<sup>605</sup> Em relação a inserção de imagens em livros didáticos, é importante atentar para a presença do editor na escolha e seleção das mesmas, levando-se em consideração, desde os aspectos técnicos aos gastos com a produção. Ver: SILVA, Alexandra. *Op. Cit.*, pp.97-125.

<sup>606</sup> Neste sentido, temos aqui, um tipo de protocolos de leitura, conforme salientado por Chartier, em que o autor indica como o texto seria apreendido pelo “leitor ideal”. Entretanto, deve-se considerar, para além das expectativas do autor, “o que se produz na própria matéria tipográfica, em geral de responsabilidade do editor, de modo a favorecer certa extensão da leitura e a caracterizar o seu “leitor ideal”, que não precisa assemelhar-se àquele originalmente suposto pelo autor”. (PÉCARA, Alcir. “Introdução”. In: CHARTIER, Roger. (org). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001).

<sup>607</sup> Sobre as possibilidades de autodidatismo, ver: HERBRARD, Jean. “O autodidatismo exemplar: como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler?”. In: CHARTIER, Roger.(org). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, pp. 35-73.

<sup>608</sup> SILVA, Alexandra Lima da. *Op. Cit.*,2008.

plenamente as novas oportunidades, produzindo publicações baratas para serem entregues a um público mais amplo, no qual se incluíam mulheres, crianças e trabalhadores<sup>609</sup>.

Além de escrever um livro didático com a intenção de atingir diferentes públicos (diferentes faixas etárias e usos), a viagem de Rocha Pombo ao norte do Brasil em 1917 pode ter contribuído para que posteriormente, os livros do intelectual paranaense tivessem ampla circulação pelo território nacional, como podemos verificar nas indicações do *Nossa Pátria*: “Aprovado oficialmente nos Estados de São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Maranhão e adotada no ensino desses Estados e dos de Paraná, Bahia e Rio Grande do Norte”<sup>610</sup>, sendo que muitos destes estados, compuseram a rota do viajante em 1917. Ainda com relação ao investimento na ampliação do público leitor, as diversas estratégias das editoras foram fundamentais para que os livros cada vez mais circulassem pelo país. A Livraria Francisco Alves, por exemplo, divulgava outros endereços pelo Brasil afora onde se poderiam comprar os livros por ela editados:

Viúva Oliveri, no Estado da Bahia  
 João Walfredo de Medeiros, em Pernambuco  
 Joaquim José de Oliveira e C, no Ceará  
 M F da Silva e C, no Pará  
 Antonio Pereira Ramos de Almeida e C, no Maranhão  
 Joaquim Alves Leite Sucessor, em Porto Alegre  
 Carlos Pinto e C, em Pelotas  
 Joaquim Dolivanes Nunes, em São Paulo  
 Rodrigo Antonio Pereira, em Juiz de Fora  
 Manuel Tomas Teixeira, em Ouro Preto  
 José Marques Nogueira Guerra, em Diamantina.<sup>611</sup>

A Companhia Melhoramentos, que também publicou outros livros de Rocha Pombo, teria total liberdade para modificar a composição do livro nos seus vários aspectos, como formato, ilustrações, grafia, entre outros, o que ajuda a compreender as sucessivas reedições que tal obra teve por esta editora: “Autorizo a Companhia Melhoramentos de São Paulo a usar na composição dos compêndios que para ela tenha escrito, e estou escrevendo, a grafia que lhe convier”.

Rocha Pombo esclarece que através da leitura de seu “livrinho”, aqueles que necessitavam “amar a pátria” conheceriam melhor “nossa história”, que seria repleta de sacrifícios e exemplos de heroísmo, feitos estes dos quais devemos nos orgulhar e segui-los, para caminharmos rumo ao progresso e ao desenvolvimento. Este seria “o sentido da história:

<sup>609</sup> LYONS, Martyn. “Los nuevos lectores del siglo XIX: mujeres, niños, obreros.” In: CAVALLO, Gugliermo y CHARTIER, Roger. *Historia de la lectura en el mundo occidental*. Madrid: Taurus, 1998, pp. 473-517.

<sup>610</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1917. (Edição de 1921).

<sup>611</sup> “Anúncio da editora Alves & Cia” na *Revista do Ensino* no ano de 1883. Apud: BITTENCOUT, Circe. *Op. Cit.*, 1993, sem página. Apud: SILVA, Alexandra Lima da. *Op. Cit.*, p. 65.

“São essas coisas que firmam nossa existência moral. Fizeram de grande os nossos antepassados. Equivale a tornar o compromisso de continuar na história”<sup>612</sup>.

Há também no referido livro didático, análises sobre a instrução no Brasil desde o período colonial, onde nas vilas, “eram raros os homens que sabiam ler e escrever. Não havia escolas. Quando muito, havia o que se chamava – mestres pagos– isto é, pessoas que ensinavam a ler, cobrando alguns vinténs por mês de cada aluno”.<sup>613</sup> Para Rocha Pombo, somente a partir de D. Pedro II, começaram os esforços no que se refere à instrução do povo, onde passaram a existir escolas normais e ginásios em quase todas as capitais. Contudo, ressalta que existiriam poucas escolas primárias, “e o governo tratou de aumentar os números delas em todas as províncias, sendo que enquanto o governo fazia isso, criavam-se por toda parte sociedades de instrução, colégios particulares, clubes de leitura, onde todo mundo podia instruir-se”.<sup>614</sup> Além dos colégios, argumenta em favor de outros espaços para o cultivo das letras, uma vez que, “em todas as capitais, os institutos históricos, os museus, os arquivos, fazem suas publicações, reunindo muita coisa sobre a natureza, sobre a nossa história, sobre os nossos homens notáveis”.<sup>615</sup>

Por sua vez, *Nossa Pátria* fez parte de um movimento de investimento em leitura “para o povo e para as crianças”. Em sua tese de doutorado, Patrícia Hansen defende que a partir de finais do século XIX, importantes intelectuais brasileiros como Silvio Romero, Olavo Bilac, Coelho Netto, e outros, começaram a produzir livros de caráter cívico para o público infantil, relacionando a produção da literatura cívico-pedagógica à construção de um ideal de infância brasileira.<sup>616</sup> Por sua vez, Fernanda Lucchesi pontua que *Contos Pátrios*, escrito especialmente para as crianças, em parceria com Coelho Neto, publicado pela primeira vez em 1904, foi um dos mais lidos no gênero. Outro sucesso de público foi *Através do Brasil*, feito em parceria com Manuel Bonfim, em 1910, caracterizado por uma narrativa em torno das viagens de dois irmãos de 10 e 15 anos, que cruzam o território nacional, onde aprende-se sobre a história, costumes e gentes do Brasil.<sup>617</sup>

Dentre os livros didáticos voltados para as classes elementares, escritos entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, com perspectiva cívico pedagógica, muitos dos quais, destinados ao ensino da História do Brasil, destaque: *Nossa pátria. Pequena*

<sup>612</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Nossa Pátria*. São Paulo: Melhoramentos, 1917, prefácio.

<sup>613</sup> *Ibidem*, p. 49.

<sup>614</sup> *Ibidem*, p. 129.

<sup>615</sup> *Idem*.

<sup>616</sup> HANSEN, Patrícia. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. São Paulo, Tese (Doutorado em História Social), USP, 2007.

<sup>617</sup> LUCCHESI, Fernanda. *Op. Cit.*, p. 88.

*História do Brasil Para uso das escolas primárias*, de Mário Vasconcelos da Veiga Cabral (1923); *Noções de Corografia do Brasil*, para uso das classes primárias, de Joaquim Osório Duque-Estrada (1921); *Lições de História do Brasil para uso das classes primárias*, Joaquim Manuel de Macedo (1877); *Lições de História do Brasil para uso das classes primárias*, de Luís Queiroz de Matoso Maia (1905); *Conheçamos Nossa pátria*, Joaquim José de Meneses Vieira (1892); *Através do Brasil*, de Manuel Bonfim e Olavo Bilac (1910); *Minha terra e minha gente*, de Afrânio Peixoto (1915); *Rudimentos de História do Brasil*, autoria de João Ribeiro (1924); *A história do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis*, de Sylvio Romero (1890); *Homens e fatos da história pátria, estudos biográficos segundo a ordem estabelecida no programa das escolas primárias*, de José Maria Velho da Silva (1895); *Pequena história do Brasil*, Francisco F Mendes Vianna e Euclides Mendes (1922); *24 pontos de História do Brasil segundo o programa oficial*, por Amélia de Resende Martins (1923); *Resumo da História do Brasil para uso das escolas primárias*, por Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1894). Destes, elejo alguns, com ênfase naqueles que analiso em sua materialidade, para além da localização em catálogos ou anúncios, sobretudo para demarcar semelhanças e especificidades no período aludido.

A *História do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis* foi publicada em 1890, pela então Livraria Clássica de Alves e Companhia, com 103 páginas, formato pequeno, in-8°. A capa dura do livro, como de costume na época, confere ênfase às “referências” do autor: *Ensino cívico. A história do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis, para uso das classes primárias, por Sylvio Romero. Professor do Instituto Nacional de Instrução Secundária. Com um prefácio e um vocabulário por João Ribeiro*. Este livro traz como proposta metodológica o uso da biografia de “personagens ilustres” da história do Brasil, relacionando à vida “dos grandes homens” aos feitos e eventos históricos estudados, acompanhado de muitas gravuras em preto e branco dos “heróis nacionais”. A maioria das imagens destaca os rostos das personagens, mas há também imagens da natureza local, paisagens, com a fauna e a flora do Brasil à época da chegada dos portugueses.

No prefácio assinado por João Ribeiro, destaca-se que o uso das biografias é crucial no ensino cívico, sobretudo por tratar-se dos “homens representativos” da pátria brasileira, reconstruindo a pátria pelos “patriotas”, a história “anônima” pelo “documento autobiográfico”, sintetizando a “espécie” pelos mais “exemplares indivíduos”. Reforça-se com isto, a ideia de ensino através dos grandes exemplos, dos modelos de “perfeição” a serem atingidos. Por quem? Pelos alunos? Mestres? Que outros leitores eram visados e, de fato, poderiam ler tais livros?

Abaixo trago mais elementos para compreender tais proposições, em que os educadores aparecem como um dos grupos de leitores visados:

Sei que os educadores brasileiros estão um pouco prevenidos contra a ilusão da biografia na escola primária, onde aliás, ela deveria ser a primeira fase do estudo da história pela simples razão de todas as pedagogias possíveis de que o particular deva preceder ao geral. Mas aos educadores uma vez inocularam a mania da pretendida instrução cívica: eis o ponto de resistência<sup>618</sup>.

Para João Ribeiro, apenas as apuradas qualidades de Sílvio Romero para captar a “geografia humana” do brasileiro, de modo a trabalhá-la em sala de aula a partir de seus excelentes métodos e erudição.

Assim, o livro de Sílvio Romero traz o uso das biografias associado às gravuras como “metodologias” de ensino para as classes primárias no momento, reforçando pelos grandes exemplos, os valores necessários à formação dos cidadãos.

Por sua vez, Joaquim Manuel de Macedo não escreveu lições apenas para o ensino secundário, tendo dedicado uma produção didática também ao ensino primário, que em muitos aspectos, segue as linhas metodológicas do primeiro livro *Lições de História do Brasil, para uso dos alunos do Imperial Colégio de Pedro II* (1861).

Publicada pela Livraria Garnier, a nona edição lançada em 1905, trazia a seguinte “advertência” do editor, que preserva os planos do autor sem alterações:

Advertência

Encarregado, pelo editor das lições, do Dr. Macedo, de completar este compendio, tratei do mais, de respeitar o plano adotado pelo seu autor. Era isso principalmente o que me cumpria fazer, para não sacrificar o caráter de um livro que já nove edições sucessivas consagraram<sup>619</sup>.

Nota-se também neste fragmento que a manutenção das características foi motivada pela ótima aceitação que as edições do livro obtiveram junto ao mercado consumidor, por isto não as modificaram. Neste caso, ao contrário das justificativas que acompanham as alterações em função das indicações dos programas oficiais, como costumam argumentar as editoras, justifica-se a preservação da estrutura original em função da receptividade pelo público.

O livro possui 528 páginas, o que o autor justifica em função do uso de perguntas e quadros sinópticos incorporados ao livro, que lhe conferem um volume maior do que o esperado para uma “obra destinada ao estudo de meninos”. O uso de perguntas e de resumos é utilizado pelo autor como recursos facilitadores da memorização.

<sup>618</sup> RIBEIRO, João. “Prefácio”. In: ROMERO, SYLVIO. *A História do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves e Companhia, 1890.

<sup>619</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Lições de História do Brasil para uso das classes primárias*. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905.

Para Macedo, contudo, de nada adiantava um livro bem elaborado, preocupado em montar esquemas e metodologias para a sistematização dos conteúdos pelos alunos, se o professor não fosse capaz de utilizá-lo adequadamente em sala de aula:

Em trabalho deste gênero o método é sempre de importância essencial (...) Mas especialmente nas escolas de instrução primária, o professor é a alma do livro, e não há método que aproveite, se o professor não lhe dá vida, aplicando - o com paciência em consciência do ensino.  
(Prefácio do autor à primeira edição).

Assim como João Ribeiro, Macedo também atribuía à atuação do professor parte do sucesso e da aprendizagem do aluno, sendo o livro apenas uma espécie de “guia” para as lições. Por sua vez, retornando à obra de Rocha Pombo, *Nossa Pátria* representou “um novo tipo de compêndio, escrito na contraposição aos livros ‘indigestos’ de que reclamava Veríssimo,”<sup>620</sup> tendo obtido grande êxito entre o público e o professorado de modo geral.

Já em *Através do Brasil*, Olavo Bilac e Manuel Bonfim narram a jornada educativa dos irmãos Carlos e Alfredo pelos diferentes estados do Brasil com o intuito de explorar as riquezas do Brasil e aguçar o olhar para dentro do próprio país. Para os autores, o livro deveria ser utilizado para auxiliar o trabalho do professor, além de fomentar nas crianças o gosto pela leitura, incentivar o conhecimento pelas gentes e paisagens do Brasil. Assim, nas palavras dos próprios autores:

Além de servir de- oportunidade para que o professor possa realizar as suas lições, o livro de leitura deve conter em si mesmo uma grande lição. E acreditamos que isso se dá com o nosso trabalho. Estamos certos que a criança, com sua simples leitura, já lucrará alguma coisa: aprenderá a conhecer um pouco o Brasil; terá uma visão, a um tempo geral e concreta, da vida brasileira, -as suas gentes, os seus costumes, as suas paisagens, os seus aspectos distintivos. E por isso escolhemos como cenário principal as terras do São Francisco, -o grande rio, essencialmente, unicamente brasileiro<sup>621</sup>.

Na perspectiva de André Botelho, o uso didático da narrativa de viagem não seria uma novidade em Bilac e Bonfim, uma vez que desde o século XVIII, sobretudo a partir da obra *Emílio*, de Rousseau, as jornadas podem ser exploradas com um sentido instrutivo, pois “constitui oportunidade para o aprendizado histórico, geográfico, botânico e dos costumes dos lugares visitados”<sup>622</sup>. Ainda de acordo com André Botelho, a travessia dos irmãos Carlos e Alfredo pelo Brasil afora é mais do que um deslocamento espacial pelo território nacional, tendo representado “uma jornada educativa que se realiza na interação dos personagens – e

<sup>620</sup> LUCCHESI, Fernanda. *Op. Cit.*, p. 85.

<sup>621</sup> BILAC, Olavo & BONFIM, Manuel. *Através do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931, p. 2.

<sup>622</sup> BOTELHO, André. *Op. Cit.*, p. 102.



dos leitores– com uma determinada realidade objetiva representada com intenção verossímil na narrativa como o próprio Brasil”<sup>623</sup>.

Se no caso *Através do Brasil*, a viagem fictícia dos pequenos irmãos foi utilizada como linguagem para atingir o público infantil e os professores, a viagem de Rocha Pombo dentre outros aspectos, objetivava verificar a circulação dos livros didáticos do autor nos estados do norte, na busca por diferenciação, demarcando território frente os demais concorrentes do campo.

### 3.4 Presença negra nos bancos escolares e questão racial

A preocupação com a necessidade da escolarização das crianças negras também ganhou destaque nas considerações de Rocha Pombo, que busca evidenciar os outros sujeitos que posicionados em lugares sociais distintos, ansiavam por espaço e participação no mundo das letras e na própria ampliação dos direitos da cidadania. Neste sentido, é possível compreender o interesse de Rocha Pombo pela instrução de sujeitos como este aluno do Atheneu Sergipense:

Prendeu nossa atenção o aluno Anthenor Lyrio Coelho, pretinho, falando Francês, e já bem encaminhado no Latim. Ao despedir-me deste aluno, não pude excusar-me de dizer-lhe ao ouvido: “V. pertence, meu filho, a uma outra raça que se sacrificou aqui por outra: essa outra agora lhe está pagando. Aproveite quanto puder, e há de ir longe”<sup>624</sup>.

Se por um lado, a presença de um menino negro prendeu a atenção do visitante, por outro lado, é um indício da escolarização cada vez maior, de crianças negras em diferentes regiões do país, conforme têm indicado estudos no âmbito da história da educação, após anos de invisibilidade da questão<sup>625</sup>. Conforme indica Surya Aaronovich Pombo de Barros, um dos caminhos possíveis para o estudo de tal questão podem ser, inclusive, as fontes de cunho autobiográfico, que trazem elementos para se pensar os distintos processos de escolarização e assim como na fala de Rocha Pombo, trazem à tona a presença negra na escola, que nem

<sup>623</sup> BOTELHO, André. *Op. Cit.*, p. 104.

<sup>624</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op Cit.*, 1918, p. 66.

<sup>625</sup> Dentre os trabalhos que analisam a escolarização de crianças negras, destacam-se: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. “A escolarização da população negra na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século” in *Revista da ANDE*, n. 14, 1989; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. *Negrinhos que por ahí andão: escolarização da população negra em São Paulo (1870-1920)*. São Paulo, Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2005; FONSECA, Marcus Vinícius. *Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX*. São Paulo, Tese (Doutorado em Educação), 2007; VEIGA, Cynthia Greive. “Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial”. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2008, vol.13, n.39, pp. 502-516; GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. “Negros e educação no Brasil.” IN: LOPES, Eliane Maria Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 325-346.

sempre era vista de forma otimista ou positiva. Ao explorar o relato autobiográfico de Helena Morley, por exemplo, Surya de Barros evidencia o olhar receoso da normalista em ter que lecionar para crianças negras, lamentando, “que será de mim se for obrigada a largar a Escola, estudo, minhas colegas e tudo para ir ensinar a meninos pretos e burros no Rio Grande?”<sup>626</sup> Ou em outro momento, quando relato de Helena indica a existência de professores negros<sup>627</sup>, afirmando, “como se pode ser tão bom como o nosso professor Dr. Teodomiro! Depois meu pai ainda diz que gente escura não presta. Na Escola, pelo menos, os melhores são ele e Seu Artur Queiroga. Os brancos são crus de ruindade”<sup>628</sup>.

Por seu turno, ao relacionar a presença de um aluno negro nos bancos escolares aos sacrifícios da escravidão, o intelectual paranaense parece conceber o direito das populações afro-descendentes à instrução formal como uma compensação pelos “bons serviços” prestados à nação nos tempos da escravidão, sendo estes considerados no livro didático *Nossa Pátria*, “trabalhadores, obedientes e muito espertos, tendo feito muito pelo progresso do nosso país”. Afirmar ainda que os sofrimento e sacrifícios dos africanos escravizados no Brasil teriam sido recompensados, “pois hoje os descendentes daqueles pobres escravos hoje são iguais aos antigos senhores, e sem dúvida muito mais felizes do que os parentes que ficaram lá na África”<sup>629</sup>.

Rocha Pombo defendia ainda, que a composição étnica do brasileiro era fruto das três raças fundadoras, sendo o brasileiro o herdeiro do índio, “altivo”, do africano, “amoroso”, e do europeu, o “inteligente”, construindo o que nos dias atuais os estudiosos denominam de mito ou fábula das três raças<sup>630</sup>.

Os índios seriam aqueles que aqui já existiam antes da chegada do colonizador europeu, sendo estes vistos como “muito atrasados quanto à civilização. Viviam em grupos de famílias (*tribus*), mudando sempre de lugar para outro”<sup>631</sup>. Além disso, seriam os índios muito afeitos a brigas e à guerra, o que era considerado um comportamento natural entre os ditos

<sup>626</sup> MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. Cia das Letras, 1998, p. 275 apud: BARROS, Surya A Pombo de. “Fontes para a História da Educação da população negra em São Paulo.” p. 8. Trabalho apresentado na 28ª Reunião da Anped, disponível em:

[www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt21/gt21151int.doc](http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt21/gt21151int.doc) (consulta realizada em 31/10/2011)

<sup>627</sup> A respeito da existência de professores negros, ver os estudos de: MULLER, Maria Lucia. “Professoras negras na Primeira República”. *Cadernos PENESB*, Niterói: Intertexto, 1999; MULLER, Maria Lucia Rodrigues. *A cor da escola. Imagens da Primeira República*. Cuiabá: Entrelinhas/EdUFMT, 2008; D’ÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil, 1917-1945*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

<sup>628</sup> MORLEY, Helena. *Ibidem*, p. 316 apud: BARROS, Surya A Pombo de. *Op. Cit.*, p.8.

<sup>629</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.* 1917, pp.32-33.

<sup>630</sup> DAMATTA, Roberto. “A Fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira.” In: *Relativizando – uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

<sup>631</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1917, p. 32.

selvagens, uma vez que somente entre o homem civilizado, a razão seria utilizada, em detrimento da força. O dito homem civilizado resolveria tudo pelo direito e não pelas armas.

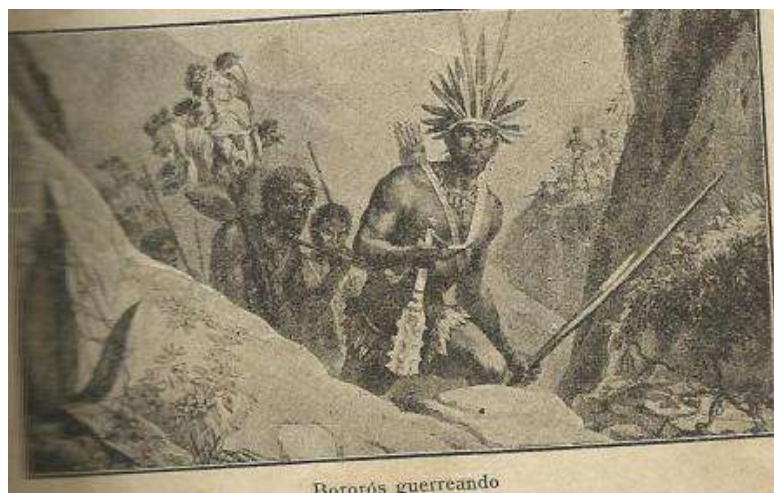


Figura 11. Representação de indígena guerreando. POMBO, Rocha. *Nossa Pátria*, p. 29

Em função da dificuldade em transformar os índios em colonos, os portugueses teriam optado pelo africano. Rocha Pombo considerava em seu livro didático que “esta gente era também selvagem como os índios, e vivia lá quase como os índios viviam aqui”<sup>632</sup>, sendo a principal diferença o fato de que os africanos não seriam livres como os índios, pois estes, tinham os seus reis, “chamados sobas, que com eles eram muito cruéis, vendendo gente como se gado fosse”<sup>633</sup>.

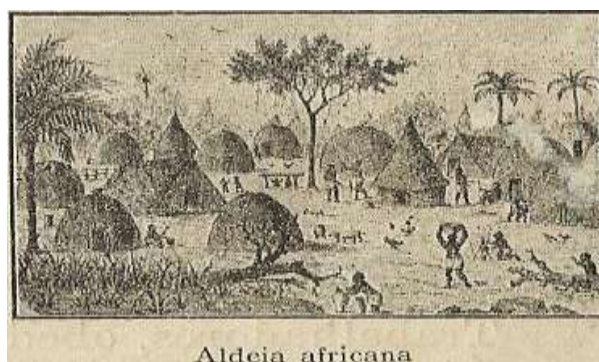


Figura 12. “Aldeia africana”. POMBO, Rocha. *Nossa Pátria*, p. 31

<sup>632</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>633</sup> *Idem*.

Para o intelectual paranaense, “o africano é preto por causa do clima da África, que é muito quente; mas é uma raça muito boa, principalmente de muito bom coração”,<sup>634</sup> onde “quase todos, em vez de odiar, ficaram logo querendo bem aos senhores. Sobretudo as mulheres foram as grandes amigas das crianças”. Outra visão defendida pelo autor de *Nossa Pátria* era a de que os africanos seriam naturalmente, “trabalhadores, obedientes e muito espertos, tendo feito muito pelo progresso do país”<sup>635</sup>.



Figura 13. Moinho de mandioca. POMBO, Rocha. *Nossa Pátria*, p. 32.

Ao dissertar sobre os quilombos, no capítulo XVII de *Nossa Pátria*, Rocha Pombo defende que as mulheres seriam aproveitadas no serviço doméstico, aprendendo tudo com mais facilidade, sendo preferidas às índias. Indo para as fazendas ou para os engenhos, os escravos passariam a viver como um rebanho, sob as rédeas do senhor, o que dificultava a aprendizagem da língua do branco, favorecendo a manutenção de quase todos os usos, costumes e festas da África. Avesso ao conflito, Rocha Pombo constrói uma visão suavizada da escravidão, sobretudo com afirmações como esta, em que “nem todos os senhores eram maus. Muitos tratavam até muito bem os escravos, dando-lhes descanso aos domingos, e considerando que se divertissem cantando as cantigas e dançando as danças usadas lá na pátria que nunca mais veriam”<sup>636</sup>.

Já os europeus são descritos como os colonizadores, aqueles responsáveis pela colonização e transformação do território em civilização, sendo a população do Brasil formada a partir das três raças: os índios, que já estavam aqui, os africanos, que vieram como escravos, e os europeus, que tomaram conta do país. Se por um lado, a formação do brasileiro teria se dado pela junção de “três raças”, nota-se que o “elemento africano” é associado de

<sup>634</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.* 1917, p. 32

<sup>635</sup> *Idem*

<sup>636</sup> *Idem.*

imediatamente ao escravo, ou seja, o que “pegou no pesado”, por se o mais “propenso à escravidão” por suas origens culturais advindas da África. Além das falas do autor, o uso de imagens reforça os sentidos dos modos de vida do “negro africano no Brasil”, que seria muito ligado às danças, festejos e ao trabalho “braçal”.



Figura 14. Representações do Cayapó e do Lundu no livro *Nossa Pátria*

### 3.5 Grupos escolares, instrução popular e projetos de intervenção social

A instrução popular pode ser apontada enquanto outra preocupação recorrente nas observações tecidas pelo viajante<sup>637</sup>, sendo esta entendida como uma necessidade para a formação do povo brasileiro, onde, “não cessarei de dar testemunho, a instrução popular é objeto da preocupação e do esforço de todos os governos e de todas as populações”.<sup>638</sup> Para ele, uma das iniciativas mais importantes no sentido de atender às demandas da instrução popular seriam os grupos escolares, que se encontrariam já em todos os estados do norte, pois, “aliás, isto é comum em todos os estados do norte: não há uma só capital onde se não encontrem estabelecimentos dessa ordem, que já entraram, pode-se dizer, definitivamente no regime do ensino”.<sup>639</sup> Ademais, a implantação dos grupos escolares difundiu-se pelo Brasil, compondo a política de muitos governadores dos estados. Assim, os grupos escolares teriam chegado ao Pará em 1899, em 1908 no Rio Grande do Norte, em Sergipe em 1911, na Paraíba em 1916 e no Piauí em 1920<sup>640</sup>.

<sup>637</sup> Neste ponto, pode-se pensar como outros viajantes também se preocuparam com os aspectos referentes à instrução popular em suas travessias. Conforme já discutido, da viagem aos países europeus e Estados Unidos, Domingo Faustino Sarmiento escreveu a obra *De la educación popular*.

<sup>638</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, p 102

<sup>639</sup> *Idem*.

<sup>640</sup> LAGE, Ana Cristina Pereira. “Grupo escolar”. Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_grupo\\_%20escolar.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_grupo_%20escolar.htm) [Consulta em 03/10/2011]. A respeito dos grupos escolares, ver também: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Grupos escolares. Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

A instrução, existência e difusão de bons livros pelo país poderiam representar para um intelectual como Rocha Pombo, não apenas a difusão de suas ideias a um público escolar, mas uma aproximação com “o povo,” uma vez que defendia uma aliança entre o “povo” e os “homens de letras” do país para a superação do atraso, rumo ao progresso e ao desenvolvimento pela educação, em sentido amplo.

Deste modo, no campo aberto pela chamada História Intelectual, situada no cruzamento das Histórias Política, Social e Cultural, a categoria intelectual é definida aqui como produtores de bens simbólicos, mediadores culturais e atores do político, relativamente engajados na vida da cidade e/ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento e promoção de debates. Com isto, em relação à categoria “intelectual,” são importantes referenciais as perspectivas teóricas de Jean-François Sirinelli,<sup>641</sup> entendendo os *intelectuais* em uma dupla acepção: uma mais ampla, como “criadores e mediadores culturais” e outra mais estreita, baseada na noção de “engajamento”.<sup>642</sup> Além da extensa produção didática, Rocha Pombo “teria simpatia às ideias anarquistas”, tendo participação na criação da Universidade Popular de Ensino Livre, no que teriam atuado outros intelectuais, dentre os quais Manuel Bonfim, Pedro Couto, Sílvio Romero, apenas para citar alguns.<sup>643</sup> A existência de cartilhas e livros didáticos diante desta realidade poderia ajudar não apenas na aprendizagem dos alunos, mas talvez representasse um auxílio na própria prática docente.

Todavia, as considerações de Castro Gomes evidenciam a primazia dada aos direitos sociais na história brasileira. Em sua “análise da invenção do trabalhismo”, a autora explica tal prioridade em virtude da lógica simbólica a qual as demandas sociais serviram no atrelamento dos trabalhadores ao Estado Novo.<sup>644</sup>

No que se refere à Primeira República, os trabalhos historiográficos sustentam a ineficiência da nova forma de governo em garantir a cidadania de forma ampla. Esta é a tese fundamental de *Os Bestializados*,<sup>645</sup> livro no qual José Murilo de Carvalho contrapõe as formas de participação popular no espaço público das ruas à parca presença nos processos formais como as eleições.

<sup>641</sup> SIRINELLI, Jean-François. *Op. Cit.*, p. 231-269.

<sup>642</sup> *Ibidem*, p. 242.

<sup>643</sup> MEDRANO, Lilia, VALETON, Luciana, GOMES, Lidiane Mariana da Silva. *Op. Cit.* Sobre a Universidade Livre, ver: FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e conflito social*. São Paulo: Difel, 1977; HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, nem patrão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>644</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Venturas e desventuras de uma República de cidadãos*. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel (orgs). *Ensino de história: conceitos, temáticas e ideologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

<sup>645</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Em artigo para o livro *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*, Ângela de Castro Gomes acentua igualmente às restrições impostas pela República Liberal a participação dos cidadãos. Destarte, a autora pondera que ainda assim não podemos subestimar as eleições como forma de participação decisória.<sup>646</sup>

Mas, afinal, que cidadania era esta? Seria a expansão de direitos sociais básicos anunciados, sobretudo com a República? O direito ao voto, por exemplo, permaneceu atrelado ao domínio das letras, o que tornava a oferta de instrução ainda mais urgente, estando na ordem do dia nas discussões constituintes,<sup>647</sup> na imprensa e nos anúncios de divulgação de escolas, condição básica para ser “cidadão”. Assim, o impedimento de mulheres, analfabetos, dentre outros, da participação no processo eleitoral no país, pode não ter impedido o processo de luta destes sujeitos no sentido de ampliação dos direitos e de participar da vida política em busca de uma cidadania plena, o que só fez aumentar o número de iniciativas de instrução popular, bem como aumento das pressões destes sujeitos tidos por muitos como “excluídos”<sup>648</sup>.

### 3.6 Projetos de educação e instrução em outros escritos

A preocupação com a educação e instrução aparece em alguns escritos de Rocha Pombo anteriores à travessia, o que ajudam no entendimento de que boa parte de sua trajetória é marcada pelos interesses e olhares do professor atento aos debates e discussões de seu tempo. Ainda muito jovem, ingressou no magistério e no exercício da escrita em periódicos, publicando artigos relacionados à instrução.

Em *A Supremacia do ideal*, discorre sobre o primeiro artigo publicado, advindo de sua experiência no magistério como professor de primeiras letras das crianças da região em que vivia, foi enviado à Revista *A Escola*, editada na corte por Seraphim Alves:

Fiquei muitíssimo satisfeito quando vi impresso o meu primeiro artigo, sob este título de mal disfarçada vaidade, “Duas palavras sobre a instrução pública”. Ao escrevê-lo, de certo, só me lembrava que era professor. Envieio-o a um editor da corte, o Sr Seraphim José Alves. Quinze dias depois, cheio de orgulho e de força, soberbo do triunfo, eu mostrava ao meu amigo o artigo estampado na revista—*A Escola* (Volume II, p. 163)<sup>649</sup>.

<sup>646</sup> GOMES, Ângela de Castro. Op.cit. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Op.Cit.*, 2003. pp.152-167.

<sup>647</sup> CURY, Carlos Roberto Jamil. *Cidadania republicana e educação*. Governo provisório do Mal Deodoro e congresso constituinte de 1890-1891. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2001.

<sup>648</sup> A discussão educação e cidadania também foi estabelecida no trabalho de: VEIGA, Cynthia Greive. *Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

<sup>649</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *A supremacia do ideal* (ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO). Cidade do Castro, Typografia do Echo de Campos, novembro de 1883, p. 10.

Autodidata, declarava que tinha mania de aprender e estudar, alegando que “em geral, eu gostava de estudos que me deixassem alguma coisa de real: história, costumes, legislação, antiguidades, etc. Mas o que eu queria mais era escrever”.<sup>650</sup> Neste momento de sua vida, não tinha frequentado curso superior, sendo a aquisição de conhecimentos para a escrita de seus textos advinda exclusivamente da leitura de autores como Auguste Comte, Charles Darwin, Herbert Spencer. Por sua vez, a motivação para continuar divulgando seus artigos cresceu ainda mais após a publicação em âmbito internacional de outro artigo na revista *A Escola*:

Uma das malas subsequentes trouxera-me da corte, com outro artigo publicado na *Escola*, uma carta do editor que me fez subir muito a meus próprios olhos. Que impulso poderoso valeu uma simples carta para a minha inclinação! Nela me dizia o Sr Seraphim isto, pouco mais ou menos:

‘Tenho o prazer de comunicar-lhe que o seu primeiro artigo da *Escola* foi transcrito na *Revista del Plata*, de Buenos Aires’. Faça o leitor uma ideia da impressão que tal carta produziu em meu espírito, da imensa força que ela deu a nascente mania de escrever que me assanhava.

Mas sempre a dar voltas com a política. Todavia, eu estudava muito. Tinha a paixão de saber e de pensar<sup>651</sup>.

Já no livro *O grande problema*, obra editada em 1900 pela Tipografia do Brasil, traça um plano de criação de um novo Instituto de Educação, sendo possível verificar os diferentes entendimentos do autor em relação às ideias de educação e instrução<sup>652</sup>. Instruir seria a consolidação da existência moral, onde “não são apenas as classes cultas que o reconhecem: nos lares mais humildes, onde o apoucamento das inteligências parece reduzir as aspirações, vamos encontrar a mesma ansiedade que põe em movimento as classes abastardas”.<sup>653</sup> Já a educação seria algo mais amplo, atingindo às situações privadas da vida, a família, sendo necessária, a superação do caráter tão exclusivamente clássico e cerebral na educação então existente<sup>654</sup>.

<sup>650</sup> *Idem*, p. 19.

<sup>651</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Idem*, p. 11.

<sup>652</sup> No âmbito da historiografia da educação, estudos têm se debruçado sobre a distinção entre instruir e educar, na passagem do século XIX para o século XX, que se manifestava, sobretudo, nas ações voltadas às classes pobres, nas quais as instituições de ensino não deveriam apenas instruir, mas principalmente, educar, “incutindo normas de comportamento, hábitos e determinados valores culturais, em detrimento da cultura e dos valores das próprias camadas populares”. Deste modo, “educar, no sentido de difundir valores morais e comportamentos, instruindo por meio da alfabetização e do ensino de ofícios artesanais ou agrícolas, seriam ações fundamentais para um Estado que necessitava manter hierarquias e distinções sociais em uma sociedade que implodia, tanto do ponto de vista de sua base - fim da escravidão - quanto em relação à grande complexidade social”.

(SCHUELER, A. “Crianças e escolas na passagem do Império para a República”. *Revista Brasileira de História*. vol.19 n.37 São Paulo, set. 1999).

<sup>653</sup> ROCHA POMBO, José Francisco da. *Op. Cit.*, 1900c, p 3.

<sup>654</sup> *Ibidem*, p. 6



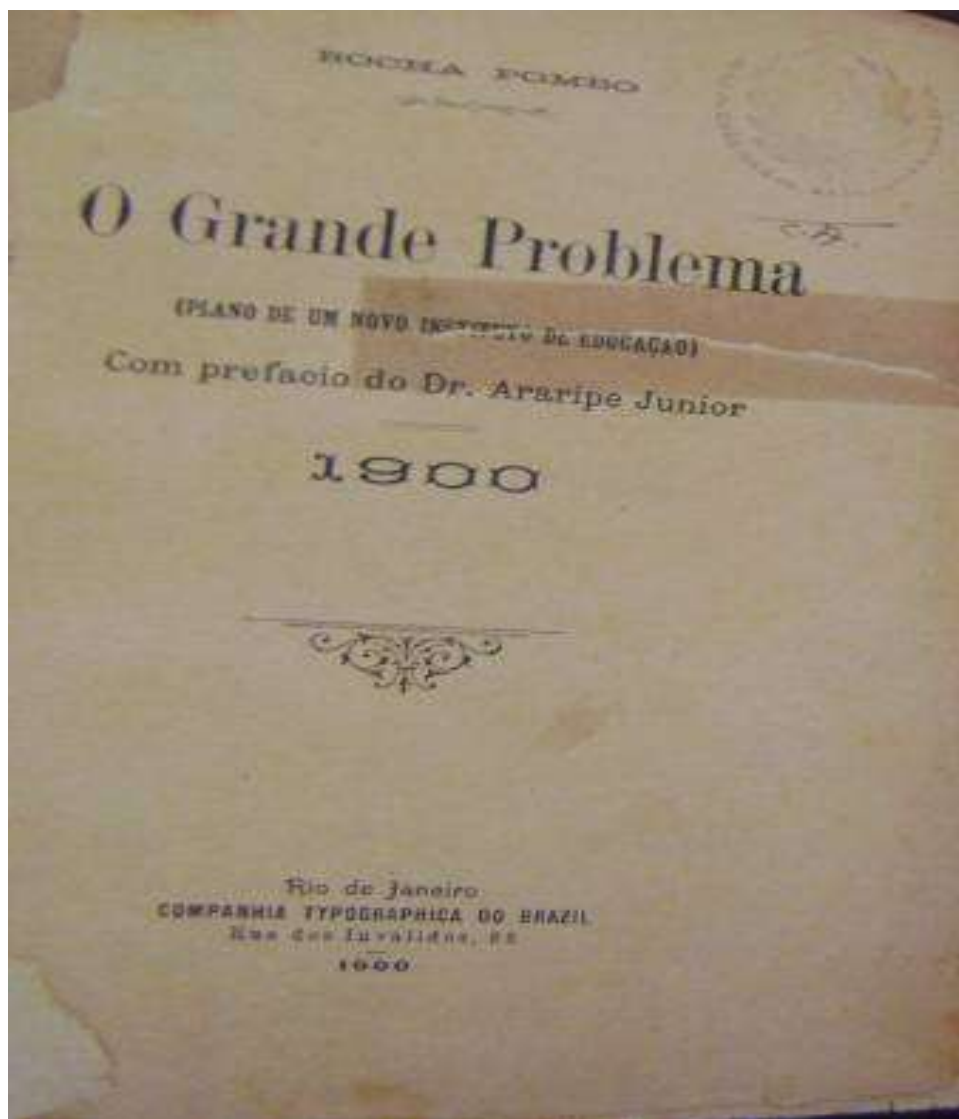


Figura 15. Contracapa do livro *O grande problema*. Acervo Academia Brasileira de Letras.

Assim como nos escritos da viagem ao norte, também na obra *O Grande Problema* explicita a preocupação com a instrução para o povo, sobretudo no sentido de “criar escolas, arrolar analfabetos, compelir os pais a ver na escola o templo para onde se devem voltar todas as inspirações do seu amor, toda a sua solicitude pela sorte dos filhos”<sup>655</sup>, pois esta seria uma questão que se manifestaria de maneira absoluta na consciência universal, sendo este o caminho para a solução de todos os problemas de ordem social.

Por sua vez, defende que as atenções devem ser voltadas tanto para a escola atual, uma vez que seriam a fonte das desgraças, quanto para o trabalho, que deve tornar independente cada chefe de família, habilitando o homem simples do povo a “sair da contingência a que o

<sup>655</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1900c, p. 2

reduziram na vida moderna as complicações de natureza social”.<sup>656</sup> Já as crianças pobres, necessitariam de instrução gratuita, ou seja, “precisam de ser preparadas para a vida pela solicitude do estado”, contudo, afirma que é preciso uma outra escola gratuita, pois as que se ofereciam às crianças do povo apenas as inutilizaria, as preparariam para a miséria, “essa nova escravidão que o ensino atual não elimina, antes agrava e torna mais tremenda”.<sup>657</sup> Agravaria ainda mais a situação das escolas gratuitas, a existência de poucos mestres zelosos, que, pagos pelo governo, e amparados pela dita politicagem, “não ligam os mestres ao cumprimento do seu dever, ao desempenho da sua missão o destino da própria família”.<sup>658</sup> Acrescenta que não seria a pobreza em que regra, frequentaria os estabelecimentos de instrução superior, e sim, os ricos, tendo em vista que aos desamparados, dão-se institutos que lhes convenham. Em tom de manifesto, argumenta que “ao estado cumpre cuidar, antes de tudo, dos desvalidos”.<sup>659</sup>

Ainda em favor da causa da educação das crianças pobres e desvalidas, Rocha Pombo avalia que o governo deveria criar tantas novas escolas quantas fossem necessárias, a fim de recolher dos centros urbanos o grande número de crianças que se perderiam para a vida, para então, sim, se estabelecer a obrigatoriedade do ensino, na qual, “deveríamos incluir mesmo no nosso código o crime de abandonar uma criança aos azares da sorte, desprovida de todos os meios de se fazer um elemento de bem comum no futuro”.<sup>660</sup>

Em *O grande problema*, a visão sobre a instrução pelo país afora é mais ácida e negativa que em 1917, durante a viagem. Para Rocha Pombo, nos últimos dez anos, o problema da instrução pública nos estados só teria piorado, pois “a república não teve tempo de cuidar disso. Em muitos estados é questão morta, da qual nem cogitam os politiquieiros...se não quando disfarçam com os interesses de pátria os bons negócios que andam fazendo”.<sup>661</sup> Se no relato sobre as escolas normais é suave, nos tempos da viagem, em 1900 acentua que, apesar de em todas as capitais existir uma escola destinada a preparar para o magistério, os alunos saíam destas escolas, “tão professores como quando entraram, pois para o intelectual paranaense, nem a organização, nem a disciplina, nem o regime, nem os programas, nem os processos didáticos, nada, em suma, se coaduna com os fins de semelhantes institutos”.<sup>662</sup>

---

<sup>656</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>657</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>658</sup> *Idem*.

<sup>659</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>660</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>661</sup> *Ibidem*, p. 44

<sup>662</sup> *Ibidem*, p. 46

O relato de Rocha Pombo pelo Brasil afora permite vislumbrar a existência de diferentes experiências de instrução pelo país, evidenciando a circulação de livros didáticos e de diferentes práticas e concepções de educação no período, para além da esfera da capital tida como lócus intelectual e vitrine do progresso e da modernidade. Busco problematizar os significados da atenção dada aos materiais escolares, tais como livros e livros didáticos na ótica deste sujeito em trânsito, na condição de viajante. Defendo, com isto, a perspectiva de que a análise do registro e da prática da viagem em Rocha Pombo o circunscreve no movimento coletivo de diferentes sujeitos e debates acerca da necessidade de projetos de educação para o “povo”, na constituição de um país que se pretendia grande, encontrando na diversidade e na igualdade, a constituição enquanto pátria para o progresso, unida do sul ao norte.

No capítulo seguinte, serão analisados os desdobramentos do trânsito pelo norte do Brasil na trajetória de Rocha Pombo, fazendo uso, para tanto, dos escritos produzidos no retorno ao Rio de Janeiro, com destaque aos impressos publicados entre 1918-1922, onde se destacam a presença das editoras Melhoramentos, Benjamin de Águila e Anuário do Brasil.

#### 4 A BAGAGEM DE VOLTA: DA VIAGEM À ESCRITA DA HISTÓRIA

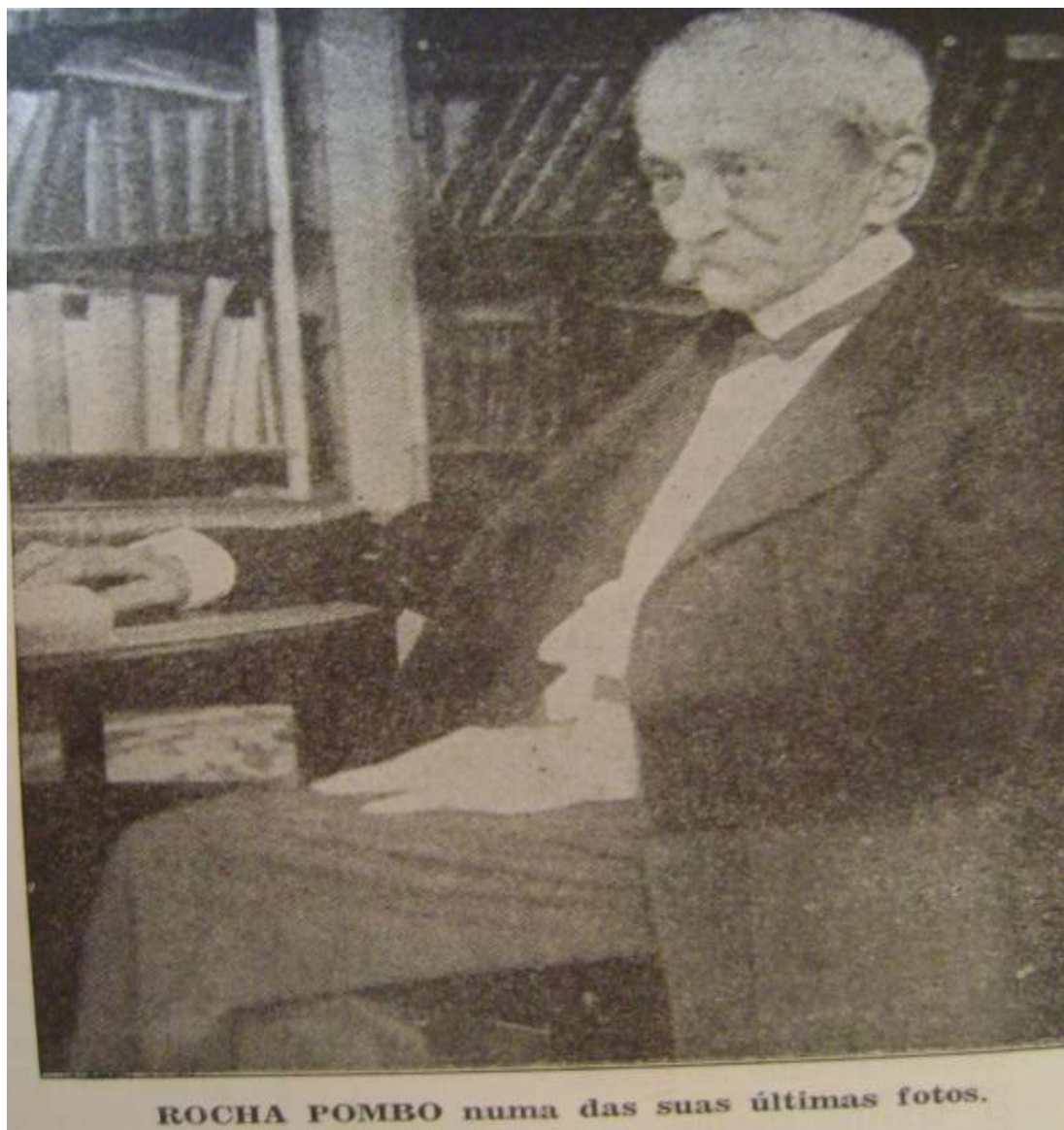


Figura 16. Fonte: *Revista Rumo Paranaense*, Ano III, Janeiro de 1977.

#### 4.1 Imprensa e notícias da viagem: a repercussão nos jornais

Após a chegada ao Rio de Janeiro, Rocha Pombo relata que recebeu o diário *A Imprensa*, de Manaus, noticiando a viagem e sua despedida. Tal notícia, datada de 17 de novembro de 1917, teria sido transcrita na íntegra, ocupando as páginas 213 e 214 das notas de viagem, a fim de evidenciar e legitimar o prestígio obtido por meio dos contatos e da experiência de conhecer o norte do Brasil. A referida notícia confere destaque ao prestígio conquistado pelo viajante no período em que esteve na região, uma vez que sua despedida foi um grande evento na cidade:

O embarque do operoso publicista foi prestigiado pelo que há de mais seleta e distinto no escol da nossa culta sociedade, vendo-se no seu bota-fora, além de vasta massa popular, políticos, professores, militares, magistrados, comerciantes, médicos, engenheiros, advogados, em síntese, o que havemos de mais valioso e representativo. No meio daquela multidão pressurosa em testemunhar ao viajante o maior apreço, saudou-o efusivamente, auspiciando-lhe todas as venturas, e fazendo votos por sua felicidade pessoal<sup>663</sup>.

Ainda de acordo com a notícia da viagem, o evento contou com a presença da banda de música do Batalhão Estadual, além de momentos de homenagem ao visitante, que recebeu um “formoso” ramalhete de flores naturais da menina Leonor, “dileta filhinha do Dr. Alfredo da Matta”, gentileza esta que muito teria sensibilizado o paranaense. Por sua vez, os funcionários e alunos da Escola de Aprendizes Artífices, no qual era diretor Esmeraldo Coelho, e onde era professor Mariano Lima, “um velho amigo de Rocha Pombo” renderam homenagens ao historiador, como recordação da sua visita ao instituto, uma “ótima cadeira própria para bordo, da qual pendiam fitas com as cores nacionais trazendo a legenda: ‘A Rocha Pombo---Lembrança da Escola de Aprendizes Artífices do Amazonas’”<sup>664</sup>. Em contrapartida, o homenageado, muito comovido, teria agradecido às distinções que lhes foram conferidas:

(...) reiterando os seus conceitos sobre o Amazonas e o povo deste pedaço da pátria idolatrada. Daqui disse levar imorredouras saudades; e aproveitou-se da oportunidade para transmitir, mais uma vez, seus protestos de coração a quantos o penhoraram, notadamente os exmos srs Governadores do Estado e da Comuna, Chefe de Polícia. Confrades do Instituto Histórico, imprensa, comandante e Estado Maior da Brigada Militar, alunas da Escola Normal e de outras instituições de ensino e respectivo pessoal docente, etc<sup>665</sup>.

<sup>663</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 213.

<sup>664</sup> *Ibidem*, p. 214.

<sup>665</sup> *Idem*.

O historiador também recebeu outras notícias após o retorno ao Rio, como a de que se criou, em Manaus, uma Sociedade de Homens de Letras, destacando que “o novo grêmio de intelectuais compõe-se, pelo que me dizem, de 30 membros. É o caso de esperar que a sociedade se torne digna da grande capital”.<sup>666</sup> Todavia, nem todas as notícias recebidas alegraram ao intelectual, uma vez que logo depois do retorno da excursão ao norte, viajou para São Paulo onde, para sua surpresa, teria sido dito algo que o desagradou profundamente, em que relata “ouço (não me lembra a quem) atribuir-se-me a mim as coisas mais disparatadas sobre a miséria e o impudismo no extremo norte do país!” A indignação se deu porque as coisas ditas não teriam saído de sua boca:

Disseram-me que, segundo referia um jornal, pedira eu, ‘pelo amor de deus, mercúrio para o norte’—assim mesmo entre aspas, para indicar que se davam as próprias palavras. Absolutamente ninguém pode dizer que me tenha ouvido semelhante coisa. Primeiro, porque isso nunca me passou pela mente, quanto mais pelos lábios. Segundo, porque eu não podia ter deixado que isso pela mente me passasse pela simples razão de que eu não fui ao norte para colher impressões daquelas coisas<sup>667</sup>.

A partir dos elementos e indícios das descrições e relatos de Rocha Pombo, é possível aferir certa intencionalidade em dar visibilidade às distintas experiências em torno da imprensa no norte do Brasil, contrariando um pouco as análises sobre o norte (produzidas no contexto em que viveu o intelectual, como ainda hoje) em que são apontados fatores como o elevado grau de analfabetismo da população, atrasos técnicos e vazios demográficos, como não se investiria em imprensa no norte do país. Pelas indicações obtidas a partir das observações do viajante, é possível problematizar tais análises e pensar, ainda, os usos e permanências desta imprensa pelos grandes proprietários e dos sentidos da posse da palavra pelos mesmos, como parte das disputas e projetos em jogo no período estudado<sup>668</sup>.

É possível afirmar que Rocha Pombo manifestava especial atenção aos aspectos gerais relacionados à imprensa, se referindo, sobretudo, aos jornais diários e revistas, conforme apreendido em várias passagens nas que cita os principais jornais existentes em alguns dos locais visitados. Concebe a imprensa como tendo um papel crucial para o desenvolvimento da causa da nação, uma vez que:

<sup>666</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a, p. 211.

<sup>667</sup> *Ibidem*, p. 80.

<sup>668</sup> Neste sentido, os trabalhos no âmbito da história da imprensa e do impresso são referenciais cruciais, dentre os quais: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: poder, imprensa e público*. Niterói: Vício de Leitura, 2000; LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000; BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.) *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

É esforço que todos nós – os que sentimos essa causa, os que nunca perdemos de vista o problema de fundar na mais perfeita unidade moral a nossa grandeza futura – é esforço que de pronto se imagina como é fácil de ser exercido por todas as classes - associações, *clubs*, homens de letras, jornalistas, industriais, comerciantes, artistas, operários, etc. Só a imprensa, que serviço enorme não prestaria propaganda cuja natureza lhe fala tão de perto!<sup>669</sup>

Assim, compreende-se o olhar atento de Rocha Pombo em relação à imprensa como parte das preocupações dos intelectuais do período, no sentido de fundar uma nação letrada, num movimento de articulações dos “circuitos de comunicação social,” a partir da “formação de novos grupos produtores (autores, editores, jornalistas) e difusores (livrarias, bibliotecas, associações, escolas) de materiais impressos de natureza diversa (livros, folhetos, periódicos)”<sup>670</sup>.

De um modo geral, os trabalhos sobre “mundo das letras” e intelectuais na primeira República tendem a explorar as ações destes na literatura e em periódicos, sobretudo nas metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo. No trabalho da pesquisadora Marialva Barbosa<sup>671</sup>, o foco são os cinco periódicos de maior circulação no Rio de Janeiro entre 1880 e 1920 – *O País*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã* – para reconstruir a história da imprensa da capital federal sob a ótica dos leitores. Por outro lado, autores como Eliana Dutra (2005)<sup>672</sup> e Tânia Regina de Lucca (1999)<sup>673</sup> salientam o caráter opinativo das revistas na Primeira República. Seja analisando o *Almanaque Brasileiro Garnier*, seja investigando a *Revista do Brasil*, as duas autoras ressaltam o papel de imprensa como propagadora de representações e projetos para o Brasil, constituindo-se em veículos de formação de uma consciência nacional vinculada àquilo que Benedict Anderson (2008)<sup>674</sup> denominou de “comunidade política imaginada”. Já o estudo de Heloísa de Faria Cruz traz uma importante contribuição com suas análises sobre os múltiplos usos sociais da “cultura letrada” em grupos sociais distintos:

Nessa conjuntura, a difusão e ‘popularização’ da cultura letrada via processos como a escolarização em massa, o desenvolvimento da linguagem comercial da propaganda e a formação de uma imprensa comercial colocam-se como questões

<sup>669</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918a, p. 17.

<sup>670</sup> MACIEL, Laura Antunes. “De ‘o povo não sabe ler’ a uma história dos trabalhadores da palavra”. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d’Água, 2006, p. 212.

<sup>671</sup> BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* 2000.

<sup>672</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

<sup>673</sup> LUCCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

<sup>674</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

importantes para a compreensão das novas redes de comunicação social na metrópole e das relações de poder aí emergente<sup>675</sup>.

Todavia, a experiência de Rocha Pombo no norte do país permite uma ampliação das análises para além da esfera da capital federal. Assim, na Bahia, enumera a existência de três matutinos: *O Diário da Bahia*, *O Diário de Notícias*, *O Jornal de Notícias*; e os vespertinos: *A Tarde*, *A cidade*, *O Tempo*. Em Aracaju, Sergipe, existiriam quatro diários: *O Correio de Aracajú*, *O Estado de Sergipe*, *O Diário da Manhã* (matutinos) e *O Jornal do Povo* (distribuído à tarde). Por seu turno, a capital paraibana contaria com quatro jornais diários: *A União*, *O Norte*, *O Correio da Manhã* e *O Diário do Estado*, indicando este último como um órgão da oposição. No Ceará, destaca apenas *O Unitário*. Já a imprensa de São Luiz seria representada por quatro jornais: *Diário Oficial*, *Pacotilha*, *Diário do Maranhão* e *Correio da Tarde*. Em Manaus, Amazonas, destaca os jornais *A Imprensa*, *A capital*, *O Tempo*, *O Jornal do Comércio* e *A Gazeta da Tarde*, além da revista humorística *Cá e Lá*.

Com respeito à imprensa de Belém, cita os diários *Estado do Pará*, *Folha do Norte*, *Razão*, *Imparcial* e *Evolução*. Considerando abundante o número de jornais no norte, pondera que essa quantidade não deve causar estranheza, uma vez que em todo o norte seria assim, “pelo menos, três ou quatro jornais diários, e muitos - deve dizer-se- jornais muito bem feitos”.<sup>676</sup>

À medida que adentrava nas redações dos jornais, tecia considerações e análises com relação ao papel da imprensa nas cidades e estados visitados. Considera a imprensa baiana uma das mais importantes do norte.<sup>677</sup> Na Paraíba, a respeito dos quatro órgãos que circulam, indica a existência de forte politicagem e conflitos fervorosos. Já as imprensas de Vitória, no Espírito Santo e Natal, no Rio Grande do Norte, são apontadas como as mais modestas. Em Natal, indica a publicação de três jornais, destacando *A República* como sendo o mais importante, uma vez que:

É hoje o órgão, senão propriamente oficial ao menos officioso do governo, e existe desde antes de 15 de novembro, contando, pois, 29 anos de existência. É jornal de grande formato e muito bem feito. Foi fundado em julho de 1889 pelo Dr. Pedro Velho. A memória deste homem é ali muito venerada; e todos apontam os serviços por ele prestados a Natal, como primeiro governador do Rio Grande do Norte. Foi ele quem organizou o estado sob o novo regime. Tem estátua numa das praças, junto ao edifício do congresso. É pena que o monumento não seja grande coisa como arte. Em outra praça vê-se também a estátua de Augusto Severo. Esta, como obra de arte,

<sup>675</sup> CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana-1890-1915*.

São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial de São Paulo, 2000, p.36.

<sup>676</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918a, p. 94.

<sup>677</sup> *Ibidem*, p. 45.



não é melhor: o malgrado aeronauta está muito diminuído na estética de sua figura<sup>678</sup>.

Além do jornal acima citado e exaltado, os outros dois existentes em Natal seriam *A Imprensa* e *A Nota*, não sento este último lançado diariamente. O intelectual paranaense considera que diferente do que ocorre na Paraíba, em Natal não haveria lutas políticas tão acirradas.<sup>679</sup> Por sua vez, a imprensa do Ceará é regida pelo coronel João Brígida, apontado por Rocha Pombo como “a grande figura da imprensa do norte, sendo ainda, o homem mais temido no Ceará”. Acrescentando que o jornal que redige, “o Unitário, é a maior força moral daquela terra”.<sup>680</sup>

Com relação às observações traçadas sobre a imprensa na capital amazonense, foi mais analítico e detalhado. Após visitas às redações dos jornais *Imprensa*, *Capital*, do *Tempo*, *Jornal do Comércio* e *Gazeta da Tarde*, acentua que por meio destes periódicos, torna-se perceptível o “alto valor da imprensa amazonense”, considerando os referidos diários “dignos de uma cidade culta: são de um formato regular, muito bem feitos, e tendo vida própria”.<sup>681</sup> A respeito das instalações, enfatiza que quase todas as salas de redação apresentam aspecto de ordem, sendo algumas até muito luxuosas, onde haveria, “em todas as oficinas, o mesmo capricho. Em duas ou três encontramos máquinas de linotipo das mais aperfeiçoadas. Seria bastante qualquer daqueles jornais para fazer honra aos créditos de uma capital”.<sup>682</sup> O intelectual paranaense acrescenta ainda, que em Manaus, ao contrário do que ocorre no Pará e em muitas grandes capitais do norte, não haveria “os vícios de aldeia, que em terras do interior convertem não raro o jornal em flagelo: não se veem, nas colunas de nenhum daqueles jornais, coisa alguma que se pareça com a torpeza da verrina, mais própria do pasquim que da gazeta”.<sup>683</sup>

Apesar de em Manaus existir uma Associação da Imprensa, lamenta a falta de uma coesão e força de tais núcleos entre as capitais do norte, a fim de promoverem o debate e as relações umas com as outras, estabelecendo certa união. Por sua vez, um registro de nota que não poderia ficar de fora no que diz respeito às consideradas emblemáticas figuras da imprensa, seria o fato de o viajante ter conhecido de perto o decano dos *reporters* da imprensa de Manaus, Pompeu Brasil:

<sup>678</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918a, p. 101.

<sup>679</sup> *Idem.*

<sup>680</sup> *Ibidem*, p. 111.

<sup>681</sup> *Ibidem*, p. 175.

<sup>682</sup> *Ibidem*, p. 176.

<sup>683</sup> *Ibidem*, p. 176.

(...) tipo muito simpático, insinuante, sempre de sorriso discreto nos lábios, parecendo constante da vida na sua fina modéstia, como quem vive de alma aberta para o mundo. Era infalível em quase todas as nossas excursões. (...) Entrou Pompeu Brasil na vida da imprensa quase desde menino, pois contando hoje apenas 40 anos de idade, só em Manaus tem cerca de 23 de reportagem. Tem servido ai em mais de uma dezena de jornais. É hoje chefe de *reporters* da Imprensa, e auxilia ainda o serviço da *Capital*. É de uma atividade infatigável, e de reconhecida aptidão para o árduo ofício<sup>684</sup>.

Assim como Rocha Pombo visitou e buscou analisar alguns aspectos da imprensa nos locais visitados, a excursão mereceu notícias em alguns periódicos das cidades do norte.<sup>685</sup> Tais notícias foram muitas vezes, citadas ou transcritas pelo autor das notas de viagem, com diferentes finalidades, tanto para evidenciar a notoriedade conquistada pela dita excursão, como também, enquanto um recurso auxiliar da memória no processo de escrita do seu texto final, a ser publicado como livro de viagem.

Em cada estado, a presença do intelectual paranaense teve certa repercussão nos jornais locais que, muitas vezes, acompanhavam todas as atividades e encontros realizados no período de permanência do visitante, qualificado nas reportagens a seu respeito como “um dos maiores e mais completos escritores brasileiros da atualidade”<sup>686</sup>. Sobretudo nos estados do Amazonas e do Pará, pode ser notada uma relação maior com o poder público, sobretudo pelo destaque e cobertura da viagem de Rocha Pombo nos jornais relacionados aos governos dos locais visitados. Em destaque na primeira página de alguns jornais, a cobertura da excursão de Rocha Pombo aos estados do norte do Brasil evidencia certo prestígio e distinção no status desse viajante, recebido com festas e pompa pelas autoridades locais<sup>687</sup>.

#### Quadro 8: A viagem noticiada

Título do Jornal	Cidade	Data	Título da matéria/notícia	Página
<i>A Imprensa</i> . Órgão do partido republicano amazonense.	Manaus	06/01/17	“Rocha Pombo”	1
<i>A Imprensa</i>	Manaus	07/11/17	“Rocha Pombo- A chegada do escritor a esta cidade”	1
<i>A Imprensa</i>	Manaus	10/11/1917	“Rocha Pombo – O ilustre historiador visitou ontem a imprensa regional”	1

<sup>684</sup> *Ibidem*, p. 177.

<sup>685</sup> Enquanto a viagem de Rocha Pombo foi noticiada em alguns jornais das cidades visitadas, há casos, como o da escritora Cecília Meireles, daqueles que publicaram sua narrativa de viagem em periódicos, conferindo destaque e visibilidade à jornada realizada. Sobre os usos das narrativas e crônicas de viagem de Cecília Meireles, ver: PIMENTA, Jussara. *Op. Cit.* 2008.

<sup>686</sup> *A Imprensa*. Órgão do partido republicano amazonense. Manaus, 6 de novembro de 1917, p. 1.

<sup>687</sup> Foram analisados jornais dos estados do Amazonas, Pará, Sergipe e Rio Grande do Norte por terem sido estados com maior destaque no relato de viagem de Rocha Pombo ou onde permaneceu mais tempo durante a travessia.

<i>A Imprensa</i>	Manaus	11/11/17	“O ilustre Sr Dr. Rocha pombo visitou ontem pela manhã, acompanhado do Dr. Cunha Mello e juiz seccional, o Instituto Universitário, Santa Casa de Misericórdia, onde foi recebido pelo exmo Sr Dr. Ayres de Almeida, provedor, e pela Mesa Administrativa, percorrendo em sua companhia todo o edifício”	1
<i>A Imprensa</i>	Manaus	12/11/1917	“Rocha Pombo- Sessão solene no Instituto Histórico e Geográfico Amazonense”  “Visitas governamentais- Notas de viagem”	1
<i>A Imprensa</i>	Manaus	13/11/17	“Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas”  “Rocha Pombo- visitas”	1
<i>A Imprensa</i>	Manaus	14/11/1917	“Dr. Rocha Pombo”- Sobre a visita ao Instituto “Benjamin Constant”	1
<i>A Imprensa</i>	Manaus	15/11/1917	“Rocha Pombo- o brilhante historiador segue hoje para o sul”	2
<i>A Imprensa</i>	Manaus	17/11/1917	“Rocha Pombo” “Ao partir para o sul, o eminente historiador recebeu inequívocos testemunhos de apreço e consideração.”	1
<i>A Imprensa</i>	Manaus	18/11/17	“Rocha Pombo” Dando cumprimento ao pedido do insigne historiador pátrio, rogamos a todas as pessoas que desejarem remeter-lhe quaisquer trabalhos sobre história, em geral, do Amazonas, fazer entrega das mesmas ao Sr. Professor Mariano de Lima, na Galeria Artística.”	1
<i>A Imprensa</i>	Manaus	22/11/1917	“Rocha Pombo” “Extraímos do Jornal do Comércio a seguinte notícia sobre o maravilhoso livro Nossa Pátria, do grande historiador Rocha Pombo.”	1
<i>O Jornal do Povo, Sergipe, 1917, Ano 3</i>	Aracaju	10/08/1917	“Dr. Rocha Pombo”	1
<i>Estado de Sergipe. Órgão Oficial</i>	Aracaju	11/08/17	“Dr. Rocha Pombo” Cobertura a respeito da chegada do intelectual paraense	1
<i>Estado de Sergipe</i>	Aracaju	12/08/1917	“Visita” “Esteve ontem em visita ao Exmo Sr. General Oliveira Valladão, no palacete de sua residência, o Sr. Dr. Rocha Pombo”	1
<i>Estado de Sergipe</i>	Aracaju	17/08/17	“Visita” “Tivemos ontem a honra da visita fidalga do Dr. Rocha Pombo, profundo historiador brasileiro, que veio até nossa redação(...)”	2
<i>Estado de Sergipe</i>	Aracaju	18/08/17	“Instituto Histórico de Sergipe”	3
<i>Estado de Sergipe</i>	Aracaju	31/08/17	“Dr. Rocha Pombo”	2
<i>Estado de Sergipe</i>	Aracaju	7/09/17	“Itinerantes ilustres”. “De Villanova, onde se acham de passagem para Maceió, endereçaram os ilustres cavalheiros Dr. Rocha Pombo e o pintor Guttman Bicho ao Emo Sr. General Presidente do Estado o seguinte telegrama de saudações(...)”	2
<i>O Correio de Aracaju</i>	Aracaju	12/08/1917	“Sr. Rocha Pombo” Reportagem sobre a visita de Rocha Pombo a residência do General Oliveira Valadão.	2
<i>O Correio de Aracaju</i>	Aracaju	11/08/1917	“Historiador Rocha Pombo”. Reportagem sobre a chegada e desembarque de	2

			Rocha Pombo em Aracaju	
<i>O Correio de Aracaju</i>	Aracaju	17/08/1917	“Instituto Histórico. A sessão solene de posse da nova diretoria”	2
<i>O Correio de Aracaju</i>	Aracaju	18/08/1917	“Rocha Pombo no Instituto Histórico”	2
<i>O Estado do Pará</i>	Belém	19/11/1917	“Instituto Histórico e Geográfico do Pará”	1
<i>O Estado do Pará</i>	Belém	21/11/1917	“Instituto Histórico e Geográfico do Pará” “Tendo o ilustre historiador nacional Dr. José Francisco da Rocha Pombo, partido ontem de trem especial, na companhia de S. Ex, o Sr. Dr. Lauro Sodré, para visitar a zona agrícola da E. F de Bragança”	1
<i>O Estado do Pará</i>	Belém	23/11/1917	“Dr. Rocha Pombo” “S. Ex. o Sr. Dr. Lauro Sodré ofereceu ontem, em sua residência, um jantar íntimo ao notável historiador patricio Dr. Rocha Pombo, que volverá depois de amanhã ao sul, no vapor Pará”.	1
<i>O Estado do Pará</i>	Belém	25/11/1917	“Dr. Rocha Pombo” Embarca amanhã para o sul, no Pacote “Pará”, o eminente historiador Rocha Pombo.	1
<i>O Estado do Pará</i>	Belém	26/11/1917	“Dr. Rocha Pombo” “O ilustre historiador que hoje, às horas da manhã, segue para o Rio, estive ante-ontem, à noite em visita à associação da Imprensa do Pará”	1
<i>O Estado do Pará</i>	Belém	27/11/1917	“Rocha Pombo” “Seguiu ontem para o Rio de Janeiro, o ilustre historiador Rocha Pombo”.	1
<i>A Imprensa. Proprietário Coronel Francisco Cascudo</i>	Natal	29/9/17	“Dr. Rocha Pombo”	1
<i>A Imprensa</i>	Natal	2/10/1917	“Dr. Rocha Pombo”. “Este eminente historiador patricio, com seu digno auxiliar Sr. Guttman Bicho, deu-nos ontem a honra de sua visita, fazendo-se acompanhar até a nossa redação pelo ilustre Sr. Nestor Lima”.	

Descrito nas “notícias de viagem” como um polígrafo, são enfatizadas as múltiplas dimensões da trajetória de Rocha Pombo:

Para definir a mentalidade prodigiosa e erudita de Rocha Pombo, basta citar a “História do Brasil”, obra estupenda a que há dedicado, com invulgar dedicação e patriotismo, o melhor de seus esforços. É um trabalho maravilhoso, verdadeiro monumento da língua portuguesa, em que num estilo fluente e elegante, são definidos todos os altos de nossa raça, todas as bases de nossa nacionalidade. O Brasil deve a Rocha Pombo esse gigantesco empreendimento, que vale por uma vida empregada no estudo, na observação e no trabalho incessante. De outros livros fortes pode orgulhar-se Rocha Pombo, que é também romancista dotado de grande poder de análise e jornalista de estranho vigor. Paranaense, ocupa, com raríssimo brilho, uma cadeira no Congresso de sua terra. Como professor, o ilustre historiador une a

serenidade do sábio ao carinho do altruísta. Sociólogo, Rocha Pombo possui teorias próprias sobre essa ciência em formação<sup>688</sup>.

O motivo declarado para a realização da viagem, de acordo com o jornal republicano *A Imprensa*, de Manaus, seria a pesquisa de documentos e outras fontes para a escrita de um livro de história sobre a proclamação da República, desde 1889, em que:

Para essa obra pensada, Rocha Pombo levou a efeito uma viagem através do Brasil procurando documentos nos arquivos e bibliotecas. Essa obra deverá ser apresentada ao governo em 1922, na celebração do primeiro centenário da nossa independência<sup>689</sup>.

O órgão do partido republicano acrescenta ainda, o apoio dado pelo governo do Amazonas ao “ilustre visitante”, que além do custeio da hospedagem no Grande Hotel, pôs à disposição do intelectual paranaense as seções da Biblioteca e Arquivo Público, “para ministrar-lhe quaisquer subsídios o Sr Dr. Benjamin de Souza, diretor da Biblioteca e Imprensa Pública, Dr. José Chevalier, bibliotecário público, e coronel João B Faria e Souza”<sup>690</sup>. Por sua vez, o referido jornal solicitou aos intelectuais “que amam o progresso do Amazonas, a gentileza de enviar ao emérito professor quaisquer obras, impressas ou manuscritas, que porventura possam servir de subsídios para a história da República, nesse belo trecho de nossa pátria”<sup>691</sup>.

Ao noticiar as despedidas do intelectual, destacaram-se as presenças de muitos populares, além do que haveria de mais seletos e distinto na sociedade amazonense, como políticos, professores, magistrados, dentre outros. Além de incentivar a busca por dados para a escrita de História da República, o jornal *A Imprensa* evidencia a preocupação com a ocupação de um bom lugar do estado do Amazonas no livro futuramente escrito pelo viajante.

É interessante notar que mesmo após a partida do viajante, o periódico *A Imprensa* continuou mantendo interesse pelo intelectual paranaense, comentando em primeira página, por exemplo, a notícia extraída do *Jornal do Comércio* a respeito de *Nossa Pátria*, que seria um livro “patriótico e sincero”:

(...) um livro utilíssimo e o Sr. Rocha Pombo, reduzindo as páginas tão simples e agradáveis nas principais etapas da nossa civilização, prestou grande serviço a cultura popular, porque o historiador, conhecendo a verdadeira história do Brasil, não repetiu os erros e as abusões que muitos livros desse gênero tradicional ou revolucionariamente repetem, repetindo velhas noções de maldizentes estrangeiros. E isso constitui mérito notável. A obra do Sr. Rocha Pombo deve espelhar noções

<sup>688</sup> *A Imprensa*, 6 de novembro de 1917, p.1.

<sup>689</sup> *A Imprensa*, 6 de novembro de 1917, p.1.

<sup>690</sup> *A Imprensa*, 7 de novembro de 1917, p.1.

<sup>691</sup> *Idem*.

verdadeiras e otimistas que os próprios livros didáticos, aprovados pelo governo, desconhecem<sup>692</sup>.

Para escrever sobre a visita realizada ao quartel, por exemplo, e alegando não ter tomado nota da mesma, foi socorrido pela notícia que se deu sobre a mesma no dia seguinte em um dos diários locais<sup>693</sup>.

Além da repercussão da viagem nos periódicos dos estados visitados durante o ano de 1917, a viagem teve destaque em “Autores e Livros” Suplemento Literário de *A Manhã*, número 8 do ano de 1944. A “notícia” sobre Rocha Pombo, um dos historiadores homenageados pelo suplemento, destacou a viagem ao norte em três páginas, em um total de dezesseis dedicadas ao intelectual de Morretes, com a reprodução da capa e de fragmentos do livro *Notas de Viagem*, como as “impressões de Pernambuco”, o “fim da viagem”:



(Figura 17. Autores e livros. *A Manhã*. Acervo Fundação Biblioteca Nacional)

## 4.2 Os produtos e desdobramentos da viagem

As leituras feitas, as fontes pesquisadas, as instituições visitadas, os muitos contatos estabelecidos, contribuíram em que medida na trajetória de Rocha Pombo? Sabe-se, por meio das notícias publicadas na imprensa, que com o governo do estado do Pará, por exemplo, comprometeu-se com inúmeros produtos e ações:

O erudito homem das letras comprometeu-se a fazer ao chegar ao Rio, uma pequena exposição de objetos, raridades e documentos, contidos em mais de 48 volumes a ele entregues, no percurso de toda sua viagem no norte do país, em que lhe vão servir para ultimar a sua grande obra “História do Brasil”, dando o cunho local a cada um

<sup>692</sup> *A Imprensa*, 22 de novembro de 1917, p.1.

<sup>693</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1918a p. 187.

desses estados. O Dr. Rocha Pombo, a convite do ilustre governador do estado, pretende ainda se demorar nesta capital, mais alguns dias, e publicar um interessantíssimo opúsculo “Notas de uma excursão ao norte do Brasil”, o qual o mandará imprimir logo que chegue a capital federal<sup>694</sup>.

Da expectativa inicial, o que mudou? As evidências apreendidas na pesquisa permitem afirmar que o período após a travessia do norte foi bastante produtivo na trajetória do intelectual. Em 1918, publicou junto ao editor Benjamin de Águila, as *Notas de viagem. Norte do Brasil*. Em parceria com a Weiszflog & Irmãos, publicou dois livros didáticos nesse mesmo ano, *História do Brasil (para o ensino secundário): com muitos mapas históricos e gravuras explicativas* e *História de São Paulo (resumo didático)*.

Em 1922, outros dois livros foram publicados. Uma edição comemorativa da *História do Brasil*, publicada pelo Anuário do Brasil, e *História do Estado do Rio Grande do Norte*, resultado dos contatos e das pesquisas empreendidas durante a viagem, em edição do Anuário do Brasil e da Renascença Portuguesa. Ambas as obras de 1922 não se tratavam de livros didáticos, apresentando direcionamentos diferenciados em relação ao público leitor<sup>695</sup>.

Nota-se que no intervalo de quatro anos, Rocha Pombo publicou por quatro editoras diferentes, além de demonstrar ecletismo na produção, dedicando-se à escrita de livros: didáticos, livros de viagem, história do Brasil, história regional. Tal ecletismo em Rocha Pombo não o distancia dos demais autores do período, conforme salientam estudos sobre o universo dos livros e mundo das letras. Deste modo, o trabalho de Nicolau Sevcenko ajuda no entendimento das clivagens existentes entre os intelectuais que utilizavam a palavra como ferramenta política na cidade do Rio de Janeiro, numa compreensão da complexidade desta categoria de análise, sobretudo no engajamento político ou não dos literatos.<sup>696</sup> Por sua vez, Mônica Veloso centra suas análises nos “intelectuais-humoristas” que se valiam do humor como forma de intervenção social.<sup>697</sup> Já Eliana Dutra, a partir do Almanaque Garnier, analisa as ações de alguns intelectuais preocupados com a formação de um público leitor a partir das construções “nação” e “povo” na Primeira República.<sup>698</sup> Por sua vez, Ângela Alonso analisa os diferentes grupos que compunham a dita geração de 1870 (liberais republicanos, novos liberais, positivistas abolicionistas, federalistas positivistas do Rio Grande do Sul e

<sup>694</sup> *O Estado do Pará*, 19 de novembro de 1917, p.1.

<sup>695</sup> Além dos livros publicados no intervalo 1918-1922, Rocha Pombo ainda escreveu: *El espíritu municipal em los tiempos de la colonia*. Imprenta y Casa Editors Coni, 1923; Instituto Varnhagen : discurso inaugural proferido na sessão de instalação em 17 de Fevereiro de 1923. Rio de Janeiro : Álvaro Pinto, 1923; “Um historiador argentino: Ricardo Levene”. *Terra de Sol: Revista de Arte e Pensamento*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, mar. 1924; “Grandes hombres de la historia americana : San Martín”, 1926; *Historia do Paraná* (resumo didático). São Paulo: Melhoramentos; *A grande parábola*. Imprensa de Universidade, 1930.

<sup>696</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Op. Cit.*

<sup>697</sup> VELOSO, Mônica. *Modernismo no Rio de Janeiro*: Rio de Janeiro: Ed Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.

<sup>698</sup> DUTRA, Eliana. *Op. Cit.*

federalistas científicos de São Paulo) destacando a experiência comum de “marginalização política”.<sup>699</sup> Já Carolina Vianna Dutra abordou as ações dos intelectuais em periódicos, pensando como isto a construção da mestiçagem, história, folclore e identidade nacional<sup>700</sup>.

De um modo geral, os trabalhos sobre “mundo das letras” e intelectuais na primeira República tendem a explorar as ações destes na literatura e em periódicos, como se outros meios de circulação da palavra não compusessem o universo social da cultura letrada. Todavia, compreende-se a produção de livros didáticos como forma de luta e engajamento, não somente entre aqueles “homens de letras” e intelectuais consagrados, pensando a escrita de manuais didáticos como parte das tensões em torno da cultura letrada, o que envolvia sujeitos de distintos grupos com diferentes interesses e projetos.

No âmbito da historiografia da educação, muitos são os caminhos e abordagens para se explorar o universo dos livros, em suas muitas nuances e possibilidades. Os trabalhos de Ana Maria Galvão ajudam a embasar os argumentos em favor dos distintos caminhos dos autodidatas nos país, inserindo os sujeitos que estavam “a margem” na participação social, evidenciando os distintos modos não escolares de circulação do saber.<sup>701</sup> Atentamos, nesta medida, para o entendimento das trajetórias e usos dos livros pelos distintos sujeitos, no que a análise das escritas íntimas e memórias têm contribuído bastante.<sup>702</sup> Já em relação aos trabalhos sobre livros didáticos de História, muitas são as áreas do conhecimento e correntes teóricas que se propõem a pesquisá-los.<sup>703</sup> Circe Bittencourt analisa a construção do saber escolar em livros didáticos de História referentes ao período da criação das primeiras escolas públicas elementares e secundárias até os anos iniciais da República<sup>704</sup>. Aludindo a toda produção nacional, seu trabalho é uma importante contribuição, sobretudo por perceber o

<sup>699</sup> ALONSO, Ângela. *Op. Cit.*

<sup>700</sup> DANTAS, Carolina Vianna. *Brasil “café com leite”: história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos-Rio de Janeiro, 1903-1914*. Niterói, Tese (Doutorado em História), UFF, 2007.

<sup>701</sup> GALVÃO, Ana Maria Monteiro. *LIVROS ESCOLARES DE LEITURA: CARACTERIZAÇÃO E USOS (PERNAMBUCO, SÉCULO XIX)*. Relatório final de pesquisa CNPq, 2003.

<sup>702</sup> Dentre a produção acadêmica sobre escrita íntima e memórias, são referências importantes: VIÑAO FRAGO, Antonio. “Las autobiografías, memórias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos.” *Teias - Revista da Faculdade de Educação*. Rio de Janeiro, UERJ, nº1, jun-2000, pp.82-97; MIGNOT, Ana; BASTOS, Maria H; CUNHA, Maria T. *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000; GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed FGV, 2004.

<sup>703</sup> No âmbito da história das disciplinas escolares, destacam-se como marcos teóricos importantes: CHERVEL, André. “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”. *Teoria & Educação*, nº 2, 1990, pp.177-229; JULIA, Dominique. “Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação”. IN: LOPES, Alice & MACEDO, Elizabeth (orgs). *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, pp. 37-71.

<sup>704</sup> BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. 1993. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.



objeto em suas múltiplas dimensões, apontando para as articulações entre Estado e mercado editorial e para a complexidade dos domínios que envolvem o livro: mercadoria/ instrumento de ensino/ veiculação de ideias e valores. Arlete Gasparello propôs uma “história dos livros didáticos de História do Brasil”, acompanhando a configuração da disciplina escolar no ensino institucional secundário brasileiro, tendo como foco de análise o Colégio Pedro II e os programas de ensino da história nacional.<sup>705</sup> Giselle Baptista Teixeira analisou os livros de leitura para a escola primária no império, concebendo o livro como um veículo de circulação de saberes determinados, mas também como forma de controle e dominação da população. A autora indica que muitos livros didáticos de história eram utilizados como livros de leitura nas escolas imperiais.<sup>706</sup> Por outro lado, há análises específicas sobre autores de livros didáticos, como as que existem sobre Rocha Pombo<sup>707</sup>, João Ribeiro<sup>708</sup>, Joaquim Manuel de Macedo,<sup>709</sup> Maria Guilhermina Loureiro de Andrade,<sup>710</sup> Joaquim Maria de Lacerda<sup>711</sup>, Sílvio Romero,<sup>712</sup> dentre outros.

### 4.3 Outras viagens: livros didáticos em parceria com Weiszflog Melhoramentos

Além do livro didático *Nossa Pátria*, publicado em 1917, analisado no capítulo anterior, a Weiszflog Irmãos continuou interessada na produção didática de Rocha Pombo. Assim, o segundo compêndio da parceria, *História do Brasil, com muitos mapas históricos e gravuras explicativas*, foi uma ampliação do que fora feito no primeiro, porém seguindo a mesma orientação, que seria a de criar um gosto pela *nossa história*, a fim de levantar o espírito de povo, conforme salienta o autor no prefácio da obra intitulado “Esta Pequena História”, onde exalta também a iniciativa dos editores:

<sup>705</sup> GASPARELLO, Arlete. *Construtores de identidades: os compêndios de História do Brasil do Colégio Pedro II (1838-1920)*. Tese de Doutorado em Educação, PUC/SP, 2002.

<sup>706</sup> TEIXEIRA, Giselle B. *O grande mestre da escola: os livros de leitura para a escola primária da capital do Império brasileiro*. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Educação), UERJ, 2008.

<sup>707</sup> LUCCHESI, Fernanda *Op. Cit.* 2004; MEDRANO, Lília Inês Zanotti de et alii. *Op. Cit.*; ZEFERINO, Janier Saulo. *Op. Cit.*; PINA, Maria Cristina Dantas. “A escravidão no livro didático de história: Rocha Pombo e o ensino de história na Primeira República.”

Texto Disponível em: [www.anpuh.uepg.br/.../MARIA%20CRISTINA%20DANTAS%20PINA.pdf](http://www.anpuh.uepg.br/.../MARIA%20CRISTINA%20DANTAS%20PINA.pdf) [Consulta realizada em 20/02/2012].

<sup>708</sup> HANSEN, Patrícia dos Santos. *Feições e fisionomia: a história do Brasil de João Ribeiro*, Rio de Janeiro: Acess, 2000; MELO, Ciro Bandeira de. *Senhores de História: a construção do Brasil em 2 manuais didáticos de história da segunda metade do século XIX*. Doutorado em Educação, São Paulo, FAE/USP, 1997.

<sup>709</sup> MATTOS, Selma. *O Brasil em Lições de Joaquim Manuel de Macedo. A história do ensino de história do Brasil através dos manuais de Joaquim Manuel de Macedo. Mestrado em Educação*. Rio de Janeiro, FGV, 1993.

<sup>710</sup> CHAMON, Carla Simone. *Op. Cit.*, 2008.

<sup>711</sup> FREITAS, Itamar. “História do Brasil para crianças: o livro escolar nos primeiros anos da República e a iniciativa de Joaquim Maria de Lacerda”. *Cadernos de História da Educação (UFU)*, v. 6, p. 121-132, 2007.

<sup>712</sup> FREITAS, Itamar. “História do Brasil para Crianças: a iniciativa de Sílvio Romero”. In: Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, 2007, Natal. *VI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História*. Natal: Editora da UFRN, 2007.

É isso o que pretendi fazer, inspirando-me na coragem, no zelo e dedicação com que os Srs. Weiszflog empreenderam essa cruzada, que estão levando galhardamente, de renovar a nossa bibliografia das escolas e dos lares, convencidos de que é este o esforço fundamental de tudo o que tiver de fazer no sentido de levantar a alma da pátria<sup>713</sup>.

Além do livro *Nossa Pátria* (1917), e da *História do Brasil para o ensino secundário* (1918), Rocha Pombo publicou outros títulos junto à editora dos irmãos Weiszflog, a saber: *História de São Paulo* (1918); *História do Brasil*, curso superior (1925)<sup>714</sup>; *História do Paraná, resumo didático* (1929). As primeiras edições destas obras traziam ainda, no verso, as outras “edições da casa”, que publicava nomes como Mariano de Oliveira, Erasmo Braga, A. F. Proença, Lindolfo Gomes, Octaviano de Mello, dentre outros:

COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. PAULO (WEISZFLOG IRMÃOS Incorporada)	
SÃO PAULO R. Linhas Badurô n.º 30-30 D Cidade Paulista, 20-1	RIO DE JANEIRO Rua Buenos Aires n.º 40-48 Cidade Paulista, 10-1
<b>EDIÇÕES DA CASA</b>	
<b>ROCHA POMBO</b>	
Brasil - História	20.000
História de S. Paulo	40.000
Brasil - História (com atlas)	100.000
<b>MARIANO DE OLIVEIRA</b>	
Cartilha - Método Paulo de Castro	4.000
Cartilha - Método Analítico-Sintético	30.000
Cartilha - Método Progressivo	30.000
<b>ERASMO BRAGA</b>	
Cartilha - Método Paulo de Castro	4.000
Cartilha - Método Analítico-Sintético	30.000
Cartilha - Método Progressivo	30.000
<b>A. F. PROENÇA</b>	
Cartilha - Método Paulo de Castro	4.000
Cartilha - Método Analítico-Sintético	30.000
Cartilha - Método Progressivo	30.000
<b>LINDOLFO GOMES</b>	
Cartilha - Método Paulo de Castro	4.000
Cartilha - Método Analítico-Sintético	30.000
Cartilha - Método Progressivo	30.000
<b>OCTAVIANO DE MELLO</b>	
Cartilha - Método Paulo de Castro	4.000
Cartilha - Método Analítico-Sintético	30.000
Cartilha - Método Progressivo	30.000
<b>H. A. RÜCHLER</b>	
Cartilha - Método Paulo de Castro	4.000
Cartilha - Método Analítico-Sintético	30.000
Cartilha - Método Progressivo	30.000

(Figura 18. Extrato do catálogo da Companhia Melhoramentos de São Paulo)

A *História do Brasil para o ensino secundário* estruturava-se em oitenta e nove capítulos, num total de trezentas e dezessete páginas.<sup>715</sup> Já a *História do Brasil, ilustrada*, publicada entre 1905-1917, se dividia em dez volumes. Analisando as duas obras, verifica-se que apresentam muitas diferenças na estrutura e composição dos livros<sup>716</sup>.

A obra não começa com o dito “descobrimento do Brasil”, e sim, com o que seria o mundo no século XV, que seria “pouco mais do que a Europa”, sendo que para o oriente, os limites do mundo não se estenderiam além da Ásia Menor e do Egito, advertindo que “nem o imenso litoral da Ásia, nem a Oceania, nem a América tinham entrada à história do

<sup>713</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. “Esta pequena história”. In: *História do Brasil. Para o ensino secundário*. São Paulo: Weiszflog Irmãos Incorporada, 1918b.

<sup>714</sup> Esta obra também teve muitas reedições. A 64ª edição, por exemplo, foi publicada no ano de 1964, revista e atualizada por Hélio Viana.

<sup>715</sup> Trata-se da 15ª edição, datada de 1925.

<sup>716</sup> Ver quadro anexo IV.

planeta”.<sup>717</sup> O autor termina as análises no tempo presente, destacando o último presidente empossado no ano de 1922, Arthur Bernardes.

Chama atenção no livro didático para o ensino secundário, o uso de imagens, uma vez que constavam 130 gravuras de personagens, tais como escritores e políticos; 44 quadros de pintores como V. Basile, Ricardo Balaca, B. Calixto, Victor Meirelles, A. Parreiras, E. de Martinho, Pedro Américo, Henrique Bernadelli, além de muitos outros sem menção à autoria. Há também, 8 fotografias de monumentos e edifícios ao longo do livro, dentre os quais, o monumento de Tiradentes, em Ouro Preto.

Na concepção do francês Ernest Lavissee, as imagens ajudariam a “ver as cenas históricas,” contribuindo na facilitação do processo de aprendizagem dos conteúdos, no sentido de “desenvolver a inteligência das crianças ao mesmo tempo em que sua memória.”<sup>718</sup> Ademais, é interessante pensar por quem é feita a escolha das imagens. Pelo autor? Pelo editor? Há um ilustrador específico?<sup>719</sup>

Deste modo, a perspectiva defendida por Marcos Silva é fundamental na compreensão dos usos das pinturas históricas em livros didáticos, uma vez que tal uso “exige que se leve em conta o contexto histórico de sua produção, incluindo as concepções de historicidade com que trabalham os artistas e que também alimentavam o imaginário social de seus consumidores”.<sup>720</sup>

---

<sup>717</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, p. 5.

<sup>718</sup> LAVISSEE, Ernest. *Histoire de France: cours élémentaire*. Paris: A Colin, 1887, p.3. Apud: BITTENCOURT, Circe. “Livros didáticos entre textos e imagens.” (Org). In: *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 75.

<sup>719</sup> A respeito aos trabalhos acadêmicos sobre a questão das imagens em livros didáticos de história, ver: FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *Da infância ao altar da pátria: memória e representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2001 (Tese de Doutorado); FONSECA, Thaís Nívia. “Ver para compreender: arte, livro didático e a história da nação”. In: SIMAN, Lana. *Inaugurando a história e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de história*. (org). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

<sup>720</sup> SILVA, Marcos A da. “Pintura histórica: do museu à sala de aula.” In: *Projeto História*, n 20. Revista de Estudos Pós-Graduados em História do Dept. de História da PUC/ SP, 2000, p. 259.



Figura 19. Capa do livro *História do Brasil. Para o ensino secundário*.

Em relação aos mapas e plantas, são treze que compõem no total o livro, a saber:

MAPPAS E PLANTAS		Página.
1.	Mappa dos limites das terras conquistadas por Portugal e Hespanha, conforme o tratado de Tordesillas, em 1495	16
2.	«Provincia de Santa Cruz», a que vulgarmente chamam «Brasil»	28
3.	S. Vicente e Santos	37
4.	Mappa geographico Regni Brasiliae, anno 1720	52
5.	La France Antarctique, anno 1557	64
6.	A esquadra hollandeza bombardeia a Bahia (9 de Maio de 1624)	112
7.	Mappa da Bahia de Todos os Santos, seculo XVII	106
8.	Planta da Cidade e Fortaleza de Parahyba	112
9.	Assalto dos hollandezes a Porto Calvo — 1637	114
10.	Coço do Rocão	140
11.	Planta da Colonia do Sacramento	165
12.	Amérique Méridionale, anno 1656	167
13.	Dia 12 de Setembro de 1711 (Bahia do Rio de Janeiro)	168

Figura 20. Mapas e plantas. Livro *História do Brasil. Para o ensino secundário*

O que os usos dos mapas evidenciam? Além de serem um recurso explicativo, os mapas demonstram pesquisa do autor? Nota-se que muitos dos locais explorados nos mapas foram visitados pelo intelectual paranaense em 1917. A sua viagem influenciou nas escolhas,

abordagens e usos de tais recursos? Pode-se aferir, ainda, que muitos dos materiais explorados no livro didático foram oriundos dos “presentes de papel” e visitas às instituições de pesquisa diversas. Ademais, mesmo após ter retornado ao Rio de Janeiro, o recebimento de livros não cessou. Assim, em 1920, o paranaense escreveu uma carta ao General do Prado acusando o recebimento do livro enviado pelo mesmo, intitulado *A Capitania de Sergipe e suas ouvidorias*<sup>721</sup>. Possivelmente, tais livros embasaram a escrita das obras subsequentes à viagem empreendida em 1917.

Por sua vez, os locais retratados coincidem com aqueles visitados no ano anterior, o que não aparece com tanta força na primeira *História do Brasil* (1905-1917). Nesse ponto, Rocha Pombo parece ter atendido às expectativas dos governos desses estados, que solicitavam “um lugar de destaque” no novo livro do intelectual paranaense.

Outra forte presença notada por meio da análise da *História do Brasil para uso do ensino secundário* (1918) são os relatos e crônicas de viajantes, que ajudam a compor os quadros e paisagens retratados pelo autor em sua narrativa didática, conforme no uso feito da planta obtida no livro de viagens de Villegagnon e Jean de Leri ao Brasil:

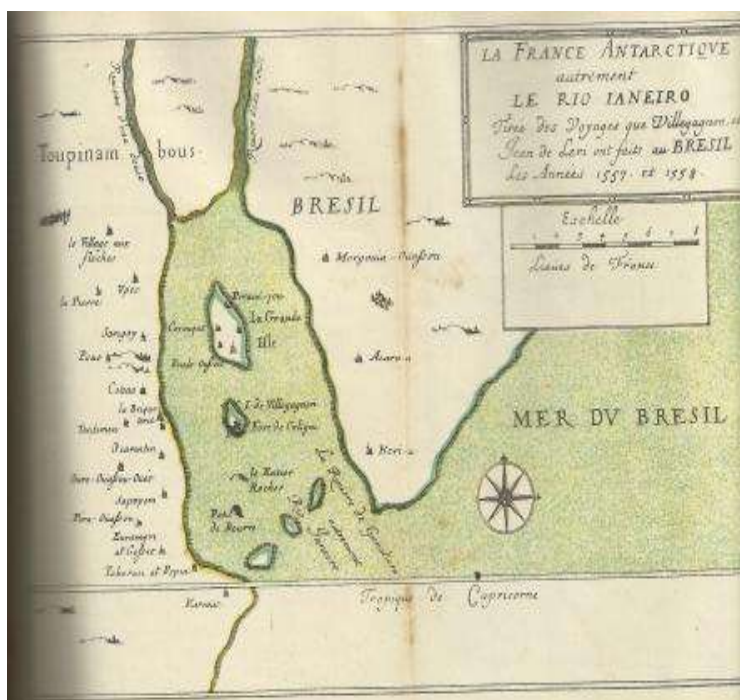


Figura 21. Planta La France Antarctique. Fonte: *História do Brasil. Para o ensino secundário*.

Seria possível pensar os interesses da editora Weizsflog Melhoramentos na excursão pelos estados do Brasil afóra enquanto parte dos projetos para o lançamento da coleção de “resumos didáticos” de história regional? A resposta parece ser sim, uma vez que já em 1918,

<sup>721</sup> Carta de Rocha Pombo a General Ivo do Prado, datada de 20 de junho de 1920. Acervo IHGSE.

a editora lança o primeiro livro da série, a obra *História de São Paulo*. A coleção foi composta por 10 títulos de livros, escritos por conceituados historiadores, versando a respeito dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pará, Ceará, Bahia, dentre outros. Além de Rocha Pombo, nomes como Max Fleiuss, Clodomiro de Vasconcellos e Theodoro Braga, se dedicaram à escrita de tais livros<sup>722</sup>.

O resumo didático da história de São Paulo seria voltado para adaptar-se às duas classes as quais se destinaram os livros anteriores feitos em parceria com Weizsflog Irmãos. No prefácio, o autor direciona suas palavras a públicos distintos. Em primeira instância, se dirige ao professorado paulista, “que o meu primeiro cuidado, ao compor o presente volume consistiu em ser claro e sintético, preferindo mesmo sacrificar a essas qualidades algumas coisas dos assuntos, certo de que as falhas não de ser habilmente supridas pela competência dos professores”<sup>723</sup>.

Na perspectiva do intelectual paranaense, quando muito, o livro guia e orienta, uma vez que quem ensina é o mestre, pois, “a meu ver, um livro didático, sobretudo si se destina a classes primarias, já preenche todas as condições de um bom compêndio se consegue sugerir às crianças o que o mestre tem de explicar e desenvolver”.<sup>724</sup> Em um segundo momento, se dirige também aos alunos, aos quais deverão entendê-lo, com a complementação possibilitada pelos mestres. À família, emite a mensagem de que esta, se bem dirigida, contribuiria para o bem da comuna, uma vez que “um simples chefe de família, um indivíduo de aptidões medíocres, ou de somenos valimento, já é útil às outras famílias da terra só pelo fato de cuidar direito de sua própria”.<sup>725</sup>

Ao conclamar a participação da família, Rocha Pombo acrescenta que do próprio lar se passaria à consciência de convívio na cidade, e assim por diante, passando ao estado, à pátria e a própria Humanidade, pois “só assim é que conceberíamos perspicuamente uma história universal – partindo, como em todo gênero de conhecimentos, do mais simples para o mais complexo”. Defende que o ensino de história nas escolas deveria começar pelas memórias do município, “já que não temos o registro de nossos lares”, e depois, se apresentaria a história de cada estado, uma vez que seria legítimo proclamar e incutir no espírito de todos, e principalmente, “na alma da mocidade”, o ensinamento de que “a pátria se pode servir em

<sup>722</sup> Sobre os intelectuais que se dedicaram à escrita da coleção da Melhoramentos, ver : OLIVEIRA, Marco Antonio de. *Os intelectuais e a produção da série Resumo Didactico pela Companhia Melhoramentos de S. Paulo - 1918-1936*. Tese de doutorado, Programa de Educação da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2006.

<sup>723</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *História de São Paulo (Resumo didático)*, 4ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1925. (O prefácio foi escrito em abril de 1918).

<sup>724</sup> *Idem*.

<sup>725</sup> *Ibidem*, p. 4.

todas as esferas, quaisquer que sejam as condições em que cada um se encontre”.<sup>726</sup> Tais defesas fazem parte do debate em torno do ensino da história dos estados, em que para muitos, a própria ideia de estado enfraqueceria o sentimento de pátria. Além do prefácio, o livro compõe-se de 38 capítulos, a saber: Antecedentes históricos; Primeira expedição colonizadora; São Vicente; Fundação da vila; Prosperidade da vila; Ramalho e os colonos; Capitania de São Vicente; Os índios; Primeiros tempos de capitania; Fundação de Santos; O perigo dos índios; Os jesuítas; Fundação de São Paulo; Vila de São Paulo; Confederação dos Tamoios; As primeiras estradas; A espera do futuro; O domínio espanhol; Os índios e os colonos; Os índios e os africanos; Agressões de piratas; O que era uma bandeira; As bandeiras mais notáveis; A descoberta das minas; Capitania de São Paulo; Lutas na região das minas; Administração da capitania; Prosperidade de São Paulo; Costumes coloniais; Festas populares; A corte portuguesa no Rio de Janeiro; O grito do Ypiranga; Província de São Paulo; Engrandecimento da terra paulista; A propagada republicana; O novo regime; A administração republicana; O que é hoje São Paulo.

Assim como nos demais livros didáticos da parceria Rocha Pombo/Weiszflog Irmãos, são abundantes as gravuras, os quadros de pintores consagrados, os mapas históricos, despertando especial atenção à inserção de documentos escritos, tais como ofícios, cartas e recortes de jornais diversos, que, em muita medida se relacionam com a noção de documento enquanto prova e verdade, considerados fundamentais nos entendimentos de fazer história no período.



Figura 22. Carta de Braz Cubas ao Rei de Portugal, escrita em Santos, 25 de abril de 1562. Fonte: *História de São Paulo*.

<sup>726</sup> *Ibidem*, p. 5.



Figura 23. Extrato do folheto *15 de Novembro*- Fonte: *História de São Paulo*.

Com respeito às cartas topográficas das capitanias, há com frequência a sinalização de que tais documentos foram obtidos no Museu Paulista, indiciando que o autor realizou pesquisas na referida instituição para a composição do livro.

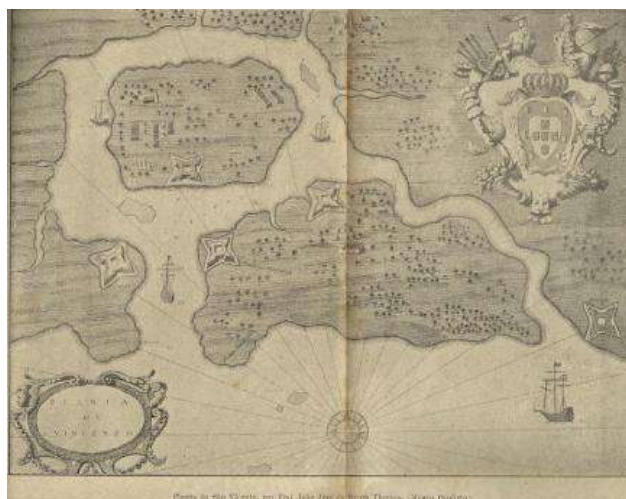


Figura 24. Planta de São Vicente, por Frei João José de Santa Theresia. (Museu Paulista). Fonte: *História do Brasil. Para o ensino secundário*.

A preocupação com o tempo presente também pode ser analisada na obra *História de São Paulo*, seja nas fotografias e vistas de paisagens “atuais”, seja no capítulo derradeiro do livro, onde para o autor, “a cidade de São Paulo é uma das mais notáveis metrópoles da América do Sul”, em que a instrução pública é considerada modelar para os demais estados,



onde funcionariam na cidade, mais de cem grupos escolares, além de cerca de 1.500 escolas avulsas. Além disso, o autor acrescenta que, em relação ao ensino secundário, que este seria ministrado em mais de cinquenta estabelecimentos, públicos e particulares. No âmbito da instrução superior e profissional, o estado de São Paulo contaria com a existência de muitas escolas, dentre as quais, são citadas as de Direito e a Politécnica, concluindo a obra didática afirmando que São Paulo é “um estado que faz honra à Federação Brasileira”.

Enquanto as primeiras palavras do livro didático *História de São Paulo* devem-se a Rocha Pombo, as palavras de encerramento pertencem aos editores, que enaltecem o fato de tratar-se de um livro “escrito por autor brasileiro, ilustrado e impresso no Brasil,” e “feito também de papel brasileiro, fabricado pela Cia. Melhoramentos de São Paulo”. Enquanto Rocha Pombo abria o livro se dirigindo aos mestres, alunos e à família, os editores reforçam, ao final, a necessidade de o Brasil produzir cada vez mais livros, a fim de que possa enriquecer o seu povo, “trazendo-lhe a abundância e a prosperidade, quanto mais cultos e preparados forem os seus homens de amanhã, hoje meninos de escola. A criança que estuda trabalha pela riqueza futura da Pátria”. Em última instância, a atenção maior era dada à criança, que seria a responsável pelo progresso futuro do país.

#### **4.4 Os sentidos das edições comemorativas do centenário da Independência: a *História do Brasil***

Um das justificativas que Rocha Pombo alegou para realizar a viagem ao norte do Brasil em 1917 foi a coleta de informações para a elaboração do novo trabalho com o qual se ocupava, destinado a figurar na comemoração do centenário da independência do Brasil. Desse modo, com antecedência de cinco anos, o intelectual já preparava a escrita das obras que em 1922 fariam parte dos festejos da data histórica. Dito isso, quais os sentidos das comemorações? Por que festejam datas como os cem anos de independência do Brasil?

A cidade do Rio de Janeiro foi a anfitriã de muitas atividades e eventos no ano de 1922, tendo como motes, as comemorações do Centenário da Independência do país. As páginas do *Jornal do Comércio* noticiavam o desembarque na capital federal, de ilustres convidados estrangeiros, que movimentavam a vida da cidade.

Na perspectiva de Lucia Lippi Oliveira, as comemorações pretendiam exorcizar os esquecimentos onde, durante o século XIX, houve uma valorização das nações enquanto “comunidade política imaginária”, numa alusão a Benedict Anderson, em que se precisou

organizar e disciplinar os indivíduos, constituindo uma memória nacional.<sup>727</sup> Para a autora, as festas<sup>728</sup> teriam uma função pedagógica e unificadora, reduzindo as diferenças existentes. Nesse sentido, as datas comemorativas, os heróis nacionais, os monumentos edificadas, as músicas e o folclore se conjugavam na montagem de uma memória nacional, sobretudo no sentido de reforço à coesão social.

De acordo com Julia Ribeiro Junqueira, as comemorações do primeiro centenário possibilitaram um novo repensar da nação brasileira em que a Independência foi vista como um marco que representaria a entrada do Brasil nos moldes do progresso e da civilização, o que já vinha sendo bastante explorado desde a segunda metade do século XIX. A autora explora, ainda, os investimentos das publicações *Jornal do Comércio* no sentido de se posicionar como os grandes anais da nacionalidade, concebendo as edições comemorativas do jornal enquanto crônica da história do Brasil, mais do que propriamente uma obra histórica.<sup>729</sup>

Já Marli Silva da Motta pondera que, ao se falar em 1922, um “ano mítico da história brasileira”, logo se remete à Semana da Arte Moderna, à Fundação do Partido Comunista Brasileiro, à Revolta Tenentista do Forte de Copacabana, em que a comemoração do centenário da independência “quase nunca é mencionada, a não ser em citações passageiras em enciclopédias e livros didáticos”<sup>730</sup>. A autora pontua que, em torno de tais comemorações, produziu-se vasta documentação, representada por jornais, revistas, livros, congressos e palestras, o que indicava que as ações em torno dos festejos do Centenário mobilizou a população de modo geral, e também, a intelectualidade do período. Ademais, o Decreto nº 4.175 de novembro de 1920 determinou a realização de uma Exposição Nacional como parte do programa de comemoração do centenário da Independência.<sup>731</sup> A exposição foi festivamente inaugurada no dia 7 de setembro de 1922, e foi composta pelas seguintes seções: educação e ensino; instrumentos e processos gerais das letras, das ciências e das artes; material e processos gerais da mecânica; eletricidade; engenharia civil e meios de transporte; agricultura;

<sup>727</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi. “As festas que a República manda guardar”. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol.2, n.4, 1989, p.3.

<sup>728</sup> A respeito das chamadas cívicas, Rodrigo Otávio propôs um calendário de festas republicanas, onde deveriam constar os seguintes dias: 1 de janeiro, confraternização universal; 24 de fevereiro, promulgação da constituição republicana, em 1891; 21 de abril, homenagem a Tiradentes e aos precursores da República; 3 de maio, descoberta do Brasil; 13 de maio, fim da escravidão; 14 de julho, homenagem à revolução francesa e à liberdade republicana democrática; 7 de setembro, independência do Brasil; 12 de outubro, descoberta da América; 15 de novembro, proclamação da República; e 2 de novembro, finados. Cf. OTÁVIO, Rodrigo. *Festas nacionais*. Rio de Janeiro: Distrito Federal, 1893.

<sup>729</sup> JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. *Jornal do Comércio: cronista da História do Brasil em 1922*. Rio de Janeiro, dissertação (Mestrado em História), UERJ, 2010, p. 152.

<sup>730</sup> MOTTA, Marly Silva da. “A nação faz cem anos: o centenário da independência no Rio de Janeiro”. CPDOC, 1992, p. 1.

<sup>731</sup> *Ibidem*, p. 9.

horticultura e arboricultura; florestas e colheitas; indústria alimentar; indústrias extrativas de origem mineral e metalurgia; decoração e mobiliário dos edifícios públicos e das habitações; fios, tecidos e vestuários; indústria química; indústrias diversas; economia social; higiene e assistência; ensino prático, instituições econômicas e trabalho manual da mulher; comércio; economia geral; estatística; forças de terra e mar; e esportes, além de uma área para que acontecesse a exibição dos produtos originários de países estrangeiros<sup>732</sup>.

As exposições nacionais surgiram no bojo das Exposições Internacionais, em meados do século XIX. Objetivavam a difusão das ideias de ciência e progresso, dentro das necessidades do capitalismo de criar “vitrines” de civilização.<sup>733</sup> A premiação em uma exposição representava um certificado de qualidade para referendar as mercadorias expostas<sup>734</sup>.

A relação ensino/ciência se fez presente também nos espaços dados nas exposições às questões pedagógicas, como aos “novos” métodos de ensino, desde carteiras e mobílias em geral, aos livros didáticos, que começavam a serem produzidos em massa pela indústria, “naturalizados” e incorporados aos espaços escolares.<sup>735</sup> As comissões organizadoras das exposições promoviam a produção de publicações, como catálogos, revistas, livros, edições comemorativas, que circulavam por todo o país, além de representarem “a nação” internacionalmente, em que os jornais e revistas divulgavam e anunciavam tais atividades.<sup>736</sup>

Moyses Kuhlmann acentua que, já em finais do século XIX, se pensava nos preparativos para a Exposição Internacional de 1922, onde ocorreram cerimônias de lançamento de pedras fundamentais, como a do monumento Cristo Redentor, dentre outras. Houve em 1922, grande investimento em publicações relativas à Exposição, em que o Relatório dos trabalhos apresentava ao final, a “bibliografia do centenário”. Acrescenta que em função das comemorações do centenário, se multiplicaram as publicações com perspectiva histórica destacando, apenas para citar algumas das publicações, a edição especial de *História do Brasil*, de Rocha Pombo; a edição comemorativa do *Jornal do Comércio*, “com 469 páginas, foi elaborada com base na consideração de que não seria possível escrever a história do Brasil sem conhecer as coleções daquele periódico”<sup>737</sup>; a obra *História da Proteção à*

<sup>732</sup> *Idem*.

<sup>733</sup> NEVES, Margarida de Souza. “As Vitrines do Progresso: o conceito de trabalho na sociedade brasileira na passagem do século XIX ao século XX”. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1986. (Relatório de Pesquisa), Mimeografado, 1986.

<sup>734</sup> KUHLMANN JÚNIOR, Moyses. *As grandes festas didáticas: A educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Bauru: Editora da Universidade de São Francisco, 2001, p. 25.

<sup>735</sup> *Ibidem*, p. 107.

<sup>736</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>737</sup> *Ibidem*, p. 63

*Infância no Brasil (1500-1922)*, de Arthur Moncorvo Filho, divulgada no 3º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, realizado no Rio de Janeiro, em 1922;<sup>738</sup> o *Dicionário histórico, geográfico e etnográfico brasileiro*, publicação do Instituto Histórico e Geográfico, em 2 volumes.

O *Livro de Ouro Comemorativo do Centenário da Independência do Brasil e da Exposição Internacional do Rio de Janeiro* trazia 29 artigos de autores como Capistrano de Abreu, com um trabalho sobre a carta de Vaz de Caminha; Mário Vasconcelos, sobre os confins territoriais do Brasil; e um artigo de Rocha Pombo, “Notícia histórica”. Nesse artigo, Rocha Pombo constrói um relato cronológico para contar a história do Brasil, iniciando com as grandes navegações, onde os portugueses seriam os pioneiros, ressaltando a importância dos “primeiros visitantes” por terem verificado que as “novas terras” não seriam uma ilha, e sim, um vasto continente. Na perspectiva do intelectual paranaense, as comemorações do primeiro centenário do Brasil enquanto uma nação próspera e pacífica, colocam o país diante do desafio de cumprir um “grande papel” no convívio internacional, em uma marcha para o futuro “muito cômico dos seus destinos, e largamente inspirado nos sentimentos de perfeita solidariedade moral com todos os povos americanos”<sup>739</sup>.

Em quatro volumes e treze tomos, em brochura, os editores do Anuário do Brasil publicaram, em 1992, a História do Brasil. Trata-se de obra densa, sem notas explicativas, mapas, não demonstrando, como em outras obras de Rocha Pombo, ter sido voltada para o leitor comum, e sim, para um público específico, mais reduzido e “conhecedor” das discussões históricas. Nos dois primeiros volumes, dedica-se ao período do Brasil Colonial, e no terceiro, ao Império e anos iniciais do período republicano. Ao final do livro, a mensagem dos editores no sentido de reforçar a importância do novo trabalho “do grande historiador brasileiro”, por se tratar da mais valiosa já escrita sobre o assunto pelo autor, “visto que nela todos os dados e teorias referentes a nossa história aparecem atualizados”.

A ausência de ilustrações na obra contraria os planos iniciais do autor, explicitados nas notas de viagem, em que a presença do fotógrafo e ilustrador Guttmann Bicho se deveria à composição de uma obra a figurar no centenário da independência. No quarto capítulo da obra, são apresentadas os trabalhos principais que teriam servido de informação para a escrita da *História do Brasil*. As referências utilizadas pelo autor evidenciam pesquisa em instituições diversas, tais como, aos institutos históricos de diferentes estados, e ao Museu

---

<sup>738</sup> *Ibidem*, p. 66.

<sup>739</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. “Notícia Histórica”. In: *Livro de Ouro do Centenário da Independência e da Exposição Internacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Edição do Almanak Laemmert, Anuário do Brasil, 1923, p. 24.

Paulista. Há menção a outras obras intituladas *História do Brasil*, de autores como Varnhagen, Southey, Frei Vicente, João Ribeiro. Rocha Pombo também enumera muitos livros de viagens, dentre os quais, destacam-se: *Navegação do interior do Brasil*, por Eduardo Mendes Moraes; *Diário de viagem filosófica pela capitania de São José do Rio Negro*, por Alexandre Rodrigues Ferreira; *Do Rio de Janeiro ao Piauí*, por Nogueira Paranaguá; *Resumo de uma viagem pelos Estados de S. Salvador e Guatemala*, por Bresseu de Bourboug; *Vouyeges dès vaisseaux de Salomon au fleuvic dès Amazones*, por Onffroy de Thoron; *Através da África*, por Alfredo Sarmiento. Há obras específicas sobre as populações indígenas, como *Usos e costumes dos Tupinambás*, de Hans Staden; *Os indígenas do Brasil perante a história*, de Couto de Magalhães. Com relação à população negra no Brasil, cita algumas obras de Nina Rodrigues, dentre as quais, *O animismo fetichista dos negros baianos*. Há ainda, estudos sobre as particularidades dos estados brasileiros, em que se destacam a *História de Sergipe*, de Felisbelo Freire; *Apontamentos para a História do Maranhão*, por João Francisco Lisboa; *Memória histórica sobre o Estado da Bahia*, por Frei Vicente Viana.

#### **4.5 De volta ao norte do Brasil: a *História do Estado do Rio Grande do Norte*, edição comemorativa do centenário da independência**

Estruturado com um prefácio, vinte e nove capítulos e ilustrado com vinte gravuras, o livro *História do Estado do Rio Grande do Norte* veio a público em 1922, edição comemorativa do centenário da independência do Brasil. O que levou Rocha Pombo a escrever sobre o Estado do Rio Grande do Norte? Houve relação com a viagem realizada em 1917? Que aspectos elegeram para escrever a história desse estado? Por que investir em história regional? O livro traz, ao final, a seguinte informação: “acabou de se imprimir na Tipografia do Anuário do Brasil (Almanak Laemert), R. D. Manoel, 62 - Rio de Janeiro, aos 15 de Abril de 1922”, tendo como editores o Anuário do Brasil e a Renascença Portuguesa, Porto.

A obra em questão foi escrita a partir da encomenda feita pelo governador, Ferreira Chaves, durante a visita que Rocha Pombo realizou ao estado, tendo em vista as comemorações do centenário da Independência do Brasil<sup>740</sup>.

---

<sup>740</sup> ONOFRE JR, Manoel. *Salvados – Livros e autores norterriograndeses*. Natal: Sebo Vermelho, 2000, p. 45.

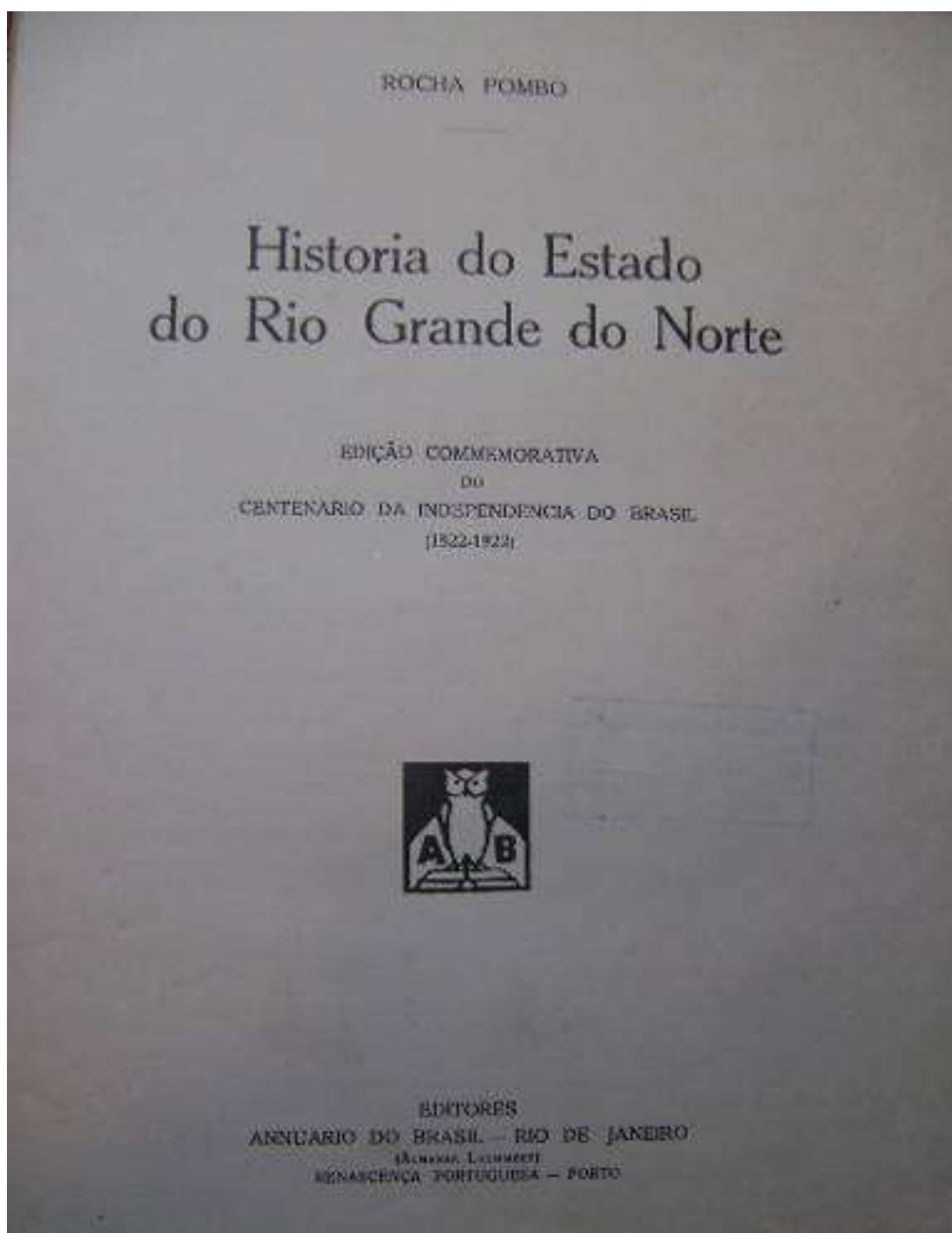


Figura 25. Contracapa da 1ª edição da *História do Rio Grande do Norte*

Nas primeiras palavras, no prefácio datado de março de 1921, um ano antes da publicação, o autor pondera que não se julgava o mais capaz para escrever uma obra sobre o estado do Rio Grande do Norte, “como faria qualquer dos grandes sabedores da nossa história que tive a fortuna de conhecer pessoalmente em Natal”, numa menção aos tempos em que percorreu o estado e estabeleceu muitos contatos e amizades, acrescentando que tais sujeitos,

melhor do que ele, poderiam tomar o que considera, uma difícil tarefa “e desempenhá-la com mais talento e mais brilho - espero que me hão de dizer se um filho da terra teria feito com mais devotamento, e mais carinho do que eu, o trabalho que ai têm”<sup>741</sup>. Em tom de modéstia, o autor advertia para os muitos “erros e senões” que os leitores encontrariam no livro, confiando nos muitos “mestres” que conheceu no Rio Grande do Norte, os quais deveriam considerar o trabalho apenas os primeiros escritos da obra definitiva, em que “ficarei eu com esta honra de haver construído o embasamento do edifício, eles com a glória de toda a arquitetura”<sup>742</sup>.

Além das ponderações a respeito do mérito para a escrita do livro, o autor apresenta seus argumentos na defesa de que o ideal cristão de humanidade seria uma extensão da pátria, que por sua vez, seria uma extensão de cada família, considerada uma instituição irredutível, por ser o fundamento de toda a organização social. Família e pátria, seriam então, os pilares fundamentais da humanidade.

Os sentimentos de pertencimento e coesão no caso brasileiro, advinham, na perspectiva do intelectual, desde os primeiros dias da colônia, já que sempre andaram solidárias na defesa da terra todas as capitânias de norte a sul, uma vez que:

Para elas, o Brasil íntegro é que era o Brasil amado: e isto sem que nenhum colono se sentisse enfraquecido no seu amor ao pátrio berço. Ninguém se esquecia de que era baiano, ou fluminense, ou paulista: mas também ninguém mais se lembrava senão que era brasileiro no dia em que um pedaço de terra, perdido lá no sertão, tinha de ser guardado<sup>743</sup>.

Por sua vez, acrescenta que em pouco mais de três séculos de trabalho, também o estado do Rio Grande do Norte tem feito a parte que lhe cabe entre os demais estados da pátria, no cenário de comemoração de 1922.

Além do prefácio, os vinte e nove capítulos abordam, num total de quatrocentas e oitenta e cinco páginas: “Antecedentes históricos”; “Antes da Conquista”; “A Conquista”; “O forte dos Reis Magos”; “Fundação de Natal”; “Capitania do Rio Grande do Norte”; “Limites e extensão”; “O meio físico”; “Lineamentos da administração”; “A entrada dos Holandeses”; “O domínio dos intrusos”; “A seção do Conde de Nassau”; “A reação contra os intrusos”; “Da expulsão dos Holandeses até o fim do século XVII”; “Administração da capitania durante o século XVIII”; “O regime colonial sob os seus vários aspectos”; “Costumes, usos, festas,

---

<sup>741</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *História do Estado do Rio Grande do Norte*. Edição comemorativa do centenário da Independência, 1822-1922. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1922b, p. 8.

<sup>742</sup> *Idem*.

<sup>743</sup> *Ibidem*, p. 9

tradições”; “O que se passa particularmente nas capitanias do norte depois da chegada da corte”; “A revolução de 1817 no Rio Grande do Norte”; “No momento da independência”; “O Rio Grande na revolução de 1824”; “Até a abdicação”; “A administração de 1831 até 1859”; “Desenvolvimento econômico em geral”; “O ensino público durante o império”; “A imprensa até 1900”; “As letras no Rio Grande do Norte”; “Sob o novo regime”; “O Rio Grande do Norte em 1920”.

Elege como “antecedentes históricos” do estado o esmagamento de Portugal, no século XV, entre a Espanha e o oceano Atlântico, que o levou a empreender a expansão por meio das grandes navegações. Desse modo, acentua que o litoral do território que formaria o estado do Rio Grande do Norte foi um dos primeiros, nesta parte da América do Sul, a receber visitas de expedições europeias, nas quais, há “mesmo quem afirme, que até antes de Cabral havia já em 1499 a expedição de Alonso Ojeda...”<sup>744</sup>. Outra característica marcante na narrativa de Rocha Pombo é o constante contraponto com o tempo em que escrevia a obra, na relação do que seria o “presente”, com “passado”, o que pode ser apreendido não somente no texto, como nos usos de fotografias “atuais” do Rio Grande do Norte. Tais fotografias, que não apresentam menção de autoria, teriam sido retiradas durante as suas travessias ao norte do Brasil, em 1917? Seriam de autoria do fotógrafo e pintor Guttmann Bicho?



Figura 26. Panorama da cidade de Natal. Fonte: POMBO, Rocha. *História do Estado do Rio Grande do Norte*

<sup>744</sup> POMBO, *Op. Cit.* 1922b, p. 11.



A primeira fotografia a compor o livro é um panorama da cidade de Natal e a Foz do Rio Potengy, e compõe o capítulo sétimo, intitulado “Limites e extensão”. As demais “gravuras” que compõem o livro são: Panorama da cidade (Norte); Panorama da cidade - curva do Periquito no Potengy; Panorama da cidade - Nascente; três fotos de panorama da Ribeira; Grupo escolar “Augusto Severo”; Avenida “Tavares de Lyra”; Praça 7 de Setembro - Lado Norte; Jardim e Praça “ André de Albuquerque”; Teatro “Carlos Gomes”; Estátua de Augusto Severo no square do mesmo nome; Obelisco na Avenida “Tavares Lyra”; Avenida “Rio Branco”; Praça 7 de Setembro e Palácio do Governo; Dr. Ferreira Chaves; Dr. Alberto Maranhão; Dr. Augusto Lyra; Dr. Antonio de Souza.

Além de eleger os locais centrais e representativos da cidade, confere especial atenção a quatro personalidades emblemáticas do Rio Grande do Norte. O nome de Ferreira Chaves (desembargador, governador e senador), por exemplo, já figurava nas citações de encontros e visitas realizadas na travessia aos estados do norte do Brasil. Além do registro iconográfico, Rocha Pombo valeu-se de leituras e fontes diversas para a escrita do texto, dentre as quais se destacam o Relatório do Dr. Garcia Filho, chefe da comissão de melhoramentos do Porto de Natal, apresentado em 1910 ao Ministério da Viação; *o Atlas do Brasil*, de Cândido Mendes; *O Rio Grande do Norte* (1911), de Tavares Lyra; *História da Guerra de Pernambuco*, de Diogo Lopes Santiago; *Geografia, Atlas do Brasil*, por Barão Homem de Mello; *A Matriz de Natal*, por Nestor Lima; Cartas Régias; Revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; além de obras de Varnhagen, Southey e Armitage, dentre outras fontes. O domínio de fontes e da bibliografia específica para a escrita de uma obra sobre a história do Rio Grande do Norte, possivelmente, foi obtido nas visitas e contatos estabelecidos ao longo da travessia, uma vez que na condição de viajante, o autor obtivera muitos livros e documentos, na forma de “presentes de papel”. A partir de tais evidências, e da própria temporada em que esteve no Rio Grande do Norte, não é plausível a afirmação de que “Rocha Pombo conseguiu escrever uma obra ‘completa’ sobre o Rio Grande do Norte sem nunca ter pisado no estado”, sendo a obra de Lyra uma de suas principais fontes<sup>745</sup>.

Em relação à recepção e críticas à obra, Manoel Onofre Jr. lista a *História do Estado do Rio Grande do Norte* dentre os 67 livros essenciais para o conhecimento do Rio Grande do Norte, destacando como característica principal em Rocha Pombo, a visão do ponto de vista da história geral do Brasil, partindo do geral para o particular. Todavia, na avaliação do

---

<sup>745</sup> CUNHA, Débora & SILVA, Ágda. “Historiografia Norte Rio-Grandense: unilateralidade e ensino em História”. *Caderno de resumos & Anais do 5º. Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP, 2011, p. 3.

conjunto da obra, Onofre Jr considera um livro “mal escrito”, uma vez que “Rocha Pombo consegue ser chato como poucos”, ao que atribui à excessiva leitura de “documentos velhos”, o que teria rendido ao autor, um modo ultrapassado de escrever, com frases arrumadinhas, além de uma “narrativa insossa, quase sempre baseada em revelações de Vicente de Lemos, Tavares Lyra, historiadores potiguares (...)”<sup>746</sup>. Por outro lado, ressalta que a “cuidadosa inserção dos acontecimentos regionais no contexto do país resulta numa melhor compreensão do leitor comum”<sup>747</sup>.

Algumas das temáticas eleitas para compor a obra sobre a história do Rio Grande do Norte também figuravam entre as preocupações na escrita das notas de viagem, sobretudo no que tange à instrução, imprensa, letras e mais uma vez, algumas questões do “tempo presente”. Assim, no capítulo “O ensino público durante o império”, defende a ideia de que durante o período colonial, não houve ensino público em parte alguma do Brasil, destacando a quase inexistência de mestres para o ensino primário, o que se justificaria pela falta de pessoal apto que desejasse lecionar. Nesses tempos de colônia, afirma que era geral o analfabetismo, uma vez que “só a gente abastada e de certa importância, que se educava fora, é que constituía exceção à regra”<sup>748</sup>. Tal quadro se alteraria no Império, onde demarca o ano de 1827 como época notável na história do Rio Grande do Norte, tendo sido criadas na cidade de Natal as três primeiras escolas de instrução primária, duas para o sexo masculino e uma para meninas. Destaca que foram criadas, ainda, doze escolas elementares nas vilas de Estremós, do Príncipe, da Princesa, nas Povoações de Goianinha, Papary e Mossoró. O autor destaca que já em 1835, funcionava, em Natal, o Atheneu do Rio Grande do Norte:

Parecia este instituído, em seus princípios, mais aparatoso do que útil. Imagina-se que o curso compreendia as seguintes disciplinas: retórica, filosofia, matemática, francês e latim. A língua nacional, nem a geografia e a história, ao menos do Brasil, não eram coisas que se ensinasse a rapazes. Quanto a isso, era bastante o que eles levavam da escola primária<sup>749</sup>.

Em nota, Rocha Pombo acrescenta que nas escolas primárias daqueles tempos, os meninos não sabiam que o Brasil tinha uma História e Geografia, e quanto à língua, “mal sabiam os meninos tendo de cor aquelas regras dos mestres Corujas”<sup>750</sup>. De acordo com o autor, somente de 1870 é que institui na província “a causa do ensino popular”, sobretudo na verificação de que por esse tempo, já funcionavam cerca de 74 escolas, ressaltando que:

<sup>746</sup> ONOFRE JR, Manoel. *Op. Cit.*, 2000, p. 281.

<sup>747</sup> *Ibidem*, p. 282.

<sup>748</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1922 b, p. 373.

<sup>749</sup> *Ibidem*, p. 375.

<sup>750</sup> *Idem*.

Já recebiam instrução elementar 2.518 crianças dos dois sexos. Isto, além dos proveitos de muitas escolas particulares. Também não se esquecia a sorte dos adultos sem recursos, pois em Natal se instalava ( a 15 de março de 1870) a primeira escola noturna, com 38 alunos. Em 1868 criara-se a Biblioteca Pública da capital. A princípio encontrou certos embaraços, naturais a toda instituição nova, estranha aos hábitos da população<sup>751</sup>.

Em tom de entusiasmo, o autor da *História do Estado do Rio Grande do Norte* atribui aos esforços dos presidentes das províncias perante o Governo Imperial, sobretudo na criação de bibliotecas públicas em outras cidades, além da aspiração de equiparação do Atheneu ao Colégio Pedro II. Além disso, destaca que no período cogitou-se a possibilidade de construção de prédios especiais para as escolas públicas, o que, na perspectiva do intelectual paranaense, “não demorará que se tome decisivamente essa ideia com verdadeiro devotamento e entusiasmo”<sup>752</sup>. Nesse sentido, acrescenta que os investimentos se multiplicaram no período, em que haveria uma aplicação dos impostos na construção de casas para as escolas, num movimento surgido em Natal e seguido em outros municípios, em que “até aos lugares mais humildes chegou o entusiasmo por aquela obra, em que todas as classes à porfia emulavam galhardamente”<sup>753</sup>. Menciona o caso do professor José Gomes de Souza, do povoado de Parelhas, que com concurso da população, teria conseguido construir uma boa casa para a escola local, tendo sido o referido professor agraciado pelo Governo Imperial, com o grau de cavaleiro da Ordem da Rosa<sup>754</sup>. Destaca que os esforços em torno das causas do ensino se disseminaram até entre alguns estrangeiros, que teriam se tornado “conhecidos beneméritos na terra”. Assim, cita o francês Louis Carloman Capdeville, que segundo contam, teria dirigido um colégio na Vila de Ceará Mirim, instalado em 1878. Menciona, ainda, o caso do Estudante Francisco Lopes Galvão Sobrinho, ao qual a província sustentaria na Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro, por este apresentar aptidões para a pintura. Em nota, acrescenta que não encontrou nos documentos do Arquivo, nada a respeito do referido estudante.<sup>755</sup> Nota-se, com isso, que o autor buscava “conferir” em documentos de arquivo, as informações que lhes eram transmitidas e, pelo visto, muitas vezes “contadas”, através da memória dos vínculos estabelecidos.

Com respeito aos investimentos nas causas do ensino, acentua que não se tratava de algo apenas no âmbito regional, uma vez que em todo o país haveria lutas, sobretudo no que se refere às questões de ensino popular.

---

<sup>751</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1922 b, p. 377.

<sup>752</sup> *Ibidem*, p. 378.

<sup>753</sup> *Idem*.

<sup>754</sup> *Ibidem*, 378.

<sup>755</sup> *Ibidem*, p. 380.

Em relação à imprensa do Rio Grande do Norte, resume que de 1832 a 1900 foram feitas mais de duzentas publicações, o que daria a ideia de uma tendência que se relacionaria em muito com o que nomeia de “espírito rio grandense, uma vez que não seriam muitas, entre as antigas províncias, as que contariam com tão grande número de jornais.”<sup>756</sup> Já no capítulo dedicado às letras no Rio Grande do Norte, considera a literatura do estado uma das mais notáveis do país. Porém, poucos seriam os prosadores ou poetas da região que teriam conseguido transpor as fronteiras daquela terra e “fazer-se verdadeiramente nacional”, e que mesmo nos maiores centros, seriam ignorados completamente até as ditas mais ilustres figuras “que fariam honra ao sentimento e à inteligência daquele povo do norte”<sup>757</sup>. O autor considera que o mesmo ocorreria em relação aos demais estados, pois “vivemos inteiramente estranhos uns aos outros” e no próprio Rio de Janeiro:

A não serem os de Nísia Floresta e Auta de Souza (mesmo estes nomes, aliás, nem figuram até hoje nos ensaios de história literária que conhecemos), não haverá provavelmente que possa, citar ao menos, nenhum outro nome das letras rio-grandenses<sup>758</sup>.

Na tentativa de suprir essa lacuna e desconhecimento, Rocha Pombo propõe ampliar, a partir de uma “documentária narrativa”, traçando um perfil daqueles que considera “ilustres nascidos em terras potiguares”<sup>759</sup>.

No último capítulo da obra *História do Estado do Rio Grande do Norte* dedica-se a analisar a situação do estado em 1920. Ressalta, com tom de entusiasmo, a capital, Natal, descrita como uma cidade calçada e arborizada, com muitas avenidas e praças, além de ruas amplas, belos jardins, possuindo iluminação à luz elétrica, serviço de bonde. Assim como nas *Notas de Viagem*, confere especial atenção às instituições educativas, enumerando que existiriam na cidade institutos de ensino e filantropia, como o Atheneu Norte Rio Grandense, a Escola Doméstica, hospitais de lazarentos, além de associações, como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, fundado em 1902. Ressalta, a respeito da repartição de higiene e assistência, que esta seria bem organizada e bem dirigida por uma inspetora.

Conferindo especial atenção à instrução popular, acrescenta que no estado do Rio Grande do Norte funcionariam “30 grupos escolares e uma escola ambulante, com 2.733 alunos matriculados, além de mais de 334 que frequentam o grupo modelo anexo à Escola Normal”<sup>760</sup>. Em relação ao ensino secundário, além do Atheneu Norte Rio-Grandense e da

---

<sup>756</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.* 1922 b, p. 405.

<sup>757</sup> *Ibidem*, p. 412.

<sup>758</sup> *Idem*.

<sup>759</sup> *Idem*.

<sup>760</sup> *Ibidem*, p. 393.

Escola Normal, haveria outros institutos oficiais amparados pelo governo. Rocha Pombo conclui a obra exaltando as razões para que o “povo norte-rio-grandense” tenha orgulho de sua história, com consciência de seu papel diante dos “irmãos da República”, em que, os flagelos teriam criado o heroísmo daquele povo<sup>761</sup>.

#### 4.6 A arte de apresentar o outro: Rocha Pombo prefaciador

Outra dimensão presente em Rocha Pombo foi a escrita de prefácios<sup>762</sup> de obras de outros autores, o que, de certa forma, indica autoridade e notoriedade conquistadas de modo a poder apresentar outro autor para os pares e para o público em geral. Enquanto lugar de luta, o campo literário é o espaço da manifestação de poderes, “o poder de publicar ou de recusar a publicação”, conforme adverte Bourdieu, ou ainda, o capital simbólico, que pode ser “transferido”, “de um autor consagrado que pode ser parcialmente transferido para a conta de um jovem escritor ainda desconhecido, por meio de um comentário elogioso ou de um prefácio”<sup>763</sup>. Compreendo também, a escrita de prefácios como protocolo de leitura, e expressão das redes de sociabilidade e prestígio do autor que prefacia, no campo intelectual.

A respeito dos estudos que utilizam os prefácios como objeto e fonte, observam-se autores como Robert Scholes e Roger Chartier, que os concebem como “protocolos de leitura”<sup>764</sup>, operando enquanto instância de comunicação entre o autor e o leitor.

Na mesma orientação, Daniel Puglia, ao analisar os prefácios de Charles Dickens e Machado de Assis, avalia que ambos os autores procuravam orientar a leitura de suas obras, desde aspectos técnicos da construção narrativa até a recepção junto ao público leitor<sup>765</sup>. Giselle Venancio concebe, num estudo a partir dos prefácios dos livros de Oliveira Vianna, possibilidades e invenções de si na obra publicada, em que, por um lado, o autor teria intenção de orientar a leitura de suas obras junto ao público leitor, e por outro lado, através dos prefácios, procurava construir “autorepresentações constantemente reelaboradas”<sup>766</sup>.

<sup>761</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.* 1922b, p.494.

<sup>762</sup> Escrita que se diz no princípio, de acordo com Giselle Martins Venancio, os prefácios são “textos normalmente breves que abrem um livro”, tendo o “objetivo de apresentar o que vem a seguir de modo a suscitar no leitor o intenso desejo de lê-lo. Porém, comumente, ultrapassam esta restrita função. Ao valorizar o texto, o prefaciador legitima também aquele que o escreve.” (VENANCIO, Giselle Martins. “A utopia do diálogo: os prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada”. In: GOMES, Ângela de Castro & SCHMIDT, Benito Bisso. (orgs). *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 175.)

<sup>763</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, 1987, p. 170.

<sup>764</sup> SCHOLE, Robert. *Protocolos de leitura*. Lisboa: Edições 70, 1991; CHARTIER, Roger. *Op. Cit.*, 1990.

<sup>765</sup> PUGLIA, Daniel. “Charles Dickens e Machado de Assis: prefácios aos leitores”. [www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br). [acessado em 02/01/2010].

<sup>766</sup> VENANCIO, Giselle Martins. “Prefácios de Vianna na coleção Brasileira: estratégia de legitimação e construção da autoria”, p. 3. Disponível em: [www.ufjf.br/locus/files/2010/02/35.pdf](http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/35.pdf) [acessado em 02/01/2010].

Por seu turno, Cleber Santos Vieira indica, em sua tese de doutorado, os vários tipos e funções dos prefácios, entendidos como “instâncias de apresentação, trazem as marcas históricas das estratégias criadas pelos autores para atrair o leitor, ou auxiliá-lo na leitura dos capítulos, ou ainda enunciar o conteúdo de tal forma que desperte o desejo de leitura”<sup>767</sup>. Esse autor acentua ainda as outras funções que os prefácios podem adquirir como os prefácios posteriores, compostos, muitas vezes, “para dar uma resposta aos críticos ou como forma de defesa moral, política ou religiosa”<sup>768</sup> ou ainda, os prefácios de recomendação, em que um autor “renomado” no campo recomenda outro, visando à legitimação do autor e obra apreciada.

Foram mapeados, na presente pesquisa, alguns autores que tiveram suas obras prefaciadas pelo intelectual paranaense. Qual o lugar destes autores no cenário intelectual? Em que medida o prefaciador ajudaria em uma maior aceitação e credibilidade da obra publicada? A viagem para o “interior” do país teria permitido uma desenvoltura maior para falar das coisas do homem simples do povo, dos costumes, dos aspectos regionais da história?

### Quadro 9: Autores prefaciados por Rocha Pombo

Título da obra	Autor	Prefaciador	Editores e ano
<i>História e costumes</i>	Alexandre José de Melo Morais Filho	Rocha Pombo	Garnier, 1904
<i>Intuições</i>	Saturnino de Meireles	Rocha Pombo	J. Fonseca Saraiva e Cia, 1906
<i>Através do passado (retalhos de uma existência)</i>	Benjamim Franklin de Albuquerque Lima	Rocha Pombo	Besnard frères, 1916
<i>Musa cívica</i>	Xavier Pinheiro	Rocha Pombo	Leite Ribeiro & Maurillo, 1920
<i>Chica da Silva e outras histórias</i>	Viriato Corrêa	Rocha Pombo	Editora Civilização Brasileira S.A, 1920
<i>Histórias da nossa história</i>	Viriato Corrêa	Rocha Pombo	Monteiro Lobato e Cia. Editores, 1921
<i>Histórias que o tempo leva</i>	Camara Cascudo	Rocha Pombo	Ed. Monteiro Lobato, 1923
<i>O reconhecimento da independência do Brasil</i>	Hildebrando Acioli	Rocha Pombo	Imprensa Nacional, 1927
<i>Raça</i>	Cacy Cordovil	Rocha Pombo	1931

Do levantamento das obras prefaciadas, nota-se que nos anos iniciais do século XX, Rocha Pombo escreveu poucos prefácios. O primeiro, escrito para um livro de história e costumes, de Mello Morais e Filho, autor que se tornou reconhecido por suas preocupações

<sup>767</sup> VIEIRA, Cleber Santos. *Entre as coisas do mundo e o mundo dos livros: prefácios cívicos e impressos escolares no Brasil republicano*. São Paulo, Tese (Doutorado em Educação), USP, 2008, p. 25.

<sup>768</sup> *Ibidem*, p. 27.

com o estudo das classes populares do país. Alexandre José Mello de Moraes Filho nasceu em 1844 e, “além de médico, foi escritor de diversos interesses e inclinações. Publicou muitas poesias, estudos literários, trabalhos de história e estudos de etnografia, nos quais se destacaram as descrições sobre os ciganos e sobre as festas populares.”<sup>769</sup> Em 1904, já tinha sido publicada aquela que é considerada sua obra mais famosa, “Festas e tradições populares do Brasil”. Ao contrário de Rocha Pombo, que era visto por muitos como jovem promessa, e que tentava estabelecer-se como autor de livros de história. Já o prefácio para a obra do poeta Saturnino de Meireles<sup>770</sup>, em 1906, situa Rocha Pombo no movimento simbolista, uma vez que detinha grande bagagem no campo literário, como autor de poesias, contos e romances de ficção. Para Massaud Moisés, Rocha Pombo “passou pela vida oculto sob uma máscara de historiador e de filólogo, mas o melhor do seu legado intelectual reside, paradoxalmente, na ficção”<sup>771</sup>. Em 1916, Rocha Pombo prefaciou o livro do engenheiro Franklin de Lima, autor do livros *Lembranças de uma viagem ao norte: pretensões à prosa*<sup>772</sup> e do *Relatório dos estudos feitos no rio das Velhas de Macaúbas até á barra no S. Francisco*<sup>773</sup>.

Já no período posterior à viagem ao norte do Brasil, Rocha Pombo prefaciou um número maior de obras, o que torna possível compreender a escrita para apresentar o livro de outro autor como expressão do prestígio e legitimação do intelectual, reconhecido pelos pares como autoridade para falar de temas relacionados à história e às coisas do norte. Tal aspecto converge com o que já foi dito por Giselle Martins Venancio, para a qual:

Quando os prefácios são escritos por autores distintos do texto apresentado, o prefaciador é normalmente uma pessoa mais conhecida e com uma obra importante no campo de estudos do texto em questão. Nesse caso, o prefaciador tem por função valorizar as qualidades do texto, apresentar seu autor à comunidade de leitores e justificar sua importância diante da crítica<sup>774</sup>.

Em março de 1920, apresenta a obra *Histórias da nossa história*, de Viriato Correia<sup>775</sup>, autor que Rocha Pombo considerava um “grande sabedor das nossas coisas históricas, e um

<sup>769</sup> ABREU, Martha. “Mello Moraes Filho”. In: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 171.

<sup>770</sup> Saturnino Soares de Meireles Filho nasceu no Rio de Janeiro, em 1878 e faleceu jovem, em 1906. Teve como grande amigo, o poeta simbolista Cruz e Souza.

<sup>771</sup> MOYSÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: Realismo e simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 2001, p. 369.

<sup>772</sup> LIMA, Benjamin Franklin de Albuquerque. *Lembranças de uma viagem ao norte: pretensões à prosa*. Typographia do Globo, 1875.

<sup>773</sup> LIMA, Benjamim Franklin de Albuquerque. *Relatório dos estudos feitos no rio das Velhas de Macaúbas até á barra no S. Francisco*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1882.

<sup>774</sup> VENANCIO, Giselle Martins. *Op. Cit.*, p. 175.

<sup>775</sup> Viriato Correia (Manuel V. C. Baima do Lago Filho) nasceu no estado do Maranhão, no ano de 1884 e faleceu no Rio de Janeiro, no ano de 1967. Foi jornalista, contista, romancista, teatrólogo e autor de crônicas históricas e

sincero entusiasta das nossas tradições e das nossas lendas. É, além disso, dos mais finos e brilhantes espíritos da sua geração, sobretudo entre os que lidam na imprensa e no teatro”<sup>776</sup>. Para o prefaciador, Viriato Correa era possuidor de notável habilidade, pois conhecido tanto nos centros populares, como nas “rodas mais distintas da nossa intelectualidade”, o tornava uma figura original, expressiva e atraente, que:

Atinou Viriato Correa, admiravelmente, com o processo racional e infalível de fundar o nosso culto da pátria: esse processo de ensinar a história pela anedota, e de suscitar, através da legenda, o interesse dos grandes fatos e dos grandes vultos<sup>777</sup>.

No momento da escrita de *Histórias da nossa história*, Viriato Correa ainda era um jovem escritor, porém, com certa projeção nos círculos intelectuais, sendo o prefácio elogioso de um autor como Rocha Pombo as credencias necessárias para maior respeitabilidade e aceitação diante do público de modo geral e dos pares:

Eis ai o bellissimo livro de Viriato Correa. Não tenho recursos de arte para expressar a minha simpatia e admiração por estes contos cuja leitura não sei se mais deleita que instrui. Ao concluir estas linhas, cumpro um dever do meu coração fazendo votos para que o autor não fique só neste volume. A nossa história é uma fonte inesgotável de inspiração para obras como estas.

Que Viriato Correa não durma, pois, sobre os louros que vai colher; e que estas *Histórias da nossa história* não sejam menos que a primeira de uma série de coleções de contos deste gênero<sup>778</sup>.

Já na carta prefácio do livro *Musa Cívica, antologia brasileira destinada às escolas primárias da República*, de Xavier Pinheiro<sup>779</sup>, o intelectual paranaense demonstrava grande satisfação pela distinção e honra de poder escrever algumas palavras ao livro do amigo, lamentando, “que circunstâncias de varia natureza” não o tenham permitido fazer um exame minucioso de todo o trabalho, no que pede perdão, solicitando “que aceite o que vou escrever tão depressa, e com aquela franqueza e sinceridade que sempre existiram entre nós.”<sup>780</sup> A escrita de um prefácio em forma de carta evidencia também, certa publicização do espaço de intimidade, o que pode representar ainda, a intenção de obter junto ao público, empatia e

livros infanto-juvenis, optando pelas estoriets e crônicas, tendo como metas atingir o leitor comum. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=103&sid=302> [Consulta realizada em 05/03/2012].

<sup>776</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. “Prefácio”. In: CORREA, Viriato. *Histórias da nossa história*. Monteiro Lobato e Cia. Editores, 1921, p. 9.

<sup>777</sup> *Idem*.

<sup>778</sup> *Ibidem*, p.14.

<sup>779</sup> Autor dos seguintes livros: *Marechal Floriano, o consolidador da República Brasileira: comemoração ao V ano da sua morte*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1900; *Leoncio Correia: o paranaense illustre pelo talento Pelo civismo e pelo caráter, 1913; Leitura manuscrita, para as escolas primárias*.

<sup>780</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. “Carta prefácio”. In: PINHEIRO, Xavier. *Musa cívica. Antologia brasileira destinada às escolas primárias da República*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro e Maurillo, 1920, p. 21. (Acervo Fundação Casa Rui Barbosa)



confiança a partir da relação já construída entre os autores da obra apresentada. O leitor da carta prefácio acompanharia a correspondência de um amigo ao outro:

Realmente, meu caro amigo e confrade, V. é de uma força de vontade, de uma capacidade de trabalho, de um esforço tão fecundo e de uma inteligência tão viva e operosa que chega a espantar-me, e não menos ainda sua coragem tenaz que pela fé comigo encara o futuro (...) <sup>781</sup>.

Em tom de afeto, Rocha Pombo sela a despedida da “cartinha” <sup>782</sup>, na qual felicita vivamente o autor e amigo pelo que considera um “magnífico trabalho”, sobretudo pelo serviço prestado aos jovens, aos quais a referida obra significaria a oferta de uma leitura “fácil, agradável e edificante, e de autores que nunca se encontram assim ao alcance, reunidos num livro.” <sup>783</sup> Assim, ao escrever um prefácio na forma de carta, Rocha Pombo tenta um diálogo com diferentes interlocutores, o próprio autor da obra prefaciada, inicialmente, como também, ao “leitor desconhecido” da obra <sup>784</sup>.

Com respeito a Câmara Cascudo, <sup>785</sup> alguns indícios também permitem visualizar a relação de amizade existente entre os dois autores. O próprio livro *Histórias que o tempo leva (Da história do Rio Grande do Norte)*, foi dedicado “ao amigo Rocha Pombo”, o qual Câmara Cascudo descrevia como “espírito exemplar e puríssimo, cultura, alma e bondade sumas, ficará ante meus olhos, a humilde oferta deste livro” <sup>786</sup>. Cascudo era ainda um jovem escritor em 1923, quando escreveu *Histórias que o tempo leva*, sob influência de Viriato Correa e com o apoio de Rocha Pombo e de Monteiro Lobato, que publicou a obra, assim como já havia ocorrido com o próprio Viriato Correa, dois anos antes. Visualizo, nestas relações, a configuração de uma interessante rede de apoio, com a presença de jovens escritores nordestinos, um experiente historiador, Rocha Pombo, e o editor Monteiro Lobato.

No prefácio da referida obra, Rocha Pombo defendia que o estilo “simples e popular” adotado pelo autor potiguar seria o caminho mais eficiente para se divulgar a história, no que seria Câmara Cascudo, um digno seguidor de Viriato Correa. Na perspectiva do intelectual paranaense, Cascudo já possuía notáveis características, como “uma sólida e variada instrução

---

<sup>781</sup> *Idem.*

<sup>782</sup> A carta prefácio foi escrita no Rio de Janeiro, em dezembro de 1919, e consta na primeira edição de *Musa Cívica*, no ano de 1920.

<sup>783</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>784</sup> Cf. VENANCIO, Giselle Martins. *Op. Cit.*, 2009, p. 176. A respeito dos prefácios sob a forma de cartas, ver também: ALVES, Antonio Maurício Medeiros. “Prefácios de livros didáticos de matemática, uma possível leitura da história da matemática escolar no Brasil (1943-1995)”. *Paradigma*, v. 26, p. 57-76, dez. 2005.

<sup>785</sup> Luís da Câmara Cascudo nasceu em Natal, no dia 30 de dezembro de 1898 e faleceu no dia 30 de junho de 1986. Autor de clássicos da cultura brasileira como o *Dicionário do Folclore, Civilização e cultura, História da alimentação no Brasil*.

<sup>786</sup> Tal dedicatória foi escrita em Natal, em outubro de 1923, e consta da edição de 1924 da obra, publicada pelas gráficas de Monteiro Lobato.

literária e uma cultura geral admiráveis para sua idade<sup>787</sup>”. O intelectual paranaense também não escondia o orgulho de ser o primeiro a render a Luís Câmara Cascudo a homenagem dos aplausos, e “apresentar-lhe as mais vivas felicitações por esta vitória”.<sup>788</sup>

Já a escrita do prefácio do livro de Hildebrando Acioli<sup>789</sup>, *O reconhecimento da independência do Brasil*, amplia ainda mais a rede de apoio de Rocha Pombo em relação a jovens autores na escrita da História do Brasil. Hildebrando Acioli, que era diplomata, acabara de retornar ao Brasil, após longo período vivendo no exterior, e a apresentação de um livro seu, feita por um historiador consagrado e experiente poderia render boa impressão a sua obra recém-lançada. Por fim, a única mulher prefaciada por Rocha Pombo no levantamento realizado, Cacy Cordovil<sup>790</sup>, que estreava no mundo das letras com o livro *Raça*, em 1931.

Todos os prefácios escritos após a viagem ao norte do Brasil serviram para apresentar jovens escritores, o que pode ser interpretado como expressão da legitimação e espaço conquistado por Rocha Pombo, a autoridade para falar de temas relacionados à história do Brasil.

#### 4.7 As múltiplas faces da crítica: clivagens internas do campo intelectual

As tensões e embates na historiografia da primeira república foram o cerne das análises da dissertação de mestrado de Ivan Norberto dos Santos. Para este autor, Rocha Pombo teria sido ignorado por alguns estudiosos do campo, como nos trabalhos de José Honório Rodrigues, Carlos Guilherme da Mota e José do Amaral Lapa. Ou ainda, quando lembrado pelos estudiosos, seria de forma negativa<sup>791</sup>. Francisco Iglésias, por exemplo, no livro *Historiadores do Brasil: capítulos da historiografia brasileira*, teria feito apenas duas rápidas citações ao historiador paranaense, considerando a obra *História do Brasil* como muito extensa e discutível<sup>792</sup>. Para o autor de *A historiografia amadora de Rocha Pombo*, a imagem construída sobre o intelectual paranaense seria a de “um reprodutor de trabalhos alheios, que não frequentava os arquivos, sem pensamentos próprios ou reflexões

<sup>787</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. “Prefácio”. In: CASCUDO, Câmara. *Histórias que o tempo leva*. (Da História do Rio Grande do Norte). São Paulo: Gráficas de Monteiro Lobato, 1924, p. 13.

<sup>788</sup> *Ibidem*, p. 14

<sup>789</sup> Nasceu em Fortaleza, em 1888. Foi diplomata e jurista, tendo muitas obras publicadas na área de Direito Internacional. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1962.

<sup>790</sup> Maria Casimira de Albuquerque Cordovil (Cacy Cordovil), nasceu em Ribeirão Preto, em 17/12/1911 e faleceu na capital paulista aos 88 anos, em 6/07/2000. Mudou para o Rio de Janeiro, ainda criança, para estudar, e tornou-se contista. Dentre suas obras, *Ronda de Fogo*. Cf. COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 218.

<sup>791</sup> SANTOS, Ivan Norberto. *Op. Cit.*, 2009, p. 151.

<sup>792</sup> *Idem*.

originais”<sup>793</sup>, o que de certa maneira, seria a reprodução de parte dos juízos produzidos no meio intelectual contemporâneo de Rocha Pombo, particularmente a respeito de sua *História do Brasil, ilustrada*. Já na análise feita por Ângela de Castro Gomes, a partir da série de matérias no suplemento literário “Autores e livros”, no jornal *A Manhã*, publicado no ano de 1944, Rocha Pombo seria uma exceção em relação aos demais historiadores homenageados, pois, “sem berço e sem relações sociopolíticas valiosas, Rocha Pombo não viajou e não pesquisou em arquivos no exterior. Foi professor por toda a vida e nos trabalhos que produziu, muito numerosos, serviu-se dos materiais levantados e publicados por outros historiadores”<sup>794</sup>. Ainda de acordo com Ângela de Castro Gomes, “historiadores, em tese, são todos aqueles que produziram na área de ‘estudos históricos’, havendo um esforço de distinção tanto da Filosofia e da Literatura, *lato sensu*, quanto do que se chama de ‘estudos político-sociais’”<sup>795</sup>.

Para Maria Tarcisa Bega, ao contrário de Capistrano de Abreu, que baseava sua produção nas fontes, “Rocha Pombo, sem condições financeiras para pesquisas inéditas, utilizava-se de pesquisas de outros procurando expressar a sua interpretação do que deveria ser o homem brasileiro e noções como civilidade e brasilidade”<sup>796</sup>. Ainda de acordo com Bega:

É por sua caudalosa *História do Brasil*, publicada em fascículos e depois reunida em 10 volumes, que Rocha Pombo constrói o seu nome como ‘historiador de segunda’. Essa obra foi considerada pelos historiadores da época e o é pelos atuais como medíocre, nada acrescentando, tanto em dados como em análises<sup>797</sup>.

Ora, parece questionável a extensão e generalização da crítica recebida em função de uma única obra para toda a vasta produção de um autor. Não me parece prudente, também, a interpretação que iguala as críticas e silêncios produzidos na historiografia nos meios acadêmicos posteriores à morte de Rocha Pombo, em relação à recepção do autor no período em que viveu. As evidências e vestígios interpretados no presente trabalho possibilitam pensar que Rocha Pombo construiu vasta rede de alianças e apoios, recebendo muitas críticas e elogios a sua produção intelectual, em diferentes momentos de sua trajetória.

---

<sup>793</sup> *Ibidem*, pp. 151-152.

<sup>794</sup> GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores. A política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 121.

<sup>795</sup> *Idem*, p. 37.

<sup>796</sup> BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Op.Cit.*, p. 488.

<sup>797</sup> *Idem*.

As críticas feitas por autores como Capistrano de Abreu e João Ribeiro são coerentes com as tensões e disputas internas do próprio campo em configuração<sup>798</sup>. Visto por muitos como promissora promessa nos estudos históricos, Rocha Pombo disputava com considerados grandes escritores, o posto de grande historiador; daí o incômodo que sua obra parecia lhes causar. O fardo de que não era um historiador de arquivo parece ignorar a busca por documentos em diferentes estados do país, e a própria inserção de documentos em inúmeras obras produzidas após 1917. Todavia, mesmo em se tratando de uma pesada crítica, como a feita por Capistrano de Abreu<sup>799</sup>, esta foi confidenciada em foro íntimo, em carta enviada em 9 de março de 1921 ao amigo pessoal João Lúcio de Azevedo:

Rocha Pombo é do Paraná, autor de várias obras, entre elas uma História do Brasil para as escolas, e outra em 8 ou dez volumes. Há dois anos um amigo convidou-me a uma excursão a Araruama e Cabo frio, onde tem família. Levei o volume escolar e em cerca de uma semana os dois não pudemos dar conta. O obrão, em não sei quantos volumes, disse a um oficioso para passar-lhe, que era pior que peste bubônica. Este respondeu que eu não podia dizer-lhe isto, ou não era sincero<sup>800</sup>.

Capistrano acrescenta, ainda, que a inimizade de Rocha Pombo em relação a ele perdurava desde os tempos do concurso para a cadeira de História no Colégio Pedro II, realizado em 1906, na qual era Capistrano um dos membros da banca, tendo reprovado, além do intelectual paranaense, nomes como José Veríssimo, Osório Duque Estrada, Escragnole Dória e Pedro Couto<sup>801</sup>. Em tom irônico, Capistrano de Abreu conclui na carta enviada ao amigo que ambos teriam ganhado com a antipatia mútua, demonstrando não ter se importado com a animosidade obtida em relação ao paranaense. Os nomes de Capistrano de Abreu e Rocha Pombo eram considerados, pelos críticos da época, como a antítese um do outro, conforme salientou Agrippino Grieco, que chegou a ironizar: “qual a pior, em nossa época, a relativa esterilidade de Capistrano ou a excessiva fertilidade de Rocha Pombo?”<sup>802</sup>

<sup>798</sup> Neste ponto, retomo as balizas teóricas de Pierre Bourdieu, em que o campo intelectual (também chamado pelo autor como campo científico e literário) é pensando enquanto “um espaço de jogo de uma luta concorrencional”, onde o que está em disputa é “o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, com capacidade técnica e poder social compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade) que é socialmente outorgada a um agente determinado”. (BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. (org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983, p. 122).

<sup>799</sup> João Capistrano Honório de Abreu nasceu no estado do Ceará, em 23 de outubro de 1853. Dentre suas principais obras, destacam-se: *Capítulos de história colonial, 1500-1800*; *Caminhos antigos e povoamentos do Brasil* e *O descobrimento do Brasil*.

<sup>800</sup> Carta de Capistrano de Abreu enviada a João Lúcio de Azevedo em 9 de março de 1921. In: AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo: Alameda, 2006, p. 165.

<sup>801</sup> Livro de Registro de Atas de Concursos, NUDOM (Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II) 1906.

<sup>802</sup> SALIBA, Elias Thomé. “Prefácio”. In: AMED, Fernando. *Op. Cit.*, p. 12.

Para muitos, ao contrário de Capistrano de Abreu e Varnhagen, Rocha Pombo conseguia alcançar o interesse da mocidade:

Capistrano de Abreu podia virar-lhe as costas. Mas os meninos de minha época, decepcionados com o silêncio de Varnhagen sobre o século 19, e querendo espiar, de cima das transcrições prolixas de Rocha Pombo, os turbos horizontes da República, se abasteceram largamente da sua prosa narrativa, nadaram no seu mar de testemunhos e documentos, fartaram-se de sua crítica sóbria e amena: e ainda hoje, em que esses dez volumes se apagaram na penumbra dos textos arcaicos, e superados, recordavam com admiração o mestre-escola de Morretes—que amou educadamente o Brasil e, com extremos de filho enternecido, o seu ninho na serra<sup>803</sup>.

Assim como o intelectual paranaense, Capistrano de Abreu também era um migrante. Aos 22 anos, buscou estabelecer-se como escritor na Corte, chegando ao Rio de Janeiro no ano 1875. Também era um autodidata, com experiência de escrita em jornais de Fortaleza, não concluiu os preparatórios para a Faculdade de Direito de Recife na década de 1870<sup>804</sup>. A pesquisadora Rebeca Gontijo pensa o deslocamento de Capistrano, da província à corte “como uma viagem de descobrimento de si mesmo e do Brasil”, buscando as fontes oriundas de uma cultura popular a formação da nacionalidade brasileira<sup>805</sup>.

As críticas à obra de Rocha Pombo tiveram certa continuidade na figura de Rodolfo Garcia, apontado como discípulo e seguidor de Capistrano de Abreu que, ironicamente, viria a ocupar a cadeira vaga por Rocha Pombo na Academia Brasileira de Letras, por conta de seu falecimento logo após ter sido eleito imortal. No discurso de posse, Rodolfo Garcia coloca Capistrano de Abreu e Rocha Pombo no mesmo rol de outros autores, dentre os quais Rio Branco, Eduardo Prado, Oliveira Lima e João Ribeiro, que não fizeram frente à suprema obra de Varnhagen, pois este autor “vasculhara os arquivos europeus e trouxera à história nacional uma contribuição formidável, tão valiosa que, passados tantos anos, em muito pouco tem sido sobrepujada”<sup>806</sup>. Em relação a Rocha Pombo, tece considerações ambíguas. Por um lado, realça a trajetória do intelectual paranaense como “o exemplo de um indefeso trabalhador, em atividade intelectual constante, que foi toda a sua existência”, onde destaca que a imensa contribuição que deixou para as letras nacionais teria sido uma das maiores, versando sobre diferentes gêneros. Os elogios e o reconhecimento da luta do intelectual paranaense para se firmar e sobreviver no Rio de Janeiro também foram acentuados de forma positiva:

Aqui Rocha Pombo lutou como um bravo, com a fortaleza de ânimo, com o estoicismo de que seus íntimos dão testemunho; suas horas de aula multiplicavam-se, sua colaboração nos jornais era das mais assíduas, seus livros se acumulavam

<sup>803</sup> CALMON, Pedro. “Rocha Pombo de volta”. *Jornal do Comércio*. 9/06/1980, p. 8.

<sup>804</sup> GONTIJO, Rebeca. “Capistrano de Abreu, viajante”. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2010, vol.30, n.59, pp. 15-36.

<sup>805</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>806</sup> Discurso de posse do Sr. Dr. Rodolfo Garcia, Academia Brasileira de Letras, 1935. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8478&sid=350> [Consulta realizada em 10 de janeiro de 2012].

com sucesso: tornou-se conhecido, foi autor citadíssimo. Entretanto, à justa fama adquirida, a verdade desoladora é que não correspondeu o necessário proveito. Viveu sempre pobre, sem poder passar do subúrbio para a cidade<sup>807</sup>.

Por outro lado, especialmente em relação à obra *História do Brasil*, a crítica foi sutil e ácida, na afirmação de que “Rocha Pombo fez o que foi possível fazer”, ou seja, um trabalho com ressalvas, pois: “por impossibilidade de recorrer aos arquivos da Europa, e por escassez de tempo confessada para frequentar os arquivos nacionais, ficou reduzido na elaboração de sua *História do Brasil* à contingência de aproveitar o que outros prepararam, conforme honestamente declarou”<sup>808</sup>.

Assim, Rodolfo Garcia condenou o trabalho histórico de Rocha Pombo pela falta de documentos, considerada por ele e outros contemporâneos, vital para a escrita da História. Todavia, finaliza o discurso enfatizando a necessidade de se reconhecer o que considerava um extraordinário mérito da obra do intelectual paranaense, uma vez que “se conferirdes a estatística das bibliotecas, verificareis que sua *História do Brasil* é, nessa classe, o livro mais consultado, o mais lido de todos, o que significa popularidade e vale pela mais legítima das consagrações”<sup>809</sup>.

Outro nome de peso no campo que rivalizava com Rocha Pombo foi João Ribeiro,<sup>810</sup> que escreveu uma apreciação bastante crítica em relação aos 10 volumes do livro *História do Brasil* do historiador paranaense, considerando a obra como um todo muito prolixa, extensa, densa e que provavelmente nunca seria lida, pois tratava-se de algo “ilegível,” “o mais pesado, volumoso e todavia o mais estéril” dos livros escritos sobre a história do Brasil.

Além de condenar a obra, João Ribeiro condenava também o autor, duvidando que este no presente ou mesmo no futuro conquistasse “um lugar conspícuo entre os nossos historiadores”, pois lhe faltaria, sobretudo, “o senso crítico fora dos caminhos batidos pelos

---

<sup>807</sup> *Idem.*

<sup>808</sup> *Idem.*

<sup>809</sup> Discurso de posse do Sr. Dr. Rodolfo Garcia. *Op. Cit.*,

<sup>810</sup> João Baptista Ribeiro de Andrade Fernandes nasceu em Laranjeiras, estado de Sergipe no ano de 1860. Aos 21 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se tornou Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1894. Atuou como jornalista, escrevendo muitos artigos críticos para a imprensa, tendo sido também editor do almanaque Garnier e crítico no jornal *O Imparcial*. Foi professor em escolas particulares, públicas e catedrático do Ginásio Nacional (Colégio Pedro II) nas cadeiras de História Civilização e do Brasil. Escreveu aproximadamente 15 títulos de obras didáticos História e Gramática, com destaque para *Historia do Brasil*. Curso Superior. Adotado no Ginásio Nacional, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1900. Para maiores aprofundamentos a respeito de João Ribeiro, ver: HANSEN, Patrícia Santos. *Feições e Fisionomia. A História do Brasil de João Ribeiro*. Rio de Janeiro, Access, 2000.

historiógrafos”. João Ribeiro concluiu a crítica defendendo que o melhor adjetivo que caberia ao historiador paranaense seria “chamá-lo de operoso”<sup>811</sup>.

Se por um lado, as apreciações negativas a um autor e sua obra podem ser interpretadas como inerentes ao campo intelectual, repleto de fissuras e grupos em disputa, por outro lado, a crítica positiva e enaltecida pode ser pensada como a outra face da mesma moeda neste jogo<sup>812</sup>. Assim, é possível pensar relações entre as categorias sociabilidade e geração, que se complementam e possuem dimensões marcadas tanto pela afetividade, como pela competição, onde “falar de gerações é falar não só de relações entre pares, como de relações de filiação e negação entre experiências geracionais” em que o “sentimento de integrar um grupo, de compartilhar realizações e valores, não tem contudo, existência autônoma”<sup>813</sup>.

Em relação a Rocha Pombo, nota-se o pertencimento do autor a uma rede de apoio, onde se incluem nomes como Benjamin de Águila, Manuel Bonfim, Romario Martins, muitos dos quais, teceram críticas favoráveis ao trabalho de Rocha Pombo:

Imprime-se na Europa o último volume da História do Brasil, de Rocha Pombo, (...) fascículo por fascículo, ou tomo por tomo, vem-se publicando aquele livro, de organização e de escrita tão penosas. Tem-se feito em torno dele quase que perfeito silêncio. Dir-se-ia, por pouco, toda gente espera vê-lo completo nas estantes para começar a folheá-lo. Quase que se não compreenderá como tenha sido possível ao valoroso paranaense terminar o seu empreendimento hercúleo no meio de tamanha indiferença, a menos que, contrariando a atitude geral, se compulsem os seus nove volumes que já se encontram editados<sup>814</sup>.

Outro aspecto bastante presente na trajetória de Rocha Pombo foi o alcance das obras do autor junto a um público não especializado, além do sucesso editorial de suas obras, sobretudo após 1917, em que muitos dos livros do autor obtiveram inúmeras reedições.

Nesse sentido, nota-se que Rocha Pombo transitava em diferentes meios e círculos, almejando ser reconhecido tanto “pelos homens simples do povo”, como entre os pares do mundo das letras, ou seja, seus livros poderiam circular do grande público não especializado em história, aos pares do meio intelectual. Paradoxalmente, esse movimento de apelo a um

---

<sup>811</sup> RIBEIRO, João. *Crítica: Historiadores*. 1961, p. 32.

<sup>812</sup> Para Bourdieu, os concorrentes do campo são ao mesmo tempo, os seus próprios clientes, uma vez que “num campo científico fortemente autônomo, um produtor particular só pode esperar o reconhecimento do valor de seus produtos (reputação, prestígio, autoridade, competência, etc), dos outros produtores, que sendo também seus concorrentes, são os menos inclinados a reconhecê-lo sem discussão ou exame.” (BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, 1983, p.126).

<sup>813</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.*, p. 40.

<sup>814</sup> VÍTOR, Nestor. *Obra Crítica*, vol. I, p. 246. Apud: SANTOS, Ivan Norberto. *Op. Cit.*, 2009, p. 152.

público mais amplo, pode ter atraído, em muita medida, certo “descrédito sobre si”<sup>815</sup>, o que ajuda a compreender o esquecimento por parte de alguns críticos, ao longo dos anos que seguiram a morte do intelectual.

#### 4.8 Do sul ao norte: uma vida para as letras e para o magistério

O esforço empreendido na viagem ao norte do Brasil, de certa forma, traduz esse movimento em busca de legitimação. A repercussão de eleição para a Cadeira 39 da Academia Brasileira de Letras, no ano de 1933, trouxe à cena novamente, os “feitos” do historiador paranaense, lembrado em homenagens diversas sobretudo como professor e o “autor da História do Brasil”.



Figura 27. Recorte da Revista *Fon Fon*, Rio de Janeiro, 29 de abril de 1933.

Todavia, a notícia da posse para a Academia Brasileira de Letras foi bruscamente ofuscada pela morte de Rocha Pombo, no dia 26 de junho de 1933, o que foi vastamente noticiado em periódicos de diferentes estados do país<sup>816</sup>. Mas, qual o significado dessa grande repercussão? Tido por muitos como um historiador menor, por que a morte de Rocha Pombo foi noticiada em jornais dos diferentes estados brasileiros, para além do Rio de Janeiro e do Paraná, estados onde nasceu e morreu?

<sup>815</sup> Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, aquele que tenta fugir da configuração “concorrentes/clientes” procurando apelos “exteriores” ao campo, “só pode atrair sobre si o descrédito”. (BOURDIEU, *Op. Cit.*, 1983, p. 126 ).

<sup>816</sup> Ver anexo V a respeito da repercussão da morte de Rocha Pombo nos jornais.



A existência de uma coleção de recortes de jornais<sup>817</sup> no Arquivo Rocha Pombo, na Academia Brasileira de Letras, pode ser interpretada como um indício da projeção e legitimação conquistadas por ele<sup>818</sup>. De norte a sul do país, em jornais escritos por diferentes sujeitos, dentre os quais escritores, políticos, professores, foram selecionados diferentes aspectos da vida do intelectual paranaense.



Figura 28: Recortes de jornal Arquivo Rocha Pombo, ABL.

<sup>817</sup> Em se tratando de uma coleção de recortes de jornais, deve ser considerada nas análises, a intencionalidade de se demarcar a notoriedade e feitos do sujeito em questão. Trata-se de uma seleção dos aspectos mais interessantes do sujeito. No caso, por se tratar de um intelectual que se tornou membro da ABL, nota-se a preocupação em construir uma memória positiva e grandiosa do mesmo. Por sua vez, ao analisar recortes, elementos como o lugar da matéria no jornal em relação a outros assuntos, torna-se inviável.

<sup>818</sup> No âmbito dos rituais de celebração e da evocação dos acadêmicos mortos, a Academia Brasileira de Letras, a exemplo de outras, dispunha de inúmeras práticas, onde ao longo dos anos, “foram confeccionados bustos, encomendadas fotografias, arquivados bens pessoais dos sócios já falecidos e organizadas sessões solenes com o objetivo de evocar a imortalidade de seus integrantes e garantir seu papel fundamental no cultivo das letras”. (EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1879-1924)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 92).

Definidas como “lista de mortos; notícia em jornal, sobre pessoas falecidas; elogio a pessoas falecidas”<sup>819</sup> as necrologias ressaltam os aspectos tidos como mais notáveis e dignos de serem lembrados sobre a vida de uma pessoa, pois, “expressam representações sobre aquele que faleceu e são imbuídos de uma carga emotiva (...). Em sua maioria são discursos em louvor, laudatórios, encomiásticos”<sup>820</sup>.

Em tom de homenagem e com forte carga de adjetivação, as necrologias de Rocha Pombo enfatizavam a dedicação à educação e à escrita, ressaltando a vida quase “beneditina” de um sujeito que, “de modesto professor de uma província do sul do país chegou a brilhar na metrópole como uma das maiores expressões de cultura”<sup>821</sup>, consagrou-se como “o autor da *História do Brasil*”.

As notícias da morte ajudam a construir memórias, onde a escrita é interpretada enquanto palco onde ocorrem encenações dos múltiplos papéis sociais e das temporalidades, mesmo que esta não seja a intenção do sujeito em sua narrativa linear e coerente sobre o outro:

O falecimento apaga a vida e, por meio da pluralidade de documentos produzidos após a morte é possível preservar a memória daquele que se foi, conservar sua imagem e fazer com que os vivos expressem opiniões sobre quem partiu. As que são anunciadas, publicadas em jornais, tornadas públicas, em sua maioria, preservam aspectos positivos<sup>822</sup>.

Em tais relatos, há um movimento de seleção de certos acontecimentos significativos, na busca por estabelecer conexões e coerência na vida reconstruída, conforme proposto por Pierre Bourdieu a respeito da ideia de ilusão biográfica<sup>823</sup>.

Interpreto as escritas sobre a morte como um espaço biográfico, conforme salientado por Leonor Arfuch que propõe um alargamento destes espaços narrativos do eu, para além das biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências, sugerindo, para pensar a inclusão de outras formas para este espaço, como as entrevistas, conversas, perfis, retratos, anedotários, testemunhos, histórias de vida, dentre outros, em que “o biográfico se define justamente como um espaço intermediário, às vezes como mediação entre público e privado; outras, como indecibilidade”<sup>824</sup>.

<sup>819</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 482.

<sup>820</sup> CRUZ, Larissa Frossard. *Mosaico de uma vida: estratégias de preservação da memória no arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada*. Rio de Janeiro, UERJ, Dissertação (Mestrado em Educação), 2006, p. 123.

<sup>821</sup> *Jornal Pequeno*, Recife, 28/06/1933.

<sup>822</sup> CRUZ, Larissa Frossard. *Op. Cit.*, p. 123.

<sup>823</sup> BOURDIEU, P. *Op. Cit.*, 1996.

<sup>824</sup> ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2010, p. 28.

Por fim, ao se interrogar as necrologias sobre um mesmo sujeito, notei diferentes nuances e memórias construídas a respeito da biografado, nas múltiplas construções e recriações dos tempos vividos. Para alguns, Rocha Pombo destacou-se pelo esforço para vencer na vida, tendo ido para muito além da vila de Morretes:

Fez na sua terra natal, pouco mais que os estudos primários, pois não havia ali estabelecimentos de curso secundário. Pobre, de Morretes só pode sair já homem feito, vendo-se, por isso, obrigado a fazer-se um autodidata, mas com a naturalidade de uma verdadeira inclinação. Demonstrando, desde cedo seu pendor pelas letras, fundou na sua pequenina cidade, uma olha hebdomadaria, a primeira que ali aparecia e que ele chamou *O Povo*, visando a propaganda dos ideais republicanos. (...) Foi Rocha Pombo para o Rio de Janeiro em 1897, onde até sua morte trabalhou no magistério superior e, intermitentemente, na imprensa diária. Sempre dedicado às letras, revelou, na capital do país, a principal faceta de seu espírito: a de historiador<sup>825</sup>.

Para outros, era lembrado por suas obras e seu trabalho como professor e autor de livros: “Rocha Pombo, professor de grande capacidade, lecionando em diversos estabelecimentos de ensino, simultaneamente, tinha tempo ainda para escrever obras de ficção, ensaios de crítica e compêndios para colégios”<sup>826</sup>. Ou ainda, um consagrado mestre de história:

O escritor Rocha Pombo era um dos mais consagrados mestres de história no país, deixando várias produções históricas e uma grande edição da História do Brasil, tem 10 volumes. O falecimento do ilustre brasileiro foi profundamente sentido nos círculos intelectuais e educativos desta capital<sup>827</sup>.

Já os amigos ressaltavam aspectos da personalidade e do temperamento do intelectual:

Poucos homens, no mundo, tiveram como ele, uma alma tão doce, uma sorte tão áspera e uma existência tão difícil. Mas, como ele, poucos conservaram até a morte tanta beleza de coração, tanta serenidade no sofrimento e tanta resignação em carregar o fardo da vida (...) Não conheci no mundo criatura mais ingênua. Tinha-se a impressão, às vezes, de que Rocha Pombo era a maior criança do mundo. Ele, que sempre viveu nas mais alucinantes dificuldades de dinheiro, nunca soube o valor do dinheiro<sup>828</sup>.

Há ainda, os que destacam os feitos e projeção conquistados pelo paranaense de Morretes, tanto em âmbito nacional como internacionalmente: “Rocha Pombo foi produto do seu próprio esforço, criando um nome que transpôs as fronteiras pátrias e era conhecido e admirado no estrangeiro, pela sua formosa inteligência e grande talento”<sup>829</sup>.

Apesar da grande ênfase na dimensão pública da vida do intelectual, algumas necrologias enfatizavam aspectos da vida pessoal do paranaense, que já no final da vida vivia

<sup>825</sup> *Folha da Manhã*, São Paulo, 27/06/1933.

<sup>826</sup> “Rocha Pombo. A morte do notável historiador”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27/06/1933.

<sup>827</sup> *Diário da Tarde*, Ilhéus, Bahia, 28/06/1933.

<sup>828</sup> CORREA, Viriato. “Rocha Pombo”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28/06/1933.

<sup>829</sup> *Vanguarda*, Rio de Janeiro, 27/06/1933.

muito triste, pois: “Desde que morreu a companheira fiel e amiga, em janeiro último, que Rocha Pombo submergiu numa imensa tristeza. Enfermo, seus padecimentos se agravavam pela saudade da esposa e, o seu amoroso coração deixou também de pulsar”<sup>830</sup>. O jornal *A Noite* foi um dos que destacou outros aspectos da vida pessoal de Rocha Pombo:

Rocha Pombo era filho de Manoel Francisco Pombo, natural de Cascais e de D. Angélica Pires da Rocha Pombo. Foi casado com a Exma. Sra. D. Carmelita Rocha Pombo, recentemente falecida, e deixou os seguintes filhos: Julia da Rocha Bond, casada com o Sr. Aristoteles Bond; Regina da Rocha Pombo, viúva, e Victor da Rocha Pombo. Era genro do poeta Pereira da Silva. O ilustre historiador foi vitimado, segundo o diagnóstico médico, por ‘arterio sclerose e asystolia’. (...) Rocha Pombo foi um amigo d’ *A Noite*, a que estava ligado o seu nome, pois pertenceu ao nosso corpo redatorial, um de seus descendentes: Rocha Pombo Filho, excelente companheiro e jornalista brilhantíssimo, cujas reportagens vibrantes tiveram grande repercussão (...) <sup>831</sup>.

Neste mergulho nas escritas sobre a morte de Rocha Pombo, percebi a construção de diferentes memórias sobre intelectual, em movimentos que evidenciaram diferentes aspectos da vida pública do sujeito, e ainda, com menos ênfase, certos aspectos da vida pessoal do paranaense. Nestas tantas exaltações sobre a vida a partir da morte, notei um silêncio: não se fez menção aos tempos vividos por Rocha Pombo na viagem que realizou nos idos de 1917 aos estados do norte. Nas seleções operadas para se recontar e recriar a vida do intelectual ignorou-se uma experiência tão significativa na vida de uma pessoa, conforme alerta Ângela de Castro Gomes, para a qual, fases específicas da vida “como viagens, estadas de estudo e trabalho, experiências de confrontos militares, prisão”<sup>832</sup> podem ser percebidas como períodos excepcionais em uma existência. Tempos esses que próprio sujeito tentou demarcar como sendo um divisor de águas, pois nas andanças pelo Brasil afora, buscou eternizar sua marca no mundo das letras.

Para muitos, ao dedicar toda uma vida à escrita e ao magistério, Rocha Pombo não teria tido tempo de enriquecer. Viúvo, morreu pobre entre seus livros, em sua modesta residência à Rua Joaquim da Távora, nº. 39, no Engenho Novo.

<sup>830</sup> “Rocha Pombo”. *Correio Marítimo*, Rio de Janeiro, 1/07/1933.

<sup>831</sup> “Uma luminosa figura intelectual que desaparece”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 27/06/1933.

<sup>832</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Op. Cit.* p. 18.

## 5 SOBRE A DESPEDIDA: ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

O historiador

Veio para ressuscitar o tempo  
 e escarpelar os mortos,  
 as condecorações, as liturgias, as espadas,  
 o espectro das fazendas submergidas,  
 o muro de pedra entre membros da família,  
 o ardido queixume das solteironas,  
 os negócios de trapaça, as ilusões jamais confirmadas  
 nem desfeitas.  
 Veio para contar  
 o que não faz jus a ser glorificado  
 e se deposita, grânulo,  
 no poço vazio da memória.  
 É importuno,  
 sabe-se importuno e insiste,  
 rancoroso, fiel.

(*Carlos Drummond de Andrade*)

Ao acompanhar as pegadas deixadas por Rocha Pombo, afirmo que ele buscou construir uma memória de si enquanto um destemido andarilho. Após 40 anos vividos na terra natal, rumou para um outro estado, onde na capital do país, recebeu apoios, fez amigos, escreveu, lecionou. Neste novo pouso, redefiniu os rumos da própria vida. Encantado pela palavra, aventurou-se na escrita de histórias: da América, do Brasil, do Paraná. Procurou narrar a História do Brasil para diferentes públicos, com especial atenção “às crianças e homens simples do povo”, por acreditar que esses seriam os pilares fundamentais na construção de uma nação republicana que se pretendia grande.

Em *Uma viagem sentimental*, Afrânio Peixoto afirma que “viajar é aumentar o tempo com o espaço.... É viver mais. Conhecendo, comparando, julgando, variando, realizando o milagre da ubiquidade”<sup>833</sup>. Após longa jornada de convívio, concluo que Rocha Pombo

---

<sup>833</sup> PEIXOTO, Júlio Afrânio. *Viagem sentimental. Kodaks e postais*. Volume XVI. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: Jackson Inc Editores, 1947, p. 5.

experimentou um momento excepcional em sua existência ao viajar, ampliando seu tempo/espço na busca por novos horizontes dentro do próprio país.

Contra silêncios e críticas, marchou para o norte. Mas não viajou só. Carregou consigo a própria terra da qual partira, a qual sempre utilizava como parâmetro para comparar com as novas paisagens e climas observados e descritos em sua escrita de viagem. O Rio de Janeiro, sua morada desde 1897, estava todo o tempo presente, como modelo para serem destacados aspectos negativos e/ou positivos do observado. A travessia foi compreendida por mim como uma prática de aprendizagens sobre o outro e de si mesmo. Posto que a travessia é, também, “ilusão de fuga”, ao viajar, “ninguém foge de si”, uma vez que “o mundo novo se povoa de velhas relações, e na novidade,”<sup>834</sup> se encontram velhos amigos.

No auge de seus 60 anos, muitas foram motivações para viajar aos estados do norte, numa aspiração antiga, que segundo o próprio autor, vinha dos tempos em que se dedicara à escrita da *História do Brasil* (1905-1917). Para além de um projeto ou uma iniciativa individual, a viagem foi fruto de conflitos, associações, acordos, interesses, em que, Rocha Pombo tentava imprimir em sua narrativa de viagem somente a lógica do sacrifício e da motivação pessoal para conhecer e escrever um Brasil maior, real, verdadeiro.

Almejava reverter a situação de dificuldade que a edição da *História do Brasil, ilustrada* causara a ele e ao editor em termos de crítica e público, buscando ampliar as fronteiras e os contatos em relação às suas recém-lançadas obras junto a Weiszflog Irmãos, e em busca, principalmente, de aceitação entre o público “popular” e também, entre os pares, nos círculos de “homens de letras” de norte a sul do país, na luta pela consagração e legitimação no sentido amplo. A necessidade de aprofundar a pesquisa em arquivos também motivou a excursão de Rocha Pombo, no sentido de incrementar a escrita da próxima *História do Brasil*, edição comemorativa do centenário da independência. Por sua vez, a partir da correspondência prévia com os sócios dos Institutos Históricos, é possível aferir que a viagem de Rocha Pombo teve como uma das motivações, a consolidação e afirmação do projeto republicano dos Institutos Históricos nos estados visitados.

O viajante do sul conheceu outras paisagens. Superou medos e angústias. Enfrentou a saudade da família. Ampliou redes. Tornou-se conhecido. Divulgou seus livros. Recebeu convites para escrever outros. Redescobriu-se aos 60 anos, quando muitos pensavam em se aposentar. Da viagem inspirou-se para outras escritas da História: Universal, da América, do Brasil, de São Paulo, do Rio Grande do Norte. Não mais um aventureiro! Escrevia agora com

---

<sup>834</sup> *Ibidem*, p. 357.

a autoridade da experiência que a travessia lhe proporcionara, em tempos nos quais, saboreou arquivos, onde “felizmente não se esgota nem seus mistérios nem sua profundidade”<sup>835</sup>. Consultou livros, ouviu as gentes e histórias pelo Brasil afora. Reuniu “provas” para a composição de seus livros, alguns dos quais, repletos de imagens, documentos, mapas.

Na peregrinação por documentos, demonstrou sedução pela pesquisa e inquietante curiosidade. Neste movimento de buscas, foi assessorado por outros pesquisadores e mediadores dos locais visitados, tendo nos Institutos Históricos dos estados, o abre-alas para muitas recepções e debates sobre temas relacionados à História do Brasil. E tudo isso foi registrado por escrito em suas notas de viagem, que também podem ser pensadas enquanto uma memória. Ali, o autor demarcou apenas seus feitos mais notáveis, com uma falsa modéstia bastante peculiar. Apenas trazia a público o que considerava glorioso em sua personalidade. As imperfeições certamente foram omitidas. A ênfase em mostrar que era também um pesquisador pode ter sido uma resposta às críticas de que seria apenas um compilador das ideias de outros.

Todos esses aspectos fortaleceram o argumento que tece a favor de que o viajar, na experiência de Rocha Pombo, foi uma estratégia de legitimação deste sujeito no campo intelectual. Tal campo, por ser tenso e minado, exigia a constante negociação e mesmo, aceitação dos pares. O movimentar-se em diferentes círculos e frentes de atuação, era uma das exigências para a sobrevivência. Defendo que Rocha Pombo era um intelectual não por ser um erudito ou homem de letras, e sim, pelas características apreendidas ao longo de sua trajetória: professor, jornalista, editor, deputado, historiador, poeta, contista, viajante, que engajado nas questões do seu tempo, participava e mediava os debates, propondo projetos, sendo um “produtor de bens simbólicos” que envolvido na arena política, criava visões de mundo e interpretações sobre o Brasil.

Assim, o trânsito por diferentes estados foi interpretado como uma ação reveladora de redes de sociabilidade, apoio, prestígio, na busca de projeção, visibilidade e distinção frente aos concorrentes do campo. Investigando os amigos, pude compreender melhor alguns não ditos na trajetória do intelectual/viajante que permaneceriam em silêncio caso fosse analisada apenas o viés da escrita do mesmo. Nomes como Leôncio Correa, Nestor Vítor, David Carneiro, Agrippino Grieco, Manuel Bonfim, Benjamin de Águila, Carlos Maul, Guttman Bicho, são alguns dos que me “contaram” aspectos importantes a respeito da personalidade e das estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual. Ademais, tais parceiros

---

<sup>835</sup> FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 12.

e amigos compuserem a rede de apoio e sociabilidade do autor, sendo cruciais para muitos dos êxitos obtidos pelo intelectual.

A viagem não foi uma comissão oficial financiada pelo governo, a exemplo de muitas missões de estudo e formação. Realizou-se devido à convergência de muitos interesses, dentre eles, os das próprias editoras através das quais Rocha Pombo publicou seus livros, como também, o apoio recebido por alguns governadores dos estados visitados que, muitas vezes, custeavam a hospedagem do viajante, além da mobilização dos membros dos Institutos Históricos locais no sentido de auxiliar nas visitas às instituições, dentre outros aspectos. Penso que a preocupação em publicar os escritos de viagem, mesmo que sob a encomenda do governo do estado do Pará, remeteu à compreensão da dimensão política deste tipo de escrita, evidenciando a preocupação com intervenções no presente, no sentido de mantê-lo, modificá-lo ou reformá-lo.

As marcas que Rocha Pombo imprimiu em alguns de seus escritos publicizados demonstravam a constante preocupação de como gostaria de ser visto, pois se descrevia como um homem “simples, modesto”, envolvido nas causas do povo pelo uso da palavra e pelo exercício do magistério. Estas eram as missões que dizia defender enquanto intelectual “engajado” e comprometido com a mudança social. Ao mesmo tempo em que procurava construir uma imagem de si como homem abnegado e pobre, de família numerosa, que desde os dezessete anos lutava para sobreviver no ensino de primeiras letras, buscava o apoio de pessoas influentes e circulava em diferentes instituições de prestígio, como Escola Normal, os Institutos Históricos, as grandes editoras, a Academia Brasileira de Letras, de modo a afirmar-se como intelectual também a partir dos seus pertencimentos.

Todavia, a linguagem simples em alguns dos seus livros o aproximava do leitor comum, não especializado nas discussões dos círculos letrados. Seria esta uma contradição na trajetória deste intelectual? Penso que não. A ambição de Rocha Pombo parecia ser exatamente, falar para diferentes públicos, almejando legitimação tanto junto aos pares como junto ao público leitor/consumidor de seus livros. Ao rastrear as pegadas do viajante, passei a deixar também, rastros em meu percurso de pesquisa. Assim como a experiência de Rocha Pombo em suas andanças, me aguçou o interesse e a curiosidade de forma intensa e avassaladora, com isto empreendi viagens a alguns dos locais por ele visitados, no decorrer do meu doutorado, de maneira a buscar pela experiência similar uma aproximação com o intelectual e uma compreensão da importância do viajar para a realização de pesquisas e aquisição de novas aprendizagens.



Pude constatar, também, que muitos são os estudos sobre a temática, em diferentes áreas do conhecimento, onde têm sido explorados três aspectos principais: a viagem, o viajante e os registros produzidos, neles se tornou possível conceber significados plurais e múltiplos para o viajar, em diferentes temporalidades e espaços. Todavia, se muitos foram os viajantes que percorreram o Brasil, defendo que uma das singularidades da experiência de Rocha Pombo foi a motivação em relação à ampliação do mercado consumidor e leitor de suas obras, publicadas por diferentes editores dentre os quais destaco Benjamin de Águila, amigo pessoal do viajante, e a recém-criada Weiszflog Irmãos. A travessia de um autor, neste sentido, auxilia no entendimento das tensões e competições em torno do mercado editorial no período, com especial atenção ao público escolar, em expansão no país. Tais conclusões se relacionam, em muita medida, ao que já venho perseguindo em minha trajetória desde a dissertação de mestrado, onde relatei o florescimento do mercado editorial com a produção de livros didáticos, já em meados do século XIX. Ora, se o povo “não lia,” como explicar, então, a existência de autores como Rocha Pombo, com livros publicados em diferentes editoras, com muitas reedições em suas obras?

Desta maneira, uma das questões suscitadas ao término desta caminhada é se a exemplo de Rocha Pombo, outros autores do período se dedicaram às viagens pelo próprio país com o objetivo de verificar a circulação de seus livros, a recepção junto ao público e as possibilidades de ampliação e adoção de suas obras nos diferentes estados.

Acredito que a travessia realizada pelo paranaense de Morretes foi também, educativa, num sentido amplo. Se muitas vezes, nem todos aqueles que viajaram conseguiram modificar as visões de mundo que carregavam, reforçando os preconceitos e estereótipos trazidos na bagagem, o encontro com o norte do Brasil possibilitou diferentes aprendizagens para o viajante.

Mesmo sem ter necessitado estudar uma nova língua, aprendeu os códigos de cada lugar visitado, as linguagens, construiu uma outra visão do Brasil, diferente daquela fruto da leitura nos livros e das advertências que ouviu de amigos sobre o norte como “terra ignota”. Contrastando tal visão, a experiência do autor das notas de viagem permitiu vislumbrar a existência de diferentes experiências de instrução pelo país, para além da esfera da capital, tida como *locus* intelectual e vitrine do progresso e da modernidade. Foram problematizados os significados da atenção que o viajante conferiu em seu relato, aos materiais escolares, aos processos de ensino, aos espaços educativos, dentre outros aspectos.

Para compreender os significados da excursão aos estados do norte na trajetória de Rocha Pombo, foi importante também, o cruzamento de diferentes tipos de fontes, para além

do impresso *Notas de viagem. Norte do Brasil*, dentre as quais destaco cartas, bilhetes, telegramas, notícias de jornal, prefácios, livros, dicionários, etc. Tais documentos, muitas vezes escritos por diferentes sujeitos, ao mesmo tempo em que forneceram indícios para pensar a circulação de Rocha Pombo em diferentes instituições, ajudaram no entendimento das redes de sociabilidade tecidas pelo autor, que mesmo antes da travessia, contou com a ajuda dos amigos e conhecidos para estabelecer-se.

Por sua vez, os diferentes olhares sobre Rocha Pombo construíram diferentes memórias sobre o sujeito, que para muitos, era visto como “o maior historiador do Brasil”, ou ainda, “o autor da história do Brasil”. Para outros, “além de pobre, era suburbano”, tendo morrido na quase total miséria, tendo sido apenas, um “historiador de segunda”. Acompanhando as diferentes escritas de Rocha Pombo, em diferentes temporalidades, contextos e suportes, foi possível compreender mudanças, contradições e permanências nas perspectivas do sujeito a respeito de temáticas como instrução popular, educação, história; preocupações estas de certa forma recorrentes nas defesas em projetos do intelectual ao longo de toda sua trajetória.

Ao analisar os impactos da viagem na trajetória deste autor, foi possível elucidar os movimentos da operação escriturária e historiográfica empreendidos por ele, o que permitiu uma compreensão das próprias questões e debates do tempo em que viveu, bem como, do campo da história, que se especializava cada vez mais neste contexto, indiciando, inclusive, a existência de um competitivo mercado de livros de história, para diferentes públicos, gostos e suportes. Acredito que a viagem realizada em 1917 modificou a maneira como o intelectual paranaense passou a escrever livros de história, sobretudo no que tange ao lugar dos estados do tão falado norte do Brasil, bem como, no investimento conferido aos livros de história “regional”, o que advém da aquisição do capital simbólico e cultural fundamentais para a escrita.

Por todos os aspectos desenvolvidos ao longo do presente estudo, acredito que a viagem empreendida por Rocha Pombo representou um momento excepcional na vida e na trajetória profissional deste sujeito, repercutindo em sua escrita da História, pois passou a dar mais atenção aos estados visitados em seus trabalhos posteriores. Busquei, com isto, estudar a experiência de Rocha Pombo com o intuito de contribuir com os debates acerca da importância das viagens no âmbito da pesquisa e da investigação histórica, levando-me a interrogar, inclusive, se outros historiadores, a exemplo do paranaense de Morretes, cruzaram pontes na interlocução possibilitada entre as escritas de viagem e as escritas da História. A resposta para esta indagação é positiva. Nomes como Eduardo Prado, Alfredo Ferreira de

Carvalho, João Ribeiro, Afrânio Peixoto, Sílvio Romero, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, Hélio Viana, Pedro Calmon, foram alguns dos nomes que mapeados que se dedicaram à escrita da história e realizaram viagens para o exterior. Dentre aqueles que, a exemplo de Rocha Pombo, viajaram pelos estados do Brasil e escreveram sobre a História do Brasil, destaco a experiência de Joaquim Osório Duque Estrada, que em 1909 publicou o livro *Norte do Brasil: impressões de viagem*<sup>836</sup> ou ainda, Julia Lopes de Almeida, autora que em 1918 viajou pelo Brasil e escreveu o livro *Jornadas no meu país*<sup>837</sup>, e também Luís Câmara Cascudo, que em 1929 iniciava suas andanças pelo sertão do Brasil<sup>838</sup>. Tais experiências aguçaram meu interesse para outras viagens e investigações no futuro, tendo como foco as relações entre viagens e escritas da história, como um desdobramento do presente estudo.

Se por um lado, há aproximações possíveis em meio a tantas viagens e tantas escritas da História, quais as especificidades do caso Rocha Pombo?

Penso que a análise da viagem em Rocha Pombo o circunscreveu em um movimento coletivo de diferentes sujeitos e debates acerca da necessidade de projetos de educação para o “povo”, na constituição de um país que se pretendia grande e coeso, o que se daria, sobretudo, pelo conhecimento da história pátria e do cultivo do sentimento de nação:

Dizendo o que é o norte, mostro como as populações do sul só precisam de saber e sentir que há na mais vasta porção do país tantos milhões de irmãos com o mesmo espírito, com o mesmo sentimento, vivendo das mesmas aspirações, do mesmo amor à pátria, do mesmo culto da história – irmãos, portanto, do mesmo grande lar sagrado, onde é necessário que todos convivamos<sup>839</sup>.

Assim, concluo que a travessia aos estados do norte do Brasil foi decisiva para a conquista da legitimação de Rocha Pombo enquanto autor de livros de História. Se para muitos, viajar para o exterior possibilitava o acesso às fontes e a arquivos tidos como essenciais para a escrita da História do Brasil, o deslocamento do intelectual morretense o projetou nos onze estados visitados, estabelecendo contatos fundamentais para sua escrita de viagem, com os convites para escrever as *Notas de viagem. Norte do Brasil*, bem como, a *História do estado do Rio Grande do Norte*, o que só foi possível graças aos materiais coletados nos cinco meses de andanças pelo Brasil. Além das pesquisas em arquivos, o próprio Rocha Pombo ressalta que as pessoas com as quais se relacionou foram fundamentais, pois através do exercício da escuta do outro, pôde ampliar o conhecimento sobre as coisas do Brasil, e que tais conhecimentos não poderiam ser lidos em “documentos”, pois: “o que

<sup>836</sup> DUQUE-ESTRADA, Joaquim Osório. *Norte do Brasil: impressões de viagem*. Porto: Livraria Chardron, 1909.

<sup>837</sup> ALMEIDA, Julia Lopes de. *Jornadas no meu país*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

<sup>838</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Viajando o sertão*. Natal: Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, 1934.

<sup>839</sup> POMBO, José Francisco da. *Op. Cit.*, 1918 a, p. 17.

trouxe dos arquivos e bibliotecas, por mais que me surpreendesse a abundância da messe recolhida, não me é mais precioso do que tudo o que diretamente pude apanhar vendo a terra e sentindo a gente”<sup>840</sup>. Para o intelectual, o exercício feito por ele surpreenderia alguns dos expoentes da historiografia do século XIX, como Henry Thomas Buckle<sup>841</sup>:

Olhando por cima aquelas vitórias do esforço humano em contraste com os esplendores da terra, muito me lembrei do grande Buckle. Que sentiria o sábio historiador inglês se pudesse ver ali, como eu vejo, infirmada a sua ciência; se tivesse de reconhecer que por ali, o homem já enfrentou a natureza americana no que ela tem de mais pujante e formidável!<sup>842</sup>.

Por sua vez, o trânsito pelos estados do norte possibilitou a adoção dos livros de Rocha Pombo em diferentes estados, como ocorreu com *Nossa Pátria*, “aprovado oficialmente nos Estados de São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Maranhão e adotada no ensino desses Estados e dos de Paraná, Bahia e Rio Grande do Norte”<sup>843</sup>. Outro aspecto a ser ressaltado foi a longa duração de muitas das obras de Rocha Pombo, muitas das quais reeditadas até a década de 2000<sup>844</sup>. Merece destaque também, a escrita de artigos e dois livros em edições comemorativas no centenário da Independência, e as apresentações, por meio de prefácios, de autores como Viriato Correa e Câmara Cascudo, o que também evidencia a legitimação conquistada pelo intelectual paranaense para falar de outros autores e sobre as “coisas do norte”. A repercussão da presença de Rocha Pombo na imprensa periódica dos estados visitados também reforça o argumento da projeção do intelectual, bem como, as notícias sobre a morte do mesmo, que ganharam as páginas de jornal, de norte a sul do país.

Por fim, em relação ao título “Escritas de viagens, escritas da História”, penso que se por um lado, as escritas de viajantes já vêm sendo exploradas como fonte e objeto há tempos pela historiografia, por outro lado, acredito que a problematização da viagem na experiência de um intelectual como Rocha Pombo tenha permitido analisar os sentidos do ofício historiador e das lutas pela profissionalização desta categoria. A viagem, aqui, é pensada como prática importante no fazer-se historiador. Os dilemas e tensões deste campo minado tornaram-se ainda mais evidentes ao se explorar a trajetória deste sujeito, que não era uma

<sup>840</sup> POMBO, Rocha. *Op. Cit.* 1918 a, p. 197.

<sup>841</sup> Henry Thomas Buckle (1821-1862) foi um historiador inglês, autor do livro *A História da Civilização na Inglaterra*, defensor da ideia de que o confronto do homem com o meio físico é fundamental para o rumo de algumas civilizações em direção ao progresso e à ciência. Cf: BARROS, José D’Assunção. “Considerações sobre o paradigma positivista em História”. *Revista Historiar* -Universidade Estadual Vale do Aracajú – v.4. n. 4 (jan./jun. 2011).

<sup>842</sup> *Ibidem*, p. 268.

<sup>843</sup> POMBO, José Francisco da Rocha. *Op. Cit.*, 1917. (Edição de 1921).

<sup>844</sup> O livro *Os holandeses no Brasil: mitos e verdades* foi editado em 2003, pela editora Vicentina, e corresponde aos capítulos XII, XIII, XIV, XV e XVII da *História do Brasil*, de Rocha Pombo.

ilha. Assim, chego a meu derradeiro destino nesta jornada. É hora da despedida. Acredito que todo ponto final representa também, o início de uma nova travessia. Tenho no horizonte, em futuras investigações, um painel de muitas outras viagens a percorrer. A história continua.

## REFERÊNCIAS

### Obras de referência:

*Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros*. Rio de Janeiro, IHGB, 1991, Vol. III.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. 12 ed. Brasília: UnB, 2002. v. 2

CAVALCANTI, Carlos (org.) *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos*. Brasília: Instituto Nacional do Livro MEC, 1973.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.

GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Biobibliográfico Sergipano*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário Crítico de Pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. ArtLivre, 1988.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

### Correspondências:

Carta de Rocha Pombo a Rui Barbosa, 07-01-1898. Arquivo pessoal, Correspondências usuais; Cartas e cartões a Rui Barbosa, Fundação Casa de Rui Barbosa.

Carta de Rocha Pombo a José Carlos Rodrigues. Rio de Janeiro, 08/11/1899. Manuscritos, Fundação Biblioteca Nacional.

POMBO, José Francisco da Rocha. Cartas a Rui Barbosa. 07-01-1898; 05-9-1898. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

Carta de Leôncio Correa a Rui Barbosa. Rio, 26-09-1898. Arquivo pessoal, Correspondências usuais; Cartas e cartões a Rui Barbosa, Fundação Casa de Rui Barbosa.

Carta de Adherbal de Carvalho a Rui Barbosa, 1913. Arquivo pessoal, Correspondências usuais; Cartas e cartões a Rui Barbosa, Fundação Casa de Rui Barbosa.

Carta de Benjamin de Águila a Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 18/07/1914. Arquivo pessoal, Correspondências usuais; Cartas e cartões a Rui Barbosa, Fundação Casa de Rui Barbosa.

Carta de Benjamin de Águila a Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 12/08/1916. Arquivo pessoal, Correspondências usuais; Cartas e cartões a Rui Barbosa, Fundação Casa de Rui Barbosa.

Carta de Rocha Pombo a General Ivo do Prado, datada de 20 de junho de 1920. Acervo IHGSE.

Telegrama de Rocha Pombo e Guttman Bicho enviado a Costa Filho, Maceió, 6 de setembro de 1917. Acervo IHGSE.

### **Documentos oficiais, legislação, outros:**

Livro das designações, *Pedagogium*, Distrito Federal, 1909, Arquivo Geral da Cidade.

Livro de Registro de Atas de Concursos, NUDOM (Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II) 1906.

A posse de Rodolfo Garcia na cadeira de Varnhagen em sucessão a Oliveira Lima, Alberto Faria e Rocha Pombo. Discurso de posse na ABL, 1935.

### **Periódicos:**

*Diário Oficial* (1896-1923)

*Revista Rumo Paranaense*, número 36, ano 77 – “Rocha Pombo”.

*Revista Brasileira de História*. “Viagens e viajantes”. Vol. 22, n 44, 2002.

*Revista Brasileira de História*. Vol 29, n 57, 2009.

*Revista Brasileira de História da Educação*. “Dossiê Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos”. N 22, 2010.

### **Biblioteca Nacional, RJ**

*O estado do Pará*, ano VII, 19/11/1917.

*O Correio da Manhã*, junho de 1933.

*Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 26/06/1960.

*A Tarde*, Bahia, 30/06/1917.

*A Imprensa*. Órgão do partido republicano amazonense. Manaus, novembro de 1917.

*O Estado do Pará*, 19 de novembro de 1917.

*Revista Fon Fon*, Rio de Janeiro, 29 de abril de 1933.

### **Instituto Histórico e Geográfico Rio de Janeiro:**

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)*, anos 1900 a 1907.

### **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe:**

*Ata da sessão magna de posse da nova diretoria que tem de gerir os destinos do Instituto Histórico no período social de 1917 a 1919*. Sergipe, 15 de agosto de 1917.

### **Livros, artigos, teses e dissertações:**

ABREU, Regina Maria do Rego Monteiro. *O Historiador dos Bárbaros : a trajetória de Euclides da Cunha e a consagração de Os Sertões*, Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional – UFRJ, 1996.

ABREU, Regina. *O enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998.

ABREU, Martha. “Mello Moraes Filho”. In: CHALHOUB, Sidney ; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

ALBERCA, Manuel. *La escritura invisible: testimonios sobre el diario íntimo*. Madrid: Sendoa, 2000.

ALBERTI, Verena. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.

ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

ALMEIDA, Julia Lopes de. *Jornadas no meu país*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.

ALVES, Antonio Maurício Medeiros. “Prefácios de livros didáticos de matemática, uma possível leitura da história da matemática escolar no Brasil (1943-1995)”. *Paradigma*, v. 26, p. 57-76, dez. 2005.

AMARAL, Julio. *Rocha Pombo e a História do Brasil*. Ceará: Typ. Minerva - Assis Bezerra, 1925.

AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo: Alameda, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

ARINOS, Affonso. *Pelo sertão*. Rio de Janeiro, 1898.



ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2010.

AUGEL, M. P. *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista*. São Paulo: Cultrix/MEC, 1980.

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: poder, imprensa e público*. Niterói: Vício de Leitura, 2000.

BARROS, José D'Assunção. "Considerações sobre o paradigma positivista em História". *Revista Historiar* -Universidade Estadual Vale do Aracajú – v.4. n. 4 (jan./jun. 2011).

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. *Negrinhos que por ahi andão: escolarização da população negra em São Paulo (1870-1920)*. São Paulo, Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2005.

BARROSO, Gustavo. *Heróis e bandidos: os cangaceiros do Norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917.

\_\_\_\_\_. *Terra de Sol: natureza e costumes do Norte*. Rio de Janeiro, 1912.

BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional*. Tese de Doutorado (Sociologia), USP, 2001.

BEGA, Maria Tarcosa Silva. "No centro e na periferia: a obra histórica de Rocha Pombo". In: LOPES, Marcos Antônio. (org). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, pp.481-493.

BELLUZO, A. M. M. *O Brasil dos Viajantes*. 3. ed. São Paulo: Metalivros e Objetiva; Salvador: Fundação G. Odebrecht, 2000.

BESERRA, Rozália. *A higiene escolar em Pernambuco: espaços de construção e os discursos elaborados*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, 2010.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. 1993. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. "Livros didáticos entre textos e imagens." (Org). In: *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1902. 7 v.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BONFIM, Manuel. "Parecer". In: POMBO, Rocha. *Compêndio de História da América*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900.

BORGES, Angélica. “Nem tudo que reluz é ouro: representações docentes em relatório de uma viagem à Europa. (1890-1892)”. Texto disponível em:  
[www.sbhe.org.br/novo/.../Angelica%20Borges%20-%20Texto.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/.../Angelica%20Borges%20-%20Texto.pdf).

BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas: Ed Unicamp, 2002.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV. 1996, p. 183-191.

\_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *Sociologia*. (org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

BRAGANÇA, Aníbal. “A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia (org). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1999, pp. 451-476.

\_\_\_\_\_. ABREU, Márcia (Org.) *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed Unesp, 2010.

BRENNER, Peter J. “Does Travelling Matter? the impact of travel literature on european culture”. In: MUSSER, Ricarda (ed.). *El viaje y la percepción del otro: viajeros por la Península Ibérica y sus descripciones (siglos XVIII y XIX)*. Madrid: Iberoamericana, 2011, pp.11-22.

BRILLI, Attilio. *El viaje a Italia: historia de una gran tradición cultural*. Madrid: Antonio Machado, 2010.

BRITO, Rosa Mendonça de. *100 anos UFAM*. Manaus: EDUA, 2009.

BRITO, Rosa. *Da Escola Universitária Livre de Manaus à Universidade Federal do Amazonas: 95 anos construindo conhecimentos*. Manaus: EDUA, 2004.

BURKE, Peter. “Proyectar la historia de la autobiografía”. *Revista Cultura Escrita E Sociedad*. n.1, 2005. Dossie: De la autobiografía a los ego-documentos, pp. 49-51.

\_\_\_\_\_. “A história como memória social”. *O mundo como teatro*. Lisboa: DIFEL, 1992.

CABRAL, Mario da Veiga. *Corografia do Brasil*. 31. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1957.

CABRAL, Shirley Aparecida Gomide. “Que viajar é este? Descoberta e reflexão em Viagem a Portugal, de José Saramago”. *Revista Crioula*, n.6, nov. 2009.

CALMON, Pedro. “Rocha Pombo de volta”. *Jornal do Comércio*. 9/06/1980.

CAMARA, Sonia. “Sob a defesa da República: a produção da infância pobre nos debates jurídicos-educacionais no Brasil e em Portugal nas décadas de 1910-1920”. Disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/.../239.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/.../239.pdf).

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. *Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Para, 1853 – 1953*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, 2007.

CAMPOS, Murillo. *Notas do interior do Brasil. Archivos Brasileiros de Medicina*, 1913.

CAMPOS, Névio de. *Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892 – 1950*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

CARDIM, Elmano. *Rocha Pombo: o escritor e o historiador*. Rio de Janeiro: ABL, 1958.

CARDOSO, Silmara de Fátima. *Viajar é inventar o futuro: narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro nos diários e relatório de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925-1927)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo Caminho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. *D. Pedro II*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Viajando o sertão*. Natal: Impr. Oficial do Rio Grande do Norte, 1934.

CASER, Arthur Torres. *O medo do Sertão: doenças e ocupação do território na comissão de linhas telegráficas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915)*. Rio de Janeiro: s.n. 2009.

\_\_\_\_\_. SÁ, Dominichi Miranda de. Médicos, doenças e ocupação do território na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915). *Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi*, Belém, v. 5, n. 2, p. 363-377, maio-ago. 2010.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “La Corte de Cadmo: apuntes para una historia social de la cultura escrita”. *Revista de Historiografía*, Madrid, n. 1, p. 89-98, 2004.

\_\_\_\_\_. “Un archipiélago desconocido. Archivos y escrituras de la gente común”, *Archivos*, 38, 2000, p. 6-11 y “De la suscripción a la necesidad de escribir” In: \_\_\_\_\_ (coord.). *La conquista del alfabeto*. Escritura y clases populares. Gijón: Trea, 2002.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “Das mãos ao arquivo. A propósito das escritas de pessoas comuns”. *Percursos*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 257-268, jul. 2003.

\_\_\_\_\_. “Hablen cartas e callen barbas: escritura y sociedad en siglo de oro”. *Historiar: Revista Cuadrimestral de Historia*. Alcalá de Henares, n. 4, 2000, p. 116-127.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “Del tratado a la práctica. La escritura epistolar en los siglos XVI y XVII”. In: SÁEZ, Carlos y CASTILLO GÓMEZ, Antonio. (eds.): *La correspondencia en la Historia: modelos y prácticas de la escritura epistolar*. Madrid: Calambur, 2002, p. 79-107.

\_\_\_\_\_. “Como o polvo e o se transformam.” Modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002b, p. 14-55.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. “Relatos de espaço”. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAMON, Carla Simone. *Escolas em reforma, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. “A trajetória profissional de uma educadora: Maria Guilhermina e a pedagogia Norte-Americana.” *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, v. 12, n. 24, p. 73-99, Jan/Abr 2008. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>.

\_\_\_\_\_; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. “A educação como problema, a América como destino: a experiência de Maria Guilhermina”. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio ; GONDRA, José Gonçalves. *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 39-64.

\_\_\_\_\_; FARIA FILHO, Luciano Mendes. “O olhar comparativo: Estevão de Oliveira e os grupos escolares em Minas, no Rio e em São Paulo”. *Revista Brasileira de História da Educação*, nº 22, p. 17-41, jan/abr. 2010.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel ; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *La correspondance. Les usages de la lettre au XIXe siècle*. Paris: Fayard, 1991.

CHERVEL, André. “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”. *Teoria & Educação*, n. 2, p.177-229, 1990.

CIAPPELI, Giovanni. “Existe una línea maestra en el estudio de la autobiografía?”. *Cultura Escrita & Sociedad*. Dossier De La autobiografía a los ego-documentos: un fórum abierto. n.1, p. 52-57, 2005.

COELHO NETO, Henrique Maximiniano. *Sertão*. Porto: Lello & Irmão, 1933.

CORREA, Leôncio. “O confronto Rocha Pombo–Emílio de Menezes”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1944. *Rumo Paranaense*, v. 3, 1997.

CORREA, Viriato. *Contos do sertão*. Rio de Janeiro, 1912.

COSTA, Emília de Sousa. *Como eu Vi o Brasil*. 2 ed. Lisboa: Portugal: Emp. Diário de Notícias, 1926.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana-1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial de São Paulo, 2000.

CRUZ ALVAREZ, Leopoldo D'Ozouville de Bardou. *Un viaje al Brasil. Información acerca de la situación de los emigrados españoles en los estados de Pará, Amazonas y zona de trabajos del ferrocarril de Madeira-Mamoré*. Publicaciones del Consejo Superior de Emigración. Madrid, 1916.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Laemmert & C editores, 1902.

CUNHA, Maria Teresa S. "Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro" Patrimônio e Memória (*UNESP. Online*), v. 3, 2007.

CUNHA, Débora ; SILVA, Ágda. "Historiografia Norte Rio-Grandense: unilateralidade e ensino em História". *Caderno de resumos & Anais do 5º. Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP, 2011.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Cidadania republicana e educação: governo provisório do Mal Deodoro e congresso constituinte de 1890-1891*. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2001.

D'ÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil, 1917-1945*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

DANTAS, Carolina Vianna. *Brasil "café com leite": história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos-Rio de Janeiro, 1903-1914*. Niterói, Tese (Doutorado em História), UFF, 2007.

DAMATTA, Roberto. "A Fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira." In: \_\_\_\_\_. *Relativizando : uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. "A escolarização da população negra na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século" *Revista da ANDE*, n. 14, 1989.

DIAS, Claudete Maria Miranda. "O Piauí que o Brasil não vê: História, Arte e Cultura". In: SANTANA, Raimundo N. M. de. (org.). *Apontamentos para a História Cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003.

DIAS, Olívia Biasin. *Fala-se todas as línguas: hospedagem, serviços e atrativos para os viajantes estrangeiros na Bahia oitocentista*. Dissertação (Mestrado em História) -UFBA, 2007.

DIAS, Tania. "Cenas femininas na América: nota sobre o Diário de Hipólito José da Costa." In: SUSSEKIND, F, DIAS, T. AZEVEDO *Vozes femininas. Gênero, mediações e práticas de escrita*. C. Rio de Janeiro: 7Letras/Casa Rui Barbosa, 2003.

DUQUE-ESTRADA, Joaquim Osório. *Norte do Brasil: impressões de viagem*. Porto: Livr. Chardron, 1909.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1879-1924)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 2 v.

\_\_\_\_\_. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

ESCOLANO, Agustín. “La visita de Luis Bello a las escuelas de Madrid (1925-1930)” In: BELLO, Luis. *Viaje por las escuelas de Madrid*. Edición y estudio introductorio de Agustín Escolano. Comunidad de Madrid, 1997.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na primeira República*. Passo Fundo: UPF, 2000.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Ed.USP, 2009.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: Difel, 1977.

FARIA, Maria Dulce de. “O acervo cartográfico da Coleção Benedito Ottoni na Biblioteca Nacional”. In: SIMPÓSIO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA, 3., 2010, São Paulo. Disponível em: <<http://3siahc.files.wordpress.com/2010/.../colecão-benedito-ottoni-texto-oficial2>>.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

FERNANDES, Rogério. “Irene Lisboa e Áurea Judite Amaral: dois olhares sobre a escola a partir da Escola Nova.” In: MIGNOT, Ana Chrystina ; GONDRA, José G. (orgs). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 217-276.

FELGUEIRAS, Margarida Louro ; COSTA RICO, Antón. *Exílios e viagens: ideários de liberdade e discursos educativos*. Portugal e Espanha, séc. XVIII-XX. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e Sociedad Española de Historia de la Educación, 2011.

FLORES ROJAS, Jorge. “La infancia y las amenazas de una sociedad en crisis.” In: \_\_\_\_\_. *Historia de la infancia en el Chile republicano (1810-2010)*. Santiago, Chile: Ocho Libros, 2010.

FOX, Robin Lane. *Héroes viajeros: los griegos y sus mitos*. Barcelona: Crítica, 2009.

FONSECA, Marcus Vinícius. *Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX*. São Paulo, Tese (Doutorado em Educação), 2007.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *Da infância ao altar da pátria: memória e representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2001.

\_\_\_\_\_. “Ver para compreender: arte, livro didático e a história da nação”. In: SIMAN, Lana. *Inaugurando a história e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de história*. (org). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. “As Escolas Normais da Província: a organização do ensino normal em Sergipe durante o século XIX”. In: ARAÚJO, José Carlos; FREITAS, Anamaria G B de; LOPES, Antonio (Orgs). *As Escolas Normais no Brasil: do império à república*. Campinas: Ed Alínea, 2008.

FREITAS, Itamar . “História do Brasil para crianças: o livro escolar nos primeiros anos da República e a iniciativa de Joaquim Maria de Lacerda”. *Cadernos de História da Educação, UFU*, v. 6, p. 121-132, 2007.

\_\_\_\_\_. “História do Brasil para crianças: a iniciativa de Sílvio Romero”. In: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, 7.; 2007, Natal. Natal : Ed. UFRN, 2007.

ISOBE, Rogéria Moreira Resende. *Moldando as práticas escolares: um estudo sobre os Relatórios da Inspeção Técnica do ensino no Triângulo Mineiro (1906-1911)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

LEITE, Miriam Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

LEVINE, Robert M. *O Sertão Prometido : o massacre de Canudos*. São Paulo: EdUSP, 1995.

LOPES, Lucineide Fábila Rodrigues. *A Região Nordeste nos livros didáticos de geografia: uma análise histórica*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

LUCCHESI, Fernanda. *A história como ideal: reflexões sobre a obra de José Francisco da Rocha Pombo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de São Paulo, 2004.

GABURO, Vanderson Roberto Pedruzzì. *O sertão vai virar gente: sertão e identidade nacional em Afonso Arinos*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.

GALVÃO, Ana Maria Monteiro. *Livros escolares de leitura: caracterização e usos (Pernambuco, século XIX)*. Relatório final de pesquisa CNPq, 2003.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Battella (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

GARCIA, Rodolfo. “Rocha Pombo”. In: Autores e Livros, suplemento literário de *A Manhã*. Rio de Janeiro, vol. 5 de março de 1944 VI, nº 8.

GARCIA, Rodolfo. *A posse de Rodolfo Garcia na Cadeira de Varnhagen*. São Paulo: Melhoramentos, 1935.

GASPAR, Lúcia. *Viajantes (relatos sobre o Brasil, século XVI a XIX)*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, s/d. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 01-03-2010.

GASPARELLO, Arlete. *Construtores de identidades: os compêndios de História do Brasil do Colégio Pedro II (1838-1920)*. Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, 2002.

GINZBURG, Carlo. “Apêndice—Provas e possibilidades.” In: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 310-338.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 7-24.

\_\_\_\_\_. “Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre”. In: GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 51-76.

\_\_\_\_\_. Venturas e desventuras de uma República de cidadãos. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel (orgs). *Ensino de história: conceitos, temáticas e ideologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 152-167.

\_\_\_\_\_. *A República, a história e o IHGB*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

GONDRA, José Gonçalves. “Apresentação. Dossiê: Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 22, p. 13-16, 2010.

\_\_\_\_\_; UEKANE, Mariana. “Lição que vem de fora”. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 01/04/2009.

GONTIJO, Rebeca. “História, cultura, política e sociabilidade intelectual”. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Fernanda; GOUVEIA, Maria de Fátima. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 259-285.

\_\_\_\_\_. “Capistrano de Abreu, viajante”. *Revista Brasileira de História*. [online]. 2010, vol.30, n.59

GONZALEZ SÁNCHEZ, Carlos. *Homo viator, homo scribens: cultura gráfica, información y gobierno en la expansión atlántica (siglos XV-XVIII)*. Madrid: Marcial Pons Historia, 2007.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.



GRIECO, Aggripino. *Memórias*, v.1. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

GUARDIA, Sara Beatriz. *Viajeras entre dos mundos*. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção de sua majestade imperial. O IHGB (1838-1889)*. 1995. 339f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Prefácio Arno Wehling. Rio de Janeiro : Museu de República, 2006.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. “Nação e civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional.” *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

HABERMAS, Jürgen . *Legitimation Crisis*. Boston: Beacon Press, 1975.

HANSEN, Patrícia. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. Tese (Doutorado em História Social), USP, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. *Feições e fisionomia: a história do Brasil de João Ribeiro*, Rio de Janeiro: Acess, 2000.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, nem patrão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HALBWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 2005.

HÉBRARD, Jean. “Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escrita pessoal e seus suportes”. In: MIGNOT, Ana Crystina Venancio, BASTOS, Maria Helena Câmara e CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgio do eu. Educação História, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000, pp. 29-61.

KAPPEL, Marília Neto. *O pensamento educacional de Estevam de Oliveira expresso através do jornal Correio de Minas (1897-1908)*. São João del-Rei, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São João del-Rei, 2010.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Bauru: Editora da Universidade de São Francisco, 2001.

KULESZA, Wojciech Andrzej. “Formação histórica da Escola Normal da Paraíba”. In: ARAÚJO, José Carlos; FREITAS, Anamaria G B de; LOPES, Antonio (Orgs). *As Escolas Normais no Brasil: do império à república*. Campinas: Ed Alínea, 2008, p. 263-278.

JULIA, Dominique. “Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação”. In: LOPES, Alice ; MACEDO, Elizabeth (orgs). *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 37-71.

JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. *Jornal do Comércio: cronista da História do Brasil em 1922*. Rio de Janeiro, dissertação (Mestrado em História), UERJ, 2010.

LAVISSE, Ernest. *Histoire de France: cours élémentaire*. Paris: A Colin, 1887.

LEITE, Miriam Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1997.

LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte Autobiographique*. Paris: Editions de Seuil, 1996; Editora Mulheres, 2000.

LEMOS, Maria Alzira Brum. *O doutor e o jagunço: ciência, mestiçagem e cultura em os Sertões*. São Paulo: Ed Unimar, 2000.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado. Brasil: intelectuais, sertanejos e imaginação social*. Tese(Doutorado), Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997.

\_\_\_\_\_. “A cidade descobre o sertão: notas sobre a viagem de Roquette-Pinto a Rondônia e a dos médicos Arthur Neiva e Belisário Penna ao Brasil Central.” In: ALMEIDA, Marta de; VERGARA, Moema de Rezende. *Ciência, história e historiografia*. São Paulo, Via Lettera, 2008, pp.139-160.

\_\_\_\_\_. “Jeca Tatu e a representação do caipira brasileiro.” In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 22., 1997. *Anais...*

\_\_\_\_\_. HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República”. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1996.

LOBATO, José Bento Monteiro. “Velha Praga”. In: *Urupês*. São Paulo, 1955, p. 271.

LOPES, Milton. “A Universidade Popular: Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro”. In: DEMINICIS, Rafael Borges ; REIS, Daniel Aarão(orgs). *História do Anarquismo no Brasil*, v.1. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

LOPEZ, T. A. “As Viagens e o fotógrafo”. In: ANDRADE, Mario de. *Mario de Andrade: Fotógrafo e Turista Aprendiz*. São Paulo: IEB, 1993.

LLORCA Y GARCIA, Angel. *La escuela primaria. Instituciones complementarias de la educación popular en Francia, Bélgica, Suíça e Itália. Notas de viaje*. Madrid: Libreria de los sucesores de Hernando, 1912.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

LUCCHESI, Fernanda. *A história como ideal: reflexões sobre a obra de Jose Francisco da Rocha Pombo*. São Paulo, Dissertação (Mestrado em Antropologia), USP, 2004.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Lições de História do Brasil para uso das classes primárias*. 9. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MACHADO, Brasil Pinheiro. "Rocha Pombo". In: *Paraná no centenário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um Fio: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*. São Paulo: Educ/FAPESP, 1998.

MACIEL, Laura Antunes. "De 'o povo não sabe ler' a uma história dos trabalhadores da palavra". In: \_\_\_\_\_; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun.(Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006, p. 273-298.

MACIEL, Sheila Dias. "A literatura e os gêneros confessionais". Disponível em: <http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf> Acesso em: 20 nov. 2011.

MAIR, Lucy. *Introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico-1800-1850*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2001.

MATTOS, Hebe. "Memórias do cativo: narrativa e identidade negra no antigo sudeste cafeeiro". In: RIOS, Ana L. e MATTOS, H. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2005, p.35-60.

MATTOS, Selma. *O Brasil em Lições de Joaquim Manuel de Macedo: a história do ensino de história do Brasil através dos manuais de Joaquim Manuel de Macedo. Dissertação (Mestrado em Educação)*, FGV, Rio de Janeiro, 1993.

MAUL, Carlos. "O maior historiador do Brasil". In: *Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro, n° 225, de fev de 1950.

MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

\_\_\_\_\_. "A expressão obrigatória dos sentimentos". In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso(org.), *Mauss*. São Paulo, Ática, 1979.

MEDEIROS, João. *Dicionário de Pintores do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Irradiação do Brasil, 1988.

MEDRANO, Lilian Inês Zanotti de; VALETON, Luciana de Oliveira; GOMES, Lidiane M de Silva. "O Compêndio de História da América, de Rocha Pombo: uma apreciação crítica." *Notícia bibliográfica e histórica*. PUC de Campinas, setembro de 2003, s/p.

MELO, Ciro Bandeira de. *Senhores de História: a construção do Brasil em 2 manuais didáticos de história da segunda metade do século XIX*. Tese (Doutorado em Educação), São Paulo, FAE/USP, 1997.

MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de; PIRES-ALVES, Fernando. “Expedições científicas, fotografia e intenção documentária: as viagens do Instituto Oswaldo Cruz (1911-1913)”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009, p.139-179.

MENEZES, Upiano. “A História, cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”. *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 1992.

MICELI, Paulo. *O Ponto Onde Estamos : viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, séculos XV e XVI)*. São Paulo: Página Aberta, 1994.

MINDLIN, José. “Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p. 35-54, 1991.

MIGNOT, Ana. “Viajar para legitimar: Armanda Álvaro Alberto na comissão de Intercâmbio Brasil-Uruguai (1931).” In: *Revista Brasileira de História da Educação: Dossiê Viagens de Educadores, Circulação e Produção de Modelos Pedagógicos*, nº 22, 2010, p. 43-64.

\_\_\_\_\_. “O carteiro e o educador. Práticas políticas na escrita epistolar.” *Revista Brasileira de História da Educação*. Julho-Dezembro, nº10, p. 45-69, 2005.

\_\_\_\_\_. “Decifrando o recado do nome”. *Revista brasileira de Estudos Pedagógicos*., Brasília, v.74, n.178, p.619-638, set./dez. 1993.

\_\_\_\_\_. *O Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana (1980-1919)*. Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq e FAPERJ.

\_\_\_\_\_; BASTOS, Maria H; CUNHA, Maria T. *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

\_\_\_\_\_; GONDRA, José G. (orgs). *Viagens pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_; GONDRA, José G. (orgs.) “Entre cartas e postais: uma inspiradora travessia.” In: \_\_\_\_\_. *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 246-276.

\_\_\_\_\_; SILVA, Alexandra Lima da. “Tão longe, tão perto: escrita de si em relatórios de viagens”. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.27, n.01, p.435-458, abr. 2011.

MOGARRO, Maria J. “Como eu vi o Brasil: a mulher e a educação na perspectiva de Emília de Sousa Costa”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008. Aracajú. *Anais...: o ensino e a pesquisa em História da Educação*. Aracaju, SE, 2008.

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Os limites da civilização na escrita do Sertão: um estudo das categorias civilização e barbárie em alguns romances brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade Estadual de Campinas, 2002.

MORAIS, Maria Arisnete. “Escritoras oitocentistas: Isabel Gondim e Anna Ribeiro”. *Educação & Linguagem*, v. 11, n. 18, p. 84-106, Jul.-Dez. 2008.

MORENO-MARTINEZ, Pedro L. “Por las escuelas de Europa: los viajes de Félix Martí Alpera (1900-1911). In: MIGNOT, Ana Chrystina ; GONDRA, José G. (orgs). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 114-142.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. Cia das Letras, 1998, p. 275 apud: BARROS, Surya A Pombo de. “Fontes para a História da Educação da população negra em São Paulo.” p. 8. Trabalho apresentado na 28ª Reunião da Anped, disponível em: [www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt21/gt21151int.doc](http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt21/gt21151int.doc) . Acesso em: 31 out. 2011.

MOTA, Diomar das Graças; NUNES, Iran de Maria Leitão. “Escola Normal: uma instituição tardia no Maranhão”. In: ARAÚJO, José Carlos; FREITAS, Anamaria G B de; LOPES, Antonio (Orgs). *As Escolas Normais no Brasil: do império à república*. Campinas: Ed Alínea, 2008.

MOTTA, Marly Silva da. “A nação faz cem anos: o centenário da independência no Rio de Janeiro”. CPDOC, 1992.

MOYSÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: realismo e simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 2001.

MULLER, Maria Lucia. “Professoras negras na Primeira República”. *Cadernos PENESB*, Niterói: Intertexto, 1999.

\_\_\_\_\_. *A cor da escola. Imagens da Primeira República*. Cuiabá: Entrelinhas/EdUFMT, 2008.

MURARI, Luciana. *Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira*. Tese (Doutorado em História), USP, 2002.

MUSSER, Ricarda. (ed.). *El viaje y la precepción del otro: viajeros por la Península Ibérica y sus descripciones (siglos XVIII y XIX)*. Madrid: Iberoamericana, 2011.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998.

NEIBURRG, Federico. “Apresentação à edição brasileira. A sociologia das relações de poder de Norbert Elias”. In: *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*.

NEIVA Arthur & PENNA, Belisário. “Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás”. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 8, n. 3, 1916.

NEPOMUCENO, Rosa. *Música caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

NEVES, Margarida de Souza. “*As Vitrines do Progresso: o conceito de trabalho na sociedade brasileira na passagem do século XIX ao século XX*”. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1986. (Relatório de Pesquisa), Mimeografado, 1986.

NORA, Pierre. “Entre história e memória: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

NOVA PORTELA, Feliciano ; RUIZ DE TOLEDO, F Javier Villalba. *Viajes y viajeros en la Europa Medieval*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007.

NUNEZ, José Abelardo. *Organización de escuelas normales: informe presentado al señor ministro de instrucción pública de Chile*. Santiago Librería Americana, 1883.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. “As festas que a República manda guardar”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p. 172-189, 1989.

OLIVEIRA, Marco Antonio de. *Os intelectuais e a produção da série Resumo Didactico pela Companhia Melhoramentos de S. Paulo - 1918-1936*. Tese (Doutorado) , Programa de Educação da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Milton Ramon. “*Formar cidadãos úteis*”: os patronatos agrícolas e a infância pobre na Primeira República. Bragança Paulista, SP: EDUSF/CDAPH, 2003.

OLIVEIRA, Ricardo de. *Sertão e nação: Euclides da Cunha e a construção da brasilidade sertaneja*. Dissertação (Mestrado), 1998.

ONOFRE JR, Manoel. *Salvados- Livros e autores norteriograndeses*. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

OTÁVIO, Rodrigo. *Festas nacionais*. Rio de Janeiro: Distrito Federal, 1893.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo, Ática, 1990.

PEIXOTO, Júlio Afrânio. *Viagem sentiment: Kodaks e postais*, v.16. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: Jackson Inc Editores, 1947.

PETRILLO, Regina Pentagna. *Euclides da Cunha: do litoral para “Os Sertões”* : o trajeto de uma visão crítica. Dissertação (Mestrado), 1996.

PILOTO, Valfrido. *Rocha Pombo*. Biografia. Curitiba, 1953.

\_\_\_\_\_. “O espírito vanguardista de Rocha Pombo”. *Rumo Paranaense*, v.3, 1977.

PIMENTEL, Juan. *Testigos del mundo: ciencia, literatura y viajes en la ilustración*. Madrid: Marcial Pons, 2003.

PINTASSILGO, Joaquim. Imagens e leituras da educação nova em Portugal: os relatórios de bolsiros portugueses em visita a instituições educativas europeias (1907-1909).”In: MIGNOT, Ana C.; GONDRA, José G. (orgs). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 195-216.

\_\_\_\_\_. “Exemplaridade institucional e renovação pedagógica: reflexões a partir das viagens de professores do Instituto Odivelas.”: *Revista Brasileira de História da Educação*: Dossiê Viagens de Educadores, Circulação e Produção de Modelos Pedagógicos, n. 22, p. 65-86, 2010.

POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio.” *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POMBO, José Francisco da Rocha. *A supremacia do ideal*. (Estudo sobre educação). Cidade do Castro, Typografia do Echo de Campos, novembro de 1883.

\_\_\_\_\_. *O Paraná no centenário. 1500-1900*. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1900 a.

\_\_\_\_\_. *Compendio de história da América*. Rio de Janeiro, Laemmert & c., 1900 b.

\_\_\_\_\_. *O grande problema* (plano de um novo Instituto de Educação). Rio de Janeiro, Cia. Typ. do Brasil, 1900 c.

\_\_\_\_\_. *História da América, para escolas primárias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903.

\_\_\_\_\_. *No Hospício*. Paris; Rio de Janeiro: H. Garnier, 1905.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil, ilustrada*. (10. v.). Rio de Janeiro: J. Fonseca Saraiva (vol. I-III); Benjamim de Aguilã (vol. IV-X), 1905-1917.

\_\_\_\_\_. *Contos e pontos*. Porto: Magalhães & Moniz, 1911.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de sinônimos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

\_\_\_\_\_. *Nossa Pátria: narração dos fatos da História do Brasil através da sua evolução*. São Paulo: Weiszflog, 1917.

\_\_\_\_\_. *Notas de viagem. Norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Benjamin de Águila editor, 1918a.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil. Para o ensino secundário*. São Paulo: Weiszflog Irmãos Incorporada, 1918b.

\_\_\_\_\_. “Carta prefácio”. In: PINHEIRO, Xavier. *Musa cívica. Antologia brasileira destinada às escolas primárias da República*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro e Maurillo, 1920.

\_\_\_\_\_. “Prefácio”. In: CORREA, Viriato. *Histórias da nossa história*. Monteiro Lobato e Cia. Editores, 1921.

POMBO, José Francisco da Rocha. *História do Estado do Rio Grande do Norte*. Edição comemorativa do centenário da Independência, 1822-1922. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1922b.

\_\_\_\_\_. “Notícia Histórica”. In: *Livro de Ouro do Centenário da Independência e da Exposição Internacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Edição do Almanak Laemmert, Anuário do Brasil, 1923.

\_\_\_\_\_. *El espíritu municipal en los tiempos de la colonia*. Imprenta y Casa Editors Coni, 1923.

\_\_\_\_\_. *Instituto Varnhagen : discurso inaugural proferido na sessão de instalação em 17 de Fevereiro de 1923*. Rio de Janeiro : Álvaro Pinto, 1923.

\_\_\_\_\_. “Um historiador argentino: Ricardo Levene”. *Terra de Sol: Revista de Arte e Pensamento*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, mar. 1924.

\_\_\_\_\_. “Prefácio”. In: CASCUDO, Câmara. *Histórias que o tempo leva*. (Da História do Rio Grande do Norte). São Paulo: Gráficas de Monteiro Lobato, 1924.

\_\_\_\_\_. *História de São Paulo (Resumo didático)*, 4ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1925.

\_\_\_\_\_. “Grandes hombres de la historia americana: San Martín”, 1926.

\_\_\_\_\_. *Historia do Paraná* (resumo didático). São Paulo: Melhoramentos, 1929.

\_\_\_\_\_. *A grande parábola*. Imprensa de Universidade, 1930.

\_\_\_\_\_. *Os holandeses no Brasil: mitos e verdades*. Curitiba: Vicentina, 2003.

PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Vila di Chiana”. In: FERREIRA, Marieta de M e AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed da FGV, 1996. p. 103-130.

PIMENTA, Jussara. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles (1934)*. Tese (Doutorado em Educação). UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

PINA, Maria Cristina Dantas. “A escravidão no livro didático de história: Rocha Pombo e o ensino de história na Primeira República.” Texto Disponível em: [www.anpuh.uepg.br/.../MARIA%20CRISTINA%20DANTAS%20PINA.pdf](http://www.anpuh.uepg.br/.../MARIA%20CRISTINA%20DANTAS%20PINA.pdf). Acesso em : 20 fev. 2012.

PINTO, Inára de Almeida Garcia. *Um professor em dois mundos: a viagem do professor Luiz Augusto dos Reis à Europa (1891)*. São Paulo, Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2011.



PIRES, João Ricardo Ferreira. *Notas de um Diário de Viagem a Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II (1881)*. Dissertação (Mestrado em História) - UFMG, 2007.

PIRES, Mário Jorge. *Raízes do turismo no Brasil: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX*. São Paulo: Manole, 2001.

PRADO, Adelmo Ferreira do. *Cidade e Sertão na obra de Oliveira Paiva: Ceará, final do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História), PUC-SP, 1998.

PRATT, Mary Louise. *Ojos imperiales. Literatura de viajes y transculturación*. México: FCE, 2010.

PUGLIA, Daniel. “Charles Dickens e Machado de Assis: prefácios aos leitores”. Disponível em: [www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br).

QUELUZ, Gilson. *Rocha Pombo : Romantismo e Utopias. (1880/1905)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

RAMINELLI, Ronald ; FRANÇA, Jean Marcel de Carvalho. *Andanças pelo Brasil Colonial: catálogo comentado (1503-1808)*. São Paulo: UNESP, 2009.

RANGEL, Alberto. “Os sertões brasileiros: conferência realizada a 17 de junho de 1913 na Biblioteca Nacional”. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v 35, p. 108-118, 1916.

REIS, Daniel A. “Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória”. In: REIS, D; RIDENTI, M E MOTTA, R. (orgs). *O golpe e a ditadura militar, 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.

RIBEIRO, F. L. Cartas da Selva: algumas impressões de Euclides da Cunha acerca da Amazônia. História. *Questões & Debates*, Curitiba, n. 44, p. 147-162, 2006.

RIBEIRO, João. “Crítica: Historiadores”. *Obras de João Ribeiro*, v. 6. Rio de Janeiro: ABL, 1961, p. 32.

\_\_\_\_\_. “Prefácio”. In: ROMERO, SYLVIO. *A História do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis*. Rio de Janeiro: Livr. Clássica de Alves e Cia., 1890.

RIBEIRO, Pedro Krause. “Memórias de Zé Povo ou memórias individuais? :o povo na retórica da charge e a legitimação dos discursos políticos dos caricaturistas na imprensa carioca do início do século XX”. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH, 14., 2010, Rio de Janeiro. 2010. *Anais...* Rio de Janeiro : ANPUH, 2010.

RIZZINI, Irma. *Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção*. Rio de Janeiro: Ed. Univ. Santa Úrsula, 1993.

\_\_\_\_\_. *O cidadão polido e o selvagem bruto: a educação dos meninos desvalidos na Amazônia Imperial*. (Tese de Doutorado), UFRJ/IFCS/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2004.

ROCHA, Inês de Almeida. *Canções de amigo: Redes de sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012.

RODRIGUEZ FISCHER, Ana. *Paseantes y curiosos*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, S.A, 2010.

SALGUEIRO, Valéria. “Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e amor à cultura”. *Revista Brasileira de História. Viagens e viajantes*. São Paulo, ANPUH, v. 22, n.44, 2002.

SALIBA, Elias Thomé. “Prefácio”. IN: AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. São Paulo: Alameda, 2006.

SANTANA, Ady Sá Teles. *Rotas do sertão: Patativa do Assaré e Euclides da Cunha entre identidade e representação*. Dissertação (Literatura), Universidade Estadual de Santana, 2008.

SANTANA, J. C. B de. Euclides da Cunha e a Amazônia: visão mediada pela ciência. *História, Ciências, Saúde*. Mangueiras, v. 6, p. 901-917, set. 2000.

SANTOS, Claudete Daflon dos. *A Viagem e a escrita: uma reflexão sobre a importância da viagem na formação e produção intelectual dos escritores-viajantes brasileiros*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Letras), PUC-RJ, 2002.

\_\_\_\_\_. “Viajantes e intelectuais: em se falando de brasileiros”. *Revista Semear*, 10, PUC-Rio. Disponível em: [http://www.letras.puc-rio.br/cateDr.a/revista/10Sem\\_15.html](http://www.letras.puc-rio.br/cateDr.a/revista/10Sem_15.html)

SANTOS, Heloísa Meirelles. *Congregação da Escola Normal: da legitimidade outorgada à legitimidade (re) conquistada (1880-1910)*. Rio de Janeiro, dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, Ivan Norberto dos. *Rocha Pombo: produção historiográfica e escrita didática em história na Primeira República*. Rio de Janeiro: UFRJ/CFCH/IFCS/ Departamento de História, 2006. Monografia;

\_\_\_\_\_. *A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica brasileira da Primeira República*, Dissertação de Mestrado (História), UFRJ, 2009.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. “A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana.” *TOPOI*, v. 5, n. 8, jan.- jun. 2004, pp. 138-169.

SANTOS, Nádya Maria Weber dos. *Histórias de Sensibilidades: Espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/1920/1937)*. Tese (Doutorado), UFRGS, Rio Grande do Sul, 2005.

SARMIENTO, Domingo F. *Viajes*. (Edición crítica de Javier Fernández).Madrid, ALLCA XX, 1997.

\_\_\_\_\_. *De la educación popular*. Santiago: Imprenta de Julio Berlin i Comp., 1849.

SCARZANELLA, Eugenia Scarzanella ; SCHPUN, Mônica Raisa Schpun (dir.). *Sin fronteras: dialogos de mujeres y hombres entre America latina y Europa (Siglos XIX y XX)*. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2007.

SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade”. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*, v. 3). São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SCHOLES, Robert. *Protocolos de leitura*. Lisboa: Ed.70, 1991.

SCHUELER, Alessandra. “Crianças e escolas na passagem do Império para a República”. *Rev. bras. Hist.*, , São Paulo, v.19, n.37, set. 1999.

\_\_\_\_\_; GONDRA, José. “Olhar o outro, ver a si: um professor primário brasileiro no ‘Velho Mundo’ (1890-1892).” *Revista Brasileira de História da Educação: Dossiê Viagens de Educadores, Circulação e Produção de Modelos Pedagógicos*, n.22, jan. 2010.

\_\_\_\_\_; GONDRA, José Gonçalves. “Reformas educativas, viagem e comparação no Brasil oitocentista: o caso de Uchoa Cavalcanti (1879).” *Educação e Pesquisa*, v. 34, n. 3, 2008.

\_\_\_\_\_. “A longa peregrinação de um professor da roça na Europa”. In: MIGNOT, Ana Chrystina V.; GONDRA, José (Orgs.). *Viagens pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007, pp.90-113.

SCHWEICKARDT, Júlio César. *Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no estado do Amazonas (1890-1930)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) -Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_; LIMA, Nísia Trindade. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 15-50, 2007.

SCHWARTZ, Lilia Moriz. “Os institutos históricos e geográficos- guardiões da História Oficial”. In: \_\_\_\_\_. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SERPA, Phocion. “Guttman Bicho, o pintor. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1955.

SERRES, Michel. *O terceiro instruído*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões e criação cultural Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIERRA BLÁS, Verónica. *Aprender a escribir cartas: los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945)*. Gijón: Trea, 2003.

SILVA, Alexandra Lima da. *Entre vínculos e círculos: livros didáticos de História do Brasil, autores e público leitor entre 1838-1924*. Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em História, UFF, 2005.

SILVA, Alexandra Lima da. *Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil - Rio de Janeiro (1870-1924)*. Niterói, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, 2008.

\_\_\_\_\_. “Paisagens interiores: escritas de si em notas de viagem”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 4., 2010, São Paulo. *Anais...* 2010. v. 1. p. 1-15.

\_\_\_\_\_. “Viajar para inspecionar: Leopoldo D'Ozouville e o norte do Brasil”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS IBERO-AMERICANOS. HISTÓRIA, MITO E LITERATURA: VIAJENTES EUROPEUS NA AMÉRICA DO SUL, 8., 2011, Porto Alegre. *Livro de resumos: história, literatura e mito: viajantes europeus na América do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

\_\_\_\_\_. “Caminhos da instrução nas notas de viagem ao norte do Brasil de Rocha Pombo”. In: ENCONTRO NORTE E NORDESTE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2012, Aracaju. *História da Educação: Imprensa, impressos e práticas educativas*. Aracaju: Unit, 2012. p. 1-15.

\_\_\_\_\_. “Por outra universidade: um projeto de educação popular na perspectiva de Rocha Pombo”. In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José Maria. (Coord.). *Formación das élites y Educación Superior en Iberoamérica (SS XVI-XX)*. Salamanca: Hergar Ediciones Antema, 2012, p. 563-571.

SILVA, Augusta Aparecida da. *Entre Deus e a Nação: trajetória de José Francisco da Rocha Pombo*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1997.

SILVA, Marcos A. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990.

\_\_\_\_\_. “Pintura histórica: do museu à sala de aula.” In: *Projeto História*, n 20. Revista de Estudos Pós-Graduados em História do Dept. de História da PUC/ SP, 2000.

SILVEIRA, Allan Valenza da. *Estética simbolista e a filosofia de Nietzsche presentes no romance No hospício, de Rocha Pombo*. Curitiba, Dissertação de mestrado, UFP, 2005.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. “A viagem a Paris de artistas brasileiros no final do século XIX”. *Tempo Soc.*, São Paulo, v.17, n.1, jun, 2005.

SIMMEL, Georg. “Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal”. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1997.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

SOUZA, Anlene Gomes de. *O estrangeiro e a cidade: o Rio de Janeiro e o imaginário da viagem na primeira metade do século XX*. Dissertação de mestrado, PUC-Rio, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, viagem*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

TEIXEIRA, Giselle B. *O grande mestre da escola: os livros de leitura para a escola primária da capital do Império brasileiro*. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Educação), UERJ, 2008.

TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Zé Povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho*. Dissertação (História), UERJ, 2009.

THOMPSON, E P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TORRES, Acrísio. "Rocha Pombo em Sergipe". In: *Pó dos Arquivos*. Brasília: Thesaurus, 1999.

TÓRTIMA, Pedro. "Um legado punitivo- Legados da Antropologia Criminal ao longo da Primeira República, em especial no Distrito Federal". *Anais X ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA*, 10., 2002, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro : ANPUH, 2002.

TUFFANI, Eduardo. "Centenário da Universidade Brasileira para a História da Universidade de Manaus (1909/1910-1926)." *Soletras*, Rio de Janeiro, v.9, n. 17, 2009. Supl.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.

VALLE, Arthur. *A Semântica da Imagem Estética: estrutura e relações de sentido na obra de Guttman Bicho*. Mestrado (Artes Visuais), UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. "O ciclo de pinturas de Guttman Bicho no CAPS Ernesto Nazareth- Ilha do Governador". In: *ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE*, 1., 2005, Campinas. Campinas : Unicamp, 2005.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. "Vozes femininas do Oitocentos: o papel das preceptoras nas casas brasileiras". In: LOBO, Yolanda; FARIA, Lia(orgs). *Vozes femininas do império e da república. Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008. v. 1.

VALENÇA, Cristina de Almeida. "A difusão da Pedagogia Moderna em Sergipe: a contribuição de Helvécio de Andrade (1913-1935)." Disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/.../084.pd](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/.../084.pd). Acesso em: 24 ago. 2011.

VEIGA, Cynthia Greive. "Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial". *Rev. Bras. Educ.* [online]. v.13, n.39, p. 502-516, 2008.

\_\_\_\_\_. "Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial". *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2008, v.13, n.39, p. 502-516; GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. "Negros e educação no Brasil." In: LOPES, Eliane Maria Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 325-346.

VEIGA, Cynthia Greive. *Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “Entre o sonho e vigília: o tema da amizade na escrita modernista”. *Revista Tempo*, Dep. História UFF, 2007.

\_\_\_\_\_. *Modernismo no Rio de Janeiro*: Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.

VENANCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*. Tese (Doutorado em História), Rio de Janeiro, UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. “Prefácios de Vianna na coleção Brasiliana: estratégia de legitimação e construção da autoria”, p. 3. Disponível em: [www.uff.br/locus/files/2010/02/35.pdf](http://www.uff.br/locus/files/2010/02/35.pdf)

VENANCIO, Giselle Martins. “A utopia do diálogo: os prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada”. In: GOMES, Ângela de Castro & SCHMIDT, Benito Bisso. (orgs). *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

VIEIRA, Cleber Santos. *Entre as coisas do mundo e o mundo dos livros: prefácios cívicos e impressos escolares no Brasil republicano*. São Paulo, Tese (Doutorado em Educação), USP, 2008.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *A amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

VIÑAO FRAGO, Antonio. “Viajes que educan”. In: MIGNOT, Ana Chrystina ; GONDRA, José G. (orgs) *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. “Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos.” *Teias* - Revista da Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, UERJ, n.1, jun. 2000.

\_\_\_\_\_. “Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões.” In: VIÑAO FRAGO ; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

VÍTOR, Nestor. “Rocha Pombo no Rio”. *Correio da Manhã*, 07/12/57.

WEINBERG, F. “El Diario de viaje inédito de Florencio Varela por Inglaterra y Francia (1843-1844)”. *Revista Histórica*, Montevideo, t 45, p. 195-379 y t. 46, p. 245-406, 1975.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

XAVIER, Libânia; Canen, Ana. “Multiculturalismo, memória e História da Educação: reflexões a partir do olhar de uma educadora alemã no Brasil Imperial”. In: MIGNOT, Ana C., BASTOS, Maria Helena C., CUNHA, Maria Teresa Santos. (Org.). *Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 63-80.

ZEFERINO, Janier Saulo. *Às avessas e o Decadentismo No hospício de Rocha Pombo*. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal do Paraná, 2006.

**Sites e endereços virtuais:**

<http://www.usp.br/prc/bbm/>

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/acervos/index.php?p=7957>

[www.museuimperial.gov.br/portal/biblioteca.html](http://www.museuimperial.gov.br/portal/biblioteca.html)

<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=14&id=127>

[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_b\\_oswaldo\\_cruz.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_oswaldo_cruz.htm)

<http://paisagensdeviagem.blogspot.com.br/>

<http://www.fazenda.gov.br/portugues/institucional/ministros/rep001.asp>

[www.estantevirtual.com.br](http://www.estantevirtual.com.br)

<http://www.dezenovevinte.net/bios>

<http://www.rodriguesgaleria.com.br>

<http://www.cpdoc.fgv.br>

<http://www.academia.org.br/abl>

<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

[www.brasiliana.usp.br/bbd/search?fq=dc.subject:%22Viagens%22](http://www.brasiliana.usp.br/bbd/search?fq=dc.subject:%22Viagens%22)



## ANEXO A - As escritas de Rocha Pombo

a) Periódicos	b) Livros (literatura, história, estudos sobre educação, contos, poesia)	c) Livros didáticos	d) Escritas de viagem	e) Outros
<i>Echo dos Campos</i> : semanário consagrado aos interesses gerais da província. Typ do Echo de Campos, 1883. (editor chefe)	<i>Petruccello</i> . Curitiba: Impressora Paranaense, 1892.	<i>História da America</i> , para escolas primárias. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1903.	<i>Notas de viagem. Norte do Brazil</i> . Rio de Janeiro: Benjamin de Àguila, 1918.	<i>Dicionário de sinônimos da Língua Portuguesa</i> . Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1914.
<i>O povo</i> . Morretes, Província do Paraná, 1880. (Editor e proprietário)	<i>A honra do barão</i> . Curitiba, Typ. da verdade, 1881	<i>Historia de São Paulo</i> (resumo didático). São. Paulo, Weiszflog, 1918.		“Carta prefácio”. In: PINHEIRO, Xavier. <i>Musa cívica. Antologia brasileira destinada às escolas primárias da República</i> . Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro e Maurillo, 1920.
	<i>O grande problema</i> (plano de um novo Instituto de Educação). Rio de Janeiro, Cia. Typ. do Brasil, 1900.			“Prefácio”. In: CORREA, Viriato. <i>Histórias da nossa história</i> . Monteiro Lobato e Cia. Editores, 1921.
<i>REVISTA DO IHGB</i> (colaborador)	<i>No hospício</i> . Rio de Janeiro, H. Garnier, 1905.	<i>História do Brazil</i> para o ensino secundário. S. Paulo, Weiszflog irmãos, 1918.		“Notícia Histórica”. In: <i>Livro de Ouro do Centenário da Independência e da Exposição Internacional do Rio de Janeiro</i> . Rio de Janeiro: Edição do Almanak Laemmert, Anuário do Brasil, 1923.

	<i>História do Brasil, ilustrada.</i> (10. v.). Rio de Janeiro: J. Fonseca Saraiva (vol.I-III);Benjamim de Aguilá (vol. IV-X),1905-1917.			<i>El espíritu municipal en los tiempos de la colonia.</i> Imprenta y Casa Editors Coni, 1923.
<i>O cenáculo</i> (1890)-Colaborador	<i>Para a história:</i> notas sobre a invasão federalista no Estado do Paraná. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1930.	<i>Historia do Paraná</i> (resumo didactico). S. Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1929.		Instituto Varnhagen: discurso inaugural proferido na sessão de instalação em 17 de Fevereiro de 1923. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto, 1923
<i>O Diário Paranaense,</i> 1887(Redator)		<i>Nossa pátria,</i> narração dos factos da história do Brazil, através da sua evolução. S. Paulo, Weiszflog, 1918.		“Um historiador argentino: Ricardo Levene”. <i>Terra de Sol: Revista de Arte e Pensamento,</i> Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, mar. 1924.
	<i>Historia do Brasil</i> (edição de centenário). Rio de Janeiro, Ed. do Anuário do Brasil [19- ]	Compêndio de historia da América. Rio de Janeiro, Laemmert & c., 1900.		“Prefácio”. In: CASCUDO, Câmara. <i>Histórias que o tempo leva.</i> (Da História do Rio Grande do Norte). São Paulo: Gráficas de Monteiro Lobato, 1924.
	<i>Historia do estado do Rio Grande do Norte.</i> Ed. comemorativa do centenário da independência do Brasil (1822-1922). Rio de Janeiro, Anuário do Brasil [1922]	História Universal. São Paulo, Cia. Melhoramentos de S. Paulo.		Grandes hombres de la historia americana: San Martín”, 1926.

	<i>O Paraná no centenário. 1500-1900.</i> Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1900.			
	<i>Contos e pontos.</i> Porto, Magalhães & Moniz [1911?]			
	<i>A supremacia do ideal</i> (Estudo sobre educação). Cidade de Castro, Typ. de Echo dos campos, 1883.			
	<i>Dadá</i> , 1882			
	<i>A religião do belo</i> , 1882			
	<i>Nova crença</i> , 1889			
	<i>Visões</i> , 1891			
	<i>A Guairá</i> , 1891			
	<i>In excelsis</i> , 1895			
	<i>Marieta</i> , 1896			
	<i>A grande parábola.</i> Imprensa de Universidade, 1930.			

**ANEXO B - Levantamento de algumas teses e dissertações base de dados CAPES sobre viagens e viajantes até o ano de 2009**

História	Letras, Literatura e afins	Educação	Geografia e Geociências	Outras áreas
<p>SILVA, Alvaro Luiz Ribeiro da. <i>A Viagem na Viagem: Maestro Martin Braunwieser na Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura de São Paulo '1938' - Diário e Correspondência à Família</i>. Doutorado. USP, 2000.</p>	<p>COSTA, Ana Luiza Borralho Martins. <i>João Guimarães Rosa: viajador</i>. Doutorado. UERJ, 2002.</p>	<p>GUIMARÃES, Leandro. <i>Um olhar nacional para a Amazônia: apreendendo a floresta em textos de Euclides da Cunha</i>. Doutorado. UFRGS, 2007.</p>	<p>BRUNELLI, Maria. "Onde canta o sabiá": representações culturais e pedagogias francesas no Diário de Viagem de Adèle Toussaint-Samson. Mestrado. Universidade Luterana do Brasil, 2009.</p>	<p>JESUS, Leandro Santos. <i>Cinema de Viajantes: Estado Novo, Imperialismo e as imagens dos Diários de Bordo da Expedição Disney</i>. Mestrado. Universidade do Estado da Bahia – Cultura, Memória e desenvolvimento Regional, 2009.</p>
<p>FARIA, Ana Maria Reis de. <i>Viagens da fiandeira. A narrativa de O turista aprendiz e a escrita memorialística de Mário de Andrade</i>. PUC-Rio, 2003.</p>	<p>FARIA, Angela Maria Bedeschi. <i>Espaços da Memória e a Viagem da Escrita em o Enteadado</i>. Mestrado. UFMG, 2007.</p>		<p>PATACA, Ermelina. <i>Arte, Ciência e Técnica na Viagem Philosophica de Alexandre Rodrigues Ferreira: A confecção e utilização de imagens histórico-geográficas na Capitania do Grão-Pará, entre Setembro de 1783 a Outubro de 1784</i>. Mestrado. Universidade estadual de Campinas, 2001.</p>	
<p>LOPES, Andrea Roloff. <i>Alexandre Rodrigues Ferreira e a viagem filosófica: Economia e Ciência na Amazonia Colonial</i>. Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – HISTÓRIA, 1998.</p>	<p>SILVA, Isadora Eckardt da. <i>O viés Político e histórico de Maria Graham em Diário de uma viagem ao Brasil</i>. Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2009.</p>		<p>PATACA, Ermelina. <i>Terra, Água e Ar nas Viagens Científicas Portuguesas (1755 - 1808)</i>. Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2006.</p>	
<p>LEITÃO, Cássia Zangrandi da Rocha. <i>OLIVEIRA LIMA: UMA IMAGEM DAS AMÉRICAS</i>. Mestrado. PUC-RIO - HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA, 1999</p>	<p>THOMPSON, Maria Elisa Escobar. <i>Viagens, viajantes e viajeiros: alegria de naufragos</i>. Mestrado. UFJF, 2003</p>		<p>SILVA, ROBSON RIBEIRO DA. <i>Espaço e cultura: as viagens de Mário de Andrade à Amazonia e ao Nordeste</i>". Mestrado. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – Geografia, 2009.</p>	

<p>COSTA, Christina Rostworowski da. <i>O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua viagem ao Brasil (1815-1817)</i>. Mestrado. USP, 2008.</p>	<p>SOUZA, Michelli Moretti. <i>As singularidades de Memórias de Visconde de Taunay: forma, valor e lugar</i>. Mestrado. Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2008.</p>			
<p>JAHNEL, Claudia Bettina Rommel. <i>O arquivamento do eu: o diário de Hugo Delitsch e as lembranças de Emma Anton (1844-1859)</i>. Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2002.</p>	<p>MENDES, Olga Maria Castrillon. <i>Taunay Viajante e a Construção da Imagética de Mato Grosso</i>. Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2007.</p>			
<p>PIRES, João Ricardo Ferreira. <i>Notas de um diário de viagem a Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II, 1881</i>. Mestrado. UFMG, 2007</p>	<p>ARAÚJO, Vasti da Silva. <i>“Notação de um turista aprendiz”</i>. Mestrado. UFPA, 2008.</p>			
<p>ROSSATO, Luciana. <i>A lupa e o diário: História Natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822)</i>. Doutorado. UFRGS, 2005.</p>	<p>LIMA, Vera. <i>O livro das maravilhas, de Marco Pólo e o diário de bordo, de Cristóvão Colombo</i>. Mestrado, 1995.</p>			
<p>BUVALOVAS, Thais Helena dos Santos. <i>O 'Diário da minha viagem para Filadélfia': impressões de um ilustrado luso-brasileiro na América (1798-1799)</i>. Mestrado. USP, 2007</p>				

## ANEXO C - Trabalhos em História da Ciência e da Saúde

AUTOR	TÍTULO	NATUREZA DO TRABALHO
KURY, Lorelay	Viajantes, naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem.	Artigo. Revista História, Ciências e Saúde. Manguinhos, Vol VIII, 2001.
PAPAVERO, N E TEIXEIRA, D M.	Os viajantes e a biogeografia.	Artigo. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol VIII, 2001.
ANDRADE, Romulo de Paula; LANA, Vanessa.	Medidos, viagens e intercâmbio científico na institucionalização do combate ao câncer no Brasil (1941-1945)	Artigo. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v 17, jul. 2010.
COSTA, M de F.	Alexandre Rodrigues Ferreira e a capitania de Mato Grosso: imagens do interior.	Artigo. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, vol VIII, 2001.
LOSSIO, J.	Medicina britânica nos Andes peruanos: as viagens do médico Archibald Smith(1820-1870)	Artigo. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v 13, n 4, out-dez. 2006
EDLER, FC.	De olho no Brasil: a geografia médica e a viagem de Alphonse Rendu.	Artigo. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, vol VIII, 2001.
KNIGHT, D M.	Viagens e ciência no Brasil	Artigo. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Vol VIII, 2001.
AMADO, J.	Viajantes involuntários: degradados portugueses para a Amazônia colonial.	Artigo. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Vol VI, set. 2000.
RAMINELLI, R	Do conhecimento físico e moral dos povos: iconografia e taxinomia na viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira.	Artigo. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Vol VIII, 2001.
SANTOS, F. V. dos.	Brincos de ouro, saias de chita: mulher e civilização na Amazônia segundo Elizabeth Agassiz em Viagem ao Brasil(1865-1866)	Artigo. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, V 12, 2005.
Ó, A. A do.	Thomas Lindley: um viajante falade doenças e dos seus enfrentamentos, no início do século XIX.	História, Ciências, Saúde . Manguinhos, vol. 11(1): 13-31, jan.-abr. 2004.
KURY, Lorelai B.	A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na <i>Viagem ao Brasil</i> .	Artigo. <i>Revista Brasileira de História</i> . [online]. 2001, vol.21, n.41, pp. 157-172.
HEIZER, Alda.	Notícias sobre uma expedição: Jean Massart e a missão biológica belga ao Brasil, 1922-1923.	<i>História, Ciências, Saúde – Manguinhos</i> , Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.849-864, jul.-set. 2008.
CASER, Arthur Torres.	O MEDO DO SERTÃO. Doenças e ocupação do território na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915)	Dissertação de mestrado em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, 2009.
LIMA, Ana Luce G irmão Soares de.	A bordo do <i>República</i> : diário pessoal da expedição de Oswaldo Cruz aos portos marítimos e fluviais do Brasil	Artigo. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. 6, 1997.
LOPES, Maria Margaret.	Cenas de tempos profundos?: ossos, viagens, memórias nas culturas da natureza no Brasil.	<i>História, Ciências, Saúde –Manguinhos</i> , Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.615-634, jul.-set. 2008.
GIUCCI, G.	A viagem dos objetos	Artigo. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Vol VIII, 2001.

JUNGHANS, Miriam Elvira.	Avis rara: a trajetória da naturalista alemã Emília Snethlage (1868-1929) no Brasil	Dissertação ( Mestrado em História das Ciências e da Saúde)-Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2009.
MORAIS, Rosa Helena de S.G. de.	A geografia médica e as expedições francesas para o Brasil: uma descrição da estação naval do Brasil e da Prata(1868-1870).	<i>História, Ciências, Saúde – Manguinhos</i> , Rio de Janeiro, v.14, n.1,p.39-62, jan.-mar. 2007.
MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de; PIRES-ALVES, Fernando.	Expedições científicas, fotografia e intenção documentária: as viagens do Instituto Oswaldo Cruz (1911-1913).	<i>História, Ciências, Saúde – Manguinhos</i> , Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009, p.139-179.

## ANEXO D - A estrutura geral em duas Histórias do Brasil

<i>História do Brasil para o ensino secundário, 1918</i>	<i>História do Brasil, ilustrada, 1905-1917</i>
<p>O mundo no século XV;  A epopéia das navegações;  Lendas e tradições sobre a existência de novas terras;  Descobrimto da América;  Portugal e Espanha no Atlântico; Descoberta do Brasil;  Reconhecimento da terra descoberta;  A legenda do Caramuru;  A legenda de João Ramalho;  A metrópole empreende a colonização; Martin Afonso de Sousa;  S. Vicente e Piratininga;  Povos que habitavam o Brasil. Governo, crenças, cerimônias religiosas e guerreiras;  Usos, costumes e indústrias dos indígenas; A terra. A flora e a fauna do Brasil;  As donatarias;  Primeiro Governador Geral: Thomé de Sousa;  Os primeiros colonos;  O segundo Governador Geral. Os colonos e os jesuítas;  Franceses no Rio;  Mem de Sá;  Confederação dos Tamoios;  Expulsão dos franceses;  O Brasil dividido em dois governos;  De novo um só Governo Geral;  O domínio de Espanha;  Situação do Brasil em 1580;  Manuel Telles Barreto;  Conquista definitiva da Paraíba; Hostilidades dos corsários;  Os franceses no Maranhão;  Expulsão dos franceses - Conquista do Pará;  Estado do Maranhão;  Os holandeses na Bahia;  Os holandeses em Pernambuco;  A heróica resistência dos pernambucanos; Maurício de Nassau;  Lutas tremendas;  A obra de Nassau;  Restauração de Portugal;</p>	<p>Volume I. Parte primeira – O descobrimento;    Parte segunda – A terra;    Volume II. Parte terceira – As raças que se fundiram;    Volume III. Parte Quarta – Conquista e colonização do litoral;    Volume IV. Parte quinta – Formação do espírito nacional;    Volume V. Continuação da Parte quinta;    Volume VI. Parte sexta – Integração do território e primeiras idéias de independência;    Volume VII. Parte sétima – O Brasil como sede da monarquia portuguesa;    Parte oitava – A independência;    Volume VIII. Parte nona – O período regencial;    Parte décima e final: O segundo reinado; Volume IX. Continuação da parte final;    Volume X. Parte suplementar – Documentos para a história do primeiro decênio da República.</p>



<p>Insurreição geral contra os holandeses; Fim do domínio holandês;</p> <p>O regime colonial;</p> <p>Exploração do interior.</p> <p>Os bandeirantes; As principais bandeiras; O padre Vieira no Maranhão;</p> <p>Revolta Beckman;</p> <p>Protestos da raça negra. Palmares;</p> <p>Guerra dos “emboabas” e guerra dos “mascates”;</p> <p>Colisão com os espanhóis no sul;</p> <p>Duclerc (1710) e Duguay-Trouin ( 1711); Conjuração mineira;</p> <p>Sacrifício de Tiradentes;</p> <p>Transladação da corte portuguesa para o Rio de Janeiro;</p> <p>Novas lutas no sul;</p> <p>A corte e os brasileiros;</p> <p>Revolução pernambucana de 1817; Revolução de 1820 em Portugal. Seus efeitos no Brasil;</p> <p>Retirada da corte portuguesa para Lisboa; A regência de D. Pedro;</p> <p>A caminho da independência;</p> <p>O grito do Ypiranga;</p> <p>Lutas de independência; a) Primeiros dias do Império; b) Primeiros dias do Império; c) Primeiros dias do Império;</p> <p>A regência provisória e a efetiva; Regência Feijó - Guerra dos Farrapos; Continuação da guerra dos Farrapos; Pacificação do sul;</p> <p>Regência de Araujo Lima;</p> <p>A maioria; a) Primeiros tempos do segundo reinado; b) Primeiros tempos do segundo reinado; As complicações do Prata; a) Guerra contra o ditador do Paraguai; b) Guerra contra o ditador do Paraguai; c) Guerra contra o ditador do Paraguai; d) Guerra contra o ditador do Paraguai; e) Guerra contra o ditador do Paraguai; f) Guerra contra o ditador do Paraguai; g) Guerra contra o ditador do Paraguai;</p> <p>Nova era;</p> <p>Proclamação da República;</p> <p>Primeiros dias da República;</p> <p>O novo regime; Os últimos presidentes.</p>	
---	--

**ANEXO E** - A repercussão da morte de Rocha Pombo nos jornais. Arquivo Rocha Pombo/ABL

<b>Jornal</b>	<b>Estado</b>	<b>Data</b>	<b>Título da matéria</b>
<i>Folha da Manhã</i>	São Paulo	27/06/1933	“Faleceu ontem, no Rio, o historiador Rocha Pombo. Notas biográficas do ilustre brasileiro”
<i>A Nação</i>	Rio de Janeiro	27/06/1933	“Falecimento do historiador Rocha Pombo. Rápidos traços biográficos do homem que, como cidadão e como intelectual, viveu uma vida de verdadeiro Benedito sonhando com uma grande obra”
<i>A Pátria</i>	Rio de Janeiro	28/06/1933	“As letras brasileiras de luto- Rocha Pombo”
<i>Folha do norte</i>	Pará	28/06/1933	“O Brasil perdeu o seu maior historiador contemporâneo”. Faleceu no Rio de Janeiro o notável professor Rocha Pombo.
<i>Diário de Notícias</i>	Rio de Janeiro	28/06/1933	“Os funerais do historiador Rocha Pombo”
<i>Jornal do Comércio</i>	Rio de Janeiro	28/06/1933	“Rocha Pombo”
<i>Jornal do Brasil</i>	Rio de Janeiro	28/06/1933	“Rocha Pombo” (Texto de Viriato Correa)
<i>A República</i>	Sergipe	29/06/1933	“Faleceu o maior dos nossos historiadores”
<i>A Imprensa</i>	Paraíba	29/06/1933	“Os funerais de Rocha Pombo”
<i>Correio de Morretes</i>	Paraná	30/06/1933	“Rocha Pombo”
<i>Sergipe Jornal</i>	Sergipe	1/07/1933	“Rocha Pombo”
<i>Revista da Semana</i>	Rio de Janeiro	1/07/1933	“Rocha Pombo”
<i>Gazeta do Povo</i>	Paraná	28/06/1933	“O Brasil cobre-se de luto ante o túmulo recém-fechado do grande historiador- A esplendente lição de uma vida. De professor primário do Anaíia a membro da Academia Brasileira de Letras- O Paraná ia doar ao seu ilustre filho o fardão acadêmico. Uma coincidência dolorosa”.
<i>A Gazeta de São Paulo</i>	São Paulo	27/06/1933	“Morreu, ontem, no Rio, o historiador Rocha Pombo. O que foi, em traços rápidos, a existência do autor da <i>História do Brasil</i> ”
<i>Jornal Pequeno</i>	Pernambuco	28/06/1933	“Rocha Pombo– Faleceu o eminente historiador”
<i>A União</i>	Paraíba	28/06/1933	“Faleceu, no Rio de Janeiro, o ilustre historiador Rocha Pombo”
<i>Diário Carioca</i>	Rio de Janeiro	27/06/1933	“Faleceu ontem o notável historiador Rocha Pombo. Desapareceu com ele uma das mais lidimas expressões da intelectualidade brasileira”
<i>C. da Manhã</i>	?	27/06/1933	“Um escritor ilustre que desaparece. Morreu ontem, à noite, o historiador Rocha Pombo, recentemente eleito membro da Academia de Letras”
<i>Diário de Notícias</i>	Rio de Janeiro	27/06/1933/1933	“O mundo intelectual brasileiro sofre uma grande perda. O desaparecimento do eminente historiador Rocha Pombo- Mais uma vaga aberta na Academia de Letras”
<i>Diário de Notícias</i>	Porto Alegre	28/06/1933	“Um escritor que desaparece. Morreu o historiador Rocha Pombo, recentemente eleito membro da Academia de Letras”
<i>Jornal de Recife</i>	Pernambuco	28/06/1933	“Faleceu, ante-ontem no Rio, o notável historiador Rocha Pombo”
<i>Diário do Estado</i>	Pará	28/06/1933	“Faleceu Rocha Pombo. Uma grande lacuna no rol dos que cultuam a nossa história”
<i>República</i>	Santa Catarina	28/06/1933	“Faleceu no Rio o notável historiador Rocha Pombo. Desapareceu com ele uma das mais (? Ilegível) expressões da intelectualidade brasileira”
<i>Diário do Norte</i>	Bahia	28/06/1933	“Faleceu Rocha Pombo. O desaparecimento do eminente historiador patricio”

<i>Jornal da Manhã</i>	Rio Grande do Sul	28/06/1933	“Tópicos do dia. Rocha Pombo”
<i>Minas Gerais</i>	Minas gerais	28/06/1933	“Faleceu anteontem, no Rio, o grande historiador brasileiro Rocha Pombo”
<i>Vanguarda</i>	Rio de Janeiro	27/06/1933	“Faleceu ontem o historiador Rocha Pombo”
<i>Diário da Tarde</i>	Paraná	27/06/1933	“Enluta-se o Petit-Trianon com a morte de Rocha Pombo”
<i>A Pátria</i>	Santa Catarina	27/06/1933	“Rocha Pombo faleceu”
<i>Jornal do Estado</i>	São Paulo	27/06/1933	“Rocha Pombo”
<i>Diário Popular</i>	São Paulo	27/06/1933	“Rocha Pombo”
<i>O Estado de Minas</i>	Minas Gerais	27/06/1933	Rocha Pombo. Faleceu, ontem, no Rio, esse conhecido historiador patricio”
<i>O Globo</i>	Rio de Janeiro	27/06/1933	“Rocha Pombo. A morte do notável historiador”
<i>Diário de São Paulo</i>	São Paulo	27/06/1933	“Faleceu ontem, no Rio, o historiador Rocha Pombo”
<i>O Estado</i>	Santa Catarina	27/06/1933	“Faleceu ontem o notável historiador Rocha Pombo”
<i>A Noite</i>	Rio de Janeiro	27/06/1933	“Uma luminosa figura intelectual que desaparece. Faleceu o erudito historiógrafo e educador Rocha Pombo”
<i>A República</i>	Sergipe	1/07/1933	“O sepultamento de Rocha Pombo”
<i>A notícia</i>	São Paulo	27/06/1933	“Faleceu o historiador Rocha Pombo”
<i>O Estado da Bahia</i>	Bahia	27/06/1933	“Faleceu Rocha Pombo”
<i>Correio Mineiro</i>	Minas Gerais	28/06/1933	“Faleceu o historiador Rocha Pombo”
<i>O Libertador</i>	Rio Grande do Sul	28/06/1933	“Rocha Pombo”
<i>Jornal do Brasil</i>	Rio de Janeiro	29/06/1933	“Rocha Pombo. O sepultamento do ilustre historiador, ontem no cemitério de Inhaúma. As homenagens da Academia Brasileira de Letras e do Governo do Estado do Paraná”
<i>O Tempo</i>	Rio Grande do Norte	30/06/1933	“Rocha Pombo”
<i>Diário da Noite</i>	Rio de Janeiro	27/06/1933	“Uma grande perda para a intelectualidade brasileira. Faleceu ontem o grande historiador Rocha Pombo”
<i>Diário de Notícias</i>	Rio de Janeiro	05/07/1933	“Além de pobre, era suburbano”